

INTRODUÇÃO E ANÁLISE

A República de Platão é o mais longo de seus trabalhos com exceção das Leis, e é certamente o maior deles. Há aproximações mais próximas para metafísica moderna no Philebus e no Sofista; o Político ou Homem de estado é mais ideal; a forma e instituições de Estado são mais claramente tirados nas Leis; como trabalhos de arte, o Simpósio e o Protágoras são de maior excelência. Mas nenhum outro Diálogo de Platão tem a mesma grandeza de visão e a mesma perfeição de estilo; nenhum outro mostra um igual conhecimento do mundo, ou contém mais desses pensamentos os quais são novos bem como velhos, e não de uma época apenas mas de tudo. Não importa em Platão está ali uma profunda ironia ou um maior valor de humor e imaginário, ou mais poder dramático. Nem em qualquer outro de seus escritos é a tentativa feita para entrelaçar vida e especulação, ou para conectar política com filosofia. A República é o centro em volta do qual os outros Diálogos podem ser agrupados; aqui filosofia alcança o ponto mais alto (cp, especialmente nos Livros V, VI, VII) para os quais antigos pensadores sempre alcançaram. Platão entre os Gregos, como Bacon entre os modernos, foi o primeiro que concebeu um método de conhecimento, embora nenhum deles distinguiu sempre o esboço nu ou forma da substância da verdade; e ambos deles tem estado contentes com uma abstração da ciência a qual era não ainda realizada. Ele foi o maior gênio metafísico de quem o mundo já viu; e nele, mais que em qualquer outro pensador antigo, o germe do futuro conhecimento são contidos. As ciências de lógica e psicologia, as quais tem suprido tantos instrumentos de pensamento para épocas posteriores, são baseadas sobre as análises de Sócrates e Platão. Os princípios de definição, a lei da contradição, a falácia de discutindo num círculo, a distinção entre a essência e acidentes de um pensamento ou noção, entre sentidos e fins, entre causas e condições; também a divisão da mente dentro do racional, concupiscente, e elementos irascíveis, ou de prazeres e desejos dentro do necessário e desnecessário – essas e outras grandes formas de pensamento são todos deles para ser encontrados na República, e foram provavelmente primeiro inventados por Platão. A maior de todas as verdades lógicas, e aquela da qual escritores na filosofia são mais aptos a perder de vista, a diferença entre palavras e pensamentos, tem sido mais estreneamente insistida por ele (cp. Rep.; Polit.; Cratyl. 435, 436 ff), embora ele não tenha sempre evitado a confusão deles na sua própria escrita (e.g. Rep.). Mas ele não amarra verdade na forma lógica, - lógica é ainda ocultada na metafísica; e a ciência a qual ele imagina ‘contemplar toda verdade e toda existência’ é muito ao contrário da doutrina do silogismo o qual Aristóteles clama ter descoberto (Sof. Elenchi, 33. 18).

Nem devemos nós esquecermos que a República mas é a terceira parte de um ainda maior desígnio o qual foi para ter incluído uma história ideal de Atenas, também como uma filosofia política e física. O fragmento de Critias tem dado nascimento para uma ficção mundialmente famosa, segundo apenas em importância para o conto de Troia e a lenda de Arthur; e é dito como um fato tendo inspirado algum dos navegadores de cedo do século dezessete. O conto mítico, do qual o assunto era uma história das guerras dos Atenienses contra a Ilha de Atlântis, é suposta ser fundada sob um poema não terminado de Solon, para o qual ia ter permanecido na mesma relação como os escritos dos logográficos para os poemas de Homero. Isto deve ter dito de uma luta por Liberdade (cp. Tim. 25 C), pretendido para representar o conflito da Pérsia e Helas. Nós podemos julgar do nobre começo de Timeu, do fragmento de Critias por si só, e do terceiro livro das Leis, desta maneira Platão também foi ter tratado seu alto argumento. Nós podemos apenas adivinhar como o maior desígnio foi abandonado; talvez porque Platão se tornou sensível de alguma incongruidade numa história fictícia, ou porque ele teve perdido seu interesse nisso, ou porque avançando anos proibiu a completude disso; e nós podemos agradecer a nós mesmos com a fantasia que tem sua narrativa imaginária sempre sido terminada, nós devemos ter encontrado Platão a ele mesmo simpatizando com a luta de pela independência Helenica (cp. Leis, iii. 698 ff.), cantando um hino de triunfo sobre Maraton e Salamis, talvez fazendo a reflexão de Heródoto (v. 78) onde ele contempla o crescimento do império de Atenas - ‘Quão bravo uma coisa é liberdade de fala, a qual tem feito os

atenienses chegadas tão longe todo outro estado de Helas em grandeza!’ ou, mais provavelmente, atribuindo a vitória para a antiga boa ordem de Atenas e ao favor de Apolo e Atenas (cp. Introd. A Critias).

Novamente, Platão pode ser considerado como o ‘capitão’ (‘arhchegoz’) ou líder de uma faixa agradável de seguidores; para na República é para ser encontrado o original de A República de Cícero, de Santo Agostinho a Cidade de Deus, da Utopia de Sir Thomas More, e dos numerosos outros Estados imaginários os quais são fragmentados sobre o mesmo modelo. A extensão para a qual Aristóteles ou a escola Aristotélica foram endividados para ele na Política tem sido pequeno reconhecido, e o reconhecimento é o mais necessário porque não é feito por Aristóteles por ele mesmo. Os dois filósofos tinham mais em comum que eles eram conscientes de; e provavelmente alguns elementos de Platão permaneceram ainda não detectados em Aristóteles. Na filosofia inglesa também, muitas afinidades dos Platonistas de Cambridge, mas em maiores escritores originais como Berkeley ou Coleridge, para Platão e suas ideias. Que há uma verdade mais alta que experiência, da qual a mente aguentam testemunhas para elas mesmas, é uma convicção a qual em nossa própria geração tem sido entusiasticamente assertado, e está talvez ganhando chão. Dos autores gregos de quem na Renascença trouxeram uma nova vida dentro do mundo Platão tem tido a mais alta influência. A República de Platão é também o primeiro tratado sobre educação, do qual os escritores de Milton e Locke, Rousseau, Jean Paul, e Goethe são os legítimos descendentes. Como Dante ou Bunyan, ele tem uma revelação de outra vida; como Bacon, ele é profundamente impressionado com a unidade de conhecimento; na igreja primitiva ele exercitou uma real influência na teologia, e na Revitalização da Literatura na política. Mesmo os fragmentos de suas palavras quando ‘repetidas em segunda mão’ (Simp. 215 D) tem em todas as épocas encantado os corações dos homens, de quem tem visto refletido neles sua própria natureza mais alta. Ele é o pai do idealismo na filosofia, na política, na literatura. E muitas das concepções posteriores de pensadores modernos e homens de estado, tais como a unidade de conhecimento, o reino da lei, e a igualdade dos sexos, tem sido antecipadas num sonho por ele.

O argumento da República é a pesquisa depois da Justiça, a natureza da qual é primeira indicada por Céfalo, o justo e inocente homem velho – então discutido na base de moralidade proverbial por Sócrates e Polemarco – então caricaturado por Trasimaco e parcialmente explicado por Sócrates – reduzido para uma abstração de Glauco e Adeimanto, e tendo tornado-se invisível no reaparecimento individual no comprimento de Estado ideal o qual é construído por Sócrates. O primeiro cuidado das regras é para ser educação, da qual um esboço é desenhado depois do velho modelo Helenico, provendo apenas para uma religião e moralidade improvada, e mais simplicidade na música e ginástica, uma tensão mais varonil de poesia, e maior harmonia do individual e do Estado. Nós somos assim conduzidos adiante para a concepção de um Estado mais alto, no qual ‘nenhum homem chama qualquer coisa dele próprio,’ e no qual nem há ‘casamento nem se dando em casamento,’ e ‘reis são filósofos’ e ‘filósofos são reis;’ e há outro e maior educação, intelectual também como moral e religioso, de ciência assim como de arte, e não da juventude apenas mas do todo da vida. Tal um Estado é duramente para ser realizado neste mundo e rapidamente se degenera. Para um perfeito ideal sucede o governo do soldado e o amante da honra, isso de novo decai dentro da democracia, e democracia dentro da tirania, num imaginário mas ordem regular não tendo tal semelhança aos atuais fatos. Quando ‘a roda tem se tornado completo círculo’ nós não começamos novamente com um novo período da vida humana; mas nós temos passado do melhor para o pior, e ali nós terminamos. O assunto é então mudado e a velha disputa de poesia e filosofia a qual tem sido mais luminosamente tratada nos livros primitivos da República é agora resumido e lutado fora para uma conclusão. Poesia é descoberta ser uma imitação triplamente removida da verdade, e Homero, assim como os poetas dramáticos, tendo sido condenado como um imitador, é enviado dentro de banimento ao longo com eles. E a ideia do Estado é suplementada pela revelação de uma vida futura.

A divisão dentro de livros, como todas as divisões semelhantes (Cp. Sir G.C. Lewis no Museu Clássico, vol. ii. P 1.), é provavelmente posterior que a época de Platão. As divisões naturais são cinco em números; - (1) Livro I e a primeira metade do livro II desce para o parágrafo começando, 'Tenho sempre admirado os gênios de Glauco e Adeimanto,' o qual é introdutório; o primeiro livro contendo uma refutação das noções populares e sofisticas de justiça, e concluindo, como algum dos Diálogos primitivos, sem chegar em qualquer resultado definido. Para isso é juntado uma redeclaração da natureza de justiça de acordo com a opinião comum, e uma resposta é demandada para a questão – O que é justiça, tirada de aparências? A segunda divisão (2) inclui o restante da segunda e do todo do terceiro e quartos livros, os quais são principalmente ocupados com a construção do primeiro Estado e da primeira educação. A terceira divisão (3) consiste do quinto, sexto, e sétimo livros, na qual a filosofia preferencialmente que justiça é o assunto de inquérito, e o segundo Estado é construído nos princípios do comunismo e regrado por filósofos, e a contemplação da ideia de bem toma o lugar de virtudes sociais e políticas. No oitavo e nono livros (4) a perversão dos Estados e dos indivíduos de quem correspondem a eles são revisados na sucessão; e a natureza do prazer e o princípio da tirania e futuramente analisado no homem individual. O décimo livro (5) é a conclusão do todo, no qual as relações de filosofia e poesia são finalmente determinados, e a felicidade dos cidadãos nessa vida, a qual não tem sido assegurada, é coroada pela visão de outro. Ou uma divisão mais geral dentro de duas partes podem ser adotadas; a primeira (Livros I – IV) contendo a descrição de um Estado moldado geralmente na concordância com noções Helênicas de religião e moralidade, enquanto na segunda (Livros V – X) o Estado Helênico é transformado dentro de um reino ideal de filosofia, do qual todos os outros governos são as perversões. Esses dois pontos de vista são realmente opostos, e a oposição é apenas velada pelo gênio de Platão. A República, como os Faedrus (veja Introdução ao Faedrus), é um todo imperfeito; a luz mais alta de filosofia quebra através da regularidade do templo Helênico, o qual em último cai fora dentro dos céus. Se essa imperfeição da estrutura surge de um alargamento do plano; ou da reconciliação imperfeita na própria mente do escritor dos elementos de batalha de pensamentos os quais são agora primeiramente trazidos juntos por ele; ou, talvez, da composição do trabalho em diferentes tempos – são questões, como a semelhante questão sobre os Ilíadas e a Odisséia, os quais são de valiosa pergunta, mas dos quais não tem a resposta distinta. Na época de Platão não havia ali modo regular de publicação, e um autor iria ter o menos escrúpulo em alterar ou adicionar para um trabalho o qual foi conhecido apenas a uns poucos de seus amigos. Não há absurdo em supor que ele possa ter tido deixado seu trabalho aparte por um tempo, ou tornado de um trabalho para outro; e tais interrupções iriam ser mais provável ocorrer no caso de um longo que de uma curta escrita. Em todas as tentativas de determinar a ordem cronológica dos escritos Platônicos em evidência interna, isso incertamente sobre qualquer único Diálogo sendo composto em uma vez é um elemento perturbando, o qual deve ser admitido afetar trabalhos mais extensos, tais como a República e as Leis, mais que aqueles mais curtos. Mas, na outra mão, as discrepâncias vistas da República podem apenas surgir fora dos elementos discordantes os quais o filósofo tem tentado unir num único todo, talvez sem sendo ele mesmo capaz de reconhecer a inconsistência a qual é obviamente para nós.

Para há um julgamento de épocas futuras as quais poucos grandes escritores tem sempre sido capazes de antecipar para eles mesmos. Eles não percebem o querer de conexão em seus próprios escritos, ou as brechas nos seus sistemas os quais são visíveis o bastante para esses de quem vem depois deles. No começo da literatura e filosofia, entre os primeiros esforços de pensamento e linguagem, mais inconsistências ocorrem que agora, quando os caminhos da especulação são bem usados e o sentido das palavras precisamente definido. Por consistência, também, é o crescimento do tempo; e alguma das maiores criações da mente humana tem estado querendo na unidade. Tentado por esse teste, vários dos Diálogos Platônicos, de acordo com nossas ideias modernas, aparecem para ser defeituoso, mas a deficiência não é prova de que eles foram compostos em diferentes tempos ou por diferentes mãos. E a suposição que a República foi escrita

ininterruptamente e por esforço contínuo está em algum grau confirmado pelas numerosas referências de uma parte do trabalho ,para outra.

O segundo título, ‘Concernindo Justiça,’ não é aquele pelo qual a República é citado, se por Aristóteles ou geralmente na antiguidade, e, como os outros segundos títulos dos Diálogos Platônicos, podem então serem assumidos a ser de uma data posterior. Morgenstern e outros têm perguntado se a definição de justiça, a qual é o alvo professado, ou a construção do Estado é o principal argumento do trabalho. A resposta é, que os dois misturam em um, e são duas faces da mesma verdade; para justiça é a ordem do Estado, e o Estado é incorporação visível da justiça sob a condição da sociedade humana. O um é a alma e o outro é o corpo, e o ideal grego de Estado, como do indivíduo, é uma mente justa num corpo justo. Na fraseologia Hegeliana o estado é a realidade da qual justiça é a ideia. Ou, descrita na linguagem cristã, o reino de Deus está dentro, e ainda desenvolve dentro de uma Igreja ou reino externo; ‘a casa não feita com mãos, eterna nos céus,’ é reduzida para as proporções de uma construção terrestre. Ou, para o uso de imagem Platônica, justiça e o Estado são a urdidura e a textura a qual corre através da textura completa. E quando a constituição de Estado é completada, a concepção de justiça não é despedida, mas reaparece sob o mesmo ou diferentes nomes através do trabalho, ambos como a lei interna da alma individual, e finalmente como o princípio de recompensa e punição na outra vida. As virtudes são baseadas na justiça, da qual honestidade comum na compra e venda é a sombra, e justiça é baseada na ideia de bem, a qual é a harmonia do mundo, e é refletida ambos nas instituições de estados e nos movimentos dos corpos celestes (cp. Tim. 47). O Timaeus, o qual pegados para cima a política preferencialmente que o lado ético da República, é o principalmente ocupado com hipótese concernindo o mundo externo, ainda contém muitas indicações que a mesma lei é suposta para reinar sobre o Estado, sobre a natureza, e sobre o homem.

Tanto, contudo, tem sido feito dessa questão ambos em tempos antigos e modernos. Há um estado de criticismo no qual todos os trabalhos, se de natureza ou de arte, são referidos para desígnio. Agora nos escritos antigos, e certamente na literatura geralmente, ali permanece muitas vezes um grande elemento o qual não foi compreendido no desígnio original. Para o plano cresce sob a mão do autor; agora pensamentos ocorrem para ele no ato de escrever; ele não tem trabalhado fora do argumento para o fim antes dele começar. O leitor que busca alguma uma ideia sob a qual o todo pode ser concebido, deve necessariamente conquistar no mais vago e mais geral. Assim Stallbaum, que é insatisfeito com as explicações ordinárias do argumento da República, imagina ele mesmo ter encontrado o verdadeiro argumento ‘na representação da vida humana num Estado perfeito por justiça, e governado de acordo com a ideia de bem.’ Ali pode ser algum uso nas tais descrições gerais, mas eles não podem dificilmente serem ditos para expressar o desígnio do escritor. A verdade é, que nós podemos também falar de muitos desígnios como de um; nem precisa qualquer coisa ser excluída do plano de um grande trabalho para o qual a mente é naturalmente conduzida pela associação de ideias, e qual não interfere com o propósito geral. Qual tipo ou grau de unidade está para ser dito depois numa construção, nas artes plásticas, na poesia, na prosa, é um problema o qual tem que ser determinado relativamente para o assunto-questão. Para o próprio Platão, o inquérito ‘qual foi a intenção do escritor,’ ou ‘qual foi o argumento principal da República’ iria ter sido duramente inteligível, e então ter melhor em uma vez despedido (cp. a Introdução para o Phaedrus).

Não é a República o veículo de três ou quatro grandes verdades as quais, Para a própria mente de Platão, são representados mais naturalmente na forma do Estado? Só como nos profetas judeus o reino do Messias, ou ‘o dia do Senhor,’ ou o sofrimento do Criado ou pessoas de Deus, ou o ‘Sol da retidão com cura nas suas asas’ apenas convém, para nós ao menos, seus grandes ideias espirituais, assim através do Estado grego Platão revela para nós seus próprios pensamentos sobre a perfeição divina, a qual é a ideia de bem – como o sol no mundo visível; - sobre perfeição humana, a qual é justiça – sobre educação começando na juventude e continuando nos anos posteriores – sobre profetas e sofistas e tiranos que são os falsos mestres e más regras do gênero humano – sobre ‘o

‘mundo’ o qual é a incorporação deles – sobre um reino o qual existe em nenhum lugar sobre a terra mas é disposto acima no céu para ser os padrões e regras da vida humana. Sem tal criação inspirada está em unidade com si mesma, qualquer mais que as nuvens do céu quando o sol perfura através deles. Toda sombra de luz e escuridão, da verdade, e da ficção a qual é o véu da verdade, é permitido num trabalho de imaginação filosófica. Não está tudo num mesmo plano; isso facilmente passa de ideias para mitos e fantasias, de fatos para figuras de linguagem. Não é prosa mas poesia, ao menos uma grande parte disso, e não deve ser julgado pelas regras de lógica ou as probabilidades da história. O escritor não está formando suas ideias dentro de um todo artístico; eles tomam posse dele e são tanto por ele. Nós então não precisamos discutir se um Estado tal como Platão tem concedido é praticável ou não, ou se a forma externa da vida interna veio primeiro dentro da mente do escritor. Para a praticabilidade de suas ideias não tem nada para fazer com sua verdade; e os mais altos pensamentos para os quais ele alcança pode ser verdadeiramente dito para aguentar as maiores ‘marcas de desígnio’ - justiça mais que o vigamento externo do Estado, a ideia de bem mais que justiça. A grande ciência da dialética ou a organização de ideias não tem conteúdo real; mas é apenas um tipo de método ou espírito no qual o mais alto conhecimento está para ser possuído pelo espectador de todo tempo e toda existência. Está no quinto, sexto, e sétimo livros que Platão alcança o ‘ápice de especulação,’ e esses, embora falhem a satisfazer os requerimentos de um moderno pensador, podem então ser considerados como o mais importante, como eles são também o mais original, porções do trabalho.

Não é necessário discutir ao comprimento uma menor questão a qual tem sido levantada por Boeckh, a respeito da data imaginária a qual a conversação foi segurada (o ano 411 A.C. o qual é proposto por ele vai fazer assim como qualquer outro); para um escritor de ficção, é notoriamente sem cuidado da cronologia (cp. Rep., Simp., 193 A, etc.), apenas mira em geral probabilidade. Se todas as pessoas mencionadas na República podem sempre ter conhecido em um qualquer tempo não é uma dificuldade o qual vai ter ocorrido para um Ateniese lendo o trabalho quarenta anos depois, ou para o próprio Platão no tempo da escrita (qualquer mais que para Shakspeare a respeito de um de seus próprios dramas); e não precisam grandemente problema nós agora. Ainda isso pode ser uma questão não tendo resposta ‘o qual é ainda pergunta de valor,’ porque a investigação mostra que nós não podemos discutir historicamente das datas em Platão; isso será sem utilidade então para desperdiçar tempo inventando reconciliações forçadas deles em ordem para evitar dificuldades cronológicas, tais, por exemplo, como a conjectura de C.F. Hermann, que Glauco e Adeimanto não são os irmãos mas os tios de Platão (cp. Apol. 34 A), ou a fantasia de Stallbaum que Platão intencionalmente deixou anacronismos indicando as datas nas quais alguns de seus Diálogos foram escritos.

Os personagens principais na República são Cefalus, Polemarco, Trasímaco, Sócrates, Glauco e Adeimanto. Cefalus aparece na introdução apenas. Polemarco derruba no fim do primeiro argumento, e Trasímaco é reduzido ao silêncio no próximo ao terceiro livro. A principal discussão é carregada por Sócrates, Glauco, e Adeimantus. Entre as companhias são Lísia (o orador), e Eutidemo, os filhos de Cefalo e irmãos de Polemarco, um Charmantide desconhecido – esses são auditores mudos; também há Cleitofon, que uma vez interrompe, onde, como no Diálogo o qual aguenta seu nome, ele aparece como o amigo e aliado de Trasímaco.

Cefalo, o patriarca da casa, tem sido apropriadamente engajado em oferecer um sacrifício. Ele é o padrão de um velho homem que tem quase feito com vida, e está em paz consigo mesmo e com todo o gênero humano. Ele sente que ele está puxando mais próximo para o mundo inferior, e parece demorar em volta da memória do passado. Ele é ansioso que Sócrates deva vir visitá-lo, da poesia da última geração, feliz na consciência de uma vida bem gastada, maravilhado em ter escapado da tirania das luxúrias juvenis. Seu amor de conversação, sua afeição, sua indiferença a rixas, mesmo sua garrulidade, são características interessantes de personalidade. Ele é não um desses que tem nada para dizer, porque toda sua mente tem sido absorvida em fazer dinheiro. Ainda ele conhece que riqueza tem a vantagem de colocar os homens sobre a tentação para desonestidade

ou falsidade. A respeitosa atenção mostra para ele por Sócrates, de quem o amor de conversação, nem menos que a missão imposta até ele pelo Oráculo, conduz ele para perguntar questões de todos os homens, jovens e velhos semelhantes, deve também ser notada. Quem melhor vestido aumentar a questão de justiça que Cefalo, de quem a vida deve parecer ser a expressão disso? A moderação com a qual a velha idade é retratada por Cefalo como uma porção muito tolerável de existência é característica, e contrasta com o exagero de Cícero na *De Senectute*. A noite de vida é descrita por Platão na maneira mais expressiva, ainda com os menos possíveis toques. Como Cícero considera (*Ep. Ad Attic.* iv. 16), o envelhecido Céfalos vai ter estado fora de lugar na discussão a qual se segue, e a qual ele possa nem ter entendido nem tomado parte em sem uma violação de propriedade dramática (cp. Lisímaco nas *Laches*).

Seu ‘filho e herdeiro’ Polímarco tem a franqueza e impetuosidade da juventude; ele está para deter Sócrates pela força na cena se abrindo, e vai não ‘deixar ele sair’ no assunto de mulheres e crianças. Como Céfalos, ele é limitado em seu ponto de vista, e representa o estágio proverbial de moralidade o qual tem regras de vida preferencialmente que princípios; e ele cita Simonides (cp. *Aristoph. Nuvens*) como seu pai tem citado Píndaro. Mas depois disso ele não tinha mais para dizer; as respostas as quais ele fez são apenas elucidadas dele pela dialética de Sócrates. Ele não tinha ainda experimentado a influência dos Sofistas como Glauco e Adeimantos, nem ele é sensível da necessidade de refutá-los; ele pertence a era pré Socrática ou pré dialética. Ele é incapaz de argumentar, e é desorientado por Sócrates tanto um grau que ele faz não saber o que ele está dizendo. Ele é feito admitir que justiça é um ladrão, e que as virtudes seguem a analogia das artes. De seu irmão Lísias (contra *Erasth.*) nós aprendemos que ele sente uma vítima para os Trinta Tiranos, mas sem alusão é aqui feita para seu destino, nem para a circunstância que Céfalos e sua família eram de origem Siracusa, e tem migrado de Turi para Atenas.

O ‘Gigante calcedônio,’ Trásímaco, de quem nós já temos ouvido no *Faédros*, é a personificação dos Sofistas, de acordo com a concepção de Platão deles, em algum de suas valiosas características. Ele é vão e ventando, recusando para discursar a menos que ele é pago, aficionado de fazer uma oração, e esperando assim escapar do inevitável Sócrates; mas uma mera criança em argumento, e incapaz de prever que o próximo ‘movimento’ (para usar uma expressão Platônica) vai ‘o calar.’ Ele tem alcançado o estágio de moldando noções gerais, e nesse respeito está no avanço em Céfalos e Polemarco. Mas ele é incapaz de defender eles numa discussão, e vaidosamente tenta cobrir sua confusão com brincadeira e insolência. Se tais doutrinas como são atribuídas para ele por Platão foram realmente seguradas ou por ele ou por qualquer outro Sofista é incerto; na infância da filosofia sérios erros sobre moralidade podem facilmente crescer – eles são certamente postos dentro das bocas de falantes em Tucídides; mas nós estamos preocupados no presente com a descrição de Platão dele, e não com a realidade histórica. A desigualdade de soma de competição grandemente para o humor da cena. O pomposo e vazio Sofista é totalmente sem ajuda nas mãos do maior mestre da dialética, que sabe como tocar todas as primaveras de vaidade e fraqueza nele. Ele é grandemente irritado pela ironia de Sócrates, mas sua gama barulhenta e imbecil apenas coloca nele mais e mais aberto para as verdades de seu assaltante. Sua determinação para encher abaixo suas gargantas, ou por ‘corporavelmente dentro de suas almas’ suas próprias palavras, elicia um grito de horror de Sócrates. O estado de seu temperamento é bastante como valioso ou considera como o processo do argumento. Nada está mais divertindo que sua completa submissão quando ele tem sido uma vez completamente batido. Em primeiro ele parece continuar a discussão com relutância, mas logo com aparente boa vontade, e ele até mesmo testifica seu interesse em um estado posterior por uma ou duas observações ocasionais. Quando atacado por Glauco ele é bem humorado protegido por Sócrates ‘como um quem nunca tem sido seu inimigo e é agora seu amigo.’ De Cícero e Quintiliano e da *Retórica* de Aristóteles nós aprendemos que o Sofista de quem Platão tem feito tão ridículo foi um homem de nota de quem os escritos foram preservados em épocas mais tardias. O jogo em seu nome o qual foi feito por seu contemporâneo Heródicos (*Ret. Arist.*), ‘tu

desperdiça sempre atrevido na batalha,' parece mostrar que a descrição dele não é destituída de verossimilhança.

Quando Trasímaco tem sido silenciado, os dois principais respondedores, Glauco e Adeimanto, aparecem na cena: aqui, como na tragédia grega (cp. Introd. ao Faedro). Três atores são introduzidos. A primeira vista os dois filhos de Aristóteles podem parecer usar uma família semelhante, como os dois amigos Simias e Cebes no Faedro. Mas em uma examinação mais próxima deles a similaridade desaparece, e eles são vistos ser personagens distintos, Glauco é o jovem impetuoso que pode 'apenas nunca ter bastante de buscar' (cp. o personagem dele no Xen. Mem, iii. 6); o homem de prazer que é familiarizado com os mistérios do amor; o 'juvenis qui gaudet canibus,' e que melhora a raça dos animais; o amante de arte e música que tem todas as experiências da vida juvenil. Ele é cheio de rapidez e penetração, perfurando facilmente abaixo das desajeitadas platitudes de Trasímaco para a dificuldade real; ele vira fora para a luz o péssimo lado da vida humana, e ainda faz não perder fé no justo e verdade. É Glauco que conquista o que pode ser terminado a absurda relação do filósofo para o mundo, para quem um estado de simplicidade é 'uma cidade de porcos,' que é sempre preparada com um gracejo quando o argumento oferece a ele uma oportunidade, e que é sempre pronta para segundo o humor de Sócrates e para apreciar o ridículo, se nos conhecedores de música, ou nos amantes de teatro, ou no comportamento fantástico de cidadãos de democracia. Suas fraquezas são severas vezes aludidas para por Sócrates, quem, contudo, vai não permitir a ele ser atacado por seu irmão Adeimanto. Ele é um soldado, e, como Adeimanto, tem sido distinto na batalha de Megara (ano 456?).... O personagem de Adeimanto é profundamente e mais sério, e as profundas objeções são comumente postas dentro de sua boca.

Glauco é mais demonstrativo, e geralmente abre o jogo. Adeimanto possui o argumento mais futuramente. Glauco tem mais vivacidade e rápida simpatia de jovem; Adeimanto tem um julgamento mais maduro de um homem crescido do mundo. No segundo livro, quando Glauco insiste que justiça e injustiça deve ser considerada sem consideração a suas consequências, Adeimanto considera que eles são considerados pelo gênero humano em geral apenas pela causa de suas consequências; e em uma veia similar de reflexo ele deseja no começo do quarto livro que Sócrates falha em fazer seus cidadãos felizes, e é respondido que felicidade não é a primeira mas segunda coisa, não o alvo direto mas a consequência indireta do bom governo e um Estado. Na discussão sobre religião e mitologia, Adeimanto é o respondente, mas Glauco fratura em com um leve gracejo, e carrega na conversa num tom mais brilhante sobre música e ginástica para o fim do livro. É Adeimanto de novo de quem voluntários do criticismo de senso comum no método Socrático de argumento, e de quem recusa deixar Sócrates passar levemente sobre a questão de mulheres e crianças. É Adeimanto que é o respondente na mais argumentativa, como Glauco na mais leve e mais imaginativas porções do Diálogo. Por exemplo, através da maior parte do sexto livro, as causas da corrupção da filosofia e a concepção da ideia de bem são discutidas com Adeimanto. Glauco resume seu lugar de principal respondente; mas ele tem uma dificuldade em temer a mais alta educação de Sócrates, e faz algumas batidas falsas no curso da discussão. Uma vez mais Adeimanto retorna com a alusão ao seu irmão Glauco de quem compara ao contencioso Estado; no próximo livro ele é de novo substituído, e Glauco continua para o fim.

Assim numa sucessão de personagens Platão representa os sucessivos estágios de moralidade, começando com os cavaleiros atenienses dos velhos tempos, que é seguido pelo homem prático desse dia regulando sua vida por provérbios e serras; para ele sucede a generalização selvagem dos Sofistas, e ultimamente vem dos jovens discípulos do grande professor, de quem conhece os argumentos sofísticos mas não vai ser convencido por eles, e deseja ir profundamente dentro da natureza das coisas. Esses também, como Céfalos, Polemarco, Trasímaco, são claramente distintos um do outro. Nem na República, nem em qualquer outro Diálogo de Platão, é um único personagem repetido.

A delineação de Sócrates na República não é completamente consistente. No primeiro livro nós temos mais do real Sócrates, tal como ele é descrito no Memorabilia de Xenophon, nos Diálogos de mais cedo de Platão, e na Apologia. Ele é irônico, provocador, questionador, o velho inimigo dos sofistas, pronto para colocar na máscara de Silenos e assim como para discutir seriamente. Mas no sexto livro sua inimizade em direção ao sofista enfraquece; ele reconhece que eles são conhecimentos que eles são os representativos preferencialmente que os corruptores do mundo. Ele também se torna mais dogmático e construtivo, passando além da gama se do político ou as ideias especulativas do

Sócrates real. Em uma passagem Platão ele mesmo parece intimar que o tempo tem agora vindo para Sócrates, de quem tinha passado toda sua vida na filosofia, para dar sua própria opinião e não estar sempre repetindo as noções de outros homens. Não há evidência que se a ideia de bem ou a concepção de um perfeito estado era compreendida no ensinamento Socrático, embora ele certamente residia na natureza do universal e das causas finais (cp. Xen. Mem., Faebo); e um profundo pensador como ele, em seus trinta ou quarenta anos de ensinamento público, podido duramente ter falhado para tocar na natureza de relações familiares, para as quais há também alguma evidência positiva no Memorabilia (Mem.) O método Socrático é normalmente retido; e toda interferência é posta dentro da boca do respondente ou representada como a descoberta comum dele e Sócrates. Mas qualquer uma pode ver que isso é mais uma mera forma, da qual a afetação cresce pesada como o trabalho avança. O método de inquérito tem passado dentro de um método de ensino no qual pela ajuda de interlocutores a mesma tese é olhada na forma de vários pontos de vista. A natureza do processo é verdadeiramente caracterizada por Glauco, quando ele descreve a si mesmo como um companheiro de quem não é bom por muito numa investigação, mas pode ver que ele é mostrado, e pode, talvez, dar a resposta para uma questão mais fluentemente que outra.

Nem podemos nós estarmos absolutamente certos que Sócrates ele mesmo ensinado a moralidade da alma, a qual é desconhecida para o discípulo Glauco na República (cp. Apol.); nem é ali qualquer razão para supor que ele usou mitos ou revelações de outro mundo como um veículo de instrução, ou que ele vá ter banido poesia ou ter denunciado a mitologia grega. Seu juramento favorito é retido, e uma mais leve menção é feita do demônio, ou sinal interno, o qual é aludido para por Sócrates como um fenômeno peculiar para ele mesmo. Um real elemento de ensinamento Socrático, o qual é mais proeminente na República que em qualquer dos outros Diálogos de Platão, é o uso do exemplo na ilustração τὰ φορτικὰ αὐτῷ προσφέροντες, ‘Deixe-nos aplicar o teste de instâncias comuns.’ ‘Você,’ diz Adeimanto, ironicamente, no sexto livro, ‘são tão desacostumados a falar em imagens.’ E esse uso de exemplos ou imagens, embora verdadeiramente Socrático na origem, é alargado pelo gênio de Platão dentro da forma de uma alegoria ou parábola, a qual incorpora no concreto que tem sido já descrito, ou está sobre para ser descrito, no abstrato. Assim a figura de caverna no livro VII é uma recapitulação das divisões de conhecimento no Livro VI. O animal composto no Livro IX é uma alegoria das partes da alma. O nobre capitão e o barco e o verdadeiro piloto no livro VI são uma figura de relação das pessoas para os filósofos no Estado o qual tem sido descrito. Outras figuras, tais como o cachorro, ou o casamento de moça sem porção, ou os zangões e vespas no oitavo e nono livros, são ligações de forma de conexão em longas passagens, ou são usados para revogar discussões prévias.

Platão é mais verdadeiro para o personagem de seu mestre quando ele descreve ele como ‘não deste mundo.’ E com sua representação dele o estado ideal e os outros paradoxos da República são bastante em concordância, embora eles não possam ser mostrados para ter sido especulação de Sócrates. Para ele, como para outros professores mas filosóficos e religiosos, quando eles olham para cima, o mundo parecia ser a incorporação do erro e do mal. O senso comum do gênero humano tem se revoltado contra essa visão, ou tem apenas parcialmente admitido isso. E até mesmo em Sócrates ele mesmo é o mais duro julgamento da multidão em tempos passa dentro de um curto de irônica piedade ou amor. Homens em geral são incapazes de filosofia, e estão então na inimizade com o filósofo; mas seu mal-entendido dele é inevitável: para eles nunca terem visto ele como ele verdadeiramente é em sua própria imagem; eles são apenas se familiarizado com sistemas artificiais não possuindo força nativa da verdade – palavras as quais admitem de muitas aplicações. Seus líderes não tem nada a medir com, e são então ignorantes de sua própria estatura. Mas eles estão

para ser piedosos ou ridos disso, não para ser brigado com; eles significam bem como seus nostros, se eles podem apenas aprender que eles estão cortando fora uma cabeça de Hidra. Essa moderação em direção a esses que estão no erro é uma das mais características participações de Sócrates na República. Em todas as diferentes representações de Sócrates, se de Xenophon ou Platão, e entre as diferenças dos mais cedo ou tardios Diálogos, ele sempre retém o personagem de não vestido e buscador desinteressado depois da verdade, sem o qual ele vai ter cessado para ser Sócrates.

Deixando os personagens nós podemos agora analisar os conteúdos da República, e então prosseguir para considerar (1) Os aspectos gerais desse Helênico ideal de Estado, (2) As luzes modernas nas quais os pensamentos de Platão podem ser lidos.

LIVRO I. A República abre com uma cena verdadeiramente grega – um festival de honra da deusa Bendis a qual é segurada no Phiraeus; para isso é adicionado a promessa de uma tocha raça equestre na noite. O trabalho todo é suposto ser recitado por Sócrates no dia depois do festival para uma pequena festa, consistindo de Critias, Timaeus, Hermócrates, e outros; isso nós aprendemos das primeiras palavras de Timaeus.

Quando a vantagem retórica de recitar o Diálogo tem sido ganha, a atenção não é distraída por qualquer referência para a audiência; nem o leitor é mais futuramente lembrado do extraordinário comprimento da narrativa. Da numerosa companhia, três apenas levam qualquer parte séria na discussão; nem somos nós informados se na noite eles foram para a tocha-raça, ou conversaram, como no Simpósio, através da noite. A maneira na qual a conversação tem surgido é descrita como segue: - Sócrates e seus companheiros Glauco estão sobre deixar o festival quando eles são detidos por uma mensagem de Polemarco, que rapidamente aparece acompanhado por Adeimanto, o irmão de Glauco, e com brincadeira violenta compele eles a permanecer, prometendo a eles não apenas uma corrida de tocha, mas o prazer da conversação com o jovem, o qual para Sócrates é uma maior atração distante. Eles retornam para casa de Céfalo, Polemarco, pai, agora na idade velha extrema, que é encontrada sentando sobre um assento almofadado coroado por um sacrifício. ‘Você deve vir para mim mais frequentemente, Sócrates, por eu estou tão velho para ir até você; e em meu tempo de vida, tendo perdido outros prazeres, cuidei a mais para conversação.’ Sócrates pergunta a ele o que ele pensa da idade, para qual o velho homem responde, que as tristezas e descontentamentos da idade estão para ser atribuídos para os temperamentos dos homens, e essa idade é um tempo de paz no qual tirania das paixões não é sentida por muito tempo. Sim, responde Sócrates, mas o mundo dirá, Céfalo, que vocês são felizes na idade velha porque vocês são ricos. ‘E há algo no qual eles dizem, Sócrates, mas não tanto como eles imaginam – como Themistocles respondeu a Serifian, “Nem você, se você tem estado em Atenas, nem eu, se eu tenho estado em Serifian, iríamos sempre ter sido famosos.” Eu posso em semelhante maneira responder a você, Nem um bom pobre homem pode ser feliz na idade, nem ainda um rico mal homem.’ Sócrates considera que Céfalo aparece não se importar sobre riquezas, uma qualidade a qual ele designa para o ter herdado dele, não adquirindo eles, e vai como conhecer que ele considera ser o chefe vantagem deles. Céfalo responde que quando você é velho a crença no mundo inferior cresce sobre você, e então ter feito justiça e nunca ter sido compelido para fazer injustiça através da pobreza, e nunca ter enganado alguém, são sentidos para ser bençãos indizíveis. Sócrates, que está evidentemente preparado por um argumento, próximo pergunta, qual o sentido da palavra justiça? Para dizer a verdade e pagar seus débitos? Não mais que isso? Ou nós devemos admitir exceções? Posso eu, por exemplo, colocar de volta dentro das mãos do meu amigo, que tem ido furioso, a espada a qual emprestei dele quando ele estava na mente certa? “Ali deve ser exceções.” ‘E ainda,’ diz Polemarco, ‘a definição a qual tem sido dada tem a autoridade de Simonides.’ Aqui Céfalo retira para olhar depois dos sacrifícios, e dá, como Sócrates facetamente considera, a posse do argumento para seu herdeiro, Polemarco...

A descrição da velha idade é terminada, e Platão, como sua maneira é, tem tocado a nota chave do trabalho inteiro em perguntar pela definição de justiça, primeiro sugerindo a questão a qual Glauco depois possui respeitando bens externos, e preparando para a conclusão de mitos do mundo inferior na vista de alusão de Céfalo. O retrato do homem justo é uma fachada ou introdução para o longo discurso o qual segue, e pode talvez implicar que em toda nossa perplexidade sobre a natureza de justiça, não há dificuldade em discernir ‘quem é o homem justo.’ A primeira explicação tem sido apoiada por um ditado de Simonides: e agora Sócrates tem uma mente para mostrar que a resolução de justiça dentro de dois preceitos não conectados, os quais sem princípio comum, falha ao satisfazer as demandas da dialética.

...Ele procede: O que Simonides quer dizer por seu dizer disso? O que ele significa que eu fui para dar de volta braços para um louco? ‘Não, não nesse caso, não se as festas são amigos, e mal resultaria. Ele significou que você está para fazer o que foi próprio, bom para amigos e perigoso para inimigos.’ Todo ato faz algo para alguém; e seguindo essa analogia, Sócrates pergunta, o que é isso devido e coisa própria a qual a justiça faz, e para quem? Ele é respondido que justiça faz bem para amigos e mal para inimigos. Mas em que caminho bem ou mal? ‘Em fazer alianças com o um, e indo para guerra com o outro.’ Então no tempo de paz o que é o bem da justiça? A resposta é que justiça é de uso em contratos, e contratos são sociedades de dinheiro. Sim; mas quão em tais sociedades é o homem justo de mais uso que qualquer outro homem? ‘Quando você quer ter dinheiro seguramente guardado e não usado.’ Então justiça vai ser útil quando dinheiro é sem utilidade. E há outra dificuldade: justiça, como a arte da guerra ou qualquer outra arte, deve ser de opostos, bem em ataque assim como defesa, em roubar assim como em guardar. Mas então justiça é um ladrão, embora um herói todavia, como Autólico, o herói Homérico, de quem foi ‘excelente sobre todos os homens em roubo e perjura’ - para tal um passe tem você e Homero e Simonides trazendo nós; embora eu não esqueça que o furtando deve ser para o bem dos amigos e o mal dos inimigos. E ainda ali surge outra questão: são amigos para ser interpretados como real ou parecendo: inimigos como real ou parecendo? E são nossos amigos para ser único o bem, e nossos inimigos para ser o mal? A resposta é, que nós devemos fazer bem para nossos parecendo e reais bons amigos, e mal para nossos parecendo e real maus inimigos – bem para o bem, mal para o mal. Mas devemos nós fazer mal para o mal em tudo, quando fazer assim vai apenas fazer os homens mais maus? Pode justiça produzir injustiça qualquer mais que a arte de equitação pode fazer maus cavaleiros, ou bater produzir frio? A conclusão é, que não sábio ou poeta sempre disse que o justo retorna mal pro mal; isso foi uma máxima de alguns ricos e sumamente homem, Periander, Perdiccas, ou Ismenias o Teban (sobre 398-381 A.C.)...

Assim o primeiro estágio de aforístico ou inconsciente moralidade é mostrada para ser inadequada para os quereres da época; a autoridade dos poetas é colocada de lado, e através dos labirintos sinuosos da dialética nós fazemos uma aproximação para o preceito cristão de perdão de injúrias. Palavras semelhantes são aplicadas pelo poeta místico pérsio para o Divino ser quando o questionamento do espírito é mexido dentro dele: - ‘Se porque eu faço mal, Tu me punes pelo mal, o que é a diferença entre ti e mim?’ Nesta ambos Platão e Kheym ambos sobem acima do nível de muitos cristãos teólogos. A primeira definição de justiça facilmente passa dentro da segunda; para as simples palavras ‘para falar a verdade e pagar seus débitos’ é substituída o mais abstrato ‘para fazer bem para seus amigos e mal para seus inimigos.’ Se dessas explicações dá uma regra suficiente de vida para os homens plenos, mas ambas elas caem curto da precisão da filosofia. Nós podemos notar na passagem da antiguidade de casuística a qual não apenas surge fora do conflito de princípios estabelecidos nos casos particulares, mas também fora do esforço para alcançar eles, e é a priori bem como posterior para nossas noções fundamentais de moralidade. A ‘interrogação’ de ideias morais; o apelo para a autoridade de Homero; a conclusão da máxima, ‘Fazer bem para seus amigos a mal para seus inimigos,’ sendo errônea, não pode ter sido a palavra de qualquer grande homem, são todos deles muito característicos do Sócrates Platônico.

...Aqui Trasímaco, que tem feito várias tentativas para interromper, mas tem até aqui sido guardado em ordem pela companhia, leva vantagem de uma pausa e apressa-se dentro da arena, começando, como um animal selvagem, com um rugido. ‘Sócrates,’ ele diz, ‘qual tolo e este? - Como você aceita ser derrotado por um outro num argumento pretendido?’ Ele então todas as definições ordinárias de justiça; para a qual Sócrates responde que ele não pode dizer como muito doze está, se

ele está proibido de dizer 2 x 6, ou 3 x 4, ou 6 x 2, ou 4 x 3. Em primeiro Trasímaco é relutante para argumentar; mas em comprimento, com uma promessa de pagamento na parte da companhia e do elogio de Sócrates, ele é induzido a abrir o jogo. ‘Ouça,’ ele diz, ‘minha resposta é que pode ser certo, justiça o interesse do mais forte: agora me elogie.’ Deixe-me entender você primeiro. Você significa que por causa de Polidamas o lutador, que é mais forte que nós somos, encontra a comida de bife de seu interesse, quem não é tão forte? Trasímaco está indignado na ilustração, e nas pomposas palavras, aparentemente pretendido restaurar a dignidade para os legisladores que fazem leis para seus próprios interesses. Mas suponha, diz Sócrates, que o legislador ou mais forte não é de seu interesse. Trasímaco é salvo de sua queda veloz pelo discípulo Cleitophon, quem introduz a palavra ‘pensa;’ - não o atual interesse do legislador, mas o que ele pensa ou o que parece ser de seu interesse, é justiça. A contradição é escapada pela evasão sem sentido: por embora seus reais e aparentes interesses podem diferir, o que o legislador pensa ser de seu interesse sempre permanecerá o que ele pensa ser seu interesse.

Do curso disso não era a asserção original, nem é a nova interpretação aceita por Trasímaco por ele mesmo. Mas Sócrates não é disposto para disputar sobre palavras, se, como ele insinua significativamente, seu adversário tem mudado sua mente. No que segue Trasímaco faz de fato retirar sua admissão que o legislador possa fazer um engano, para ele afirma que o legislador como um legislador é infalível. Sócrates está bastante pronto para aceitar a nova posição, a qual ele igualmente torna contra Trasímaco pela ajuda da analogia das artes. Toda arte ou ciência tem um interesse, mas esse interesse está para ser distinto do interesse accidental para ser distinto do interesse accidental do artista, e é apenas concernido com o bem das coisas ou pessoas as quais vem sob a arte. E justiça tem um interesse o qual é o interesse não do legislador ou juiz, mas desses que vem sob seu balanço.

Trasímaco está na beira da conclusão inevitável quando ele faz uma diversão atrevida. “Me diga, Sócrates,” ele diz, ‘você tem um cuidar?’ Isso é uma pergunta! Como você pergunta? ‘Porque, se você tem, ela negligencia você e deixa você ir sobre divagando, e não tem até mesmo dito a você conhecer o pastor da ovelha. Para você a fantasia que os pastores e legisladores nunca pensam de seu próprio interesse, considerando que a verdade é que eles engordam elas para seu uso, ovelha e assuntos como esses. E a experiência prova que em toda relação de vida o homem justo é o perdedor e o injusto o ganhador, especialmente onde injustiça está em grande escala, o qual é bastante outra coisa de insignificantes malandrags de caloteiros e assaltantes e ladrões dos templos. A linguagem dos homens prova isso – nosso ‘gracioso’ e ‘abençoado’ tirano e o como – todos os quais tendem a mostrar (1) que justiça é o interesse do mais forte; e (2) que injustiça é mais preferível e também mais forte que justiça.’ Trasímaco, que é melhor numa fala que em um argumento fechado, tendo inundado a companhia com palavras, tem uma mente para escapar. Mas os outros não vão deixá-lo ir, e Sócrates adiciona um humilde mas sério pedido que ele não vai desertar eles em uma tal crise de seu destino. ‘E o que posso fazer mais por você?’ ele diz: ‘vai você ter me posto as palavras corporalmente dentro das almas?’ Deus proíba! Responde Sócrates; mas nós queremos você para ser consistente no uso dos termos, e não para empregar ‘físico’ em um sentido exato, e então novamente ‘pastor’ ou ‘legislador’ num inexato, - se as palavras são estritamente levadas, o legislador e o pastor olham apenas para o bem de sua pessoa ou rebanhos e não para si próprio: considerando que você insiste que legisladores são somente movidos por amor de ofício. ‘Sem dúvida sobre isso,’ responde Trasímaco. Então como eles são pagos? Não é a razão, que seu interesse não é compreendido na sua arte, e é então o concerne de outra arte, a arte de pagar, a qual é comum para as artes em geral, e então não idêntica com qualquer um deles? Nem vai qualquer homem ser um legislador a menos que ele for induzido pela esperança de recompensa ou o medo de punição; - a recompensa é dinheiro ou honra, a punição é a necessidade de ser regrado por um homem pior que ele mesmo. E se um Estado (ou Igreja) forem compostos inteiramente de homens bons, eles vão ser afetados pelo último motivo apenas; e ali vai ser tanto ‘nolo episcopari’ como há no presente do oposto...

A sátira em governos existentes é levantada pela maneira simples e aparentemente incidental na qual a última observação é introduzida. Há uma semelhante ironia no argumento que os governadores do gênero humano não fazem como sendo no ofício, e que então eles demandam pagar.

...Basta disso: a outra asserção de Trasímaco é mais longe importante – que a vida injusta é mais vantajosa que a justa. Agora, como você e eu, Glauco, não estamos convencidos por ele, nós devemos responder para ele; mas se nós tentamos comparar seus respectivos ganhos nós devemos querer um julgamento para decidir por nós; nós temos melhor então procedido fazendo admissão mútua da verdade um para o outro.

Trasímaco tem acertado que a perfeita injustiça tem mais ganho que a perfeita justiça, e depois de uma pequena hesitação ele é induzido por Sócrates para admitir o paradoxo ainda maior que a injustiça é virtude e justiça vício. Sócrates elogia sua franqueza, e assume a atitude de um desses apenas deseja isso para entender o sentido de seus oponentes. Ao mesmo tempo que ele está tecendo uma rede na qual Trasímaco é finalmente aproximado. A admissão é elucidada dele que o homem justo busca ganhar uma vantagem sobre o injusto apenas, mas não sobre o justo, enquanto o injusto deve ganhar uma vantagem sobre ou. Sócrates, em ordem para testar essa declaração, emprega uma vez mais a analogia favorita das artes. O músico, doutor, habilidoso artista de qualquer tipo, não procura ganhar mais que o habilidoso, mas apenas mais que o não habilidoso (que é para dizer, ele trabalha mais para uma regra, padrão, lei, e não excede isso), enquanto não excede isso), enquanto o não habilidoso faz esforços aleatórios em excesso. Assim o habilidoso cai no lado do bem, e o não habilidoso no lado do mal, e o justo é o habilidoso, e o injusto o não habilidoso.

Havia grande dificuldade em trazer Trasímaco para o ponto; o dia não era quente e ele foi fluindo com transpiração, e pela primeira vez em sua vida ele foi visto se ruborizar. Mas sua outra tese que injustiça era mais forte que justiça não tem ainda sido refutada, e Sócrates agora procede para a consideração disso, a qual, com a assistência de Trasímaco, ele espera clarear; o depois é em primeiro camponês, mas nas judiciosas mãos de Sócrates é logo restaurado para o bom humor: Ali não há honra entre ladrões? Não é a força da injustiça apenas um remanescente da justiça? Não é a injustiça absoluta fraqueza também? Uma casa que é dividida contra si mesma não pode permanecer; dois homens que disputam diminui um da força do outro, e ele quem está em guerra com ele mesmo é o inimigo de ele mesmo e dos deuses. Não maldade então, mas semimaldade floresce nos estados, - um a sobra de bem é necessária em ordem para fazer união na ação possível, - não há reino do mal no mundo.

Outra questão não tem sido respondida: É o justo ou o injusto mais feliz? Para isso nós respondemos, que toda arte tem um fim e uma excelência ou virtude pela qual o fim é cumprido. E não é o fim da alma felicidade, e justiça a excelência da alma pela qual a felicidade é alcançada? Justiça e felicidade sendo assim mostradas serem inseparáveis, a questão se o justo ou o injusto é o mais feliz tem desaparecido.

Trasímaco responde: ‘Deixe isso ser seu entretenimento, Sócrates, no festival de Bendis.’ Sim; e um entretenimento muito bom com o qual sua bondade tem me suprido, agora que você tem deixado fora ralhando. E ainda não um bom entretenimento – mas que foi minha própria culpa. Primeiro de toda a natureza de justiça foi o assunto de nossa investigação, e então se justiça é virtude e sabedoria, ou mal e tolice; e então as vantagens comparativas de justo e injusto: e a soma de tudo é que não sei o que justiça é; como então devo saber se o justo é feliz ou não?... Assim a fábrica sofisticada tem sido demolida, principalmente pelo apelo da analogia das artes. ‘Justiça é como as artes (1) em tendo sem interesse externo, e (2) em não mirando no excesso, e (3) justiça é para felicidade que o implemento do trabalhador é para seu trabalho.’ Nessa leitura moderna é apta para tropeção, porque ele esquece que Platão está escrevendo em uma época quando as artes e as virtudes, como as faculdades intelectuais e morais, estavam ainda indistintas. Entre investigadores cedo dentro da natureza de ação humana das artes ajudadas para preencher o nulo das especulações; e em primeiro a comparação das artes e das virtudes não eram percebidas por eles

para ser falacioso. Eles apenas viram os pontos de aceitação neles e não os pontos de diferença. Virtude, como arte, deve levar sentidos para um fim; boas maneiras são ambas uma arte e uma virtude; personagem é naturalmente descrito sob a imagem de uma estátua; e há tantas outras figuras de fala as quais são prontamente transferidas de arte para morais. A próxima geração clareou essas perplexidades; ou ao menos supriu depois de épocas com uma análise futura deles. Os contemporâneos de Platão estavam num estado de transição, e não tinham ainda realizado completamente o senso comum, distinção de Aristóteles, que ‘virtude é concernida com ação, arte com produção’ (Nic. Eth.), ou que ‘virtude implica intenção e constância de propósito,’ enquanto ‘arte requer conhecimento apenas’. E ainda nas absurdidades as quais seguem de alguns usos da analogia, ali parece ser uma intimação carregada que virtude pé mais que arte. Isso é implicado o reductio ad absurdum que ‘justiça é um ladrão,’ e na insatisfação a qual Sócrates expressa no resultado final.

A expressão ‘uma arte de pagamento’ a qual é descrita como ‘comum para todas as artes’ não está de acorância com o uso ordinário da linguagem. Nem é isso empregado em outro lugar ou por Platão ou por qualquer outro escritor grego. É sugerido pelo argumento, e parece estender uma concepção de arte para fazer também como fazendo. Outra falha ou inexatidão de linguagem pode ser notada nas palavras ‘homens que são injuriados são feitos mais injustos.’ Para esses que são injuriados não são necessariamente feitos piores, mas apenas prejudicados ou maltratados.

O segundo dos três argumentos, ‘que o justo não pontaria em excesso,’ tem um sentido real, embora embrulhado para cima em uma forma enigmática. Que o bem é da natureza do finito é um sentimento peculiarmente helênico, o qual pode ser comparado com a linguagem desses modernos escritores que falam de virtude como aptidão, e de liberdade como obediência a lei. A noção matemática ou lógica de limite facilmente passa dentro de uma ética, e até mesmo encontra uma expressão mitológica na concepção de inveja (grega). Ideias de medida, igualdade, ordem, unidade, proporção, ainda demora nos escritos dos moralistas; e o verdadeiro espírito das finas artes é melhor carregado por tais termos que por superlativos.

“Quando trabalhadores se esforçam de alma e corpo, e das partes da alma um com outro, uma harmonia ‘mais justa do que as notas musicais,’ é o verdadeiro modo helênico de conceber a perfeição da natureza humana.

A harmonia da alma e corpo, e das partes da alma um com outro pode ser chamado o epílogo da discussão com Trasímaco, Platão argumenta que o mal não é um princípio de força, mas de discórdia e dissolução, só tocando a questão a qual tem sido muitas vezes tratadas nos tempos modernos por teólogos e filósofos, da negativa natureza do mal. No último argumento nós traçamos o germe da doutrina aristotélica de um fim e uma virtude dirigida em direção do fim, a qual de novo é sugerida pelas artes. A reconciliação final de justiça e felicidade e a identidade do indivíduo e do Estado são também intimados. Sócrates reassume o caráter de um ‘nada sei,’ ao mesmo tempo ele aparece ser não completamente satisfeito com a maneira na qual o argumento tem sido conduzido. Nada é concluído; mas a tendência do processo dialético, aqui como sempre, está para alargar nossa concepção de ideias, e para alargar sua aplicação para a vida humana.

LIVRO II. Trasímaco é pacificado, mas o intrépido Glauco insiste em continuar o argumento. Ele não está satisfeito com a maneira indireta na qual, no fim do último livro, Sócrates tem disposto da questão ‘Se o justo ou o injusto é o mais feliz.’ Ele começa dividindo bens dentro de três classes: - primeira, bens desejáveis neles mesmos; segundamento, bens desejáveis neles mesmos e para seus resultados; terceiramento, bens desejáveis para seus resultados apenas. Ele então pergunta a Sócrates no qual dessas três classes ele vai lugar justiça. Na segunda classe, responde Sócrates, entre bens desejáveis para eles mesmos e também para seus resultados, “Então o mundo em geral são de outra mente, para eles diz que justiça pertence a uma classe problemática de bens os quais são desejáveis para seus resultados apenas. Sócrates responde que isso é a doutrina de Trasímaco a

qual ele rejeita. Glauco pensa que Trasímaco estava tão preparado a escutar a voz do encantador, e propôs considerar a natureza de justiça e injustiça neles mesmos e aparte dos resultados e recompensas deles as quais o mundo está sempre estrondando em seus ouvidos. Ele vai primeiro de tudo falar da natureza e origem da justiça; segundamento, da maneira na qual os homens veem justiça como uma necessidade e não um bem; e terceiramento, nós provaremos a razoabilidade dessa visão.

“Fazer justiça é dito ser bom, sofrer injustiça um mal. Como o mal é descoberto por experiência para ser maior que o bem, os sofrendores, de quem não podem também ser fazedores, fazem um compacto que eles vão ter nem, e esse compacto ou sentido é chamado justiça, mas é realmente a impossibilidade de fazer injustiça. Ninguém vai observar um tal compacto se ele não era obrigado. Deixe-nos supor que o justo e injusto tem dois anéis, como esse de Gíges na bem conhecida história, a qual fazem eles invisíveis, e então sem diferença vai aparecer neles, para todo um fará mal se ele pode. E ele que abstém será recompensado pelo mundo como um tolo por suas dores. Homens podem agradecer ele em público fora do medo deles mesmos, mas eles vão rir dele em seus corações (Cp. Gorgias.)

‘E agora nos deixe moldar um ideal de justo e injusto. Imagine o homem injusto ser mestre de sua arte, raramente fazendo erros e facilmente corrigindo eles; tendo presentes de dinheiro, fala, força – o maior vilão aguentando o mais alto personagem: e em seu lado nos deixe colocar o justo em sua nobreza e simplicidade – sendo, não parecendo – sem nome ou recompensa – vestido em sua justiça apenas - o melhor dos homens de quem é pensamento para ser o pior, e deixe ele morrer como ele tinha vivido. Eu devo adicionar (mas eu vou bastante colocar o resto dentro da boca dos panegiristas da injustiça – eles vão dizer a você) que o homem justo será açoitado, atormentado, limitado, vai ter seus olhos colocados fora, e vai ao último ser crucificado (literalmente empalhado)

– e tudo isso porque ele deve ter preferido parecer do que ser. Quão diferente é o caso do injusto que agarra para aparência como a verdadeira realidade! Seu alto caráter faz ele um legislador; ele pode casar onde ele gosta, negociar onde ele gosta, ajudar seus amigos e machucar seus inimigos; tendo ficado rico por desonestidade que ele pode adoração os deuses melhor, e vai então ser mais amado por eles que o justo.’

Eu estava pensando o que perguntar, quando Adeimanto juntou na rixa já desigual. Ele considerou que o ponto mais importante de tudo tem sido omitido: - ‘Homens são ditos ser justos para a causa de recompensas; parentes e guardiões fazem reputação o incentivo para virtude. E outras vantagens são prometidas por eles de um tipo mais sólido, tal como casamentos ricos e altos cargos. Há os quadros em Homero e Hesíode de ovelha gorda e lãs pesadas, ricos milharais e árvores tombando com fruto, os quais os deuses proveem em sua vida pelo justo. E os poetas Órficos adicionam um semelhante quadro de outro. Os heróis de Musaeus e Eumolpus colocam em sofás em um festival, com guirlandas em suas cabeças, aproveitando como o galardão da virtude um paraíso de imortal embriaguez. Algum vai futuramente, e falar de uma justa posterioridade na terceira e quarta geração. Mas o mal que eles enterram em um brejo e fazem meios carregar água numa peneira: e é essa vida que eles atribuem a eles a infâmia a qual Glauco estava assumindo ser o lote de justo que são supostos para ser injusto.

“Tome outro tipo de argumento o qual é encontrado ambos em poesia e prosa: - “Virtude,” como Hesíodo diz, “é honrável mas difícil, vício é fácil e preferível.” Você pode muitas vezes ver o mal em grande prosperidade e o íntegro afligido pela vontade do céu. E mendicantes profetas batem em portas de homens ricos, prometendo reconciliar para os pecados deles mesmos ou dos seus pais em uma moda fácil com sacrifícios e jogos festivos, ou com encantos e invocações para conseguir libertar-se de um inimigo bom ou mal pela ajuda divina e em uma carga mudada; - eles apelam para livros professando ser escritos por Musaeus e Órfeu, e carregam longe das mentes de cidades inteiras, e prometem “tirar almas do purgatório;” e se nós recusamos ouvir eles, ninguém sabe o que vai acontecer conosco.

‘Quando um jovem vivo notado ingênuo ouve tudo isso, qual será sua conclusão? “Será ele,” na linguagem de Píndaro, “praticar justiça sua alta torre, ou fortificar a si mesmo com decepção dobrada?” Justiça, ele reflete, sem a aparência de justiça, é miséria e ruína; injustiça tem a promessa de uma vida gloriosa. Aparência é mestra da verdade e senhora da felicidade. Para aparência então vou virar, - eu porei na mostra da virtude e rastros por trás de mim a raposa de Archilocus. Ouço alguém dizer que “maldade não é facilmente escondida.” Para a qual respondo que “nada grande é fácil.” União e força e retórica farão muito; e se os homens dizem que eles não podem prevalecer sobre os deuses, ainda como fazemos nós que existem deuses? Apenas dos poetas, que reconhecem que eles podem ser satisfeitos pelos sacrifícios. Então como não pecar e pagar por indulgências fora de nosso pecado? Por se os íntegros apenas são não punidos, ainda eles não tem recompensa futura, enquanto os maus podem ser impunes e ter o prazer de pecar também. Mas o que do mundo abaixo? Não, diz o argumento, há poderes reconciliando que ainda jogam a questão certa, como os poetas, que são os filhos dos deuses, digam-nos; e isso é confirmado pela autoridade do Estado.

‘Como nós podemos resistir a tais argumentos em favor da injustiça? Adiciona boas maneiras, e, como o sábio diz a nós, nós devemos fazer o melhor de ambos os mundos. Quem não é um miserável coitado com refrão de sorriso nos prazeres da justiça? Até se um homem conhece a melhor parte ele não estará zangado com os outros; por ele saber também que mais que virtude humana é necessária para salvar um homem, e que ele unicamente elogia justiça que é incapaz de injustiça.

“A origem do mal é que todos os homens do princípio, heróis, poetas, instrutores da juventude, tem sempre afirmado “a dispensação temporal,” as honras e benefícios da justiça. Temos nós ensinado na cedo juventude o poder da justiça e injustiça inerente na alma, e não vistas por qualquer olho humano ou divino, nós devemos não ter necessitado de outros para serem nossos guardões, mas qualquer um vai ter sido os guardiões deles mesmos, os quais tendem bastante para forçar a posição de Trasímaco que “possa estar certa;” mas de você espero coisas melhores. E por favor, como Glauco disse, excluir reputação; deixe o justo ser pensamento injusto e o injusto justo, e você faz ainda provar a nós a superioridade de justiça’...

A tese, a qual pela causa do argumento tem sido mantida por Glauco, é a conversação de que de Trasímaco – não certo é o interesse do mais forte, mas certo é a necessidade dos mais fracos. Começando das mesmas premissas ele carrega a análise da sociedade um passo futuro de volta: - pode é ainda zero, mas o possa é a fraqueza de muitos combinada contra a força de poucos. Haviam sido teorias no moderno assim como em tempos antigos os quais tem uma família semelhantemente para as especulações de Glauco; por exemplo, que o poder é a fundação do direito; ou que um monarca tem um a fundação divina do direito para governar bem ou mal; ou que virtude é auto-amor ou o amor do poder; ou que a guerra é o estado natural do homem; ou que vícios privados são benefícios públicos. Todas essas teorias têm um tipo de plausibilidade de sua aceitação parcial com experiência. Para a natureza humana oscila entre bem e mal, e os motivos de ações e a origem de instituições podem ser explicadas para uma certa extensão em se hipótese de acordo ao caráter ou ponto de vista de um pensador particular. A obrigação de manter autoridade sob todas as circunstâncias e as vezes por sentidos bastante questionáveis é sentido fortemente e tem se tornado um tipo de instinto entre homens civilizados. O divino rei dos reis, ou mais geralmente dos governantes, é uma das formas sob as quais esse sentimento natural é expressado. Nem de novo há ali qualquer mal o qual não tem algum acompanhamento do bem ou prazer; nem qualquer bem é livre de alguma liga do mal; nem qualquer nobre ou pensamento generoso o qual não pode ser atendido por uma sombra ou o fantasma de uma sombra de auto interesse ou auto amor. Nós sabemos que todas as ações humanas são imperfeitas; mas nós atribuímos então a eles um bastante pior que ao melhor motivo ou princípio. Tal uma filosofia é amba tola e falsa, como essa opinião do velhaco inteligente que assume todos os outros homens para ser como a si mesmos. E teorias desse tipo não representam a real natureza do Estado, o qual é baseado na vago senso de direito gradualmente corrigido e alargado pelo costume e lei (embora capaz também de perversão),

qualquer mais que eles descrevem a origem da sociedade, a qual está para ser buscada na família e nos sentimentos sociais e religiosos do homem. Nem eles representam o caráter médio dos indivíduos, os quais não podem ser explicados simplesmente numa teoria de mal, mas tem sempre um elemento contraditório de bem. E como os homens tornam melhores tais teorias aparecem mais e mais mentiroso para eles, porque eles são mais conscientes de seu próprio desinteresse. Uma pequena experiência pode fazer um homem um cínico; uma grande transação trará ele de volta para uma mais verdadeira e mais bondosa visão da natureza misturada dele mesmo e seus homens da mesma categoria.

Os dois irmãos pediram para Sócrates para provar a eles que o justo é feliz quando eles tem levado dele tudo o que no qual acontece é ordinariamente suposto para consistir. Não que há (1) qualquer absurdidade na tentativa de armar uma noção de justiça separada das circunstâncias. Para o ideal deve sempre ser um paradoxo quando comparado com as condições ordinárias da vida humana. Nem o ideal Estoico nem o ideal cristão é verdade como um fato, mas eles podem servir como uma base de educação, e podem exercitar uma influência enobrecedora. Um ideal é nenhum o mal porque 'algum tem feito a descoberta' que sem tal ideal foi sempre realizado. E em uns poucos indivíduos excepcionais que são elevados acima do nível extraordinário da humanidade, o ideal de felicidade pode ser realizado na morte e miséria. Isso pode ser o estado o qual a razão deliberadamente aprova, e a qual o utilitário também como qualquer outro moralista pode ser limitado em certos casos preferir.

Nem de novo (2) devemos nós esquecer que Platão, embora ele aceita geralmente com a visão implicada no argumento de dois irmãos, não está expressando sua própria conclusão final, mas procurando bastante dramatizar um dos aspectos da verdade ética. Ele está desenvolvendo sua ideia gradualmente numa série de posições ou situações. Ele está exibindo Sócrates pela primeira vez sofrendo a interrogação socrática. Ultimamente, (3) a palavra 'felicidade' envolve algum grau de confusão porque associado na linguagem de filosofia moderna com prazer consciente ou satisfação, a qual não era igualmente presente para sua mente.

Glauco tem estado desenhado um quadro da miséria do justo e da felicidade do injusto, para o qual a miséria do tirano no Livro IX é a resposta e paralelo. E ainda o injusto deve aparecer justo; que é 'a homenagem com vício paga à virtude.' Mas agora Adeimanto, levando acima a dica a qual já tem sido dada por Glauco, procede para mostrar que na opinião do gênero humano a justiça é considerada apenas para a causa de recompensas e reputação, e os pontos fora da vantagem a qual é dada para tais argumentos como esses de Trasímaco e Glauco pela moralidade convencional do gênero humano. Ele parece sentir a dificuldade de 'justificar os caminhos de Deus para o homem.' Ambos os irmãos tocam sobre a questão, se a moralidade de ações é determinada por suas consequências; e ambos deles vão além da posição de Sócrates, que justiça pertence a classe dos deuses não desejável para eles mesmos apenas, mas desejável para eles mesmos e para seus resultados, para os quais ele revoga eles. Em sua tentativa para ver justiça como um princípio interno, e em sua condenação dos poetas, eles antecipam ele. A vida comum da Grécia não é bastante para eles; eles devem penetrar mais profundamente dentro da natureza das coisas. Isso tem sido contestado que justiça é honestidade no sentido de Glauco e Adeimanto, mas e tirado por Sócrates para significar toda virtude. Nós não podemos mais verdadeiramente dizer que a antiquada noção de justiça é alargada por Sócrates, e torna-se equivalente à ordem universal ou bem-fazer, primeiro no Estado, e em segundo no indivíduo? Ele tem encontrado uma nova questão para sua velha questão, (Protag.), 'se as virtudes são uma ou tantas,' viz. que uma é o princípio ordenado dos outros três. Na busca para estabelecer a natureza puramente interna de justiça, ele é conhecido pelo fato que o homem é um ser social, e ele tenta harmonizar esses dois opostos assim como ele possa. Não há mais inconsistência nesse que foi inevitável nessa época e nação; há sem uso em tornando sobre ele a cruz das luzes de filosofia moderna, a qual, de algum outro ponto de vista, vai aparecer igualmente inconsistente. Platão não dá a solução final de questões filosóficas para nós; nem pode ser julgado de nosso padrão.

O restante da República é desenvolvido fora das questões dos filhos de Ariston. Três pontos são desejáveis de considerar no que imediatamente segue: - Primeiro, que a resposta de Sócrates é completamente indireta. Ele não diz que felicidade consiste na contemplação da ideia de justiça, e ainda menos vai ele ser tentado a afirmar o paradoxo Estoico que o homem justo pode ser feliz na prateleira. Mas primeiro ele veste na dificuldade do problema e insiste em restaurar o homem para sua condição natural, antes ele vai responder a questão em tudo. Ele também vai armar um ideal, mas seu ideal compreende não apenas justiça abstrata, mas as totalmente relações do homem. Sob a fantástica ilustração das grandes cartas ele implica que ele apenas olhará por justiça na sociedade, e que do Estado ele vai proceder para o indivíduo. Sua resposta na substância quantidade para isso, - que sob condições favoráveis, por exemplo, no Estado perfeito, justiça e felicidade coincidirão, e que quando justiça tem sido uma vez encontrada, felicidade pode ser deixada para tomar cuidado de si mesma. Que ele cai dentro de algum grau de inconsistência, quando no décimo livro ele clama para ter conseguido libertar-se das recompensas e honras de justiça, pode ser admitido; para ele tem deixado esses os quais existe no Estado perfeito. E o filósofo ‘que retira sob o abrigo de um muro’ pode duramente ter sido estimado feliz por ele, ao menos não nesse mundo. Ainda ele mantém a verdadeira atitude de ação moral. Deixe um homem fazer isso dever primeiro, sem perguntar se ele será feliz ou não, e felicidade será o acidente inseparável o qual o atende. ‘Procure sim primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas devem ser acrescentadas em você.’ Segundamento, isso pode ser considerado que Platão preserva o caráter genuíno do pensador grego no começo com o Estado e no indo em para o indivíduo. Primeiro ética, então política – isso é a ordem das ideias para nós; o inverso é a ordem da história. Somente depois de muitas lutas de pensamento faz o indivíduo afirmar seu direito como um ser moral. Em épocas mais cedo ele não é UM, mas um de tantos, os cidadãos de um Estado o qual é antes para ele; e ele não tem noção de bem e mal separado da lei de sua nação ou o rebanho de sua igreja. E para esse tipo ele é constantemente tendendo a reverter, não importa a influência do costume, ou do espírito de equipe, ou a lembrança do passado se torna tão forte para ele.

Terceiramento nós podemos observar a confusão ou identificação do indivíduo e do Estado, da ética e política, a qual penetra cedo na especulação grega, e até mesmo nos tempos modernos retém um certo grau de influência. A sutil diferença entre a ação coletiva e individual do gênero humano parece ter escapado cedo pensadores, e nós também estamos as vezes em perigo de esquecer as condições da ação humana unida, não importa se nós ou elevamos políticos dentro de ética, ou mais baixa ética para o padrão de política. O bom homem e o bom cidadão apenas coincide no perfeito Estado; e essa perfeição não pode ser atingida por legislação atuando sobre eles de sem, mas, se em tudo, pela educação formando eles dentro.

...Sócrates elogia os filhos de Ariston, ‘inspirados a primavera do renovado herói,’ como os termos poeta elegíaco eles; mas ele não entende como eles podem discutir tão eloquentemente no lado de injustiça enquanto seu caráter mostra que eles são não influenciados por seus próprios argumentos. Ele sabe não como respondê-los, embora ele é temeroso de desejar justiça na hora da necessidade. Ele então faz uma condição, que tendo olhos fracos ele deve ser permitido ler as letras grandes primeiro e então ir em direção das mais pequenas, que é, ele deve olhar para justiça no Estado primeiro, e vai então proceder para o indivíduo. Adequadamente ele começa a construir o Estado. A sociedade surge fora das vontades do homem. Seu primeiro desejo é alimento; seu segundo uma casa; seu terceiro um casaco. O senso dessas necessidades e a possibilidade de satisfazê-las por troca, puxa os indivíduos juntos no mesmo lugar; e isso é o início de um Estado, o qual nós tomamos a liberdade para inventar, embora necessidade é o inventor real. Ali devem estar primeiro um lavrador, segundamento um construtor, terceiramento um tecedor, para o qual pode ser adicionado um sapateiro. Quatro dos cinco cidadãos ao menos são requeridos para fazer uma cidade. Agora homens tem diferentes naturezas, e um homem fará uma coisa melhor que tantos; e negócio espera por sem homem. Consequentemente ali deve ser uma divisão de labor dentro de diferentes empregos; dentro de comércio atacadista e de varejo; dentro de trabalhadores, e

fabricantes de ferramentas de trabalhadores; dentro de pastores e lavradores. Uma cidade a qual inclui todos esses vão ter longe excedido o limite de quatro ou cinco, e ainda não ser muito largo. Mas então de novo importações serão requeridas, e importações necessitam de exportações, e isso implica uma variedade de produtos na ordem para atrair o gosto dos compradores; também mercados e compras. Na cidade também nós devemos ter um mercado e dinheiro e comércios de varejo; do contrário compradores e vendedores nunca vão se encontrar, e o tempo valioso dos produtores será desperdiçado em esforços vãos em troca. Se nós adicionamos criados contratados do Estado será completo. E nós podemos adivinhar que algo no intercuro dos cidadãos com uma outra justiça e injustiça aparecerão.

Aqui segue um quadro rústico de seu caminho de vida. Eles gastam seus dias em casas as quais eles têm construído pra eles mesmos; eles fazem suas próprias roupas e produzem o seu próprio milho e vinho. Seu principal alimento é refeição e farinha, e sua bebida em moderação. Eles vivem nos melhores dos termos com cada outro, e tomam cuidado em não ter tantos filhos. ‘Mas,’ disse Glauco, interpondo, ‘estão eles a não ter um prazer? Certamente; eles terão sal e azeitona e queijo, vegetais e frutas, e castanheiro para assar no fogo. “Tis uma cidade de porcos, Sócrates.’ Como, eu respondo, o que mais você quer? ‘Apenas os confortos da vida, - sofás e mesas, também molhos e doces.’ Eu vejo, você quer não apenas um Estado, mas um Estado luxuoso; e possivelmente na mais complexa armação que nós podemos mais cedo encontrar justiça e injustiça. Então as finas artes devem ir trabalhar – todo instrumento concebível e ornamento de luxúria será procurado. Ali serão dançarinos, pintores, escultores, músicos, cozinheiros, barbeiros, pneu-mulheres, enfermeiras; artistas; criadores de porcos e vaqueiros também para os animais, e físicos para curar as desordens de a qual luxúria é a fonte. Para alimentar toda todas essas bocas supérfluas nós devemos precisar de uma parte de nossa. E isso é a origem da guerra, a qual pode ser traçada pelas mesmas causas como outros males políticos. Nossa cidade agora vai requerer que a mais leve adição de um campo, e o cidadão será convertido dentro de um soldado. Mas então novamente nossa velha doutrina de divisão de trabalho não deve ser esquecida. A arte da guerra não pode ser aprendida em um dia, e ali deve ser uma aptidão natural de deveres militares. Ali vai ser algumas naturezas bélicas que tem essa aptidão – cachorros agudo de cheiro, prontamente de pé procurar, e forte de membro para lutar. E como espírito é a fundação da coragem, tais naturezas, se de homens ou animais, serão cheios de espírito. Mas essas naturezas vivas são aptas para morder e devorar um outro; a união de bondade para amigos e ferocidade contra os inimigos parece ser uma impossibilidade, e o guardião de um Estado requer ambas as qualidades. Quem então pode ser um guardião? A imagem de um cachorro sugere uma resposta. Por cachorros serem gentis para amigos e ferozes para estranhos. Seu cachorro é um filósofo que julga pela regra de conhecendo ou não conhecendo; e filosofia, se no homem ou besta, é o pai da bondade. Os cães de guarda humanos devem ser filósofos ou amantes de aprender o qual fará eles bons. E como eles estão para ser aprendido sem educação? Mas o que deve ser sua educação? É qualquer melhor que o antiquado tipo o qual é compreendido sob o mesmo nome da música e ginástica? Música inclui literatura, e literatura é de dois tipos, verdadeira e falsa. ‘O que você quer dizer?’ ele disse. Eu quero dizer que crianças ouvem histórias antes delas aprenderem ginástica, e que as histórias são ou não verdadeiras, ou tem em mais de um ou dois grãos de verdade num alqueire de falsidade. Agora na cedo vida é muito impreciso, e crianças não devem aprender o que elas vão ter desaprendido quando elas crescem; nós devemos então ter uma censura de contos de berçário, banindo alguns e mantendo outros. Alguns deles são muito impróprios, como nós podemos ver nas grandes instâncias de Homero e Hesíodo, que não apenas contam mentiras mas más mentiras; histórias sobre Urano e Saturno, as quais são imorais assim como falsas, e as quais não devem ser faladas de para pessoas jovens, ou realmente em tudo; ou, se em tudo, então num mistério, depois do sacrifício, não de um porco Eleusiniano, mas de algum animal não procurável. Deve nossa juventude ser encorajada a aguentar seus pais pelo exemplo de Zeus, ou nossos cidadãos ser incitados a disputar por ouvir ou ver representações de discussão entre os deuses? Devem eles ouvir à narrativa de Hipesto cegando sua mãe, e de Zeus

enviando-o voando para ajudar ela quando ela era batida? Tais contos podem possibilitar ter uma interpretação mística, mas os jovens são incapazes de entender alegoria. Se qualquer um pergunta o que os contos estão para ser permitido, nós vamos responder que nós somos legisladores e não fabricantes de livros; nós apenas colocamos baixo os princípios de acordo aos quais livros estão para ser escritos; escrever eles é o dever de outros.

E nosso primeiro princípio é, que Deus deve ser representado como ele é; não como o autor de todas as coisas, mas do bem apenas. Nós não vamos sofrer dos poetas para dizer que ele é o mordomo do bem e do mal, ou que ele tem dois barris cheios de destinos; - ou que Atena e Zeus incitaram Pandaro a quebrar o tratado; ou que Deus causou os sofrimentos de Niobe, ou de Pelops, ou a guerra de Trojan; ou que ele faz os homens pecar quando ele deseja destruí-los. Ou essas não são as ações dos deuses, ou Deus foi justo, é um malvado, ficção suicida a qual ele vai permitir ninguém, velho ou jovem, para proferir. Esse é nosso primeiro e grande princípio – Deus é o autor do bem apenas.

E o segundo princípio é como até isto: - Com Deus não é variabilidade ou mudança de forma. Razão ensina-nos isso; para se supomos uma mudança em Deus, ele deve ser mudado ou por outro ou por ele mesmo. Por outro? - mas os melhores trabalhos da natureza e arte e as mais nobres qualidades da mente são menos sujeito a ser mudado por uma força externa. Por ele mesmo? - mas ele não pode mudar para o melhor; ele vai duramente mudar para o pior. Ele permanece por sempre mais justo e melhor em sua própria imagem. Então nós recusamos ouvir aos poetas que dizem a nós de Here começando na semelhança de uma sacerdotisa ou de outras deidades que rondam sobre de noite em estranhos disfarces; tudo que blasfema sem sentido com as quais mães tolas do homem encapuzado fora de seus filhos devem ser suprimido. Mas algum vai dizer que Deus, de quem é ele mesmo imutável, pode tomar a forma na relação conosco. Como ele deve? Para deuses assim como para homens ódio o pertence na alma, ou princípio de falsidade; e como para qualquer outra forma de colocando a qual é usada para um propósito e é considerado como inocente em certos casos excepcionais – o que precisam ter os deuses disso? Por eles não são ignorantes da antiguidade como os poetas, nem eles são tementes de seus inimigos, nem é qualquer louco um amigo deles. Deus então é verdade, ele é absolutamente verdade; ele não muda, ele não engana, dia ou noite, por palavra ou sinal. Isso é nosso segundo grande princípio – Deus é verdade. Sempre com o sonho colocando de Agamnemon em Homero, e a acusação de Thetis contra Apolo em Aeschilo...

Na ordem para dar clareza a essa concepção do Estado, Platão procede para traçar os primeiros princípios de necessidade mútua e da divisão de trabalho numa comunidade imaginária de quatro ou cinco cidadãos. Gradualmente essa comunidade cresce; a divisão de trabalho se estende para nações; importações necessitam de exportações; um meio de troca é requerido, e varejistas se sentam no lugar de mercado para salvar o tempo dos produtores. Esses são os passos pelos quais Platão constrói o primeiro ou primitivo Estado, introduzindo os elementos de economia política pelo caminho. Como ele está indo para moldar um segundo no Estado civilizado, a simples naturalidade vem antes do complexo. Ele favorece, como Rousseau, num quadro de vida primitiva – uma ideia a qual tem certamente muitas vezes tinha uma poderosa influência na imaginação do gênero humano, mas ele não significa seriamente para dizer que um é melhor que o outro (Politicus); nem pode qualquer inferência ser puxada fora da descrição do primeiro estado tomado separado do segundo, tal como Aristóteles apareceu para puxar na Política. Nós não devemos interpretar um dialogo Platônico qualquer mais que um poema ou uma parábola em tão literal ou questão de fato um estilo. Na outra mão, quando nós comparamos as fantasias vivas de Platão com as abstrações medo para cima de modernos tratados na filosofia, nós somos compelidos para dizer que Protágoras, que o ‘mito é mais interessante’ (Protag.)

Várias considerações interessantes as quais nos tempos modernos terão um lugar no tratado em Economia Política se espalha as escrituras de Platão para cima e para baixo: especialmente as Leis, População; Livre negócio; Adulteração; Vontades e legados; Começando Eryxias, (embora não de Platão), Valor e Demanda; República, Divisão de trabalho. O último assunto, e também a origem do comércio de varejo, é tratado com admirável lucidez no segundo livro da República. Mas Platão nunca combinou suas ideias econômicas dentro de um sistema, e nunca parece ter reconhecido que negócios é um dos grandes poderes de motivo do Estado e do mundo. Ele fará comércio de varejo unicamente pelo tipo inferior de cidadãos (Rep., leis), embora ele considera, quantitativamente o bastante (Leis), que ‘se apenas os melhores homens e as melhores mulheres em todos lugares foram

compelidas a manter tavernas por um tempo ou para levar no comércio de varejo, etc., Então nós devemos conhecer quão prazerosa e agradável todas essas coisas são.’ O desapontamento de Glauco na ‘cidade de porcos,’ a absurda descrição dos ministros de luxúria no mais refinado Estado, e a reflexão tardia da necessidade de doutores, a ilustração da natureza dos guardiões levados do cachorro, a conveniência de oferecer alguma vítima quase não procurável quando mistérios impuros estão para ser celebrados, o comportamento de Zeus a seu pai e de Hippias para sua mãe, são tochas de humor as quais também tem um sério significado. Na fala da educação Platão assusta bastante nós por afirmar que uma criança deve ser treinada na falsidade primeira e na verdade depois. Isso ainda não é muito diferente de dizer que crianças devem ser ensinadas através do meio de imaginação assim como razão; que suas mentes podem apenas desenvolver gradualmente, que há muito o qual elas devem aprender sem entender. Isso é também a substância do ponto de vista de Platão, embora ele deve ser reconhecer ter puxado a linha de algo diferentemente dos modernos escritores éticos, a respeito da verdade e falsidade. Para nós, economias ou acomodações não serão permissíveis a menos que eles forem requeridos pelas faculdades humanas ou necessárias para a comunicação de conhecimento para o simples e ignorante. Nós devemos insistir que a palavra foi inseparada da intenção, e que nós não devemos ser ‘falsamente verdadeiros,’ por exemplo, falar ou agir falsamente no suporte de que foi certo ou verdadeiro. Mas Platão limitaria o uso de ficções apenas por requerer que ele deve ter um bom efeito moral, e que tal uma arma perigosa como a falsidade deve ser empregada pelos legisladores sozinhos e por grandes objetos.

Um grego na época de Platão não prendia importância para a questão se sua religião foi um ato histórico. Ele estava só começando a ser consciente que o passado tinha uma história; mas ele não pode ver nada além de Homero e Hesíodo. Se suas narrativas eram verdadeiras ou falsas não afetaram seriamente a vida política e social de Helas. Os homens apenas começaram a suspeitar que eles eram ficções quando eles reconheceram eles a serem imorais. E então em todas as religiões: a consideração de sua moralidade vem primeiro, depois a verdade dos documentos nos quais eles são gravados, ou dos naturais eventos ou sobrenaturais os quais são ditos deles. Mas nos tempos modernos, e nas nações protestantes talvez mais que nas católicas, nós temos sido tanto inclinados a identificar o histórico com a moral; e alguns tem se recusado a acreditar na religião em tudo, a menos que uma precisão sobre humana fosse discernível em toda parte de um registro. Os fatos de uma antiga ou religiosa história estão entre os mais importantes de todos os fatos; mas eles são frequentemente incertos, e nós apenas aprendemos a verdadeira lição a qual é para ser reunida deles quando nós colocamos nós mesmos sobre eles. Essas reflexões tendem a mostrar que a diferença entre Platão e nós mesmos, embora não desimportante, não é tão grande quanto pode a primeira vista aparecer. Para nós devemos concordar com ele na colocação da moral antes da verdade histórica da religião; e, geralmente, em desconcordância desses erros ou distorções de fato o qual necessariamente ocorre nos cedo estágios de todas as religiões. Nós sabemos também que mudanças nas tradições de uma nação não podem ser feitas em um dia; e são então tolerantes de muitas coisas as quais a ciência e crítica condenam.

Nós notamos no passar que a interpretação alegórica da mitologia, dita para ter sido primeira introduzida tão cedo como o sexto século antes de Cristo por Theagenes de Regium, era bem estabelecido na época de Platão, e aqui, como no Phaedro, embora por uma razão diferente, foi rejeitado por ele. O que anacronismos se de religião ou lei, quando homens tem alcançado outro estágio de civilização, deve ser conseguido livre de pelas ficções está na concordância com experiência universal. Grande é a arte da interpretação; e por um processo natural, o qual quando

uma vez descobriu que era sempre indo adiante, o que pôde não ser alterado era explicado longe. E assim sem qualquer inconsistência palpável ali existia lado por lado duas formas de religião, a tradição herdada ou inventada pelos poetas e a adoração habitual do templo; na outra mão, havia a religião do filósofo, de quem estava morando no céu com ideias, mas não antes de recusar oferecer um galo para Aesculapio, ou para ser dita suas preces ao nascer do sol. Ao comprimento do antagonismo entre a religião popular e filosófica, nunca tão grande entre os gregos como em nossa própria época, desaparecido, e era apenas sentido como a diferença entre a religião do educado e não educado entre nós mesmos. O Zeus de Homero e Hesíodo facilmente passou dentro da ‘mente real’ de Platão (Philebus); o gigante Herácles se tornou o cavaleiro errante e bem feitor do gênero humano. Essas e ainda mais maravilhosas transformações foram prontamente efetuadas pela ingenuidade estoica e neoplatonista nos dois ou três séculos antes e depois de Cristo. As religiões grega e romana foram gradualmente permeadas pelo espírito da filosofia; tendo perdido seus antigos significados, elas eram resolvidas dentro de poesia e moralidade; e provavelmente nunca eram mais puras que ao tempo de seu declínio, quando elas influenciaram sobre o mundo que estava minguando.

Uma concepção singular a qual ocorre em direção ao fim do livro é o deitar na alma; isso está conectado com a doutrina platônica e socrática que ignorância involuntária é pior que voluntária. A mentira na alma é a verdadeira mentira, a corrupção da mais alta verdade, a decepção da mais alta parte da alma, da qual ele que é enganado não tem poder de entregar a ele mesmo. Por exemplo, para representar Deus como falso ou imoral, ou, de acordo com Platão, como iludir homens com as aparências ou como o autor do mal; ou novamente, afirmar com Protágoras que ‘conhecimento é sensação,’ ou que ‘ser é se tornar,’ ou com Trasímaco ‘que pode é certo.’ vão ter sido considerado por Platão como uma mentira desse tipo odioso. A mais inconscientemente da maior inverdade, por exemplo, na linguagem dos Evangelhos (João), ‘ele que era cego’ foi dizer ‘Eu vejo,’ é outro aspecto do estado de mente o qual Platão está descrevendo. A mentira na alma pode ser futuramente comparada com o pecado contra o Espírito Santo (Lucas), permitindo para a diferença entre modos gregos e cristãos de falar. Para isso é suposto a mentira nas palavras, as quais é apenas tal uma decepção como pode ocorrer num jogo ou poema, ou alegoria ou figura de linguagem, ou em qualquer tipo de acomodação, - a qual embora inútil para os deuses pode ser útil para os homens em certos casos. Sócrates está aqui respondendo a questão a qual ele tinha a si mesmo levantado sobre a propriedade de enganar um homem louco; e ele também está contratando a natureza de Deus e o homem. Por Deus é Verdade, mas o gênero humano pode apenas ser verdade aparecendo as vezes ser parcial, ou falso. Reservando para outro lugar as maiores questões de religião ou educação, nós podemos notar futuramente, (1) a aprovação da velha educação tradicional dos gregos; (2) a preparação a qual Platão está fazendo para o ataque em Homero e os poetas; (3) a preparação a qual ele está também fazendo para o uso das economias no Estado; (4) a desprezativa ao mesmo tempo eufemística maneira na qual aqui como abaixo ele alude ao ‘Cronicas Escandalosas’ dos deuses.

LIVRO III. Há outro motivo em purificar religião, a qual é para banir o medo; para nenhum homem pode ser corajoso que é temeroso da morte, ou que acredita nos contos os quais são repetidos pelos poetas concernindo o mundo inferior. Eles devem ser suavemente requeridos para não abuso inferno; eles podem ser lembrados que suas histórias são ambas não verdadeiras e desencorajadoras. Nem deve eles estarem zangados se nós expurgarmos passagens desagradáveis, tais como as palavras depreciativas de Aquiles - ‘eu devo ser bastante um serviçal que regra sobre a morte;’ e os versos os quais dizem de mansões esquálidas, as sombras sem sentido, a alma voando enlutada sobre perder força e juventude, a alma com um algaravie indo em baixo da terra como fumaça, ou as almas dos pretendentes os quais tremulam sobre tais morcegos. Os terrores e horrores de Cócitos e Styx, fantasmas e sombras fracas, e o resto de sua nomenclatura Tartariana, deve desaparecer. Tais contos podem ter seu uso; mas eles não são o alimento próprio para soldados. Tão pequeno como nós podemos admitir as tristezas e simpatias de heróis homéricos: - Aquiles, o filho de Thetis, em lágrimas, lançando cinzas em sua cabeça, ou andando de um lado para o outro e

abaixo da costa do mar em distração; ou Priam, o primo dos deuses, chorando em voz alta, rolando no lodo. Um homem bom não é prostrado a perda de crianças ou fortuna. Nem é morte terrível para ele; e então lamentações sobre a cabeça não deve ser praticada por homens de nota; eles devem estar no concerne de pessoas inferiores apenas; ou mulheres ou homens. Ainda pior é a atribuição de tal fraqueza para os deuses; como quando as deusas dizem, ‘Ai! Meu trabalho de parto!’ e pior de tudo, quando o rei do céu ele mesmo lamenta sua inabilidade para salvar Hector, ou tristezas sobre a destruição iminente de seu querido Sarpedon. Tal um caráter de Deus, se não ridicularizado por nossos homens jovens, é semelhantemente para ser imitado por eles. Nem devem ser nossos cidadãos serem dados para excesso de risada - ‘tais violentos deleites’ são seguidos por uma reação violenta. A descrição no Ilíada dos deuses tremendo seus lados no desajeitamento de Hefesto não será admitido para nós. ‘Certamente não.’

A verdade deve ter um alto lugar entre as virtudes, para falsidade, como nós estávamos dizendo, é inútil para os deuses, e apenas útil para os homens como uma medicina. Mas esse emprego de falsidade deve permanecer um privilégio de estado; o homem comum não deve em retorno dizer uma mentira para o legislador; qualquer mais que o paciente ia dizer uma mentira para seu físico, ou o marinheiro para seu capitão.

No próximo lugar nossa juventude deve ser temperada, e temperança consiste em autocontrole e obediência a autoridade. Essa é uma lição a qual Homer ensina em alguns lugares: “O Achaeans marchado em coragem vivente, no silencioso temor de seus líderes;” - mas um muito diferente um em outros lugares: ‘O pesado com vinho, que tens os olhos de um cachorro, mas o coração de um veado.’ Linguagem do gênero mais tardio não impressionará autocontrole nas mentes de juventude. O mesmo pode ser dito sobre seus prazeres de comer e beber e seu medo de fome; também sobre os versos os quais ele diz dos amores arrebatadores de Zeus e Here, ou de como Hefesto uma vez deteve Ares e Afrodite em uma rede em uma semelhante ocasião. Há uma nobre tensão ouvida nas palavras: - ‘Suporte, minha alma, tu tens suportado pior.’ Nem devemos nós permitir a nossos cidadãos para receber subornos, ou para dizer, ‘Presentes persuadem os deuses, presentes reverenciam os reis;’ ou para aplaudir o conselho ignóbil de Fênix de Aquiles que ele deve conseguir dinheiro por fora dos gregos antes dele assistido eles; ou a maldade do próprio Aquiles em dar presentes de Agamemnon; ou seu requerer em levar presentes o corpo de Hector; ou seu amaldiçoando de Apolo; ou sua dedicação para o morto Patroclus de seu próprio cabelo o qual tem sido já dedicado ao outro rio deus Spercheius; ou sua crueldade em arrastar o corpo de Hector em volta das paredes, e matando os cativos na pira: tal uma combinação de maldade e crueldade na pupila de Cheiron é inconcebível. As façanhas amatórias de Peirithous e Theseus são igualmente sem valor. Ou esses assim chamados filhos dos deuses não eram os filhos dos deuses, ou eles eram não como os poetas imaginam eles, qualquer mais que os deuses eles mesmos são os autores do mal. A juventude que acredita que tais coisas são feitas por esses que tem o sangue do céu fluindo em suas veias serão tão preparados para imitar seu exemplo.

Bastante dos deuses e heróis; - o que nós devemos dizer sobre os homens? O que os poetas e contadores de história dizem – que o mal prospera e os justos são afligidos, ou que justiça é o ganho de outro? Tais deturpações não podem se permitidas por nós. Mas nisso nós estamos antecipando a definição de justiça, e tem então melhor deferir a investigação.

Os assuntos de poesia, tem sido suficientemente tratada; o próximo segue estilo. Agora toda poesia é uma narrativa de eventos passados, presentes, ou que virão; e narrativa é dos três tipos, o simples, o imitativo, e a composição dos dois. Uma instância fará meu sentido claro. A primeira cena em Homero é a última ou tipo misturado, sendo parcialmente descrição e parcialmente diálogo. Mas se você joga o diálogo dentro de ‘oração oblíqua,’ a passagem correrá assim: O sacerdote vem e rezado Apolo que o Achaeans pode levar Troy e ter um retorno seguro se Agamemnon vai ter dado a ele de volta sua filha; e os outros gregos consentiram, mas Agamemnon estava irado, e assim por diante – o todo então se tornou descritivo, e o poeta é o apenas falante deixado; ou, se você omitir a narrativa, o todo se torna diálogo. Há os três estilos – os quais deles é para ser admitido dentro de

nosso Estado? ‘Você pergunta se tragédia e comédia estão para ser admitidos?’ Sim, mas também algo mais – Não é duvidoso se nossos guardiães estão para ser imitadores em tudo? Ou bastante, não tem a questão sido já respondida, por nós temos decidido que um homem não pode em sua vida jogar muitas partes, qualquer mais que ele pode ato ambos tragédia e comédia, ou ser o rapsodista e ator de uma vez? A natureza humana é cunhada dentro de peças muito pequenas, e como nossos guardiães já tem seus próprios negócios, o qual é o cuidado de liberdade, eles terão bastante para fazer sem imitar. Se eles imitam eles devem imitar, não qualquer maldade ou baixeza, mas o bem somente; para a máscara a qual o ator veste no ato para se tornar sua face. Nós não podemos permitir homens para jogar as peças teatrais das mulheres, brigando, chorando, ralhando, ou ostentando contra os deuses, - menos de tudo ao fazer amor ou em labute. Eles não devem representar escravos, ou prédios, ou covardes, bêbados, ou loucos, ou ferreiros, ou cavalos relinchando, ou touros berrando, ou soando rios, ou um mar enfurecido. Um bom ou sábio homem legará para executar boas e sábias ações, mas ele estará envergonhado para jogar uma parte inferior a qual ele nunca tinha praticado; e ele preferirá empregar o estilo descritivo com uma pequena imitação como possível. O homem que tem autorrespeito, ao contrário, imitará qualquer pessoa e qualquer coisa; sons da natureza e choros de animais semelhante; toda sua performance será imitação de gesto e voz. Agora no estilo descritivo há poucas mudanças, mas na dramática há uns grandes tantos. Poetas e músicos usam ou, ou uma composição de ambos, e essa composição é muito atrativa para juventude e seus professores assim como para o vulgar. Mas nosso Estado no qual um homem joga uma parte apenas não é adaptado para complexidade. E quando um desses cavalheiros polifônicos pantomímicos oferece para exhibir a si mesmo e sua poesia nós mostraremos a ele toda a observância de respeito, mas, ao mesmo tempo, dizer a ele que não há sala para seu tipo de Estado; nós preferimos o áspero, poeta honesto, e não vamos partir de nossos modelos originais (Leis).

Próximo como para a música. Uma canção ou hino tem três partes, - o assunto, a harmonia, e o ritmo; dos quais os dois últimos são dependentes sobre o primeiro. Como nós banimos tensões de lamentação, assim nós podemos agora banir as harmonias Lídias mistas, as quais são as harmonias da lamentação; e como nossos cidadãos estão para ser temperados, nós podemos também banir harmonias conviviais, tais como a jônica e a pura lídia. Dois permanecem – o Dórico e o Frígio, o primeiro para guerra, o segundo para paz; o um expressivo de coragem, o outro de obediência ou instrução ou sentimento religioso. E como nós rejeitamos variedades de harmonia, nós também devemos rejeitar as muitas cordas, variadas formas dos instrumentos os quais dão expressão vocal para eles, e em particular a flauta, a qual é mais complexa que qualquer um deles. A lira e a harpa podem ser permitidos na cidade, e a flauta de Pan nos campos. Assim nós temos feito uma purgação da música, e fará agora uma purgação de metros. Esses devem ser como as harmonias, simples e satisfatório para a ocasião. Há quatro notas do tetracorde, e há três razões de metro, $3/2$, $2/2$, $2/1$, a qual tem todas as suas características assim como os ritmos. Mas sobre isso você e eu devemos perguntar Damon, o grande músico, que fala, se eu lembro certamente, de uma medida marcial assim como ritmos dactílico, trocaico e iâmbico, os quais ele arranja assim como equalizar as sílabas com um outro, nomeando para cada da quantidade própria. Nós apenas aventuramos a afirmar o princípio geral que o estilo está para conforme ao assunto e a métrica ao estilo; e que a simplicidade e harmonia da alma deve ser refletida neles todos. Esse princípio de simplicidade tem de ser aprendido por qualquer um nos dias de juventude, e pode ser reunido em qualquer lugar, das artes criativas e construtivas, assim como das formas de plantas e animais.

Outros artistas também como poetas devem estar alertas contra maldade ou unseemliness. Escultura e pintura igualmente com música devem conforme a lei de simplicidade. Ele quem viola isso não pode ser permitido trabalhar em nossa cidade, e para corromper o gosto de nossos cidadãos. Para nossos guardiões devem crescer, não entre imagens de deformidade as quais vão gradualmente envenenar e corromper suas almas, mas em uma terra de saúde e beleza onde eles beberão no de todo objeto doce e influências harmoniosas. E de todas essas influências a maior é a

educação dada pela música, a qual encontra um caminho dentro da íntima alma e dá para seu sentido de beleza e de deformidade. No primeiro o efeito é inconsciente; mas quando a reação chega, então ele que tem sido assim treinado acolhe ela como a amiga de quem ele sempre conheceu. Como no aprendizado de ler, primeiro nós adquirimos os elementos de cartas separadamente, e depois suas combinações, e não podem reconhecer reflexões deles até que nós devemos primeiro atingir os elementos ou formas essenciais das virtudes, e então traçar suas combinações na vida e experiência. Há uma música da alma a qual responde para a harmonia do mundo; e o objeto mais justo de uma alma musical é a mente justa no corpo justo. Algum defeito no depois pode ser desculpado, mas não no anterior. Verdadeiro amor é a filha da temperança, e temperança é totalmente oposta a loucura de prazer corporal. Bastante tem sido dito de música, a qual faz um justo final com amor.

Depois nós passamos adianta para ginástica; sobre a qual eu vou considerar, que a alma é relacionada ao corpo como a causa para um efeito, e então se nós educamos a mente nós podemos deixar a educação do corpo em sua carga, e necessitamos apenas dar um esboço geral do curso para ser procurado. No primeiro lugar os guardiões devem abster de bebida forte, para eles devem ser as últimas pessoas a perder suas inteligências. Se os hábitos da palestra são satisfatórios para eles é mais duvidoso, ou a ginástica ordinária é um tipo adormecente de coisa, e se deixamos fora de repente é apto para arriscar saúde. Mas nosso guerreiro atleta deve ser cachorros largo desperte, e devem também ser acostumados para todas as mudanças de alimentos e clima. Consequentemente eles vão requerer um tipo mais simples de ginástica, consanguíneo para sua simples música; e para sua dieta uma regra pode ser encontrada em Homero, que alimenta seus heróis na carne assada apenas, e dá a eles sem peixe embora eles estejam vivendo a beira mar, nem carnes fervidas as quais envolvem um aparato de potes e panelas; e, se eu não estou enganado, ele em nenhuma parte menciona molhos doces. Arte culinária Siciliana e confecções de Sótão e cortesãs Coríntios, as quais estão para ginástica que Lídia e Jônica melodias são para a música, devem ser proibidas. Onde glotonaria e intemperança permanecem prevalece a cidade rapidamente cheia com doutores e defensores, e lei e medicina dão eles mesmos ares tão logo como os homens livres de um Estado tomam um interesse neles. Mas o que pode mostrar um mais desgraçado estado de educação que para ter para ir no estrangeiro para justiça porque você tem nada de si próprio em casa? E ainda ali É um estágio pior da mesma doença – quando homens têm aprendido tomar um prazer e orgulho nas torções e voltas da lei; não considerando quanto melhor isso vai ser para eles assim para ordenar suas vidas como para não ter precisado de uma acenar com a cabeça justiça. E há uma como desgraça em empregar um físico, não para a cura de dores ou desordens epidêmicas, mas porque um homem tem por preguiça e luxúria contraído doenças as quais são desconhecidas nos dias de Asclepius. Quão simples é a prática Homérica de Medicina. Eurífilo depois que ele tinha sido bebidas feridas um posset de vinho Pramniiano, o qual é de uma natureza aquecendo; e ainda os filhos de Asclepius culpam nem a donzela que dá a ele a bebida, nem Patroclus que está atendendo nele. A verdade é que esse sistema moderno de doenças alimentando foi introduzida por Heródico o treinador; que, sendo de uma constituição doentia, por uma composição de treinamento e medicina torturada primeiro ele mesmo e então umas boas tantas outras pessoas, e viviam uma grande transação mais longa que ele tinha qualquer direito. Mas Asclepius não praticaria essa arte, porque ele soube que os cidadãos de um Estado bem-ordenado não têm lazer por estar doentes, e então ele adotou o método ‘matar ou curar’, o qual artesãos e trabalhadores empregam. “Eles devem estar em seus negócios,” eles dizem, ‘e não tem tempo para mimar: se eles recuperam, bem; se eles não, há um final deles.’ Considerando que o homem rico é suposto ser um cavalheiro que pode dispor para estar doente. Você sabe uma máxima de Phocílides – que ‘quando um homem começa a se tornar rico’ (ou, talvez, um pouco mais cedo) ‘ele deve praticar virtude’? Mas como pode excessivo cuidado de saúde ser inconsistente com uma ordinária ocupação, e ainda consistente com essa prática de virtude a qual Phocílides inculca? Quando um estudante imagina que filosofia dá a ele uma dor de cabeça, ele nunca faz nada: ele é sempre indisposto. Essa foi a razão a qual Asclepius e seus filhos

praticaram sem tal arte. Eles estavam atuando no interesse do público, e não desejaram preservar vidas sem uso, ou levantar uma descendência fraca para antepassados miseráveis. Doenças honestas eles honestamente curaram: e se um homem foi ferido, eles aplicaram os remédios adequados, e então o deixaram comer e beber o que ele gostava. Mas eles recusaram tratar intemperados e inúteis assuntos, até embora eles possam ter tido feito grandes fortunas fora deles. Como a história de Píndaro, que Asclepius foi morto por um raio para restauração de um homem rico para vida, que é uma mentira – seguindo nossa velha regra nós devemos dizer ou que ele não tomou subornos, ou que ele não era o filho de um deus.

Glauco então pergunta a Sócrates se os melhores físicos e os melhores juízes não serão esses que tem tido severamente a maior experiência de doenças e de crimes. Sócrates puxa uma distinção entre as duas profissões. O físico deve ter tido experiência de doença em seu próprio corpo, para as curas com sua mente e não com seu corpo. Mas o juiz controla a mente por mente; e então sua mente não deve ser corrompida pelo crime. Onde então está ele para ganhar experiência? Como é ele para ser sábio e também inocente? Quando jovem um bom homem é apto a ser enganado por maus fazedores, porque ele não tem padrão de mal nele mesmo; e então o juiz deve ser de uma certa idade; sua juventude deve ter sido inocente, e ele deve ter adquirido perspicácia dentro do mal não pela prática disso, mas pela observação disso nos outros. Esse é o ideal de um juiz; o criminal tornou-se detetive é maravilhosamente suspeito, mas quando em companhia com homens bons que tenham experiência, ele está em culpa, por ele tolamente imaginar que qualquer um é tão mal quanto ele mesmo. Vício pode ser conhecido da virtude, mas não pode conhecer virtude. Esse é o tipo de medicina e isso o tipo de lei a qual prevalecerá no nosso Estado; eles curarão artes para melhores naturezas; mas o corpo mal vai ser deixado morrer por um, e a alma má deve ser posta para morte pelo outro. E a necessidade de ou vai ser dada a harmonia para a alma, e boa ginástica a qual dará saúde para o corpo. Não que essa divisão de música e ginástica realmente corresponde a alma e corpo; por elas são ambas igualmente concernidas com a alma, a qual é domesticada pôr a uma e despertado e sustentado por outra. Os dois juntos suprem nossos guardiões com sua natureza duplamente. A disposição apaixonada quando ela tem tanta ginástica é endurecida e brutalizada, o temperamento suave ou filosófico o qual têm tanta música se torna enervado. Enquanto um homem está permitindo música para pobre como água através do funil de seus ouvidos, a extremidade de sua alma gradualmente usa fora, e o elemento apaixonado ou vivo é derretido fora dele. Tão pequeno espírito é facilmente esvaziado; tanto rapidamente passa dentro de nervosa irritabilidade.

Assim, de novo, o atleta por alimentando e treinando tem sua coragem dobrada, mas ele logo cresce estúpido; ele é como uma besta selvagem, pronta para fazer tudo por sopros e nada por deliberação ou política. Há dois princípios no homem, razão e paixão, e para esses, não para a alma e corpo, as duas artes de música e ginástica correspondem. Ele que entrosa eles no harmonioso acordo é o verdadeiro músico, - ele deve ser o gênio presidindo de nosso Estado.

A próxima questão é, quem estão para ser nossos legisladores? Primeiro, o mais velho deve reger o mais jovem; e o melhor dos mais velhos serão os melhores guardiões. Agora eles serão os melhores que amam seus assuntos mais, e pensa que eles tem um interesse comum com eles no bem-estar do estado. Esses nós devemos selecionar; mas eles devem ser assistidos em toda época de vida para ver se eles têm retido as mesmas opiniões e oferecido contraforça e encanto. Para tempo e persuasão e o amor de prazer pode encantar um homem dentro de uma mudança de propósito, e a força de aflição e dor pode compeli-lo. E então nossos guardiões devem ser homens que tem sido tentados por muitos testes, como ouro no fogo do refinador, e tem sido passado primeiro através do perigo, então através do prazer, e em toda época ter vindo fora de tais tentativas vitoriosas e sem mancha, no comando cheio de eles mesmos e seus princípios; tendo todas as suas faculdades em exercício harmonioso para o bem de sua nação. Esses devem receber as mais altas honras ambos em vida e morte. (Isso vai talvez ser melhor para confinar o termo ‘guardiões’ para essa classe seleta: o jovem homem pode ser chamado ‘auxiliares.’) E agora para uma magnífica mentira, na crença da qual, Oh que nós podemos treinar nossas regras!

- em qualquer taxa deixe-nos fazer a tentativa com o resto do mundo. O que estou indo dizer é apenas outra versão da lenda de Cadmus; mas nossa geração incrédula será lenta para aceitar tal uma história. O conto deve ser dado, primeiro para os legisladores, então para os soldados, por último para as pessoas. Nós informaremos a eles que sua juventude foi um sonho, e que durante o tempo quando eles pareciam sofrer sua educação eles estavam realmente sendo formados na terra, que os

enviou acima quando eles estavam prontos; e que eles deviam proteger e apreciar ela de quem crianças elas são, e considerar cada um como irmãos e irmãs. ‘Eu não maravilho em você sendo envergonhado para propor tal uma ficção.’ Há mais por trás. Esses irmãos e irmãs têm diferentes naturezas, e alguns deles Deus moldou para reger, de quem ele formou do ouro; outros ele fez de prata, para serem auxiliares; outros de novo para serem lavradores e artesãos, e esses eram formados por ele de bronze e ferro. Ma como eles estão todos pulados de uma ação ordinária, um pai dourado pode ter um filho prateado, ou um pai prateado um filho dourado, e então ali deve ser uma mudança de rank; o filho do rico deve descer, e o filho do artesão levantar, na escala social; por um oráculo diz ‘que o Estado virá para um fim se governado por um homem de bronze ou ouro.’ Vão nossos cidadãos sempre acreditar em tudo isso? ‘Não na presente geração, mas na próxima, talvez, Sim.’

Agora deixe os homens nascidos na terra ir adiante sob o comando de seus legisladores, e olhar sobre e lançar seu campo em um lugar alto, o qual vai ser seguro contra inimigos de sem, e igualmente contra insurreições de dentro. Ele deixe eles sacrificar e montar suas tendas; para soldados eles estão para ser e não lojistas, os cães de guarda e guardiões de ovelha; e luxúria e avareza vão tornar eles dentro de lobos e tiranos. Seus hábitos e suas habitações devem corresponder a sua educação. Eles devem não ter propriedade; seu pagamento deve apenas encontrar suas despesas; e eles devem ter refeições comuns. Ouro e prata nós diremos eles que eles tem de Deus, e esse presente divino em suas almas eles não devem ligar com essa escória terrestre a qual passa sob o nome de ouro. Eles apenas dos cidadãos não podem tocá-lo, ou estar sob o mesmo telhado com isso, ou beber disso; é a coisa amaldiçoada. Devem eles sempre adquirir casas ou terras ou dinheiro de si próprio, eles se tornarão donos de casa e negociantes em vez de guardiões, inimigos e tiranos em vez de auxiliares, e a hora da ruína, ambos para eles mesmos e o resto do Estado, estarão em mão.

O aspecto religioso e ético da educação de Platão vai daqui por diante ser considerada sob uma cabeça separada. Alguns pontos menores podem ser mais convenientemente noticiado nesse espaço.

1. O constante apelo para a autoridade de Homero, de quem, com grave ironia, Platão, depois da maneira de sua época, convoca como uma testemunha sobre ética e psicologia, assim como sobre dieta e medicina; tentando distinguir a melhor lição da pior, as vezes alterando o texto de desígnio, mais que uma vez citando ou aludindo para Homero imprecisamente, depois da maneira dos cedo logográficos virando o Íliade dentro de prosa, e se encantando para desenhar inferências forçadas de suas palavras, ou para fazer aplicações absurdas deles. Ele não é, como Heracleitus, obter dentro de uma fúria com Homero e Archilochus (Heracl.), mas usa suas palavras e expressões como veículos de uma mais alta verdade; não num sistema como Theagenes de Rhegium ou Metrodorus, ou em tempos mais tardios o Estóico, mas como fantasia pode ordem. E a conclusão puxada deles são som, embora as premissas são fictícias. Esse apelo fantástico para Homero adiciona um charme para o estilo de Platão, e ao mesmo tempo eles tem o efeito de uma sátira nas tolices da interpretação Homérica. Para nós (e provavelmente para ele mesmo), embora eles tomem a forma de argumentos, eles são realmente figuras de fala. Eles podem ser comparados com citações modernas da Escritura, a qual tem muitas vezes um grande poder retórico até quando os sentidos originais das palavras é inteiramente perdido de vista de. O real, como o Platônico Sócrates, como nós reunimos do Memorabilia de Xenophon, foi aficionado de fazer semelhantes adaptações. Grande em todas as épocas e nações, na religião assim como na lei e literatura, tem sido a arte da interpretação.

2. “O estilo está para conforme ao assunto e a métrica para o estilo.” Todavia a fascinação com a palavra ‘clássico’ exerce sobre nós, nós podemos duramente manter que essa regra é observada em toda poesia grega a qual tem vindo descer até nós. Nós não podemos negar que o pensamento muitas vezes excede o poder de expressão lúcida em Aeschilus e Píndaro; ou essa retórica com segue o melhor do pensamento no poeta Sofístico Eurípedes. Somente talvez em Sófocles está ali uma perfeita harmonia dos dois; nele sozinho nós encontramos uma graça de linguagem como a beleza de uma estátua grega, na qual há nada para adicionar ou tirar; ao menos isso é verdade de jogos únicos ou de grandes porções deles. A conexão nos Coros Trágicos e os poetas gregos líricos não é não frequentemente uma linha enroscada a qual numa época antes da lógica do poeta era incapaz para desenhar fora. Muitos pensamentos e sentimentos entrosaram na sua mente, e ele não tinha poder de desimpedir ou organizar eles. Para há uma sutil influência de lógica a qual requer ser transferida de prosa para poesia, justo como a música e perfeição de linguagem são infundidas por poesia dentro de prosa. Em todas as épocas o poeta tem sido um mal juiz de seu próprio sentido (Apol.); para ele não faz ver que o mundo o qual é cheio de associações para sua própria mente é difícil e sem sentido para que de outro; ou que a sequência a qual é clara para ele mesmo está confundindo para outros. Há tantas passagens em alguns de nossos maiores poetas modernos os quais são tão longe obscuros; no qual não há proporção entre estilo e assunto, no qual qualquer figura meio expressada, qualquer construção severa, qualquer colocação distorcida de palavras, qualquer sequência remota de ideias é admitida; e não há voz ‘vindo docemente a natureza,’ ou música adicionando a expressão de sentimento para pensamento. Como se ali podia ser poesia sem beleza, ou beleza sem facilidade e clareza. As obscuridades de poetas gregos cedo surgem necessariamente fora do estado de linguagem e lógica a qual existiu em sua época. Eles não são exemplos para ser seguidos por nós; para o uso da linguagem deve em toda geração para se tornar mais claro e mais claro. Como Shakespeare, eles eram grandes em despeito, não em consequência, ou suas imperfeições de expressões. Mas não há razão para retornar para a obscuridade necessária a qual prevalece na infância da literatura. Os poetas ingleses do último século foram certamente não obscuros; e nós não temos que desculpar por perder o que eles tinham ganhado, ou para ir de volta para o mais cedo ou época transicional a qual precedeu eles. O pensamento de nossos próprios tempos não tem fora tirado linguagem; um querer da ‘arte de medir’ de Platão é a regra causa da desproporção entre eles.

3. No terceiro livro da República uma aproximação mais próxima é feita para a teoria da arte que em qualquer outro lugar em Platão. Suas visões podem ser resumidas como segue: - Verdadeira arte não é fantástica e imitativa, mas simples e ideal, - a expressão da mais alta energia moral, ou em ação ou resposta. Para viver entre trabalhos de arte plástica o qual são de seu nobre e simples caráter, ou para ouvir para tais tensões, é a melhor das influências, - a verdadeira atmosfera grega, na qual juventude deve ser exposta. Que é o caminho para criar neles um gosto bom natural, o qual vai ter um sentimento de verdade e beleza em todas as coisas. Por pensar os poetas estão para ser expelidos, ainda arte é reconhecida como outro aspecto de razão – como amor no Simpósio, estendendo sobre a mesma esfera, mas confinada para a educação preliminar, e agindo através do poder do hábito; e sua concepção de arte não é limitada para tensões de música e as formas de arte plástica, mas prevalece toda natureza e tem uma sábia família no mundo. A República de Platão, como o Atenas de Péricles, tem um lado artístico assim como político.

Há dificilmente qualquer menção em Platão das artes criativas; apenas nas duas ou três passagens faz ele até mesmo aludir a elas (Rep.; Sof.). Ele não está perdido em êxtase aos grandes trabalhos de Fidias, o Partenon, o Propílea, a estátua de Zeus ou Atenas. Ele vai provavelmente ter considerado qualquer verdade abstrata do número ou figura tão alto quanto o maior deles. Ainda é difícil supor que alguma influência, tal como ele espera inspirar na juventude, não passa dentro de sua própria mente dos trabalhos os quais ele viu em volta dele. Nós estamos vivendo sobre os fragmentos deles, e encontramos em umas poucas pedras quebradas o padrão de verdade e beleza. Mas em Platão esse sentimento não tem expressão; ele em lugar nenhum diz que beleza é o objeto de arte; ele parece

negar essa sabedoria pode levar uma forma externa (Phaedrus); ele não distingue a fina das artes mecânicas. Se ou não, como alguns escritores, ele sente mais que ele expressou, isso está em qualquer taxa considerável que a maior perfeição das finas artes devem coincidir com uma quase um inteiro silêncio sobre eles. Em uma passagem muito batida ele diz a nós que um trabalho de arte, como o Estado, é um todo; e sua concepção de um todo e o amor da recém-nascida ciências matemáticas podem ser considerada, se não como a inspiração, em qualquer gama como os princípios regulando das artes gregas (Xen. Mem.; e Sofista).

Platão faz a verdadeira e sutil observação que o físico tem melhor não estar em saúde robusta; e deve ter conhecido que enfermidade está em sua própria pessoa. Mas o juiz deve ter tido sem semelhante experiência do mal; ele está para ser um bom homem que, tendo passado sua juventude na inocência, se torna familiarizado tarde na vida com os vícios dos outros. E então, de acordo com Platão, um juiz não deve ser jovem, apenas como um jovem homem de acordo com Aristóteles não é ajustado para ser um ouvinte de filosofia moral. O mal, na outra mão, tem um conhecimento de vício, mas sem conhecimento de virtude. Isso pode ser duvidado, contudo, se esse trem de reflexão é bem fundado. Em uma passagem notável das Leis isso é reconhecido que o mal pode formar uma correta estimativa do bem. A união de bondade e coragem no Livro ii. Em primeiro pareceu ser um paradoxo, ainda foi depois averiguado para ser uma verdade. E Platão pôde também ter encontrado que a instituição do mal pode ser consistente com a aversão disso. Há uma direitura de alvo na virtude a qual dá um perspicácia dentro do vício. E o conhecimento de caráter está em algum grau um natural sentido independente de qualquer experiência especial de bem ou mal.

5. Uma das mais consideráveis concepções de Platão, porque não-grego é também muito diferente de qualquer coisa a qual existiu em toda sua época do mundo, é a transposição de graus. No estado espartano ali tinha sido libertação de Helots e degradação dos cidadãos sob circunstâncias especiais. E nas antigas democracias gregas, mérito era certamente reconhecido como um dos elementos no qual governo era baseado. Os fundadores dos estados eram supostos ser seus benfeitores, que eram levantados por suas grandes ações sob o nível ordinário de humanidade; em um período posterior, os serviços dos guerreiros e legisladores eram segurados para intitular eles e seus descendentes para os privilégios da cidadania e para o primeiro grau no estado. E embora a existências de uma aristocracia ideal é esguia provada dos restos da história grega cedo, e nós temos uma dificuldade em designar tal um caráter, contudo a ideia pode ser definida, para qualquer atual estado Helênico – ou certamente para qualquer estado o qual tem sempre existido no mundo – ainda a regra do melhor foi certamente a aspiração dos filósofos, quem provavelmente acomodou uma boa transação de suas visões de história primitiva para suas próprias noções de bom governo. Platão mais futuramente insiste em aplicar para os guardiões de seu estado uma série de testes pela qual todas essas que sentem curto de um padrão fixado era ou removido de seu corpo governando, ou não admitido para isso; e essa disciplina ‘acadêmica’ faz para uma certa extensão prevalecer nos estados gregos, especialmente em Esparta. Ele também indica que o sistema de castelo, o qual existiu em uma grande parte da antiguidade, e está por não significar extinto no mundo europeu moderno, deve ser fixe aparte do tempo a tempo em favor do mérito. Ele está atento como profundamente a maior parte do gênero humano reenvia qualquer interferência com a ordem da sociedade, e então ele propõe sua ideia moderna na forma de que ele mesmo chama uma ‘ficção monstruosa.’ (Compare a cerimônia de preparação para as duas grandes ondas’ Livro v.) Dois princípios são indicados por ele: primeiro, que há uma distinção de graus dependente nas circunstâncias antes para as individuais; segundo, que a distinção é e deve ser quebrada através de qualidades pessoais. Ele adapta mitologia como os poemas Homéricos para os quereres do estado, fazendo ‘o conto Phoenician’ o veículo de suas ideias. Todo estado grego tem um mito a respeito de sua própria origem: a República Platônica pode também ter um conto de homens nascidos na terra. A gravidade e verossimilhança com a qual o conto é dito, e a analogia da tradição grega, são uma verificação suficiente de ‘monstruosa falsidade.’ Antiga poesia tem dito de um ouro e prata e bronze e ferro sucedendo um ao outro, mas Platão supõe essas diferenças nas naturezas dos homens para existir

junto em um único estado. Mitologia supre uma figura sob a qual a lição pode ser dita (como Protágoras diz, ‘o mito é mais interessante’), e também habilita Platão a tocar levemente nos novos princípios sem ir dentro de detalhes. Nessa passagem ele sombreia adiante uma verdade geral, mas ele não diz a nós por quais passos a transposição dos graus está para ser efetuada. Certamente ao longo da República ele permite os mais baixos graus para enfraquecer dentro da distância. Nós não sabemos se eles estão para carregar braços, e se no quinto livro eles estão ou não estão incluídos nas regulações comunísticas a respeito e propriedade e casamento. Nem é ali qualquer udo em argumentando estritamente se de algumas poucas palavras de chance, ou do silêncio de Platão, ou em puxar inferências as quais estavam além de sua visão. Aristóteles, em seu criticismo na posição das classes baixas, não fez perceber que a criação poética é ‘como o ar, invulnerável,’ e não pode ser penetrada pelos cabos de sua lógica (Pol.).

6. Dois paradoxos os quais batem o moderno leitor como no mais alto grau fantástico e ideal, e o qual sugere para ele muitas reflexões, estão para ser encontrados no terceiro livro da República: primeiro, o grande poder da música, tanto além de qualquer influência a qual é experimentada por nós em tempos modernos, quando a arte ou ciência tem sido longe mais desenvolvida, e tem encontrado o segredo da harmonia, assim como da melodia; em segundo, o indefinido e quase absoluto controle o qual a alma é suposta para exercitar sobre o corpo.

No primeiro nós suspeitamos algum grau de exagero, tal como nós podemos também observar entre certos mestres de arte, não desconhecidos para nós, no presente dia. Com seu natural entusiasmo, o qual nós sentimos por uns poucos apenas, ali parece entrosar em Platão um tipo de reverência Pitagórica para números e proporções numéricas para as quais Aristóteles é um estranho. Intervalos de som e número são para ele coisas sagradas as quais têm uma lei para seu próprio, não dependente nas variações de sentido. Elas surgem sobre sentido, e se tonam um elo conectando com o mundo de ideias. Mas isso é evidente que Platão está descrevendo o que para ele aparece para ser também um fato. O poder de uma simples e característica melodia na mente impressionável do grego é mais que nós podemos facilmente apreciar. O efeito de ares nacionais podem aguentar alguma comparação com isso. E, além de tudo isso, há uma confusão entre a harmonia das notas musicais e a harmonia da alma e corpo, a qual é tão potencialmente inspirada por eles.

O segundo paradoxo leva acima para algumas questões curiosas e interessantes – quão longe pode a mente controlar o corpo? É a relação entre eles um dos mútuos antagonismos ou da mútua harmonia? São eles dois ou um, e é ou deles a causa do outro? Pode nós não em tempos derrubar a oposição entre eles, e o modo de descrevê-los, o qual é tão familiar para nós, e ainda duramente carrega qualquer significado preciso, e tenta ver essa criatura composta, homem, em uma maneira mais simples? Podemos nós não em qualquer taxa admitir que há na natureza humana um princípio mais alto e mais baixo, dividido por sem linha distinta, a qual em tempos quebra à parte e leva acima braços conta um outro? Ou de novo, eles são reconciliados e se movem juntos, ou inconscientemente no trabalho ordinário da vida, ou conscientemente na perseguição de algum alvo nobre, para ser atingido não sem um esforço, e para o qual qualquer pensamento e nervo são puxados. E então o corpo se torna um bom amigo ou aliado, ou servo ou instrumento da mente. E a mente tem muitas vezes uma maravilhosa e poder quase sobre-humano de banir doença e fraqueza e chamar fora uma força oculta. Razão e os desejos, o intelecto e os sentidos são trazidos dentro de harmonia e obediência assim como para formar um único ser humano. Eles são sempre separando, sempre conhecendo; e a identidade da diversidade de suas tendências ou operações é da maior parte não noticiada por nós. Quando a mente toca o corpo através dos apetites, nós reconhecemos a responsabilidade de um para o outro. Há uma tendência em nós a qual diz ‘Beba.’ Há outra a qual diz, ‘Não beba; isso não é bom para você.’ E nós todos de nós sabemos o qual é o legítimo superior. Nós somos também responsáveis por nossa saúde, embora dentro dessa esfera ali entra alguns elementos de necessidade a qual podem estar além de nosso controle. Ainda mesmo que na gerência de saúde, cuidado e pensamento, continuou sobre muitos anos, pôde fazer nós quase livres agentes,

se nós não fazemos exato tanto de nós mesmos, e se nós reconhecemos que toda liberdade humana é limitada pelas leis da natureza e da mente.

Nós estamos desapontados para encontrar que Platão, na condenação geral a qual ele passa na prática da medicina prevalecendo em seu próprio dia, deprecia os efeitos da dieta. Ele gostaria de ter doenças de um caráter definido e capaz de receber um tratamento definido. Ele é medroso de interferir no validismo com os negócios da vida. Ele não reconhece que tempo é o maior curador ambos das desordens de mental e corporal; e que remédios os quais são graduais e procedidos pouco a pouco são mais seguros que esses que produzem uma repentina catástrofe. Nem faz ele vê que há sem caminho no qual a mente pode mais seguramente influenciar o corpo que pelo controle de comida e bebida; ou qualquer outra ação ou ocasião de vida humana na qual a mais alta liberdade de vontade pode ser mais simples ou verdadeiramente assertadas.

7. Pequenas questões de estilo podem ser consideradas.

1) A afetada ignorância da música, a qual é o meio de Plato de expressar o que ele está passando levemente sobre o assunto.

2) A maneira de tentativa na qual aqui, como no segundo livro, ele procede com a construção do Estado.

3) A descrição do Estado as vezes como uma realidade, e então novamente como um trabalho de imaginação apenas; essas são as artes pelas quais ele sustenta o interesse do leitor.

4) Conectando elos, ou a preparação para a inteira expulsão dos poetas no Livro X.

5) O quadro de companheiro do amante de litigação e a valetudinário, o gracejo satírico sobre o máximo de Phocylides, a maneira na qual a imagem dos cidadãos de ouro e prata é levada acima dentro do assunto, e o argumento da prática de Asclepius, não deve escapar notícia.

LIVRO IV. Adeimantus dizia: “Suponha uma pessoa para argumentar, Sócrates, que você faz seus cidadãos miseráveis, e isso por sua própria livre vontade; eles são os senhores da cidade, e ainda em vez de ter, como outros homens, terras e casas e dinheiro de si próprio, eles vivem como mercenários e estão sempre montando guarda.’ Você pode acrescentar, eu respondo, que eles não recebem pagamento mas apenas seu alimento, e não tem dinheiro para gastar em uma jornada ou uma mestra. ‘Bem, e qual resposta você dá?’ Minha resposta é, que nossos guardiões podem ou não podem ser os mais felizes dos homens, - digo não ser surpreso para achar na longa corrida que eles estavam, - mas isso não é o alvo de nossa constituição, a qual foi designada para o bem do todo e não de nenhum uma parte. Se eu fui para um escultor e culpei ele por ter pintado o olho, a qual é a característica mais nobre da face, não roxo mas preto, ele ia responder: “O olho deve ser um olho, e você deve olhar na estátua como um todo.’ ‘Agora posso bem imaginar um paraíso do tolo, no qual todo mundo está comendo e bebendo, vestido em púrpura e linho fino, e oleiros deitam em sofás e tem sua roda na mão, que eles podem trabalhar um pouco como eles se agradam; e sapateiros e todos as outras classes de um Estado podem obter em sem sapateiros, mas quando os guardiões degeneram dentro companheiros benéficos, então a ruína é completa. Lembre-se que nós não estamos falando de camponeses guardando feriado, mas de um Estado no qual todo homem é esperado para fazer seu próprio trabalho. A felicidade reside não em essa ou aquela classe, mas no Estado como um todo. Tenho outra consideração para fazer: - Uma meia condição é melhor para artesãos; eles devem ter bastante dinheiro para comprar ferramentas, e não o bastante para ser independente de negócios. E não vai a mesma condição ser melhor para nossos cidadãos? Se eles forem pobres, eles serão maus; se ricos, luxuoso e preguiçoso; e em nenhum caso contentado. ‘Mas então como vão nossa pobre cidade ser capaz de ir a guerra contra um inimigo que tem dinheiro?’ Ali pode ser uma dificuldade em lutar contra um inimigo; contra dois ali vai ser nenhum. No primeiro lugar, a competição será carregada adiante pelos guerreiros treinados contra cidadãos prósperos: e não é um atleta regular uma fácil partida para dois robustos oponentes ao menos?

Suponha também, que antes de engajar nós enviamos embaixadores para uma das duas cidades, dizendo, ‘Prata e ouro nós temos não; faz você ajudar-nos e tomar nossa partilha do espólio;’ - quem vai lutar contra a inclinação, cachorros de arame, quando eles podem se juntar com eles em

caçando sobre a ovelha comida? ‘Mas se muitos estados se juntam com seus recursos, devemos nós não estar em perigo?’ Sou divertido para ouvir você usar a palavra ‘estado’ de qualquer mas nosso próprio Estado. Eles são ‘estados,’ mas não ‘um estado’ - muitos em um. Por em cada estado há duas nações hostis, rica e pobre, a qual nós podemos colocar uma contra a outra. Mas nosso Estado, enquanto ela permanece verdadeira a seus princípios, será em muita ação o mais poderoso dos estados helênicos.

Para o tamanho do estado não há limite mas a necessidade de unidade: isso deve ser nem tão largo nem tão pequeno para ser um. Isso é uma questão de importância secundária, como o princípio de transposição a qual foi intimada na parábola dos homens lavradores. O significado ali implicado era que qualquer homem deve fazer que esse para o qual ele era provido, e ser em um com ele mesmo, e então a cidade inteira irá ser unida. Mas todas essas coisas são secundárias, se educação, a qual é a grande questão, seja considerada propriamente. Quando a roda tem uma vez sido colocada em movimento, a velocidade está sempre aumentando; e cada geração melhora sobre a anterior, ambos em qualidades físicas e morais. O cuidado dos governadores deve ser direcionado para preservar música e ginástica de inovação; depois das canções de uma nação, Damon diz, e você logo vai terminar por alterar essas leis. A mudança aparece inocente a princípio, e começa no jogo; mas o mal logo se torna sério, trabalhando secretamente sobre os caracteres dos indivíduos, então sobre relações sociais e comerciais, e ultimamente sobre as instituições de um estado; e há ruína e confusão em toda parte. Mas se educação permanece na forma estabelecida, ali não vai ser perigoso. Um processo restaurativo vai sempre estar indo adiante; o espírito da lei e ordem vai levantar o que tem caído. Nem vai qualquer regulação ser necessitada para as menores questões da vida – regras de comportamento ou modas de vestir. Como convida como para bem ou para mal. Educação corrigirá deficiências e suprirá o poder da autogovernança. Distantemente ser isso de nós entrar dentro de particulares de legislação; deixe os guardiões tomar conta da educação, e educação tomará cuidado de todas as outras coisas.

Mas sem educação eles podem remendar e remendar como eles se agradam; eles não vão fazer progresso, qualquer mais que um paciente que pensa curar a si mesmo por algum remédio favorito e não dá seu modo luxuoso de vida. Se você diz que tais pessoas que elas devem primeiro alterar seus hábitos, então elas crescem bravas; elas são pessoas encantadoras. ‘Encantador, - não, o muito reverso.’ Evidentemente esses cavalheiros não estão em suas boas graças, nem o estado o qual é como eles. E tais estados existem os quais ordenam primeira pena de morte que sem uma deve alterar a constituição, e então sofrer eles mesmos ser lisonjeados dentro e fora de qualquer coisa; e ele quem favorece eles e corços sobre ele, é seu líder e salvador, ‘Sim, os homens são tão maus como os estados.’ Mas você não admira sua inteligência? ‘Não, alguns deles são estúpidos o bastante para acreditar no que as pessoas dizem a elas.’ E quando todo o mundo está dizendo a um homem que ele é seis pés alto, e ele não tem medida, como pode ele acreditar qualquer outra coisa? Mas não consegue dentro de uma paixão: para ver nossos homens de estado tentando suas panaceias, e imaginando que eles podem cortar a um sopro o Hydra-como malandrags do gênero humano, é um bem como um jogo. Minuciosas representações são supérfluas em bons estados, e são inúteis naqueles maus.

E agora o que permanece do trabalho de legislação? Nada para nós, mas para Apolo o deus dos delfos nós deixamos a ordenação da maior de todas as coisas – que é para dizer, religião. Apenas nossa deidade ancestral sentada sobre o centro e umbigo da terra vai ser acreditada por nós se nós temos qualquer sentido, num caso de tal magnitude. Sem deus estranho deve ser supremo em nossos reinos...

Aqui, como Sócrates vai dizer, deixe-nos ‘refletir em’ (grego) o que tem procedido: assim longe nós temos não falado da felicidade dos cidadãos, mas apenas do bem-estar do Estado. Eles podem ser o mais feliz dos homens, mas nosso principal alvo na fundação do Estado não tem feito eles felizes. Eles eram para ser guardiões, não fazedores de feriado. Nessa agradável maneira é apresentado para nós a famosa questão da filosofia antiga e moderna, tocando a relação de dever para felicidade, de direito para utilidade.

Primeiro direito, então felicidade, é a ordem natural de nossas ideias morais. O princípio utilitário é valioso como um corretivo de erro, e mostra para nós um lado de ética o qual é apto para ser negligenciado. Isso pode ser admitido futuramente que direito e utilidade são coextensivos, e que ele quem faz a felicidade do gênero humano seu objeto tem um dos mais altos e mais nobres motivos da

ação humana. Mas utilidade não é a base histórica da moralidade; nem o aspecto no qual ideias morais e religiosas comumente ocorrem para a mente. A maior felicidade de todas é, como nós acreditamos, o resultado longe fora do governo divino do universo. A maior felicidade do indivíduo é certamente ser encontrado numa vida de virtude e bondade. Mas nós parecemos ser mais assegurados de uma lei de direito que nós podemos ser de um propósito divino, que ‘todo gênero humano deve ser salvo;’ e nós inferimos o um do outro. E a maior felicidade do indivíduo pode ser o reverso da maior felicidade no sentido ordinário do termo, e pode ser realizada numa vida de dor, ou em uma morte voluntária. Futuramente, a palavra ‘felicidade’ tem sérias ambiguidades; ela pode significar ou prazer ou uma vida ideal, felicidade subjetiva ou objetiva, nesse mundo ou no outro, ou nós mesmos apenas ou de nossos vizinhos e de todos os homens em todo lugar. Pelo fundador moderno do Utilitarismo a autoconsideração e motivos desinteressados de ação são incluídos sob o mesmo termo, embora eles são comumente opostos por nós como benevolência e auto amor. A palavra felicidade não tem a definitividade ou a sacralidade da ‘verdade’ e ‘direito’; isso não faz apelas igualmente para nossa natureza mais alta, e não tem afundado dentro da consciência do gênero humano. Isso é associado tanto muito com os confortos e conveniências da vida; tão pequena com ‘os deuses da alma os quais nós desejamos para sua própria causa.’ Numa grande tentativa, ou perigo, ou tentação, ou em qualquer grande e heroica ação, é escassamente pensamento de. Por essas razões ‘a maior felicidade’ princípio não é a verdadeira fundação de ética. Mas embora não o primeiro princípio, é o segundo, o qual é como sobre esse, e é muitas vezes da mais fácil aplicação. Para a mais larga parte das ações humanas são nem certo nem errado, exceto em tão longe como elas tendem para a felicidade do gênero humano (Introd. Para Gorgias e Philebus).

A mesma questão reaparece na política, onde o útil ou expediente parece clamar uma mais larga esfera e para ter uma mais grande autoridade. Para concernir medidas políticas, nós principalmente perguntamos: Como eles vão afetar a felicidade do gênero humano? Ainda aqui tantos de nós podemos observar que o que nós termo expediência é meramente a lei do direito limitada pelas condições da sociedade humana. Direito e verdade são os mais altos alvos de governo assim como de indivíduos; e nós devemos não perder de vista deles porque nós não podemos diretamente obrigá-los. Eles apelam para a melhor mente de nações; e as vezes eles são tão muito para meramente interesses temporais para resistir. Eles são as senhas as quais todos os homens usam em questões de política pública, assim como em seus procedimentos privados; a paz da Europa pode ser dita depender sobre elas. Nos estados mais comerciais e utilitários da sociedade o poder das ideias permanece. E todas as mais altas classes dos homens de estado tem neles algo de que idealismo o qual Péricles é dito para ter reunido do ensino em Anaxágoras. Eles reconhecem que o verdadeiro líder dos homens deve ser sobre os motivos da ambição, e que caráter nacional é de maior valor que conforto material e prosperidade. E isso é a ordem de pensamento em Platão; primeiro, ele espera de seus cidadãos para fazer seu dever, e então sob circunstâncias favoráveis, que é para dizer, no Estado bem-ordenado, sua felicidade é assegurada. Que ele era longe de excluir o princípio moderno de utilidade na política é suficientemente evidente de outras passagens; na qual ‘o mais benéfico é afirmado para ser o mais honrável’, e também ‘o mais sagrado’.

Nós podemos notar

(1) A maneira na qual a objeção de Adeimantus aqui, é designado para tirar e aprofundar o argumento de Sócrates.

(2) A concepção de um todo como pertencendo na fundação ambas de política e de arte, no posterior suprimindo o único princípio de criticismo, o qual, sob os vários nomes de harmonia, simetria, medida, proporção, unidade, o grego parece ter aplicado aos trabalhos de arte.

(3) O requerimento que o Estado deve ser limitado em tamanho, depois do modelo tradicional de um estado grego; como na Política de Aristóteles, o fato que as cidades de Helas eram pequenas é convertido dentro de um princípio.

(4) Os quadros humorísticos dos cachorros magros e da ovelha engordada, do pugilista ativo claro que transforma dois cavalheiros robustos pelo menos, dos pacientes ‘encantadores’ que estão sempre fazendo eles mesmos piores; ou novamente, a suposição brincalhona que não há Estado mas nossa própria; ou a ironia séria com a qual o homem de estado é desculpado que acredita que ele é seis pés de altura porque ele diz assim, e tendo nada para medir com é para ser perdoado por sua ignorância – ele é tão divertindo para nós ser seriamente zangado com ele.

(5) A luz e maneira superficial na qual religião é passada sobre quando provisão tem sido feita por dois grandes princípios, - primeiro, que religião deve ser baseada na mais alta concepção dos deuses, em segundo, que o verdadeiro nacional ou tipo Helênico deve ser mantido...

Sócrates procede: mas onde entre tudo isso é justiça? Filho de Ariston, diz-me onde. Luz uma vela e procure a cidade, e consiga seu irmão e o resto de nossos amigos para ajudar na procura por ela: “O que não vai fazer,” respondeu Glauco ‘você a si mesmo prometeu fazer a pesquisa e falou sobre a impiedade de abandonar justiça.’ Bem, digo, vou conduzir o caminho, mas você segue. Minha noção é, que nosso Estado sendo perfeito conterà todas as quatro virtudes – sabedoria, coragem, temperança, justiça. Se nós eliminamo as três primeiras, o restante desconhecido será justiça.

Primeiro então, da sabedoria: o Estado o qual nós temos chamado dentro sendo será sábio por causa da política. E política é um entre vários tipos de habilidade, - não da habilidade do carpinteiro, ou do ferreiro, ou do lavrador, mas a habilidade dele quem avisa sobre os interesses do Estado inteiro. De tal um tipo é a habilidade dos guardiões, que são uma pequena classe em número, bastante menor que os ferreiros; mas nela é concentrado a sabedoria do Estado. E se essa pequena regra de classe tem sabedoria, então o Estado inteiro será sábio.

Nossa segunda virtude é coragem, a qual nós não temos dificuldade em encontrar na outra classe – que de soldados. Coragem pode ser definida como um tipo de salvação – a nunca falhando salvação das opiniões as quais lei e educação tem prescrito concernindo perigos. Você sabe o caminho no quais tintureiros preparam o chão branco e então colocam na tintura de roxo ou de qualquer outra cor. Cores tingidas desse modo ser tornam fixadas, e sem sabão ou lixívia nunca vai sempre lavar eles o bastante. Agora o chão é educação, e as leis são as cores; e se o chão é propriamente colocado, nem o sabão de prazer nem a lixívia da dor ou medo sempre lavará eles o bastante. Esse poder o qual preserva opinião certa sobre perigo nunca vou perguntar a você para chamar ‘coragem,’ adicionando o epíteto ‘política’ ou ‘civilizado’ em ordem para distinguir isso da mera coragem animal e de uma mais alta coragem a qual pode daqui por diante ser discutida.

Duas virtudes permanecem; temperança e justiça. Mais que as virtudes precedendo temperança sugere uma ideia de harmonia. Alguma lua é atirada sobre a natureza dessa virtude pela descrição popular de um homem como ‘mestre de si mesmo’ - o qual tem um som absurdo, porque o mestre é também o servente. A expressão realmente significa que o melhor princípio num homem mestres o pior. Há nas cidades classes inteiras – mulheres, escravos e o como – de quem correspondem para o pior, e uns poucos apenas para o melhor; e em nosso Estado a classe anterior são seguradas sob controle pela posterior. Agora para a qual dessas classes faz a temperança pertencer? “Para ambos delas.” E nosso Estado se qualquer será o domicílio da temperança; e nós estávamos certos em descrever essa virtude como uma harmônia a qual é difundida através do todo, fazendo os moradores na cidade ser de uma mente, e afinando o superior e mediano e classes mais baixas como as cordas de um instrumento, se você supõe eles para diferir em sabedoria, força ou saúde.

E agora nós estamos próximos do local; deixe-nos puxar em e cercar a cobertura e assistir com nossos olhos, para que não justiça deva se escapulir e escapar. Diga-me, se você vê o bilhete mover-

se primeiro. ‘Não, vou ter você conduzido.’ Bem homens, ofereçam uma prece e segue. O caminho é escuro e difícil; mas nós devemos empurrar em. Eu estando para ver um rastro. ‘Boas notícias.’ Por que?, Glauco, nosso embotamento de cheiro é bastante absurdo! Enquanto nós estamos puxando nossos olhos dentro da distância, justiça está caindo fora em nosso pé. Nós somos tão maus como pessoas olhando para uma coisa a qual eles têm em suas mãos. Você tem esquecido nosso velho princípio de divisão de trabalho, ou de todo homem fazendo seu próprio negócio, concernindo o qual nós falamos na fundação do Estado – que mas isso era justiça? É ali qualquer outra virtude permanecendo a qual pode compita com sabedoria e temperança e coragem na escala de virtude política? Para ‘qualquer um tendo si próprio’ é o grande objeto de governo; e o grande objeto de comércio é que todo homem deve fazer seu próprio negócio. Não que há muito dano num carpinteiro tentando ser um sapateiro, ou um sapateiro transformando ele mesmo em um carpinteiro; mas grande mal pode se levantar do sapateiro deixando seu último e virando um guardião ou legislador, ou quando um único indivíduo é treinador, guerreiro, legislador, tudo em um. E esse mal é injustiça, ou todo homem fazendo negócio de outro. Faço não dizer que como ainda nós estamos numa condição para chegar em uma conclusão. Pela definição a qual nós acreditamos manter bem nos estados têm ainda que ser testada pelo indivíduo. Tendo lido as letras grandes nós vamos agora vir de volta para as pequenas. Das duas juntas uma luz brilhante pode ser batida fora...

Sócrates procede para descobrir a natureza da justiça por um método de resíduos. Cadas das primeiras três virtudes correspondem a uma das três partes da alma e uma dessas três classes no Estado, embora a terceira, temperança, tem mais da natureza de uma harmonia que as duas primeiras. Se ali ser uma quarta virtude, que pode apenas ser buscada por na relação das três partes na alma ou classes no Estado para um outro. É óbvio e simples, a para que muita razão não tem sido descoberta. O lógico moderno será inclinado para objeto que ideias não podem ser separadas como substâncias químicas, mas que eles correm dentro de um outro e podem apenas ser diferentes aspectos ou nomes da mesma coisa, e tal nessa instância aparece para ser o caso. Pela definição aqui dada de justiça é verbalmente a mesma como uma das definições de temperança dadas por Sócrates e Charmides, a qual entretanto é apenas provisional, e é depois rejeitada. E assim longe de justiça permanecendo sobre quando as outras virtudes são eliminadas, a justiça e temperança da República pode com dificuldade ser distinguida. Temperança aparece para ser a virtude de uma parte apenas, e uma das três, enquanto justiça é uma virtude universal da alma toda. Ainda na outra mão temperança é também descrita como um tipo de harmonia, e nesse respeito é consanguínea a justiça. Justiça parece diferir de temperança no grau bastante que em tipo; enquanto temperança é a harmonia dos elementos discordantes, justiça é a ordem perfeita pela qual todas as naturezas e classes fazem seu próprio negócio, o homem cerro no lugar certo, a divisão e a cooperação de todos os cidadãos. Justiça, novamente, é uma noção mais abstrata que as outras virtudes, e então, do ponto de vista de Platão, a fundação deles, para a qual eles são referidos e a qual na ideia precede eles. A proposta para omitir temperança é um mero truque de estilo pretendido para evitar monotonia.

Há uma famosa questão discutida em um dos Diálogos de Platão mais cedo (Protágoras; Arist. Nic, Ética), ‘Se as virtudes são um ou tantas?’ Isso recebe uma resposta a qual é para o efeito que há quatro virtudes cardinais (agora pela primeira vez trazidas junto na filosofia ética), e uma suprema sobre o resto, a qual não é como a concepção de Aristóteles da justiça universal, virtude relativa as outras, mas o todo da virtude relativa as partes. Para essa concepção universal de justiça ou ordem na primeira educação e na natureza moral do homem, a ainda mais concepção universal do bem na segunda educação e na esfera de conhecimento especulativo parece ter sucesso. Ambos podem ser igualmente descritos pleos termos ‘lei,’ ‘ordem,’ ‘harmonia;’ mas enquanto a ideia de bem abarça ‘todo tempo e toda existência,’ a concepção de justiça não é estendida além do homem.

...Sócrates está agora indo identificar o indivíduo e o Estado. Mas primeiro nós podemos provar que há três partes da alma individual. Seu argumento é como segue: - Quantidade não faz diferença em qualidade. A palavra ‘justo,’ se aplicada ao indivíduo ou para o Estado, tem o mesmo

significado. E o termo ‘justiça’ implica que os mesmos três princípios no Estado e no indivíduo estão fazendo seu próprio negócio. Mas são eles realmente três ou um? A questão é difícil, e um o qual pode duramente ser resolvido pelos métodos os quais nós estamos agora usando; mas o mais verdadeiro e mais longo caminho leva para cima tanto de nosso tempo. “O mais curto vai me satisfazer.’ Bem então, você vai admitir que as qualidades dos estados significam as qualidades dos indivíduos que as compõe? Os Sitianos e Tracianos são apaixonados, nossa própria raça intelectual, e os egípcios e Fenícios são cobiçosos, porque os membros indivíduos de cada têm tal e tal um caráter; a dificuldade é para determinar se os vários princípios são um ou três; se, isso é para dizer, nós razão com uma parte de nossa natureza, desejo com outro, estamos zangados com outro, ou se toda a alma vem dentro jogar em cada tipo de ação. Essa investigação, contudo, requer uma definição muito exata de termos. A mesma coisa na mesma relação não pode ser afetada em dois caminhos opostos. Mas não há impossibilidade em um homem de pé imóvel, ainda movendo seus braços, ou num topo o qual é fixado em um local indo em volta sobre seus eixos. Não há necessidade para menção todas as possíveis exceções; deixe nós provisionalmente assumir que os opostos não podem fazer ou ser ou sofrer opostos na mesma relação. E para a classe dos opostos pertencendo consentimento e dissensão, desejo e vacância. E uma forma de desejo é sede e fome: e aqui levanta um novo ponto – sede é sede de beber, fome é fome de comer; não de bebida morna ou de um tipo particular de comida, com a única exceção de curso que o muito ato de desejar qualquer coisa implica que é bom. Quando termos relativos não têm atributos, seus correlativos não têm atributos; quando eles têm atributos, seus correlativos também têm eles. Por exemplo, o termo ‘maior’ é simplesmente relativo ao menor,’ e conhecimento refere a um assunto de conhecimento.

Mas por outro lado, um conhecimento particular é de um assunto particular. De novo, toda ciência tem um caráter distinto, o qual é definido por um objeto; medicina, por exemplo, é a ciência da saúde, embora não ser confundida com saúde. Tendo clareado nossas ideias assim longe, deixe-nos retornar a original instância da sede, a qual tem um objeto definido – beber. Agora a alma sedenta pode sentir dois impulsos distintos; o animal um dizendo ‘Beber;’ o racional um, o qual diz ‘Não beber.’ Os dois impulsos são contraditórios; e então nós podemos assumir que eles jorram de princípios distintos na alma. Mas é paixão um terceiro princípio, ou consanguíneo ao desejo? Há uma história de um certo Leônicio o qual lançou alguma luz nessa questão. Ele estava vindo acima de Piraeus do muro norte, e ele passou num local onde havia corpos mortos deitando pelo executor. Ele sentiu um desejo ardente para ver eles e também uma aversão deles; em primeiro ele virou longe e calou seus olhos, então, repentinamente rasgando eles abertos, ele disse, - “Leve seu abastecimento, infeliz de sim, da visão justa.’ Agora é ali não aqui um terceiro princípio o qual é muitas vezes encontrado para vir para a assistência de razão contra desejo, mas nunca de desejo contra razão? Essa é paixão ou espírito, ou a existência separada da qual nós podemos futuramente convencer nós mesmos pondo o seguinte caso: - Quando um homem sofre justamente, se ele é de uma natureza generosa ele não é indignado nos sofrimentos os quais ele sofre: mas quando ele sofre injustamente, sua indignação é seu grande suporte; fome e sede não pode tomá-lo; o espírito dentro dele deve fazer ou morrer, até a voz do pastor, que é, da razão, licitando o latido de seu cachorro não mais, é ouvido dentro. Isso mostra que paixão é o aliado da razão. É paixão então a mesma com razão? Não, para a anterior existe nas crianças e brutos; e Homero dispõe uma prova da distinção entre eles quando ele diz, ‘ele golpeou seu peito, e assim reprovou suja alma.’

E agora, ao menos, nós temos alcançado solo firme, e somos capazes de inferir que as virtudes do Estado e do indivíduo são os mesmos. Pela sabedoria e coragem com justiça no Estado são severamente a sabedoria e coragem e justiça nos indivíduos de quem formam o Estado. Cada das três classes vai fazer o trabalho de sua própria classe no Estado, e cada parte na alma individual; razão, a superior, e paixão, a inferior, será harmonizada pela influência da música e ginástica. O conselheiro e o guerreiro, a cabeça e o braço, atuarão juntos na cidade de Alma do homem, e mantém os desejos na subjeção própria. A coragem do guerreiro é que qualidade a qual preserva uma opinião certa sobre perigos no despeito de prazeres e dores. A sabedoria do conselheiro é essa

pequena parte da alma a qual tem autoridade e razão. A virtude da temperança é a amizade da regendo e os assuntos dos princípios, ambos no Estado e no indivíduo. De justiça nós temos já falado; e a noção já dada disso pode ser confirmadas pelas instâncias comuns. Vai o estado justo ou o indivíduo justo roubar, mentir, cometer adultério, ou ser culpado de impiedade para deuses e homens? Não.’ E não é a razão disso que os vários princípios, se no estado ou no indivíduo, fazer seu próprio negócio? E justiça é a qualidade a qual faz homens justos e estados justos. Além disso, nossa velha divisão de trabalho, a qual requerida que ali deva ser um homem para um uso, era um sonho ou antecipação do que tem para seguir; e esse sonho não tem sido agora realizado na justiça, o qual começa ligando juntos os três acordes da alma, e então age harmoniosamente em toda relação de vida. E injustiça, a qual é a insubordinação e desobediência dos elementos inferiores na alma, é o oposto de justiça, e é inarmonioso e inatural, sendo para a alma qual doença é para o corpo; por na alma assim como no corpo, boas ou más ações produzem bem ou maus hábitos. E virtude é a saúde e beleza e bem-estar da alma, e vício é a doença e fraqueza e deformidade da alma.

De novo a velha questão retorna sobre nós: É justiça ou injustiça a mais preferível? A questão tem se tornado ridícula. Para injustiça, como doença mortal, faz a vida não ter valor. Vindo acima comigo para a montanha a qual pende a cidade e olha abaixo sobre a única forma de virtude, e as infinitas formas de vício, entre os quais são quatro especiais uns, característica ambos dos estados e dos indivíduos. E os estados os quais correspondem para a única forma de virtude é que a qual nós temos sido descrevendo, em que regras de razão sobre um dos dois nomes – monarquia e aristocracia. Assim há cinco formas em tudo, ambos dos estados das almas...

Na tentativa para provar que a alma tem três faculdades separadas, Platão toma ocasião para discutir o que faz diferença das faculdades. E o critério o qual ele propõe é diferença no trabalho das faculdades. A mesma faculdade não pode produzir efeitos contraditórios. Mas o caminho de cedo raciocinadores é ataca através de embaraços espinhosos, e ele não vai proceder um passo sem primeiro clarear o solo. Isso leva ele dentro de uma divagação cansativa, a qual é pretendida para explicar a natureza da contradição. Primeiro, a contradição deve ser ao mesmo tempo e na mesma relação. Em segundo, nenhuma palavra estranha deve ser introduzida dentro ou dos termos nos quais a proposição contraditória é expressa: por exemplo, sede é de beber, não de bebida quente. Ele implica, que ele não diz, que se, pelo conselho da razão, ou pelo impulso da raiva, um homem é contido da sede, isso prova que sede, ou desejo sob o qual sede é incluído, é distinto de raiva e razão. Mas suponha que nós permitimos o termo ‘sede’ ou ‘desejo’ ser modificado, e diga uma ‘raiva sede,’ ou um ‘desejo vingativo,’ então as duas esferas de desejo e raiva sobrepõe e se torna confuso. Esse caso tem para ser excluído. E ainda ali permanece uma exceção para a regra no uso do termo ‘bem,’ o qual é sempre implicado no objeto de desejo. Há a discussão de uma idade antes da lógica; e qualquer um que está usando por eles deve lembrar que eles são necessários para o esclarecimento de ideias no primeiro desenvolvimento das faculdades humanas.

A psicologia de Platão estende sem mais futuramente que a divisão da alma dentro do racional, irascível, e elementos concupiscentes, os quais, tão longe como nós sabemos, foi primeiro feito por ele, e tem sido retido por Aristóteles e sucedendo escritores éticos. A dificuldade chefe nas análises de cedo da mente é definir exatamente o lugar da faculdade irascível (grega), a qual pode ser variamente descrita sob os termos indignação íntegra, espírito, paixão. Essa é a fundação da coragem, a qual inclui coragem moral de Platão, a coragem de aguentar dor, e de sobrepujar dificuldades intelectuais, assim como de encontrar perigos na guerra. Embora irracional, isso inclina para o lado com o racional: isso não pode ser levantado pela punição quando justamente infligido: as vezes toma a forma de um entusiasmo o qual sustenta um homem na performance das grandes ações. É o ‘coração de leão’ com o qual a razão faz um tratamento. Na outra mão é bastante negativo que positivo; é indignante no erradamente ou falsidade, mas não faz, como amor no Simpósio e Phaedrus, aspira para a visão da Verdade ou Bem. É a peremptória espírito militar a qual prevalece no governo de honra. Isso difere de raiva (grego), isso termo depois não tendo noção acessória de indignação íntegra. Embora Aristóteles tem retido a palavra, ainda nós podemos observar que ‘paixão’ (grega) tem com ela perdido sua afinidade para o racional e tem se tornado indistinguível de ‘raiva’ (grega). E para esse uso vernáculo Platão ele mesmo nas Leis parece reverter, embora não sempre. Pela filosofia moderna também, assim como na nossa conversação ordinária, a palavra raiva ou paixão são empregadas quase exclusivamente no mau sentido; não há conotação de uma causa justa ou razoável pela qual eles estão levantando. O sentimento de ‘indignação íntegra’ é também parcial e acidental

para admitir de nossa consideração disso como uma virtude separada ou hábito. Nós somos tentados também para duvidar se Platão é certo em supor que um ofensor, contudo justamente condenado, pode ser esperado para conhecer a justiça de sua sentença, pode ser esperado para conhecimento da justiça de sua sentença; esse é o espírito de um filósofo ou mártir bastante que um criminoso.

Nós podemos observar como proximamente Platão aproxima a famosa tese de Aristóteles, que ‘boas ações produzem bons hábitos.’ As palavras ‘como práticas saudáveis (grego) produzem saúde, assim faz justas práticas produzir justiça.’ tem um som muito como a Ética Nicomachena. Mas nós notamos também que uma consideração acidental em Platão tem se tornado um princípio de longo alcance em Aristóteles, e uma inseparável parte de um grande sistema Ético.

Há uma dificuldade em entender o que Platão significou pelo ‘o caminho mais longo’: ele parece intimar algum metafísico do futuro o qual não será satisfeito com argumento do princípio da contradição. No sexto e sétimo livros (compare Sofista e Parmenidas) ele tem dado a nós um esboço de tal uma metafísica; mas quando Glauco pergunta pela revelação final da ideia de bem, ele é posto fora com a declaração que ele não tem ainda estudado as ciências preliminares. Como ele vai ter preenchido o esboço, ou discutido sobre tais questões de um ponto de vista mais alto, nós podemos apenas conjecturar. Talvez ele esperou encontrar algum método a priori de desenvolver as partes fora do todo; ou ele pode ter perguntado qual das ideias contém as outras ideias, e possivelmente tem tropeçado na identidade Hegeliana do ‘ego’ e do ‘universal.’ Ou ele pode ter imaginado que ideias possam ser construídas em alguma maneira análoga a construção de figuras e números nas ciências matemáticas. A mais certa e necessária verdade era para Platão a universal; e para isso ele foi sempre procurando referir todo conhecimento ou opinião, há pouco como nos tempos modernos nós buscamos descansar eles no polo oposto de indução e experiência. As aspirações dos metafísicos tem sempre tendido para passar além dos limites do pensamento humano e linguagem: eles parecem ter alcançado um peso no qual eles estão ‘movendo sobre nas palavras não realizadas.’ e suas concepções, embora profundamente afetando suas próprias mentes, se tornam invisíveis ou ininteligíveis para outros. Nós não somos então surpresos para achar que o próprio Platão tem em nenhum lugar explicado claramente sua doutrina de ideias; ou que sua escola nas gerações posteriores, como seus contemporâneos Glauco e Adamantos, eram incapazes de seguir ele na região da especulação. No Sofista, onde ele está refutando o ceticismo o qual mantido se que havia sem tal coisa ou predicação, ou que tudo possa ser predicado de tudo, ele chega na conclusão que algumas ideias combinam com algumas, mas não tudo com tudo. Mas ele faz apenas ou dois passos adiante nesse caminho; ele em lugar nenhum atinge para qualquer sistema conectado de ideias, ou até para um conhecimento das relações mais elementares das ciências para uma outra. LIVRO V. Eu estava indo enumerar as quatro formas de vícios ou declínio nos estados, quando Polemarco – ele estava sentado um pouco mais longe de mim que Adeimanto – tomando ele pelo casaco e levando em direção a ele, disse algo num meio tom, do qual apenas ouvi as palavras, ‘Devemos nós deixá-lo fora?’ ‘Certamente não,’ disse Adeimanto, erguendo sua voz. Quem, eu digo, são vocês não indo deixá-lo fora? ‘Você,’ ele disse. Como? ‘Porque nós pensamos que você não está ligando justamente conosco em omitir mulheres e crianças, de quem você tem astutamente disposto sob a fórmula geral que amigos tem todas as coisas em comum.’ E eu não estava certo? ‘Sim,’ ele respondeu, ‘mas há muitos tipos de comunismo ou comunidade, e nós queremos saber quais deles é certo. A companhia, como você tem há pouco ouvido, são resolvidos para ter uma futura explicação.’ Trasímaco disse, você pensa que nós temos vindo para cá para cavar para ouro,

ou para ouvir seu discurso?’ Sim, eu disse; mas o discurso deve ser de um comprimento razoável. Glauco adicionou, ‘Sim, Sócrates, e há razão em gastar o todo da vida em tais discussões; mas ore, sem mais alvoroço, diga-nos como essa comunidade está para ser carregada fora, e como o interno entre nascimento e educação está para ser preenchido.’ Bem, eu digo, o assunto tem várias dificuldades – O que é possível? É a primeira questão. O que é desejável? É a segunda. ‘Não tema,’ ele respondeu, ‘por se você está falando entre amigos.’ Que, eu respondo, é uma desculpa de consolação; devo destruir meus amigos assim como a mim mesmo. Não que eu minta uma risada um pouco inocente; mas ele que mata a verdade é um assassino. “Então, disse Glauco, rindo, ‘no caso você deve assassinar-nos nós vamos absolver você anteriormente, e você deve ser liberto da culpa de enganar-nos.’

Sócrates procede: - Os guardiões do nosso estado estão para ser cães de guarda, como nós já temos dito. Agora cachorros não são divididos dentro deles e delas – nós não tomamos o gênero masculino fora para caçar e deixamos as fêmeas em casa para olhar depois de seus filhotes de cachorro. Eles tem os mesmos empregos – a única diferença entre eles é que o um sexo é mais forte e o outro mais fraco. Mas se mulheres estão para ter os mesmos empregos dos homens, eles devem ter a mesma educação – eles devem ser ensinados música e ginástica, e a arte de seu montando em cavalo e carregando armas: a vista da velha mulher nua enrugada mostrando sua agilidade na palestra vai certamente não ser uma visão de beleza; e pode ser esperado para se tornar um famoso gracejo. Mas nós não devemos prestar atenção às inteligências; havia um tempo quando eles podiam ter rido em nossa presente ginástica. Todos os hábitos: pessoas tem ao menos achado fora que a exposição é melhor que o encobrimento da pessoa, e agora eles não riem mais. O mal deve apenas ser o assunto do ridículo.

A primeira questão é, se mulheres são capazes ou completamente ou parcialmente de compartilhar nos empregos dos homens. E aqui nós podemos ser carregados com inconsistência em fazer a proposta em tudo. Por nós começamos originalmente com a divisão de trabalho; e a diversidade de empregos foi baseada na diferença das naturezas. Mas é ali sem diferença entre homens e mulheres? Não, são eles não completamente diferentes? HAVIA a dificuldade, Glauco, a qual me fez pouco disposto a falar de relações familiares. Contudo, quando um homem está fora de sua profundidade, se em uma piscina ou em um oceano, ele pode apenas nadar por sua vida; e nós devemos tentar encontrar um caminho de escapatória, se nós podemos.

O argumento é, que diferentes naturezas têm diferentes usos, e as naturezas dos homens e mulheres são ditas para diferir. Mas isso é apenas uma oposição verbal. Nós não consideramos que a diferença possa ser puramente nominal e acidental; por exemplo, um homem calvo e um homem cabeludo são opostos em um único ponto de vista, mas você não pode inferir que porque um homem calvo é um sapateiro e um homem cabeludo deva não ser um sapateiro. Agora por que é tal uma inferência errônea? Simplesmente porque a oposição entre eles é parcial apenas, como a diferença entre um físico masculino e um físico feminino, não correndo através de toda natureza, como a diferença entre um físico e um carpinteiro. E se a diferença dos sexos é apenas essa que um procria e a outra segura os filhos, isso não prova que eles devam ter educações distintas. Admitindo que eles devam ter educações distintas. Admitindo que mulheres diferem de homens na capacidade, homens não igualmente diferem um do outro? Não tem a natureza se espalhado todas as qualidades as quais nossos cidadãos requerem indiferentemente acima e abaixo entre os dois sexos? E até mesmo em suas perseguições peculiares, não são as mulheres muitas vezes, embora em alguns casos superiores aos homens, ridiculamente bastante ultrapassado por eles? Mulheres são o mesmo em tipo como homens, e tem a mesma aptidão ou querer de aptidão para medicina ou ginástica ou guerra, mas num grau menor. Uma mulher será uma boa guardiã, outra não; e o bem deve ser escolhido para ser os colegas de nossos guardiões. Se contudo suas naturezas são as mesmas, a inferência é que sua educação deva também ser a mesma; não há muito mais longa qualquer coisa inatural ou impossível numa mulher aprender música e ginástica. E a educação a qual nós damos a eles será a muito melhor, superior distante para essa de sapateiros, e treinará para cima a mulher

muito melhor, e nada pode ser mais vantajoso para o estado que isso. Então deixe eles tirar, vestido em sua castidade, e compartilha nas labutas da guerra e na defesa de sua nação; ele que ri deles é um tolo por suas dores.

A primeira onda é passada, e o argumento é compelido para admitir que homens e mulheres tem deveres e perseguições comuns. Uma segunda e maior onda está rolando na – comunidade de esposas e crianças; é isso ou expediente ou possível? A expediência eu não duvido; não estou seguro da possibilidade. ‘Não, eu penso que a dúvida considerável será entretida em ambos os pontos.’ Eu pretendi ter escapado do problema de provando o primeiro, mas como você tem detectado um pouco estratagemas eu devo até mesmo submeter. Apenas permita-me alimentar minha fantasia como o solitário em suas caminhadas, com um sonho da qual pode ser, e então retornarei para a questão do que possa ser.

Em primeiro lugar nossos legisladores vão obrigar as leis e faz novo onde eles queriam, e seus aliados ou ministros obedecerão. Você, como um legislador, já tem selecionado os homens; e agora você deve selecionar as mulheres. Depois da seleção ter sido feita, eles residirão em casas comuns e tem suas refeições em comum, e serão trazidos juntos por uma necessidade mais certa que a que dos matemáticos. Mas eles não podem ser permitidos viver em licenciosidade; que é uma coisa profana, a qual os legisladores são determinados a prevenir. Para a evitação disso, festivais de casamento serão instituídos, e sua santidade estará na proporção de sua utilidade. E aqui, Glauco, devo gostar de perguntar (como sei que vocês são um criador de pássaros e animais), você não tomou o maior cuidado no acasalamento? ‘Certamente.’ E não há razão para supor que menos cuidado é requerido no casamento dos seres humanos. Mas então nossos legisladores devem ser físicos habilidosos do Estado, por eles vão muitas vezes precisar de uma forte dose de falsidade em ordem para trazer sobre as uniões desejáveis entre seus assuntos. O bem deve ser emparelhado com o bem, e o mal com o mal, e da primavera de um deve ser criado, e do outro destruído; neste modo o rebanho será preservado na condição prima. Festivais himeniais serão celebrados em tempos fixados com um olhar para a população, e os noivos e noivas encontrarão a eles; e por um sistema engenhoso de lotes dos legisladores inventarão que o bravo e o justo vem juntos, e que esses de inferior raça é emparelhada com inferiores – o depois designará para chance o que é realmente a invenção dos legisladores. E quando crianças são nascidas, a primavera do bravo e justo será levado a um documento anexo em uma certa parte da cidade, e ali atendido por enfermeiras satisfatórias; o resto será saído com pressa para lugares desconhecidos. As mães serão trazidas para a dobra e vai amamentar as crianças; cuidado contudo deve ser tomado que nenhum deles reconheçam sua própria primavera; e se outras enfermeiras necessárias podem também ser contratadas. O problema de assistir e se levantar a noite será transferido para os atendentes. “Quando as esposas de nossos guardiões terão um tempo fino fácil quando eles estão tendo crianças.’ E bastante certo também, eu digo, que eles devem. Os pais devem estar no primário da vida, o qual para um homem pode ser considerado em trinta anos – de vinte e cinco, quando ele tem ‘passado no ponto no qual a velocidade da vida é maior,’ aos vinte e cinco; e aos vinte anos para uma mulher – de vinte para quarenta. Qualquer um sobre ou abaixo dessas idades que participa nos himeniais deve ser culpado de impiedade; também qualquer um que forma uma conexão de casamento em outros tempos sem o consentimento dos legisladores. Essa regulação de depois aplica para esses que estão dentro das idades especificadas, depois das quais eles podem alcançar em ir, contanto que eles evitem os graus proibidos de pais e filhos, ou de irmãos e irmãs, a qual dura, contudo, não são absolutamente proibidos, se uma dispensação ser procurada. ‘Mas como nós devemos conhecer os graus de afinidade, quando todas as coisas são comuns?’ A resposta é, que irmãos e irmãs são todos tais como são nascidos sete ou nove meses depois das adoções, e seus pais esses que são então adotados, e cada um vai ter tantos filhos e qualquer criança muitos pais.

Sócrates procede: eu tenho agora para provar que esse esquema é vantajoso e também consistente com nossa política inteira. O maior bem de um Estado é unidade; o maior mal, discórdia e distração.

E ali será a unidade onde não há prazeres privados ou dores ou interesses – onde se um membro sofre todos os membros sofrem, se um cidadão é tocado todos são rapidamente sensível; e o menos machuca para o pequeno dedo do Estado corre através do corpo todo e vibra para a alma. Para o verdadeiro Estado, como um indivíduo, é injuriado como um todo quando qualquer parte é afetada. Todo Estado tem assuntos e legisladores, que em uma democracia são chamados legisladores, e nos outros Estados mestres: mas em nosso Estado eles são chamados salvadores e aliados; e os assuntos que em outros Estados são denominados escravos, são por nós denominados educadores e pagadores, e esses que são denominados camaradas e colegas em outros lugares, são para nós chamados pais e irmãos. E considerando que nos outros Estados membros do mesmo governo consideram um de seus colegas como um amigo e outro como um inimigo, em nosso Estado nenhum homem é um estranho ao outro; para cada cidadão é conectado com qualquer outro por laços de sangue, e esses nomes e esse modo de falar terá uma realidade correspondente – irmão, pai, irmã, mãe, repetido da infância nos ouvidos das crianças, não será meras palavras. Então de novo os cidadãos terão todas as coisas em comum, em tendo propriedade comum eles terão prazeres e dores comuns.

Pode ali estar discussão e contenção entre esses que estão em uma mente: ou processos sobre propriedade quando os homens têm nada mas seus corpos os quais eles chamam de si próprio; ou petições sobre violência quando todo um é limitado para defender ele mesmo? A permissão para golpear quando insultado será um ‘antídoto’ para a faca e vai prevenir perturbações no Estado. Mas nenhum homem mais jovem golpeará um mais velho; reverência prevenirá ele de pôr mãos em sua família, e ele temerá que o resto da família pode retaliar. Além disso, nossos cidadãos serão libertos dos menores males da vida; ali não será lisonja do rico, sem cuidados de casa sórdida, sem emprestar e não pagar. Comparado com os cidadãos de outros Estados, nossos serão vitoriosos Olímpicos, e coroados com as bençãos maiores ainda – eles e seus filhos tendo um a melhor manutenção durante a vida, e depois da morte um funeral honorável. Nem tem a felicidade do indivíduo sido sacrificada para a felicidade do Estado; nosso vencedor Olímpico não tem virado um sapateiro, mas ele tem uma felicidade além da que de qualquer sapateiro. Ao mesmo tempo, se qualquer jovem convencido começa a sonhar de apropriação do Estado para si mesmo, ele deve ser lembrado que ‘metade é melhor que o todo.’ ‘Devo certamente avisá-lo para permanecer onde ele está quando ele tem a promessa de tal uma brava vida.’

Mas em tal uma comunidade possível? - como entre os animais, assim também entre os homens? Sobre guerra não há dificuldade; o princípio do comunismo é adaptado para serviço militar. Pais tomarão seus filhos para olhar em uma batalha, apenas como meninos oleiros são treinados para o negócio olhando na roda. E para os pais eles, como para os outros animais, a vista daqueles jovens provarão um grande incentivo para coragem. Jovens guerreiros devem aprender, mas eles não devem correr dentro do perigo, embora um certo grau de risco é valoroso incorrendo quando o benefício é grande. As criaturas jovens devem ser colocadas sob o cuidado de veteranos experientes, e elas devem ter asas – que quer dizer prontamente e corcéis tratáveis nos quais elas podem voar longe e escapar. Uma das primeiras coisas a serem feitas é ensinar um jovem a montar.

Covardes e desertores devem ser degradados para a classe dos lavradores: cavaleiros que permitem a si mesmos ser levados como prisioneiros, podem ser apresentados para o inimigo. Mas o que deve ser feito pelo herói? Primeiro de tudo ele deve ser coroado por todas as mocidades no exército; em segundo, ele deve receber a mão direita do companheirismo; e em terceiro, você pensa que há algum dano no ser dele beijado? Nós temos já determinado que ele deve ter mais esposas que outros, na ordem que ele pode ter como muitas crianças como possível. E num banquete nós devemos ter mais para comer; nós temos a autoridade de Homero para honrar homens corajosos com ‘calças longas,’ as quais é um elogio apropriado, porque carne é uma coisa muito fortalecente. Encha a tigela então, e dê os melhores assentos e carnes para o bravo – podem eles fazê-los bons! E ele que morre na batalha estará em uma vez declarado ser a raça dourada, e vai, como nós acreditamos, se tornar um dos anjos guardiões de Hesíodo. Nós devemos adorar depois da morte na

maneira descrita pelo oráculo; e não apenas ele, mas todos os outros benfeitores do Estado que morrem de qualquer outra maneira, deve ser admitido ser as mesmas honras.

A próxima questão é, como nós devemos tratar nossos inimigos? Devem os Helenos ser escravizados? Não; por há um risco tão grande da raça toda passar sob o jugo dos bárbaros. Ou deve o morto ser despojado? Certamente não; mas esse tipo de coisa é uma desculpa para se esconder, e tem sido a ruína de muitos num exército. Há maldade e malícia feminina em fazer um inimigo do corpo morto, quando a alma a qual era o dono tem fugido – como um cachorro que não pode alcançar seus assaltantes, e disputas com as pedras as quais são arremessadas nele ao invés disso. Novamente, os braços dos Helenos devem ser oferecidas nos templos dos Deuses; eles são uma poluição, por eles são tomados de irmãos. E em chãos semelhantes ali deve ser um limite para a devastação do território Helênico – as casas não devem ser queimadas, nem mais que o produto anual carregado fora. Pela guerra é de dois tipos, civil e estrangeira; a primeira da qual é propriamente nomeada ‘discórdia,’ e apenas a segunda ‘guerra;’ e guerra entre os Helenos é na realidade guerra civil – uma disputa numa família, a qual é sempre para ser considerada como não patriota e não natural, e deve ser processada com uma visão para reconciliação em um espírito verdadeiramente fileleno, como desses que vão castigar mas não totalmente escravizar. A guerra não é contra uma nação inteira que são uma multidão de homens amigáveis, mulheres, e crianças, mas apenas contra umas poucas pessoas culpadas; quando elas são punidas a paz será restaurada. Esse é o caminho no qual os helenos devem guerrear contra um outro – e contra os bárbaros, como eles guerream um contra o outro agora.

‘Mas, meu querido Sócrates, você está se esquecendo da principal questão: é um tal Estado possível? Eu garanto tudo e mais o que você diz sobre a bem-aventurança de sendo uma família – pais, irmãos, mães, filhas, saindo da guerra juntas; mas quero averiguar a possibilidade desses Estado ideal.’ Vocês são tão desapiedados. A primeira onda e a segunda onda tenho dificilmente escapado, e agora você vai certamente puxar-me com a terceira. Quando você vê a crista muito alta da onda, espero que você tome piedade. ‘Não um bocado.’

Bem, então, nós eramos conduzidos a formar nossa política ideal na procura depois de justiça, e o homem justo respondeu ao Estado justo. É esse ideal em tudo do pior por ser impraticado? Vai o quadro de um homem perfeitamente belo ser qualquer o pior porque não tal homem sempre vivido? Qualquer realidade pode surgir a ideia? Natureza não permitirá palavras para ser completamente realizadas; mas se estou a tentar e realizar o ideal do Estado em uma medida, penso que uma aproximação possa ser feita para a perfeição da qual eu sonho por uma ou duas, não digo desprezo, mas mudanças possíveis na presente constituição dos Estados. Vou reduzir eles para um único sozinho – a maior onda,, como posso chamar ela. Até, então, reis são filósofos, ou filósofos são reis, cidades nunca vão cessar de enfermidade: não, nem a raça humana; nem vai nossa política ideal vir sempre dentro do ser. Sei que isso é um ditado duro, ao qual poucos serão capazes de receber. ‘Sócrates, todo o mundo vai levar embora seu casaco e apressa em você com varas e pedras, e então vou avisar a você para preparar uma resposta.’ Você me conseguiu dentro do rapapé, eu disse. E eu estava certo,’ ele respondeu; ‘contudo, vou levantar por você como um tipo de fazer nada, bom sentido aliado.’ Tendo a ajuda de um tal campeão, vou fazer o meu melhor para manter minha posição. E primeiro, devo explicar de quem eu falo e que tipo de naturezas essas são quem são para os filósofos e legisladores. Como você é um homem de prazer, você não terá esquecido quão amantes indiscriminados estão em seus anexos; eles amam todos, e voltam marcas dentro de belezas. O jovem achatado cheirado é dito para ter uma graça vencedora; o bico de outro tem uma aparência real; o sem traços característicos é sem defeito; a escuridão é varonil, os justos anjos; os doentios tem um novo termo de estima inventado expressamente para eles, o qual é ‘mel pálido.’ Amantes de vinho e amantes de ambição também desejam os objetos de sua afeição em toda forma. Agora aqui vem o ponto: - O filósofo também é um amante de conhecimento em toda forma; ele tem um a curiosidade insaciável. ‘Mas vai a curiosidade fazer um filósofo? São os amantes das visões e sons, que deixam fora seus ouvidos para qualquer coro nos festivais dionísicos, ser

chamados filósofos?’ Eles não são verdadeiros filósofos, mas apenas uma imitação. “Então como somos nós para descrever a verdade?”

Você deve conhecer a existência das ideias abstratas, tais como justiça, beleza, bem, mal, as quais são severamente uma, ainda nas várias combinações aparecem para ser tantas. Esses que reconhecem essas realidades são filósofos; considerando que a outra classe ouve sons e vê cores, e entendem seu uso nas artes, mas não podem alcançar para a verdade ou despertando visão da absoluta justiça ou beleza ou verdade; elas não tem a luz do conhecimento, mas da opinião, e o que eles veem é um sonho apenas. Talvez ele de quem nós dizemos o último estará irritado conosco; podemos nós pacificar ele sem revelar a desordem de sua mente? Suponha que nós dizemos que, se ele tem conhecimento nós nos regozizamos para ouvir isso, mas conhecimento deve ser de algo o qual é, como ignorância é de algo ao qual não é; e há uma terceira coisa, a qual ambos é e não é, e é questão de opinião apenas. Opinião e conhecimento, então, tendo objetos distintos, devem também ser faculdades distintas. E pelas faculdades eu quero dizer poderes não vistos e distinguíveis apenas pela diferença em seus objetos, como opinião e conhecimento diferem, desde o um é sujeito a errar, mas o outro é não errando e é o mais poderoso de todas as nossas faculdades. Se ser é o objeto de conhecimento, e não ser da ignorância, e existem os extremos, opinião deve colocar entre eles, e pode ser chamada mais escura que um e mais brilhante que a outra. Essa questão intermediária ou contingente é e não é ao mesmo tempo, e participa de ambas as existências e das não existências. Agora vou perguntar ao meu bom amigo, que nega beleza e justiça abstrata, e afirma um muito bonito e um muito justo, se tudo que ele vê não está no mesmo ponto de vista diferente – o belo feio, o piedoso impiedoso, o justo injusto? Não é o dobro também a metade, e não é pesado e luz termos relativos aos quais passam dentro de um outro? Tudo é e não é, como no velho enigma - ‘Um homem e não um homem tiro e não atira num pássaro e não um pássaro com uma pedra e não uma pedra.’ A mente não pode ser consertada em ou alternativa; e essas ambíguas, intermediárias, erradas, objetos meio iluminados, os quais tem um movimento desordenadamente na região entre ser e não ser, são as questões próprias de opinião, como os objetos imutáveis são a questão própria de conhecimento. E ele que rasteja no mundo de sentido, e tem apenas uma percepção incerta das coisas, não é um filósofo, mas um amante da opinião apenas...

O quinto livro é o novo começo da República, no qual a comunidade da propriedade e da família são primeiramente mantidos, e a transição é feita para o reino dos filósofos. Para ambos desses Platão, depois da sua maneira, tem estado preparando em algumas palavras de chance do Livro IV, o qual cai despercebido na mente do leitor, como eles são supostos em primeiro para ter caído no ouvido de Glauco e Adeimantus. Os ‘paradoxos,’ como termos eles de Morgenstern, desse livro da República será reservado para outro lugar; umas poucas considerações no estilo, e algumas explicações das dificuldades, podem ser brevemente adicionadas.

Primeiro, há a imagem das ondas, as quais saques para um tipo de esquema ou plano do livro. A primeira onda, a segunda onda, a terceira e maior onda vem rolando em, e nós ouvimos o rugido delas. Todas que podem ser ditas da extravagância das propostas de Platão é antecipado por ele mesmo. Nada é mais admirável que a hesitação com a qual ele propõe o solene texto, ‘até reis são filósofos,’ etc.; ou a reação do sublime para o ridículo, quando Glauco descreve a maneira na qual a nova verdade será recebida pelo gênero humano.

Alguns defeitos e dificuldades podem ser notadas na execução do plano comunístico. Nada é dito a nós da aplicação do comunismo para as classes mais baixas; nem é a tabela de graus proibidos capaz de ser feita fora. É bastante possível que uma criança nasça em um festival himenial pode casar um de seus próprios irmãos ou irmãs, ou até mesmo um de seus pais, em outro. Platão é temeroso de uniões incestuosas, mas, ao mesmo tempo, ele não deseja trazer antes a nós o fato que a cidade será dividida dentro de famílias desses nascidos sete e nove meses depois de cada festival himenial. Se isso era valioso enquanto discutir seriamente sobre tais fantasias, nós devemos considerar que enquanto todas as velhas afinidades são abolidas, a recente afinidade proibida repousa não em nenhum princípio natural ou racional, mas apenas no acidente de crianças tendo sido nascidas no mesmo mês e ano. Nem ele explica como os lotes podem ser assim manipulados pela legislatura como para trazer juntos o mais justo e o melhor. A expressão singular a qual é empregada para descrever a idade de vinte e cinco pode talvez ser tomada de algum poeta.

Na delineação do filósofo, as ilustrações da natureza da filosofia derivou do amor e mais vestido para a apreensão de Glauco, o homem ateniense de prazer, que para gostos modernos ou

sentimentos. Eles são em parte faceto, mas também contém um germe de verdade. Essa ciência é um todo, permanece um verdadeiro princípio de indutivo assim como filosofia metafísica; e o amor do conhecimento universal é ainda a característica do filósofo na moderna assim como nos tempos antigos.

Ao fim do quinto livro Platão introduz a invenção da matéria contingente, a qual tem exercitado tão grande uma influência ambas na Ética e Teologia do mundo moderno, e a qual ocorre aqui pela primeira vez na história da filosofia. Ele não considera que os graus de conhecimento no assunto não tem nada correspondendo a eles no objeto. Com ele uma palavra deve responder para uma ideia; e ele não pode conceber de uma opinião a qual foi uma opinião sobre nada. A influência da analogia, conduz ele para inventar ‘paralelos e conjugados’ e para negligenciar fatos. Para nós alguns de suas dificuldades são confundindo apenas de sua simplicidade: nós não percebemos que a resposta para eles ‘está caindo fora a nossos pés.’ Para a mente dos pensadores cedo, a concepção de não ser era escura e misteriosa; elas não veem que essa terrível aparição a qual ameaçou destruição para todo conhecimento era apenas uma determinação lógica. O termo comum sob o qual, através do uso accidental de linguagem, duas ideias inteiramente diferentes foram incluídas eram outro tipo de confusão. Assim através da ambiguidade dos (grego) Platão, tentando introduzir ordem dentro do primeiro caos do pensamento humano, parece ter confundido percepção e opinião, e para ter falhado para distinguir o contingente do relativo. No Taeteto a primeira dessas dificuldades começou a clarear-se; no Sofista o segundo; e para isso, assim como por outras razões, ambos desses diálogos são provavelmente para ser considerados como depois que a República.

LIVRO VI. Tendo determinado que os muitos não têm conhecimento do verdadeiro sendo, e não tem padrões claros nas mentes de justiça, beleza, verdade, e esses filósofos têm tais padrões, nós temos agora perguntar se eles ou os tantos devem ser legisladores no nosso Estado. Mas quem pode duvidar que filósofos devem ser escolhidos, se eles tem as outras qualidades as quais são requeridas num legislador? Por eles são amantes do conhecimento da eterna e de toda verdade; eles são odiadores da falsidade; seus piores desejos são absorvidos nos interesses de conhecimento; eles são espectadores de todo tempo e toda existência; e na magnificência de sua contemplação a vida do homem é como nada para eles, nem é a morte medroso. Também eles são de uma social, graciosa disposição, igualmente livres de covardice e arrogância. Eles aprendem e lembram facilmente; eles tem harmonioso, mentes bem reguladas; verdade flui para eles docemente pela natureza. Pode o deus do Cúme ele mesmo encontrar qualquer falta com a qual tal uma assembleia de boas qualidades?

Aqui Adeimantus interpõe: - ‘Nenhum homem pode responder a você, Sócrates; mas todo homem sente que isso está devendo para sua própria deficiência em argumento. Ele é dirigido de uma posição a outra, até ele não tem nada mais para dizer, da mesma maneira que um jogador não habilidoso em rascunhos é reduzido para seu último movimento por um oponente mais habilidoso. E ainda todo o tempo ele pode estar certo. Ele pode saber, em sua muita instância, que esses que fazem filosofia o negócio de suas vidas, geralmente se mostre os velhacos se eles são maus homens, e tolos se eles são bons. O que você diz?’ Devo dizer que ele está bastante certo. ‘Então como é uma tal admissão reconciliável com a doutrina que filósofos devem ser reis?’ Devo responder a você numa parábola a qual vai também deixar você ver quão pobre uma mão eu sou na invenção de alegorias. A relação de homens bons para seus governos é assim peculiar, que em ordem para defender eles eu devo tomar uma ilustração do mundo da ficção. Conceba o capitão de um navio, maia alto por uma cabeça e ombros que qualquer da tripulação, ainda um pouco morto, um pouco cego, e bastante ignorante da arte do marinheiro. Os marinheiros querem guiar,

embora eles não saibam nada de arte; e eles tem uma teoria que isso não pode ser aprendido. Se o capacete é recusado deles, eles drogam o pelotão do capitão, fitam ele pé e mão, e tomam posse do navio. Ele que junta no motim é denominado um bom piloto e que não; eles não tem concepção que o verdadeiro piloto deve observar os ventos e as estrelas, e devem ser seu mestre, ou eles como isso ou não; - tal um aquele será chamado por eles tolo, prater, observador de estrelas. Essa é minha parábola; a qual eu vou implorar a você para interpretar para mim para esse cavaleiro que pergunta por que o filósofo tem um tal mal nome, e para explicar para eles o que não ele, mas esses que não o recusarão, são para culpar por sua inutilidade. O filósofo não deve implorar do gênero humano para ser colocado em autoridade sobre eles. O homem sábio não deve procurar o rico, como o provérbio ofertas, mas todo homem, ou rico ou pobre, deve bater à porta do físico quando ele tem necessidade dele. Agora o piloto é o filósofo – ele quem na parábola eles chamam observador de estrelas, e os marinheiros amotinados são a turba dos políticos por quem ele é feito sem utilidade. Não que esses são os piores inimigos da filosofia, quem é longe mais desonrado por seus próprios filhos professando quando eles são corrompidos pelo mundo. Preciso eu revogar a imagem original do filósofo? Nós não dizemos dele agora mesmo, que ele amou a verdade e odiou a falsidade, e que ele não pôde descansar na multiplicidade do fenômeno, mas foi conduzido por uma simpatia em sua própria natureza para a contemplação do absoluto? Todas as virtudes como também verdade, quem é o líder deles, levou seu domicílio em sua alma. Mas como você estava observando, se nós viramos aparte para a vista da realidade, nós vemos que as pessoas que foram assim descritas, com a exceção de uma pequena e inútil classe, são velhacos absolutos.

O ponto o qual tem para ser considerado, é a origem da corrupção na natureza. Todo um admitirá que o filósofo, na nossa descrição dele, é um ser raro. Mas que sem número causa tenda destruir esses seres raros! Não há boa coisa a qual não pode ser a causa do mal – saúde, riqueza, força, grau, e as virtudes elas mesmas, quando colocadas sob circunstâncias desfavoráveis. Por como no mundo animal ou vegetal as mais fortes sementes mais precisam do acompanhamento de bom ar e solo, assim o melhor dos caracteres humanos viram fora os piores quando naturezas fracas duramente sempre fazem qualquer bem considerável ou dano; eles não são o enche fora do qual ou grandes criminosos ou grandes heróis são feitos. O filósofo segue a mesma analogia: ele é ou o melhor ou o pior de todos os homens. Algumas pessoas dizem que os sofistas são os corrompedores da juventude; mas não é a opinião pública o real sofista que está presente em todos os lugares, nas cortes, no campo, nos aplausos e assobios do teatro re ecoado pelas colinas em volta? Não vai um coração de um homem jovem salte entre esses sons discordantes? E vai qualquer educação salvá-lo de ser carregado fora pela torrente? Não é isso tudo. Por se ele não vai render para opinião, isso segue a compulsão suave de exílio ou morte. Que princípio de sofistas rivais ou qualquer outra pessoa pode superar em uma tal ou desigual competição? Caracteres esses podem ser mais que humanos, que são exceções – Deus pode salvar um homem, mas não sua própria força. Mais futuramente, eu vou ter você considerar que o sofista mercenário apenas dá de volta para o mundo suas próprias opiniões; ele é o guardião do monstro, que sabe como lisonjear ou o enfurecer, e observa o sentido de seus grunhidos inarticulados. Bem é que o agrada, mal é o que ele desagrade; verdade e beleza são determinados apenas pelo gosto do bruto. Tal é a sabedoria do sofista, e tal é a condição desses que fazem a opinião pública o teste da verdade, ou na arte ou nas morais. A maldição é posta neles de sendo e fazendo o que isso aprova, e quando eles atentam os primeiros princípios a falha é absurda. Pense de tudo isso e pergunte a você mesmo se o mundo é mais provável para ser um crente na unidade da ideia, ou na multiplicidade do fenômeno. E o mundo se não um crente na ideia não pode ser um filósofo, e deve então ser o perseguidor dois filósofos. Existe outro mal: - o mundo não é como perder a natureza presenteada, e assim eles lisonjeiam o jovem (Alcibiades) dentro de uma magnificente opinião de sua própria capacidade; o alto, própria juventude começa a expandir, e está sonhando de reinos e impérios. Se nesse instante um amigo sussurra para ele, ‘agora os deuses iluminam a ti – tu és um grande tolo’ e deve ser educado – você pensa que ele ouvirá? Ou suponha um tipo melhor de homem que é atraído em direção a filosofia,

vai eles não fazer esforços herculanianos deteriorar e corromper ele? Nós não estamos certos em dizer que o amor do conhecimento, não menos que os ricos, podem diverti-lo? Homens dessa classe (Critias) muitas vezes se tornaram políticos – eles são os autores do grande dano nos estados, e as vezes também do grande bem. E assim filosofia é desertada pelos naturais protetores dela, e outros entram em e desonram ela. Pequenas mentes vulgares veem a terra aberta e apressam-se das prisões das artes dentro do templo dela. Um mecânico inteligente tendo uma alma grossa como seu corpo, pensa que ele ganhará casta por se tornar o pretendente dela. Para filosofia, até mesmo na propriedade caída dela, tem uma dignidade de si própria – e ele, como um pequeno calvo aprendiz de ferreiro como ele é, tendo feito algum dinheiro e ido fora de durabilidade, lava e veste ele mesmo como um noivo e se casa a filha do mestre dele. O que será o assunto de tais casamentos? Eles não serão vis e bastardos, destituído da verdade e natureza? ‘Eles vão.’ Pequeno, então, é a sobra dos filósofos genuínos; ali podem ser uns poucos que são cidadãos de pequenos estados, nos quais políticos não estão pensando valor, de, ou de quem tem sido detido por freio de problemas de saúde de Theages; por meu próprio caso do sinal oracular é quase único, e também raro para ser valor mencionando. E esses poucos quando eles tem provado os prazeres da filosofia, e tem tomado um olhar em que guarida de ladrões e lugar das bestas selvagens, as quais é vida humana, estará de pé aparte da tempestade sob o abrigo de uma parede, e tentar preservar sua própria inocência e partir em paz. ‘Um grande trabalho, também, vai ter sido cumprido por eles.’ Grande, sim, mas não o maior; para homem é um ser social, e pode apenas alcançar seu mais alto desenvolvimento na sociedade a qual é melhor vestida para ele.

Basta, então, das causas por que os filósofos têm um tal mal nome. Outra questão é, qual dos estados existentes é vestido para ela? Não um deles; no presente ela é como alguma semente exótica a qual degenera num solo estranho; apenas no próprio estado dela ela será mostrada para o crescimento celestial. ‘E é o próprio estado dela nossos ou algum outro?’ Nossos em todos os pontos mas um, ao qual foi deixado indeterminado. Você pode se lembrar nosso dizendo que alguma mente vivente ou testemunha do legislador foi precisado nos estados. Mas nós estávamos com medo para entrar sobre um assunto de tal dificuldade, e agora a questão recorre e não tem crescido facilmente: - Como pode a filosofia ser seguramente estudada? Deixe-nos trazer ela dentro da luz do dia, e fazer um fim da investigação.

Em primeiro lugar, digo corajosamente que nada pode ser pior que o presente modo de estudo. Pessoas usualmente apanham uma pouca filosofia na cedo juventude, e nos intervalos de negócios, mas eles nunca mestre a real dificuldade, a qual é dialética. Depois, talvez, eles ocasionalmente vão para a leitura na filosofia. Anos avançam, e o sol da filosofia, ao contrário desse de Heracliteus, colocam nunca para levantar novamente. Essa ordem de educação deve ser revertida; isso deve começar com ginástica na juventude, e como o homem fortalece, ele deve aumentar a ginástica de sua alma. Então, quando vida ativa está acabada, deixe ele finalmente retornar para filosofia. ‘Você está no sério, Sócrates, mas o mundo será igualmente sério em resistindo você – não mais que Trasímasco.’ Não faça uma disputa entre Trasímaco e eu, que nunca foram inimigos e são agora bons amigos bastante. E eu devo fazer meu melhor para convencer ele e todo o gênero humano da verdade de minhas palavras, ou em qualquer taxa para preparar para o futuro quando, em outra vida, nós podemos de novo tomar parte em discussões semelhantes. “Que vai ser um longo tempo consequentemente.’ Não muito tempo na comparação com eternidade. Os muitos vão provavelmente permanecer incrédulos, para eles nunca tem visto a unidade natural de ideias, mas apenas justaposições artificiais; sem livres e generosos pensamentos, mas truques de controvérsias e sátiras da lei; - um homem perfeito regendo num estado perfeito, até mesmo um único sozinho eles não tem conhecido. E nós previsto que não havia chance de perfeição ou nos estados ou nos indivíduos até uma necessidade foi disposta sob filósofos – não os velhacos, mas esses de quem nós chamamos a classe sem utilidade – de segurar ofício; ou até os filhos dos reis eram inspirados com um verdadeiro amor da filosofia. Se na infinidade do tempo passado ali tinha sido, ou está em alguma terra distante, ou sempre será daqui em diante, um ideal tal como nós temos descrito, nós

fortemente mantemos que ali tinha sido, é, e será tal um estado sempre que a Musa das filosofias regras. Você dirá que o mundo é de outra mente? O, meu amigo, não insulte o mundo! Eles vão logo mudar suas opiniões se eles são suavemente entretidos, e são contados a verdadeira natureza do filósofo. Quem pode odiar um homem que o ama? Ou ser ciumento de um que não tem ciúme? Considere, novamente, que o tanto ódio não os verdadeiros mas os falsos filósofos – os pretendentes que forcem seu caminho em sem convite, e estão sempre falando de pessoas e não de princípios, os quais é ao contrário do espírito da filosofia. Para o verdadeiro filósofo menospreza discussão terrestre; seu olho está fixado na ordem eterna em concordância com a qual ele modela ele mesmo dentro da divina imagem (e não ele mesmo apenas, mas outros homens), e é o criador das virtudes privadas assim como públicas. Quando o gênero humano vê que a felicidade dos estados é apenas para ser encontrada nessa imagem, eles estarão zangados com nós por tentando delinear isso? ‘Certamente não. Mas o que será o processo de delineação?’ O artista não fará nada até ele tem feito uma tábula rasa; nisso ele vai inscrever a constituição de um estado, olhando muitas vezes na verdade divina da natureza, e de que derivando o divino entre os homens, entrosando os dois elementos, esfregando fora e pintando dentro, até há uma perfeita harmonia ou fusão do divino e humano. Mas talvez o mundo vai duvidar da existência de um tal artista. O que eles vão duvidar? Que o filósofo é um amante da verdade, tendo uma natureza consanguínea para o melhor? - e se eles admitem isso eles ainda disputam com nós para fazer filósofos nossos reis? ‘Eles serão menos dispostos a disputar.’ Deixe-nos assumir então que eles são pacificados. Ainda, uma pessoa pode hesitar sobre a probabilidade do filho de um rei ser um filósofo. E nós não negamos que eles são muito sujeitos a serem corrompidos; mas ainda seguramente no curso das eras ali pode ser uma exceção – e uma é o bastante. Se um filho de um rei era um filósofo, e tinha cidadãos obedientes, ele pode trazer o ideal político dentro do ser. Consequentemente nós concluímos que nossas leis não são apenas o melhor, mas que elas são também possíveis, embora não livres de dificuldade.

Eu não ganhei nada por evadir as questões problemáticas as quais surgem concernindo mulheres e crianças. Serei mais sábio agora e reconheço que nós devemos ir para o fundo de outra questão: O que é para ser a educação de nossos guardiões? Isso foi aceito que eles eram para ser amantes de sua nação, e eram para ser testados no fogo do refinador de prazeres e dores, e esses que vem adiante puro e permanecem fixados nos seus princípios eram para ter honras e recompensas na vida e depois da morte. Mas nesse ponto, o argumento posto no véu dela e virado em outro caminho. Eu hesitei para fazer a asserção a qual eu agora perigo, - que nossos guardiões devem ser filósofos.

Você se lembra de todos os elementos contraditórios, os quais encontram no filósofo – quão difícil encontrar eles todos em uma única pessoa! Inteligência e espírito são agora muitas vezes combinados com firmeza; a estólida, destemida, natureza é oposta a labuta intelectual. E ainda esses elementos opostos são todos necessários, e então, como nós estávamos dizendo antes, o aspirante deve ser testado em prazeres e perigos; e também, como nós devemos agora mais futuramente adicionar, nas mais altas filiais do conhecimento. Você lembrará, então quando nós falamos das virtudes mencionam eram feitas de uma estrada longa, a qual nós estávamos satisfeitos para deixar inexplorada. ‘Bastante pareceu ter sido dito.’ Basta, meu amigo; mas o que é basta enquanto qualquer coisa permanece querendo? De todos os homens o guardião não deve lânguido na busca após a verdade; ele deve ser preparado para levar a longa estrada, ou ele nunca alcançará essa mais alta região a qual está acima das quatro virtudes; e das virtudes também ele deve não apenas conseguir um esboço, mas uma clara e distinta visão. (Estanho que nós devemos ser tão precisos sobre ninharias, tão descuidado sobre as mais altas verdades!) ‘E o que são as mais altas?’ Você finge inconsciência, quando você tem assim muitas vezes ouvido-me falar da ideia de bem, sobre a qual nós conhecemos tão pouco, e sem a qual embora um homem ganha o mundo ele não tem lucro disso! Algumas pessoas imaginam que o bem é sabedoria; mas isso envolve um círculo, - o bem, ele dizem, é sabedoria, sabedoria tem fazer com o bem. De acordo com os outros o bem é prazer; mas então vem da absurdidade que o bem é mal, para ali ha maus prazeres como também bem. De novo,

o bem deve ter realidade; um homem pode desejar a aparência de virtude, mas ele não vai desejar a aparência de bom. Deve nossos guardiões então ser ignorantes deste princípio supremo, do qual todo homem tem um pressentimento, e sem o qual nenhum homem tem qualquer conhecimento real de qualquer coisa?’ Mas Sócrates, o que é o princípio supremo, conhecimento ou prazer, ou o que? Você pode pensar mim problemático, mas digo que você não tem negócio para estar sempre repetindo as doutrinas dos outros ao invés de dar-nos sua própria.’ Pode eu dizer o que não sei? ‘Você pode oferecer uma opinião.’ E vai a cegueira e curva de opinião conteúdo você quando você pode ter uma luz e certamente de ciência? ‘Vou apenas perguntar a você para dar uma tal explicação do bem como você tem dado já da temperança e justiça.’ Não posso alcançar para a altura do conhecimento do bem. Para o pai ou principal não posso introduzir você, mas para a criança procriou em sua imagem, a qual posso comparar com o interesse no principal, eu vou. (Auditoria a conta, e você não me deixa dar a você uma falsa declaração de débito.) Você lembra nossa velha distinção do tanto belo e o um belo, o particular e o universal, os objetos de viso e os objetos de pensamento? Você sempre considera que os objetos de visão implicam uma faculdade de visão a qual é a mais complexa e caro dos nossos sentidos, requerendo não apenas objetos de sentido, mas também um meio, a qual é luz; sem o qual a visão não distinguirá entre cores e todos serão um branco? Para luz é o nobre laço entre a faculdade percebendo e a coisa percebida, e o deus que dá a nós a luz é o sol, que é o olho do dia, mas não é para ser confundido com o olho de um homem. Esse olho do dia ou sol é o que chamo de filho do bem, de pé na mesma relação para o mundo visível como o bem para o intelectual. Quando o sol brilha o olho vê, e no mundo intelectual onde verdade está, há visão e luz. Agora que o qual é o sol das naturezas inteligentes, e a ideia de bem, a causa de conhecimento e verdade, ainda outro e mais justo que eles são, e de pé na mesma relação para eles nas qual o sol posto para iluminar. A inconcebível altura de beleza, a qual está sobre conhecimento e sobre verdade! (‘Você não pode seguramente prazer mau,’ ele disse. Paz. Eu respondi.) E essa ideia de bem, como o sol, é também a causa de crescimento, e o autor não de conhecimento apenas, mas de ser, ainda maior distante que ou na dignidade e poder. ‘Que é um alcance de pesamento mais que humano; mas, ore, vá adiante com a imagem, para eu suspeitar que há mais por trás.’ Há, digo: e aguentando na mente nossos dois sois ou princípios, imagine mais futuramente seus mundos correspondentes – um do visível, o outro do inteligível; você pode ajudar sua fantasia figurando a distinção sob a imagem de uma linha dividida dentro de duas partes desiguais, e pode de novo subdividir cada parte dentro de dois segmentos menores representativos dos estágios de conhecimento em ou esfera. A porção mais baixa da baixa ou visível esfera consistirá de sombras e reflexões, e sua mais alta e menor porção conterá objetos reais no mundo de natureza ou de arte. A esfera do inteligível também terá duas divisões, - uma de matemática, na qual não há ascendente mas tudo e descendente; não indagando dentro de primícias, mas apenas puxando de inferências. Nessa divisão a mente trabalha com figuras e números, as imagens das quais não são tomadas de sombras, mas de objetos, embora a verdade deles é vista apenas com o olho da mente; e eles são usados como hipóteses sem ser analisadas. Considerando que nas outras divisões razão usa a hipótese como estágios ou passos no ascendente para a ideia de bem, para a qual ela firma eles, e então novamente descende, caminhando firmemente na região das ideias, e das ideias apenas, na ascensão assim como declínio, e finalmente repousando neles. ‘Entendi parcialmente,’ ele respondeu: ‘você quis dizer que as ideias de ciência são superiores para a hipotética, concepções metafóricas de geometria e as outras artes ou ciências, qualquer que é para ser o nome delas; e as concepções depois vão recusar você fazer assuntos de puro intelecto, porque eles não tem primeiro principio, embora quando repousando em um primeiro princípio, eles passam dentro de uma esfera mais alta.’ Você me entende muito bem, eu digo. E agora para essas quatro divisões de conhecimento você pode nomear quatro faculdades correspondentes – pura inteligência para a mais alta esfera; inteligência ativa para a segunda; para a terceira; fé; para a quarta, a percepção das sombras – e a clareza das sérias faculdades estarão na mesma relação como a verdade dos objetos para os quais elas são relatadas...

Como Sócrates, nós podemos recapitular as virtudes do filósofo. Na linguagem a qual parece alcançar além do horizonte dessa época e nação, ele é descrito como ‘o espectador de todo o tempo e toda existência.’ Ele tem os mais nobres presentes da natureza, e faz o uso mais alto deles. Todos os seus desejos são absorvidos no amor da sabedoria, a qual é o amor da verdade. Nenhuma das graças da alma bonita são esperados nele; nem pode ele temer a morte, ou pensar muito da vida humana. O ideal dos tempos modernos dificilmente retém a simplicidade do antigo; não há a mesma originalidade ou na verdade ou erro o qual caracterizado pelos gregos. O filósofo está não muito tempo vivendo no não visto, nem ele é enviado por um oráculo para convencer o gênero humano da ignorância; nem ele recompensa conhecimento como um sistema de ideias conduzindo acima por estágios regulares para a ideia de bem. A ânsia da perseguição tem abatido; há mais divisão de trabalho e menos de reflexão compreensiva sobre natureza e vida humana como um todo; mais da observação exata e menos da antecipação e inspiração. Ainda, nas condições alteradas de conhecimento, o paralelo não é todo perdido; e ali pode estar um uso na concepção traduzida de Platão dentro da linguagem de nossa própria época. O filósofo nos tempos modernos é um que conserta sua mente nas leis da natureza em sua sequência e conexão, não em fragmentos ou figuras da natureza; na história, não na controvérsia; nas verdades as quais são conhecidas pelos poucos, não nas opiniões dos tantos. Ele está atento da importância de ‘classificar de acordo com a natureza,’ e tentará ‘separar os membros da ciência sem quebrá-los’ (Phaedr.). Não há parte da verdade, ou grande ou pequena, a qual ele desonrará; e Nas coisas restantes ele discernir a maior (Parmen.). Como o antigo filósofo ele vê o mundo penetrado por analogias, mas ele pode também dizer ‘como em alguns casos uma única instância é suficiente para uma indução’ (Lógica de Mill), enquanto em outros casos uns mil exemplos não provariam nada. Ele indaga dentro de uma porção de conhecimento apenas, porque o todo tem crescido tão vasto para ser abraçado por uma única mente de vida. Ele tem uma mais clara concepção das divisões da ciência e de sua relação para a mente do homem que foi possível para os antigos. Como Platão, ele tem uma visão da unidade de conhecimento, não como o início da filosofia a ser atingida por um estudo de matemática primária, mas como o longe fora resultado de trabalhando de tantas mentes em tantas épocas. Ele está ciente que estudos matemáticos são preliminarmente para quase todo outro; ao mesmo tempo, ele não reduzirá todas as variedades de conhecimento para o tipo de matemática. Ele também deve ter uma nobreza de caráter, sem a qual o gênio perde a melhor metade da grandeza. Considerando o mundo como um ponto na imensidão, e cada indivíduo como um elo numa corrente sem fim de existência, ele não pensará muito de sua própria vida, ou estar grandemente com medo da morte. O objeto de Adeimantus primeiro de tudo para a forma do argumentando Socrático, assim mostrando que Platão está ciente da imperfeição de seu próprio método. Ele traz a acusação contra ele mesmo a qual pode ser trazida contra ele por um lógico moderno – que ele extrai para a resposta porque ele sabe como colocar a questão. Em um longo argumento de palavras são aptas a mudar seu sentido levemente, ou premissas podem ser assumidas ou conclusões inferidas com bastante também deve certamente ou universalmente; a variação em cada passo pode ser inobservada, e ainda ao último a divergência se torna considerável. Consequentemente a filha de tentativas de aplicar fórmulas aritméticas ou algébricas. A imperfeição, ou bastante a mais alta e mais elástica natureza da linguagem, não permite palavras ter a precisão dos números ou dos símbolos. E essa qualidade na linguagem prejudica a força de um argumento ao qual tem muitos passos.

A objeção, embora justamente encontrada por Sócrates na sua instância particular, pode ser considerada como implicando uma reflexão sobre o modo Socrático de argumentando. E aqui, como em outro lugar. Platão parece intimar que o tempo tem vindo quando o método negativo e interrogativo de Sócrates deve ser substituído por um positivo e construtivo, dos quais exemplos são dados em algum dos diálogos posteriores. Adeimantus mais futuramente argumenta que o ideal é completamente na variância com fatos; por experiência prova filósofos ser ou inúteis ou velhacos. Contrário a toda expectativa Sócrates não tinha hesitação em admitir a verdade disso, e explicar a anormalidade numa alegoria, primeiro caracteristicamente depreciando seus próprios poderes

inventivos. Nessa alegoria as pessoas são distinguidas dos políticos profissionais, e, como em outro lugar, são falados de em um tom de piedade bastante que da censura sob a imagem ‘do nobre capitão que não é muito rápido em suas percepções.’

A inutilidade dos filósofos é explicada pela circunstância que o gênero humano não usará deles. O mundo em todas as épocas têm sido dividido entre desprezo e medo desses que empregam o poder de ideias e não sabem outras armas. Concernindo o filósofo falso, Sócrates argumenta que o melhor é mais sujeito a corrupção; e que a natureza mais fina é mais semelhantemente a sofrer de condições estrangeiras. Nós também observamos que há alguns tipos de excelência os quais pulam de uma delicadeza peculiar de constituição, e é evidentemente verdadeiro do temperamento poético e imaginativo, o qual muitas vezes depende nas impressões, e conseqüentemente pode apenas respirar ou viver numa certa atmosfera. O homem do gênio tem maiores dores e maiores prazeres, maiores poderes e maiores fraquezas, e muitas vezes um grande jogo de caráter que está para ser encontrado nos homens ordinários. Ele pode assumir a distinção de virtude e desinteresse não tendo eles, ou vela inimizade pessoal na linguagem do patriotismo e filosofia, - ele pode dizer a palavra a qual todos os homens estão pensando, ele tem uma perspicácia a qual é terrível dentro das tolices e fraquezas de seus membros de raça humana. Um Alcibiades, um Mirabeau, ou um Napoleão o primeiro, são nascidos ou para ser autores de grandes males em estados, ou ‘de grande bem, quando eles são puxados nessa direção.’ Ainda a tese, ‘*corruptio optimi pessima*,’ não pode ser mantida geralmente ou sem recompensa para o tipo de excelência a qual é corrompida. As condições estrangeiras as quais estão corrompendo a uma natureza, podem ser os elementos da cultura para outro. Em geral um homem pode apenas receber seu mais alto desenvolvimento num estado congenial ou família, entre amigos ou categoria de trabalhadores. Mas também nós podemos as vezes ser mexido por circunstâncias adversas para um tal grau que ele aumenta contra eles e reforma eles. E enquanto caracteres mais fracos ou mais grossos extrairão bem fora do mal, digo num estado corrompido da igreja ou da sociedade, e viver em felizmente, permitindo o mal permanecer, as naturezas mais finas ou mais fortes podem ser esmagadas ou deterioradas por influências cercando – podem ser tornar misantrópicas e filantrópicas por turnos; ou em umas poucas instâncias, como os fundadores das ordens monásticas, ou os Reformadores, devendo a alguma peculiaridade neles mesmos ou em sua época, podem fugir inteiramente do mundo e da igreja, as vezes dentro de um grande bem, as vezes dentro de um grande mal, as vezes dentro de ambos. E o mesmo segura na menor esfera de um convento, uma escola, uma família.

Platão ia ter nos considerado quão facilmente as melhores naturezas são dominadas pela opinião pública, e que esforços o resto do gênero humano fará para conseguir posse deles. O mundo, a igreja, sua própria profissão, qualquer organização política ou partido, estão sempre carregando eles fora de suas pernas e ensinado eles a aplicar altos e santos nomes para seus próprios prejuízos e interesses. A corporação ‘monstro’ a qual eles pertencem juízes direito e verdade para ser o prazer da comunidade. O indivíduo se torna um com essa ordem; ou, se ele resiste, o mundo é tanto para ele, e vai mais cedo ou mais tarde se vingar nele. Isso é, talvez, um unilateral mas não completamente não verdadeiro quadro dos máximos e prática do gênero humano quando eles ‘sentam juntos em uma assembleia,’ ou em antigos ou tempos modernos.

Quando as mais altas naturezas são corrompidas pela política, a mais baixa toma posse do lugar desocupado da filosofia. Isso é descrito em uma dessas imagens contínuas nas quais o argumento, para usar uma expressão platônica, ‘vela ela mesma,’ e a qual é derrubada e reaparece em intervalos. A questão é perguntada, - Porque os cidadãos são de estados tão hostis a filosofia? A resposta é, que eles não conhecem ela. E ainda há também uma mente melhor de tantos; eles acreditarão se eles foram contados. Mas até aqui eles tem apenas conhecido uma imitação convencional da filosofia, palavras sem pensamentos, sistemas os quais não tem vida neles; uma pessoa (divina) proferindo as palavras de beleza e liberdade, o amigo do homem mantendo comunhão com o Eterno, e procurando moldar o estado nessa imagem, eles nunca tem conhecido. O

mesmo sentimento duplo a respeito da massa do gênero humano sempre tem existido entre os homens. O primeiro pensamento é que as pessoas são os inimigos da verdade e direito; o segundo, que isso apenas surge fora de um erro accidental e confusão, e que eles não odeiam realmente esses que amam eles, se eles podem ser educados para conhecê-los.

Na parte posterior do sexto livro, três questões têm de ser consideradas: 1ª, a natureza do mais longo e caminho que mais dá voltas, o qual é contrastado com o mais curto e mais imperfeito método do Livro IV; 2ª, o pesado padrão ou ideia do estado; 3ª, a relação das divisões de conhecimento para uma outra e para as correspondentes faculdades da alma:

1. Do mais alto método de conhecimento em Platão nós temos apenas um olhar rápido. Nem aqui nem no *Phaedrus* ou *Simpósio*, nem ainda no *Philebus* ou *Sofista*, ele dá qualquer explicação clara de seu significado. Ele vai provavelmente ter descrito seu método como procedendo por passos regulares para um sistema de conhecimento universal, o qual inferida as partes do todo basnate que o todo das partes. Esse ideal lógico não é praticado por ele na pesquisa após justiça, ou na análise das partes da alma; ali, como Aristóteles na *Ética Nicomacheana*, ele argumenta da experiência e do uso comum da linguagem. Mas ao fim do sexto livro ele concede outro e mais perfeito método, no qual todas as ideias são apenas passos ou graus ou momentos de pensamento, formando um todo conectado o qual é auto suportado, e no qual consistência é o teste de verdade. Ele não explica para nós em detalhes a natureza do processo. Como muitos outros pensadores ambos nos antigos e modernos tempos sua mente parece ser enchida com uma forma desocupada a qual ele é incapaz de realizar. Ele supõe as ciências ter uma ordem natural e conexão numa época quando eles podem facilmente ser dito existir. Ele está acelerando adiante para o ‘fim do mundo intelectual’ sem até mesmo fazer um início deles.

Nos tempos modernos nós dificilmente precisamos ser lembrado que o processo de adquirir conhecimento está aqui confundido com a contemplação do conhecimento absoluto. Em toda ciência a priori e a posteriori verdades entrosam em várias proporções. A parte a priori é essa a qual é derivada da experiência mais universal dos homens, ou é universalmente aceita por eles; a posteriori é essa a qual cresce em volta dos princípios mais gerais e se torna imperceptivelmente uma com eles. Mas Platão imagina erroneamente que a síntese é separável da análise, e que o método da ciência pode antecipar ciência. No entretenimento uma tal visão de um conhecimento a priori ele é suficientemente justificado, ou ao menos seu significado pode ser suficientemente explicado pelas tentativas semelhantes de Descartes, Kant, Hegel, e até mesmo de Bacon ele mesmo, na filosofia moderna. Antecipações ou adivinhações, ou olhares proféticos das verdades ou concernindo homem ou natureza, parece estar de pé dentro da mesma relação a antiga filosofia a qual hipótese aguenta a moderna ciência indutiva. Essas ‘suposições a verdade’ não foram feitas em aleatório; elas surgiram de uma impressão superficial de uniformidades dos gregos, contemplando a expansão do céu e terra, pareceu reconhecer na distância. Nem podemos nós negar que em tempos antigos o conhecimento devia ter estado de pé imóvel, e a mente humana sido privada dos muitos instrumentos de pensamento, se filosofia tinha sido estritamente confinada aos resultados da experiência.

2. Platão supõe que quando o tablete tem sido feito branco o artista encherá nos lineamentos do estado ideal. É esse um padrão deitado para cima no céu, ou mera vacância na qual ele é suposto a olhar com olho desejando saber? A resposta é, que tais ideais são moldados em parte pela omissão dos particulares, em parte pela imaginação aperfeiçoando a forma a qual a experiência supre. (*Phaedo*). Platão representa esses ideais numa figura como pertencendo a outro mundo; e em tempos modernos a ideia vai as vezes parecer preceder, em outros tempos para cooperar com a mão do artista. Como na ciência, assim também na arte criativa, há um método sintético como também analítico. Um homem terá o todo em sua mente antes que ele começa; para outros os processos da mente e mão serão simultâneos.

3. Não há dificuldade em ver que as divisões de Platão de conhecimento são baseadas, primeiro, na antítese fundamental de sensível e intelectual a qual penetra o todo da filosofia pré Socrática; na

qual é implicado também a oposição do permanente e transiente, do universal e particular. Mas a época da filosofia na qual ele viveu parecia requerer uma distinção mais futuramente; - números e figuras estavam começando a separar de ideias. O mundo não pôde por muito tempo considerar justiça como um cubo, e foi aprendendo a ver, embora imperfeitamente, que as abstrações de sentido eram distintas das abstrações da mente. Entre o Eleático ser ou essência e as sombras do fenômeno, o princípio Pitagórico de número encontrou um lugar, e foi, como Aristóteles observa, um meio contínuo de um para o outro. Consequentemente Platão é conduzido a introduzir um terceiro termo o qual não tem até aqui entrado no esquema de sua filosofia. Ele tinha observado o uso da matemática na educação; eles eram a melhor preparação para estudos mais altos. A relação subjetiva entre eles futuramente sugere um objetivo aquele; embora a passagem de um para o outro é realmente imaginária (Metaf.). para filosofia metafísica e moral não tem conexão com matemática; número e figura são as abstrações do tempo e espaço, não as expressões de concepções puramente intelectuais. Quando despido de metáfora, uma linha reta ou um quadrado não tem mais para fazer com direito e justiça quando uma linha entortada com vício. A associação figurativa era engano para uma aquela real; e assim as três divisões mais tardias da proporção platônica foi construída.

Há mais dificuldade em compreender como ele chegou ao primeiro termo das séries, a qual é em nenhuma outra parte mencionada, e não tem referência para qualquer outra parte de seu sistema. Nem realmente faz a relação das sombras para objetos correspondem a relação de números para ideias. Provavelmente Platão tem sido conduzido pelo amor da analogia (Timaeus) para fazer quatro termos em vez de três, embora os objetos percebidos em ambas divisões da mais baixa esfera são igualmente objetos de sentido. Ele está também preparando o caminho, a sua maneira, para as sombras de imagens no começo do sétimo livro, e a imitação de uma imitação no décimo. A linha pode ser considerada como alcançando da unidade a infinidade, e é dividido dentro de duas partes desiguais, e subdividido dentro de mais duas; cada esfera mais baixa é a multiplicação da precedente. Das quatro faculdades, fé na divisão baixa tem uma posição intermediária (cp. para o uso da palavra fé ou crença, (grego), Timaeus), contrastando igualmente com a incerteza da percepção das sombras (gregas) e a mais alta certeza de entendimento (grego) e razão (grega).

A diferença entre entendimento e mente ou razão (grega) é análoga a diferença entre adquirir conhecimento nas partes e a contemplação do todo. Verdadeiro conhecimento é um todo, e está no resto; consistência e universalidade são os testes da verdade. Para esse autoevidenciando conhecimento do todo a faculdade da mente é suposta a correspondendo. Mas há um conhecimento de entendimento o qual é incompleto e em movimento sempre, porque incapaz para descansar nas ideias subordinadas. Essas ideias são chamadas ambas imagens e hipótese – imagens porque elas são vestidas em sentido, hipóteses porque elas são suposições apenas, até elas são trazidas dentro de conexão com a ideia de bem.

O sentido geral da passagem, ‘Nobre, então, é o laço o qual liga juntos visão... E desse tipo eu falo como o inteligível...’ tão longe como o pensamento contido nisso admite de sendo traduzido dentro dos termos da filosofia moderna, podem ser descrito ou explicado como segue: - Há uma verdade, uma e autoexistente, para a qual pela ajuda de uma escada de mão colocada de baixo para cima, a inteligência humana pode ascender. Essa unidade é como o sol nos céus, a luz pela qual todas as coisas são vistas, o ser pelo qual eles são criados e sustentados. Essa é a IDEIA de bem. E os passos da escada levando acima para essa existência mais alta ou universal são as ciências matemáticas, as quais também contém elas mesmas um elemento do universo. Essas, também, nós vemos numa nova maneira quando nós conectamos elas com a ideia de bem. Elas então cessam para ser hipóteses ou figuras, e se tornam partes essenciais de uma verdade mais alta a qual é em uma vez seu primeiro princípio e sua causa final.

Nós não podemos dar qualquer sentido mais preciso para essa passagem considerável, mas nós podemos traçar nisso vários rudimentos ou vestígios de pensamento os quais são comuns a nós e para Platão: tais como (1) a unidade e correlação das ciências, ou bastante da ciência, para no tempo

de Platão elas não eram ainda divididas ou distinguidas; (2) a existência de um Poder Divino, ou vida ou ideia ou causa ou razão, ainda não concebido ou não muito tempo concebido como no Timaeus e em outro lugar sob a forma de uma pessoa; (3) o reconhecimento do caráter hipotético e condicional das ciências matemáticas, e na medida de cada ciência quando isolada do resto; (4) a convicção de uma verdade a qual é invisível, e de uma lei, embora duramente uma lei da natureza, a qual permeia o intelectual bastante que o mundo visível.

O método de Sócrates é hesitação e tentativa, esperando a explicação mais cheia da ideia de bem, e da natureza da dialética no sétimo livro. A inteligência imperfeita de Glauco, e a relutância de Sócrates para fazer um começo, marcam a dificuldade do assunto. A alusão para a rédea de Theages, e para o oráculo interno, ou signo endiabrado, de Sócrates, o qual aqui, como sempre em Platão, é apenas proibitório; a consideração que a salvação de qualquer remanescente do bem no presente mau estado do mundo é devido a Deus apenas; a referência para um futuro estado de existência, a qual é desconhecida para Glauco no décimo livro, e no qual as discussões de Sócrates e seus discípulos vá ser retomada; a surpresa nas respostas; a ironia fantasiosa de Sócrates, onde ele finge que ele pode apenas descrever a estranha posição do filósofo numa figura de linguagem; a observação original que os sofistas, depois de tudo, são apenas os representativos e não os líderes da opinião pública; a figura do filósofo de pé aparte no chuveiro de granizo sob uma parede; a figura da ‘grande besta’ seguida pela expressão da boa vontade em direção as pessoas comuns que não teriam rejeitado o filósofo se eles o tem conhecido; o ‘direito pensamento nobre’ que as mais altas verdades demandam a maior exatidão; a hesitação de Sócrates em retornar uma vez mais para seu tema bem gasto da ideia de bem; a seriedade absurda de Glauco; a comparação da filosofia para uma donzela desertada que casa em baixo dela – são alguns das características mais interessantes do sexto livro.

Ainda umas poucas palavras mais podem ser adicionadas, no velho tema, o qual era assim muitas vezes discutido no círculo socrático, do qual nós, como Glauco e Adeimantus, vão fraco, se possível, ter uma noção mais clara. Como eles, nós estamos insatisfeitos quando nós somos contados que a ideia de bem pode apenas ser revelada para um estudante das ciências matemáticas, e nós somos inclinados a pensar que nem nós nem eles podem ter sido levados ao longo desse caminho para qualquer objetivo satisfatório. Para nós termos aprendido essas diferenças de quantidade e qualidade, e que as ciências matemáticas nunca podem surgir acima delas mesmas dentro da esfera de nossos mais elevados pensamentos, embora eles podem as vezes fornecer símbolos e expressões deles, e podem treinar a mente nos hábitos da abstração e autoconcentração. A ilusão a qual era natural para um antigo filósofo tem cessado para ser uma ilusão para nós. Mas se o processo pelo qual nós somos supostos para chegar na ideia de bem ser realmente imaginária, pode não a ideia por si mesma ser também uma mera abstração? Nós observamos, primeiro, que em todas as épocas, e especialmente na filosofia primitiva, palavras tais como ser, essência, unidade, bem, tem mostrado influência sobre a mente dos homens. A magreza ou negatividade de seu conteúdo tem sido numa relação inversa ao seu poder. Eles tem se tornado as formas sob as quais todas as coisas eram compreendidas. Havia uma necessidade ou instinto na alma humana a qual eles satisfizeram; elas não eram ideias, mas deuses, e para essa nova mitologia os homens de uma geração depois começaram a prender os poderes e associações das deidades mais velhas.

A ideia de bem é uma dessas palavras sagradas ou formas de pensamento, o qual estavam começando a tomar o lugar da velha mitologia. Isso significou unidade, na qual todo tempo e toda existência foram reunidos acima. Isso era a verdade de todas as coisas, e também a luz na qual eles lustrou adiante, e se tornou evidente para inteligências humanas e divinas. Isso era a causa de todas as coisas, o poder pelo qual eles eram trazidos dentro sendo. Essa era a razão universal despida de uma personalidade humana. Era a vida como também a luz do mundo, todo conhecimento e todo poder eram compreendidos nisso. O caminho para isso era através das ciências matemáticas, e essas eram também dependentes nisso. Para perguntar se Deus era o fabricante disso, ou feito por isso, vai ser como perguntar se Deus pode ser concebido separadamente da bondade, ou bondade separada de Deus. O Deus do Timaeus não está realmente a discrepância com a ideia de bem; eles são aspectos do mesmo, diferindo apenas como a forma pessoal da impessoal, ou o masculino do neutro, o um ser a expressão ou linguagem de mitologia, o outro de filosofia.

Isso, ou as vezes como isso, é o significado da ideia de bem como Concebida por Platão. Ideias de número, ordem, harmonia, desenvolvimento podem também ser ditas para entrar nisso. A paráfrase a qual tem justo sido dada disso vai além das palavras atuais de Platão. Nós temos chegado talvez ao

estágio da filosofia ao qual habilita a nós entendermos o que ele está mirando em, melhor que ele feito si mesmo. Nós estamos começando a realizar o que ele viu sombriamente e a distância. Mas se ele pode ter sido dito que isso, ou alguma concepção do mesmo tipo, mas mais alta que isso, era a verdade a qual nós estávamos mirando, e a necessidade a qual ele disse para fornecer, ele pôde alegremente ter reconhecido que mais era contido nos seus próprios pesamentos que ele mesmo sabia. Como suas palavras eram poucas e sua maneira reticente e tentativa, assim deve o estilo de seu interprete ser. Nós não devemos aproximar seu sentido mais proximamente tentando definir isso mais futuramente. Em traduzindo ele dentro da linguagem de pensamento moderno, nós podemos insensivelmente perder o espírito da antiga filosofia. É considerável que embora Platão fala da ideia de bem como o primeiro princípio de verdade e ser, não está em lugar nenhum dos seus escritos exceto nessa passagem. Nem reteve qualquer segurar sobre as mentes de seus discípulos em uma geração depois.; era provavelmente não inteligível para eles. Nem a menção disso em Aristóteles aparece ter qualquer referência para isso ou qualquer outra passagem em seus excitantes escritos.

LIVRO VII. E agora vou descrever numa figura o esclarecimento ou falta de esclarecimento de nossa natureza: - Imagine seres humanos vivendo em um subsolo guarida o qual é aberto em direção a luz; eles tem sido ali da infância, tendo seus pescoços e pernas acorrentadas, e somente podem ver dentro da guarida, Numa distância há um fogo, e entre o fogo e os prisioneiros um caminho aumentado, como a tela sobre a qual jogadores de marionete mostram seus bonecos. Por trás da parede aparece movendo figuras, que controlam em suas mãos vários trabalhos de arte, e entre eles imagens de homens e animais, madeira e pedra, e alguns dos transeuntes estão falando e outros silenciosos. ‘Uma estranha parábola,’ ele disse, ‘e estranhos cativos.’ Eles são nós mesmos, eu respondi; e eles veem apenas as sombras das imagens as quais o fogo atira na parede da guarida; para esses eles dão nomes, e se nós adicionamos um eco o qual retorna da parede, as vozes dos transeuntes vão parecer proceder das sombras. Suponha agora que você repentinamente volta eles em volta e faz eles olhar com dor e tristeza para eles mesmos nas imagens reais; eles vão acreditar deles ser real? Não vão seus olhos ser deslumbrados, e não vão eles tentar obter longe da luz para algo o qual eles são habilitados para contemplar sem piscar? E suponha mais futuramente, que eles são arrastados acima uma íngreme a áspera ascensão dentro da presença do sol por ele mesmo, não vai sua vista ser escurecida com o excesso de luz? Algum tempo passará antes deles obter o hábito de perceber em tudo; e em primeiro eles serão capazes de perceber apenas sombras e reflexos na água; então eles reconhecerão a lua e as estrelas, e vão no comprimento contemplar o sol em seu próprio lugar como ele é. Último de tudo eles vão concluir: - Isso é ele que dá a nós o ano e as estações, e é o autor de tudo que nós vemos. Como eles vão alegrar em passando da escuridão para a luz! Quão inútil para eles parecerá as honras e glórias da guarida! Mas agora imagine mais futuramente, que eles descendem dentro de suas velhas habitações; - nessa habitação subterrânea eles não verão como também seus companheiros, e não serão capazes de competir com eles na medida das sombras na parede; ali vai ser muitas piadas sobre o homem que foi em uma visita ao sol e perdeu seus olhos, e se eles encontram qualquer pessoa tentando libertar e iluminar um de seu número, eles vão por ele a morte, se eles não podem capturá-lo. Agora a caverna ou guarida é o mundo de visão, o fogo é o sol, o caminho acima é o caminho para conhecimento, e no mundo do conhecimento a ideia de bem é última vista e com dificuldade, mas quando vista é inferida para ser o autor do bem e direito – pai da luz nesse mundo, e da verdade e entendimento no outro. Ele que atinge para a visão beatífica está sempre indo para cima; ele está pouco disposto a descer dentro de assembleias políticas e cortes da lei; por seus olhos são aptos a piscar nas imagens ou sombras de

imagens as quais eles contemplam nelas – ele não pode entrar das ideias desses que nunca tem em suas vidas entendido a relação das sombras para a substância. Mas cegueira é de dois tipos, e podem ser causadas ou passando fora da escuridão a luz ou fora da luz a escuridão, e um homem de sentido distinguirá entre eles, mas a cegueira a qual surge da plenitude da luz ele vai julgar santificado, e piedade o outro; ou se ele ri à alma confundida olhando ao sol, ele terá mais razão para rir que os habitantes da guarida a esses que descem de cima. Há uma futura lição ensinada por essas palavras de nossos. Algumas pessoas fantasiam que instrução é como dar olhos para o cego, mas nós dizemos que a faculdade de visão estava sempre ali, e que a alma apenas requer ser virada em volta em direção a luz. E isso é conversão; outras virtudes são quase como hábitos completamente, e podem ser adquiridos na mesma maneira, mas inteligência tem uma vida mais divina, e é indestrutível, ou virando a bem ou mal de acordo com a direção dada. Você nunca observa agora como a mente de um velhaco inteligente perscruta fora de seus olhos, e o mais claramente ele vê, o mais mal ele faz? Agora se você toma tal um, e corta fora dele esses pesos plúmbeos de prazer e desejo o qual cega sua alma a terra, sua inteligência será virada em volta, e ele contemplará a verdade tão claramente como ele agora discerne seus piores fins. E nós não temos decidido que nossos legisladores não devem nem ser tão mal-educados como para não ter fixado regra de vida, nem tão supereducados como para ser pouco dispostos a partir de seu paraíso para o negócio do mundo? Nós devemos escolher fora então as naturezas que são mais provável ascender para a luz e conhecimento do bem; mas nós não devemos permitir eles a permanecer na região da luz; eles devem ser forçados abaixo de novo entre os cativos na guarida para participar de seus labores e honras. ‘Eles não pensarão disso um sofrimento?’ Você deve lembrar que nosso propósito em moldar o Estado não era que nossos cidadãos devam fazer o que eles gostam, mas que eles devam servir o Estado para o bem comum. Pode nós não razoavelmente dizer para nosso filósofo, - amigo, nós não fazemos você errado; por nos outros Estados filosofia cresce selvagem, e uma planta selvagem não deve nada para o jardineiro, mas você tem sido treinado por nós para ser os legisladores e reis de nossa colmeia, e então nós devemos insistir em sua descida dentro da guarida. Vocês devem, cada um de vocês, tomar sua vez, e se tornar capazes de usar seus olhos no escuro, e com uma pequena prática você verá longe o bastante que esses que disputam sobre as sombras, de quem conhecimento é um sonho apenas, ainda seu é uma realidade despertando. Pode ser que o santo ou filósofo que é melhor provido, pode também ser o menos inclinado a reger, mas necessidade é colocada sobre ele, e ele deve não muito tempo viver no céu de ideias. E isso será a salvação do Estado. Para eles que regem não devem ser esses que são desejosos a legislar; e, se você pode oferecer para nossos cidadãos uma vida melhor que essa dos legisladores geralmente é, ali estará uma chance que o rico, não somente nesse mundo de bens, mas na virtude e sabedoria, pode aguentar regra. E a única vida a qual é melhor que a vida de ambição política é essa da filosofia, a qual é também a melhor preparação para o governo de um Estado.

Então agora vem a questão, - como devemos nós criar nossos legisladores; qual modo está ali da escuridão para a luz? A mudança é efetuada pela filosofia; não é a se virando de uma concha de ostra, mas a conversão de uma alma da noite para o dia, de se tornando ser. E qual treinamento vai puxar a alma em direção acima? Nossa educação anterior tinha duas filiais, ginástica, a qual era ocupada com o corpo, e música, a irmã da arte, a qual infundiu uma harmonia natural dentro da mente e literatura; mas nenhuma dessas ciências deu qualquer promessa de fazer o que nós queremos. Nada permanece para nós mas que ciência universal ou primária da qual todas as artes e ciências são participantes, eu quero dizer número ou calculação. ‘Muito verdadeiro.’ incluindo a arte da guerra? ‘Sim, certamente.’ Então há algo absurdo sobre Palamedes na tragédia, vindo em e dizendo que ele tinha inventado número, e tinha contado os graus e colocado eles em ordem. Por se Agamenon não pode contar seu pé (e sem número como pode ele?) ele deve ter sido um tipo gracioso de certeza geral. Nenhum homem deve ser um soldado que não pode contar, e certamente ele é dificilmente ser chamado um homem. Mas não estou falando dessas aplicações práticas de aritmética, para número, na minha visão, é bastante para ser considerado como um condutor para

pensamento e ser. Vou explicar que quero dizer pela última expressão: - Coisas sensíveis são de dois tipos; a classe um convida ou simula a mente, enquanto na outra a mente consente. Agora a classe estimulada são as coisas as quais sugerem contraste e relação. Por exemplo, suponha que eu se atrase para os olhos de três dedos – a visão igualmente reconhece todos os três dedos, mas sem número não pode futuramente distingui-los. Ou de novo, suponha dois objetos para ser relativamente grandes e pequenos, essas ideias de grandeza e pequenez são fornecidas não pelo sentido, mas pela mente. E a percepção de seu contraste ou relação acelera e coloca em movimento a mente, a qual é confundida pelas intimações confusas de sentido, e tem recurso para número em ordem para encontrar fora se as coisas indicadas são uma ou mais que uma. Número responde que eles são dois e não um, e são para ser distinguidos um do outro. De novo, a visão contempla grande e pequeno, mas somente num caos confuso, e não até eles serem distinguidos faz a questão surgir de suas respectivas naturezas; nós somos assim levados em para a distinção entre o visível e inteligível. Que era o que eu queria dizer quando falei de estimulantes para o intelecto; eu estava pensando das contradições as quais surgiram na percepção. A ideia de unidade, por exemplo, como que de um dedo, não despertou pensamento a menos que envolvendo alguma concepção de pluralidade; mas quando o um é também o oposto de um, a contradição dá elevação a reflexão; um exemplo disso é disposto por um objeto de visão. Todo número tem também um efeito de elevação; ele aumenta a mente fora da espuma e fluxo da geração para a contemplação do ser, tendo menor exército e varejo usos também. O uso de varejo não é requerido por nós; mas como nosso guardião está para ser um soldado como também um filósofo, o exército um pode ser retido. E para nosso propósito mais alto sem ciência pode ser melhor adaptado; mas isso deve ser possuído no espírito de um filósofo, não de um lojista. É concernido, não com objetos visíveis, mas com verdade abstrata; por números são pura abstrações – a verdade aritmética indignada nega que sua unidade é capaz de divisão. Quando você divide, ele insiste que você está apenas multiplicando; seu ‘um’ não é material ou resolvível dentro de frações, mas uma invariável e absoluta igualdade; e isso prova o caráter puramente intelectual do estudo dele. Note também o maior poder o qual aritmética tem de afiar as inteligências; nenhuma outra disciplina é igualmente severa, ou um teste igual de habilidade geral, ou igualmente melhorando para uma pessoa estúpida. Deixe nossa segunda filial de educação ser geometria. ‘Posso facilmente ver,’ respondeu Glauco, ‘que a habilidade do geral será dobrada pelo conhecimento de geometria.’ Que é uma matéria pequena; o uso da geometria; para o qual eu refiro, é a assistência dada por ela na contemplação da ideia de bem, e o compelindo a mente para olhar no verdadeiro ser, e não na geração apenas. Ainda o modo presente de possuir esses estudos, como qualquer um que é o menor de um matemático é atento, é significado e ridículo; eles são feitos para olhar para baixo para as artes, e não para cima para a existência eterna. O geômetra está sempre falando de quadrando, subtendendo, opondo, como se ele tem na vista ação; considerando que conhecimento é o real objeto de estudo. Isso deve elevar a alma, e criar a mente da filosofia; isso deve elevar para cima o que tem caído para baixo, não para falar dos menores usos na guerra e táticas militares, e na melhora das faculdades. Devemos nós propormos, como uma terceira filial de nossa educação, astronomia? ‘Muito bom,’ respondeu Glauco; ‘o conhecimento dos céus é necessário de uma vez para a criação, navegação, táticas militares.’ Eu gosto de seu modo de dar razões úteis para tudo em ordem para fazer amigos do mundo. E há uma dificuldade em provar para o gênero humano que educação não é apenas informação útil mas uma purificação do olho da alma, ao qual é melhor que o olho corporal, para por isso sozinho é verdade vista. Agora, você apelará aso gênero humano em geral ou para o filósofo? Ou você preferirá olhar para si mesmo apenas? ‘Todo homem é seu próprio melhor amigo.’ Então tome um passo para trás, por nós estamos fora de ordem, e insira a terceira dimensão a qual é dos sólidos, depois do segundo ao qual é dos planos, e então você pode proceder para sólidos em movimento. Mas geometria sólida não é popular e não tem o patrocínio do Estado, nem é o uso disso completamente reconhecido; a dificuldade é grande, e os devotos do estudo são convencidos e impacientes. Ainda o charme da perseguição vence sobre os homens, e, se o governo

emprestará um pouco de assistência, ali pode ser um grande progresso feito. ‘Muito verdadeiro,’ respondeu Glauco; ‘mas eu entendo você agora para começar com geometria plana, e para colocar próxima geometria de sólidos, e em terceiro, astronomia, ou o movimento dos sólidos?’ Sim, eu disse; minha precipitação tem apenas impedido nós.

‘Muito bem, e agora nos deixe proceder para astronomia, sobre a qual estou legando a falar em sua tensão alta. Nenhum pode falhar para ver que a contemplação dos céus puxa a alma para cima.’ Sou uma exceção, então; astronomia como estudado no presente aparece para mim puxar a alma não para cima, mas para baixo. Observar as estrelas é só olhar para cima ao teto – sem melhor; um homem pode deitar em suas costas na terra ou na água – ele pode olhar acima ou olhar abaixo, mas não há ciência nisso. A visão do conhecimento do qual falo é vista não com os olhos, mas com a mente. Toda a magnificência dos céus mas é o bordado de uma cópia a qual cai bastante curto do Original divino, e nada ensina sobre as absolutas harmonias ou movimentos das coisas. Sua beleza é como a beleza das figuras puxadas pela mão do Daedalus ou qualquer outro grande artista, o qual pode ser usado para ilustração, mas matemático não vai procurar obter deles verdadeiras concepções de igualdade ou relações numéricas. Quão ridículo então olhar para esses no mapa dos céus, no qual a imperfeição da matéria vem em todos lugares como um elemento perturbante, casando a simetria do dia e noite, dos meses e anos, do sol e estrelas nos seus cursos. Apenas pelos problemas nós podemos colocar astronomia numa base verdadeiramente científica. Deixe os céus sozinhos, e mostre o intelecto.

Ainda, matemática admite de outras aplicações, como os pitagóricos dizem, e nós concordamos. Há uma ciência irmã de movimento harmônico, adaptado para o ouvido como astronomia é para o olho, e ali podem estar outras aplicações também. Nos deixe indagar dos pitagóricos sobre eles, não esquecendo que nós temos um alvo maior que seus, o qual é a relação dessas ciências para a ideia de bem. O erro o qual penetra na astronomia também penetra na harmonia. Os músicos colocam seus ouvidos no lugar de suas mentes. ‘Sim,’ respondeu Glauco, ‘Gosto de ver eles colocando seus ouvidos ao lado de seus vizinhos’ faces – algo dizendo, “Essa é uma nova nota,” outros declarando que as duas notas são a mesma.’ Sim, eu disse; mas você quer dizer os empíricos que estão sempre torcendo e torturando as cordas da lira, e disputando sobre os temperamentos das cordas; estou referindo bastante para os harmonistas pitagóricos, que estão quase igualmente no erro. Para eles investigar apenas os números das consonâncias as quais são ouvidas, e ascender não mais alto, - da verdadeira harmonia numérica a qual é não ouvida, e está apenas para ser encontrada nos problemas, elas não tem até mesmo uma concepção. “Essa última,” ele disse, ‘deve ser uma coisa maravilhosa.’ Uma coisa, respondi, a qual é apenas útil se procurada com uma vista para o bem.

Todas essas ciências são o prelúdio da tensão, e são lucrativas se elas são consideradas em suas relações naturais uma para a outra. ‘Eu ousou dizer, Sócrates,’ disse Glauco; ‘mas um tal estudo será um negócio terminado.’ Qual estudo você quer dizer – do prelúdio, ou o que? Para todas essas coisas são apenas o prelúdio, e você seguramente não supõe que um mero matemático é também um dialético? ‘Certamente não. Tenho ouvido duramente sempre conhecido um matemático que podia razão.’ E ainda, Glauco, não é verdadeiro argumentando que hino da dialética o qual é a música do mundo intelectual, e o qual era por nós comparado ao esforço de visão, quando de contemplando as sombras na parede que nós chegamos ao último às imagens as quais dão as sombras? Até mesmo assim a faculdade dialética retirada de sentido chega pela pura arte do intelecto a contemplação da ideia de bem, e nunca repousa mas no muito fim do mundo intelectual. E a estrada real fora da caverna dentro da luz, e o piscar dos olhos ao sol e virando para contemplar as sombras da realidade, não as sombras de uma imagem apenas – esse progresso e gradual aquisição de uma nova faculdade de visão pela ajuda das ciências matemáticas, é a elevação da alma para a contemplação do mais alto ideal de ser.

‘Tão longe, eu concordo com você. Mas agora, deixando o prelúdio, nos deixe proceder para o hino. O que, então, é a natureza da dialética, e quais são os caminhos os quais conduzam para lá?’ Querido Glauco, você não pode me seguir aqui. Ali pode não estar revelação da verdade para um

que não tem sido disciplinado nas ciências prévias. Mas o que é uma ciência de verdade absoluta, a qual é atingida em algum caminho muito diferente desses agora praticados, eu estou confiante. Para todas as outras artes ou ciências são relativas para necessidades humanas e opiniões; e as ciências matemáticas são mas um sonho ou hipótese de verdadeiro ser, e nunca analisam seus próprios princípios. Dialética sozinha surge para o princípio o qual está sobre hipótese, convertendo e suavemente levando o olho da alma fora do brejo bárbaro da ignorância dentro da luz do mundo superior, com a ajuda das ciências as quais nós temos estado descrevendo – ciências, como elas são muitas vezes nomeadas, embora elas querem requerer algum outro nome, implicando maior claridade que opinião e menos claridade que ciência, e isso no nosso esboço prévio foi entendido. E assim nós conseguimos quatro nomes – dois para intelecto, e dois para opinião, - razão ou mente, entendimento, fé, percepção das sombras – as quais fazem uma proporção – ser::tornar::intelecto:opinião – e ciência:crença::entendimento: percepção das sombras. Dialética pode ser futuramente descrita como essa ciência a qual define e explica a essência do ser de cada natureza, a qual distingue e resume o bem, e é pronta para batalhar contra todos os oponentes na causa do bem. Para ele que não é uma vida dialética é mais um sonho sonolento; e tanto um homem está em sua sepultura antes dele estar bem acordado. E você vai ter os futuros legisladores de seu Estado ideal seres inteligentes, ou estúpidos como postes? ‘Certamente não o depois.’ Então você deve treinar eles na dialética, a qual ensinará eles a perguntar e responder questões, e é a contender pedra das ciências.

Eu ousou dizer que você não tem se esquecido como seus legisladores foram escolhidos; e o processo pode ser carregado um passo mais futuramente: - Como antes, eles devem ser constantes e valorosos, bem aparentados, e de nobres maneiras, mas agora eles devem também ter habilidade natural a qual educação melhorara; que é dizer, eles devem ser rápidos em aprender, capazes de labuta mental, retentivos, sólidos, naturezas diligentes; não mancos e unilaterais, diligentes em exercícios corporais e indolente na mente, ou reciprocamente; não uma alma mutilada, a qual odeia falsidade e ainda não intencionalmente é sempre espojando na mira da ignorância; não um bastardo ou fraca pessoa, mas som no vento e membro, e na condição perfeita para a grande ginástica tentativa da mente. Justiça por ela mesma não pode encontrar falta com naturezas tais como essas; e elas vão ser os salvadores do nosso Estado; discípulos de outro tipo vai apenas fazer filosofia mais ridícula que ela é no presente. Perdoe meu entusiasmo; estou me tornando excitado; mas quando vejo ela pisoteando sobre os pés, estou irritado aos autores da desgraça dela. ‘eu não informo que você era mais excitado que você devia ter sido.’ Mas sinto que eu era. Nem nós deixamos esquecer outro ponto na seleção de nossos discípulos – que eles devem ser jovens e não velhos. Por Solon é equivocado em dizer que um homem velho pode estar sempre aprendendo; jovem é o tempo de estudo, e aqui nós devemos lembrar que a mente é livre e delicada, e, ao contrário do corpo, não deve ser feita para trabalhar contra o grão. Aprender deve ser em primeiro um tipo de jogo, no qual o natural dobrado é detectado. Como num treinamento eles para guerra, os cachorros jovens devem em primeiro apenas provar sangue; mas quando a ginástica necessária está sobre a qual durante dois ou três anos dividem vida entre dormir e exercício corporal, então a educação da alma tornará uma matéria mais séria. Em vinte anos de idade, uma seleção deve ser feita de mais prometendo discípulos, com de quem uma nova época de educação começará. As ciências as quais eles tem até aqui aprendido nos fragmentos agora será trazida dentro da relação com cada outra e será verdadeiro ser; para o poder de combinar eles está o teste de habilidade especulativa e dialética. E depois às trinta uma seleção adicional deve ser feita desses que são capazes de retirar do mundo do sentido dentro da abstração das ideias. Mas nesse ponto, julgando da experiência presente, há um perigo que dialética pode ser a fonte de muitos males. O perigo pode ser ilustrado por um caso paralelo: - Imagine uma pessoa que tem sido exposta em riqueza e luxo entre uma multidão de lisonjeadores, e que é repentinamente informada que ele é um suposto filho. Ele tem até aqui honrado seus pais reputados e desconsiderado os lisonjeadores, e agora ele faz o inverso. Isso é só o que acontece com um homem de princípios. Há certas doutrinas as quais nós aprendemos em casa e

as quais exercitaram uma autoridade parental sobre ele. Agora ele encontra essas imputações são elenco sobre eles; um queixoso problemático vem e pergunta, ‘o que é o justo e bom?’ ou prova que virtude é vício e vício virtude, e sua mente se torna instabilizada, e ele cessa para amar, honra, e obedecer eles como ele tem até aqui feito. Ele é seduzido dentro da vida de prazer, e se torna uma pessoa sem lei e um velhaco. O caso de tais especuladores é muito lastimável, e, na ordem que nossos alunos de trinta anos de idade não requerem essa piedade, nos deixa tomar todo caso possível cuidado que pessoas jovens não estudam filosofia desde tão cedo. Para um homem jovem é um tipo de filhote de cachorro que apenas brinca com um argumento; e é argumentado dentro e fora dessas opiniões todo dia; ele cedo começa a não acreditar em nada, e traz ele mesmo e filosofia dentro do descrédito. Um homem de trinta não corre nesse caminho; ele argumentará e não meramente contradiz, a adiciona nova honra para a filosofia pela sobriedade de sua conduta. Qual tempo deve nós permitir por sua segunda ginástica treinando da alma? - digo, duas vezes o tempo requerido para a ginástica do corpo; seis, ou talvez cinco anos, começar em trinta, e então para quinze anos deixe o estudante ir para baixo dentro da guarida, e comandar exércitos, e ganhar experiência de vida. Nos quinze deixe ele retornar para o fim de todas as coisas, e ter seus olhos enaltecido para a ideia de bem, e ordem sua vida depois desse padrão; se necessário, tomando sua vez ao capacete do Estado, e treinando acima outros para ser seus sucessores. Quando seu tempo vem ele deve partir em paz para as ilhas do abençoado. Nós devemos ser honrados com sacrifícios, e receber tais adorações como o oráculo Pitiano aprova.

‘Você é um estatuariário, Sócrates, e tem feito uma imagem perfeita de nossos governadores.’ Sim, e de seus governos, para as mulheres vão compartilhar em todas as coisas com os homens. E você admitirá que nosso Estado não é uma mera aspiração, mas pode realmente vir dentro sendo quando ali deve surgir filósofos reis, um ou mais, que vão menosprezar vaidades terrestres, e serão os serventes da justiça apenas. ‘E como eles vão começar seu trabalho?’ Seu primeiro ato será despachar na nação todos esses que são mais que dez anos de idade, e então proceder com esses que são deixados...

No começo do sexto livro, Platão antecipou sua explicação da relação do filósofo para o mundo numa alegoria, nisso, como em outras passagens, seguindo a ordem a qual ele prescreve na educação, e procedendo do concreto para o abstrato. Ao começo do Livro VII, sob a figura de uma caverna tendo uma abertura em direção ao fogo e um caminho para cima para a verdadeira luz, ele retorna para ver as divisões de conhecimento, exibindo familiaridade, como num quadro, o resultado o qual tem sido dificilmente ganhado por um grande esforço de pensamento na discussão prévia; ao mesmo tempo elencando um olhar para cima no processo dialético, o qual é representado pelo caminho levando da escuridão para a luz. As sombras, as imagens, o reflexo do sol e estrelas na água, as estrelas e sol eles mesmos, severamente correspondem, - o primeiro, para o reino de fantasia e poesia, - a segunda, para o mundo de sentido, - a terceira, para as abstrações ou universos de sentido, - da qual as ciências matemáticas fornecem o tipo, - a quarta e última para as mesmas abstrações, quando visto na unidade da ideia, da qual elas derivam um novo sentido e poder. O verdadeiro processo dialético começa com a contemplação das estrelas reais, e não meras reflexões delas, e termina com o reconhecimento do sol, ou ideia de bem, como um pai não apenas da luz mas do calor e crescimento. Para as divisões de conhecimento os estágios da educação em parte responde: - primeiro, há a educação de cedo da infância e juventude nas fantasias dos poetas, e nas leis e costumes do Estado; - então há um treinamento do corpo para ser o guerreiro atleta, e um bom servo da mente; - e em terceiro, depois de um intervalo segue a educação da vida mais tarde, a qual começa com matemática e procede para filosofia em geral.

Ali parecem ser dois grandes alvos na filosofia de Platão, - primeiro, realizar abstrações; em segundo, para conectar elas. De acordo com ele, a verdadeira educação é essa a qual puxa os homens de se tornar para ser, e para uma compreensível sobrevivência de todo ser. Ele deseja desenvolver na mente humana a faculdade de ser o universo em todas as coisas; até ao último dos particulares de sentido derrubado fora e mo universo sozinho permanece. Ele então procura combinar os universos os quais ele tem desimpedido de sentido, não percebendo que a correlação deles não tem outra base mas o uso comum da linguagem. Ele nunca entende essas abstrações, como Hegel diz, são ‘meras abstrações’-do uso quando empregado na organização dos fatos, mas não adicionando nada para a soma de conhecimento quando procurado separadamente deles, ou com referência para uma ideia imaginária de bem, ou com referência para uma ideia imaginária de bem. Ainda o exercício da

faculdade da abstração separada dos fatos tem alargado na mente, e tocado uma grande parte na educação da raça humana. Platão apreciou o valor dessa faculdade, e viu que isso podia ser rapidamente pelo estudo de número e relação. Todas as coisas nas quais há oposição ou proporção são sugestivas de reflexão. A mera impressão de sentido não evoca poder de pensamento ou da mente, mas quando objetos sensíveis pedem para ser comparados e distinguidos, então filosofia começa. A ciência de aritmética primeiro sugere tais distinções. O seguinte na ordem das outras ciências de geometria plana e sólida, e de sólidos em movimento, uma filial da qual é astronomia ou a harmonia das esferas, - para isso é juntado a ciência irmã da harmonia dos sons.

Platão parece também indicar a possibilidade de outras aplicações de aritmética ou proporção matemática, tais como ele emprega na química e filosofia natural, tais como os Pitagóricos e até mesmo Aristóteles fazem uso de na Ética e Política, por exemplo, essa distinção entre proporção aritmética e geométrica na Ética (Livro V), ou entre igualdade numérica e proporcional na Política. Os matemáticos modernos vão prontamente simpatizar com o deleite de Platão nas propriedades de matemática pura. Ele não será desinclinado a dizer com ele: - Deixe sozinho os céus, e estude as belezas do número e figura por eles mesmos. Ele também será apto a depreciar sua aplicação para as artes. Ele observará que Platão tem um conceito de geometria, na qual figuras estão para ser dispensada com; assim num distante e sombreado caminho pode parecer antecipar a possibilidade de trabalhar com problemas geométricos por um modo mais geral de análise. Ele considerará com interesse no estado para trás de geometria sólida, a qual, ah! Não foi encorajado pela ajuda do Estado na época de Platão; e ele reconhecerá o aperto da mente de Platão em sua habilidade para conceber de uma ciência de sólidos em movimento incluindo a terra também como os céus, - não esquecendo de informar a intimação para a qual alusão tem sido já feita, que além de astronomia e harmônicos da ciência dos sólidos em movimento pode ter outras aplicações. Ainda mais ele será batido com a compreensividade de vista a qual levou Platão, a um tempo quando essas ciências duramente existiram, para dizer que elas devem ser estudadas na relação uma para outra, e para a ideia de bem, ou princípio comum de verdade e ser. Mas ele também verá (e talvez sem surpresa) que nesse estágio de conhecimento físico e matemático, Platão tem caído dentro do erro de supor que ele pode construir os céus a priori por problemas matemáticos, e determinar os princípios de harmonia não respectiva das adaptações de sons para o ouvido humano. A ilusão era um natural aquele no que idade e nação. A simplicidade e certeza de astronomia e harmonia parece contrastar com a variação e complexidade do mundo de sentido; consequentemente a circunstância que ali era alguma base elementar de fato, alguma medida de distância ou tempo ou vibração na qual eles devem no final das contas repousar, foi negligenciado por ele. Os modernos predecessores de Newton caíram dentro de erros igualmente grandes; e Platão pôde duramente ser dito ter sido muito longe errado, ou pode até mesmo clamado um tipo de perspicácia profética dentro do assunto, quando nós consideramos que a maior parte da astronomia no presente dia consiste de dinâmica abstrata, pela ajuda da qual a maioria das descobertas astronômicas tem sido feitas.

O filósofo metafísico desse ponto de vista reconhece matemática como um instrumento de educação, - o qual fortalece o poder de atenção, desenvolve o senso de ordem e a faculdade de construção, e habilita a mente para apertar sob fórmulas simples as diferenças quantitativas de fenômenos físicos. Mas enquanto reconhecendo seu valor na educação, ele vê também que eles não tem conexão com nossas ideias mais altas moral e intelectual. Na tentativa a qual Platão faz para conectá-las, nós facilmente traçamos as influências das antigas noções Pitagóricas. Não há razão para supor que ele está falando dos números ideias; mas ele está descrevendo números os quais são puras abstrações, para os quais ele nomeia uma existência real e separada, a qual, como 'os

professores da arte' (significando provavelmente os Pitagóricos) terão afirmado, repelir todas as tentativas de subdivisão, e nas quais unidade e todo outro número são concebidos de como absoluto. A verdade e certeza dos números, quando assim desimpedido do fenômeno, dá a eles um tipo de sacralidade nos olhos de um antigo filósofo. Nem é isso fácil para dizer quão longe ideias de ordem e estabilidade pode ter uma influência moral e elevando nas mentes dos homens, 'quem,' nas palavras de Timaeus, de acordo com eles.' É valioso de considerar que os velhos símbolos éticos pitagóricos ainda existem como figuras de linguagem entre nós mesmos. E esses que em tempos modernos veem o mundo penetrado por lei universal, podem também ver uma antecipação dessa última palavra de filosofia moderna na ideia platônica de bem, a qual é a fonte e medida de todas as coisas, e ainda apenas uma abstração (Philebus).

Duas passagens parecem requerer explicações mais particulares. Primeiro, essa a qual relata para a análise de visão. A dificuldade nessa passagem pode ser explicada, como muitas outras, das diferenças nos modos de concepção prevalecendo entre antigos e novos pensadores. Para nós, as percepções de sentido e inseparável do ato da mente a qual acompanha eles. A consciência de forma, cor, distância, é indistinguível da simples sensação, a qual é o meio delas. Considerando que para Platão sentido é o fluxo Heraclítico de sentido, não a visão de objetos na ordem na qual eles de fato apresentam elas mesmas para a experiência de visão, mas como elas podem ser imaginadas aparecer confusas e obscurecidas para o olho meio acordado da infância. O primeiro na ordem desse caos, e a razão é requerida armar concepções distintas sob as quais as impressões confundidas podem ser arranjadas. Consequentemente surge a questão, 'o que é grande, o que é pequeno?' e assim começa a distinção do visível e inteligível.

A segunda dificuldade relata para a concepção de Platão da harmonia. Essas classes de harmonistas são distinguidas por ele: - primeiro, os pitagóricos, de quem ele propõe consultar como na discussão prévia na música ele foi consultar Damon – eles são reconhecidos para ser mestres na arte, mas são completamente deficientes no conhecimento dessa mais alta importância e relação para o bem; em segundo, o mero empírico, de quem Glauco parece confundir com eles, e de quem ambos ele e Sócrates burlescamente descreve como experimentando por mera auscultação nos intervalos dos sons. Ambos desses caem curto nos diferentes graus da ideia platônica de harmonia, a qual deve ser estudada num caminho puramente abstrato. Primeiro pelo método dos problemas, e em segundo como uma parte de conhecimento universal na relação para a ideia de bem.

A alegoria tem um político também como um sentido filosófico. A guarida ou caverna representa a esfera estreita da política ou lei (compare a descrição do filósofo advogado no Theaetetus), e a luz das ideias eternas é suposta a exercer uma influência perturbante nas mentes desses que retornam para esse mundo abaixo. Em outras palavras, seus princípios são tão largos para aplicação prática; eles estão olhando longe dentro do passado e futuro, quando seu negócio está com o presente. O ideal não é facilmente reduzido para as condições de vida atual, e podem muitas vezes estar na variância com eles. E em primeiro, esses que retornam são incapazes para competir com os habitantes da guarida na medida das sombras, e são zombados e perseguidos por eles; mas depois de um momento eles veem as coisas abaixo nas proporções longe mais verdadeiro que essas que nunca tem subido dentro do mundo superior. A diferença entre o político tornado dentro de um filósofo e o filósofo tornado dentro de um político, é simbolizada pelos dois tipos de vista desordenada, o um o qual é experimentado pelo cativo que é transferido da escuridão para o dia, o outro, do mensageiro celestial que voluntariamente para o bem de seus membros da raça humana descendem dentro da guarida. Nesse caminho a luz mais brilhante está para alvorecer nos habitantes do mundo inferior, ou como a ideia de bem está para se tornar o princípio guiando da política, é deixado inexplicado por Platão. Como a natureza e divisões da dialética, da qual Glauco impacientemente demanda ser informado, talvez ele terá dito que a explicação não pôde ser dada exceto para um discípulo das ciências prévias. (Simpósio.) Muitas ilustrações dessa parte da República podem ser encontradas na Política moderna e na vida diária. Por entre nós mesmos, também, ali tem sido dois tipos de Políticos ou Homens de estado, os

quais a vista tem se tornado desordenada em dois diferentes caminhos. Primeiro, ali tem sido grandes homens que, na linguagem de Burke, ‘tem sido tanto dados para máximas gerais,’ que, como J.S. Mill ou Burke ele mesmo, tem sido teóricos ou filósofos antes deles serem políticos, ou que, tendo sido estudantes de história, tem permitido algum grande paralelo histórico, tal como a Revolução Inglesa de 1688, ou possivelmente democracia ateniense ou imperialismo romano, para ser o meio através do qual eles viram eventos contemporâneos. Ou talvez a longa sombra projetando de alguma instituição existente pode ter escurecido sua visão. A Igreja do futuro, a comunidade do futuro, a Sociedade do futuro, tem assim absorvido suas mentes, que eles são incapazes de ver verdadeiras proporções na Política do hoje. Eles tem sido intoxicados com grandes ideias, tais como liberdade, ou igualdade, ou a maior felicidade do maior número, ou a fraternidade da humanidade, e eles não muito tempo cuidam para considerar como essas ideias devem ser limitadas na prática ou harmonizadas com as condições da vida humana. Eles são cheios de luz, mas a luz para eles tem se tornado apenas um tipo de névoa luminosa ou cegueira. Quase todo um tem conhecido alguma pessoa entusiástica meio educada, que vê tudo em distâncias falsas, e em proporções errôneas.

Com essa desordem de vista pode ser contrastadas outras – dessas que veem não longe dentro da distância, mas o que é próximo apenas; que tem sido noivado todas suas vidas em uma negociação ou uma profissão; que são limitados para um jogo ou seita de si próprios. Homens desse tipo não tem exceção universal exceto seus próprios interesses ou sua classe, sem princípio mas a opinião de pessoas como eles mesmos, sem conhecimento de casos além do que eles apanham nas ruas ou em seu clube. Suponha eles ser mandados dentro de um mundo mais grande, para empreender alguma chamada mais alta, de sendo negociantes para se tornar gerais ou políticos, de sendo mestres de escola para se tornar filósofos: - ou imagine eles num súbito para receber uma luz dentro a qual revela para eles pela primeira vez em suas vidas uma ideia mais alta de Deus e a existência de um mundo espiritual, por essa conversão súbita ou mudança não é sua vida diária provável ser transtornado; e na outra mão não vai muitos de seus velhos prejuízos e estreitezas ainda aderem para eles longo depois de eles terem começado a fazer uma visão mais compreensiva das coisas humanas? Dos exemplos familiares como esses nós podemos aprender o que Platão quis dizer por esse ponto de vista o qual é sujeito a dois tipos de desordens.

Nem nós temos qualquer dificuldade em desenhar um paralelo entre o jovem ateniense no quinto século antes de Cristo que se tornou instabilizado por novas ideias, e o estudante de uma Universidade moderna que tem sido o assunto de um semelhante ‘aufklärung.’ Nós também observamos que quando homens jovens começam a criticar convicções habituais, ou para analisar a constituição da natureza humana, eles são aptos a perder controle de princípio sólido (ἅπαν τὸ βέβαιον αὐτῶν ἐξοίχεται). Eles são como árvores as quais têm sido frequentemente transplantadas. A terra sobre eles é liberada, e eles não tem raízes alcançando longe dentro do solo. Eles ‘iluminam sobre toda flor,’ seguindo seus próprios testamentos cabeçudos, ou porque o vento sopra eles. Eles capturam opiniões, como doenças são pegas – quando elas estão no ar. Aguentado para lá e para cá, ‘elas rapidamente caem dentro das crenças’ o oposto desses nos quais eles foram expostos. Eles duramente retem a distinção de certo e errado; eles parecem pensar uma coisa tão boa quanto outra; eles supõe eles mesmos estarem pesquisando depois da verdade quando eles estão jogando o jogo de ‘siga meu líder.’ Eles se apaixonam ‘a primeira vista’ com paradoxos a respeito de moralidade, alguma fantasia sobre arte, alguma novidade ou excentricidade na religião, e alguns amantes eles são tão absorvidos por um tempo em sua nova noção que eles podem pensar de nada mais. A resolução de alguma questão filosófica e teológica parece para eles mais interessante e importante que qualquer conhecimento substancial de literatura ou ciência ou até mesmo que uma boa vida. Como o jovem no Philebus, eles são preparados para discursar a qualquer um sobre uma nova filosofia. Eles são geralmente os discípulos de algum professor eminente ou sofista, de quem eles imitam bastante que entendem. Eles podem ser contados felizes se em anos depois eles retem algumas das simples verdades as quais eles adquiriram na educação de cedo, e a qual eles podem,

talvez, encontrar ser enriquecido todo o resto. Tal é a figura a qual Platão desenha e a qual nós apenas reproduzimos, em parte em suas próprias palavras, dos perigos os quais ataque jovem em tempos de transição, quando velhas opiniões estão diminuindo e as novas são ainda não firmemente estabelecidas. Essa condição é ingenuamente comparada por ele para essa de um suposto filho, que tem feito a descoberta que seus reputados pais não são aqueles reais, e, em consequência, eles tem perdido sua autoridade sobre ele.

A distinção entre o matemático e o dialético é também notável. Platão é muito bem atento que a faculdade do matemático é bastante distinta do sentido filosófico mais alto o qual reconhece e combina os primeiros princípios. O desprezo o qual ele expressa para distinções de palavras, o perigo de falsidade involuntária, a apologia a qual Sócrates faz para sua seriedade de fala, são altamente característicos do estilo platônico e modo de pensamento. A noção pitoresca que se Palamedes foi o inventor do número Agammenon não pôde ter contado seu pé; a arte pela qual nós somos feitos para acreditar que esse Estado de nossos não é um sonho apenas; a gravidade com a qual o primeiro passo é tomado na criação atual do estado, isto é, a enviar fora da cidade todos que tem chegado em dez anos de idade, em ordem para despachar os negócios da educação por uma geração, são também verdadeiramente platônicas. (Por o último, compare a passagem ao fim do terceiro livro, na qual ele espera a mentira sobre os homens nascidos da terra para ser acreditados na segunda geração.) LIVRO VIII. E assim nós temos chegado à conclusão, que no Estado perfeito esposas e crianças são para ser em comum; e a educação e perseguições de homens e mulheres, ambos na guerra e paz, são para ser comum, e reis são para ser filósofos e guerreiros, e os soldados do Estado são para viver juntos, tendo todas as coisas em comum; e eles são para ser guerreiros atletas, não recebendo pagamento mas apenas sua comida, dos outros cidadãos. Agora nos deixe retornar para o ponto ao qual nós divagamos. “Que é facilmente feito,” ele respondeu: “Você estava falando do Estado o qual você tem construído, e do indivíduo que respondeu para isso, ambos de quem você afirmou ser bem; e você disse que dos Estados inferiores eles eram quatro formas e quatro indivíduos correspondendo a eles, aos quais embora deficientes em vários graus, eram todos deles ricos inspecionando com uma visão para determinar a felicidade relativa ou miséria do melhor ou pior homem. Então Polemarco e Adeimantus te interromperam, e isso levou a outro argumento, - e assim aqui nós estamos.” Suponha que nós colocamos nós mesmos de novo na mesma posição, e você repete sua questão. ‘Eu devo gostar de conhecer do que constituições você estava falando?’ Além do Estado perfeito há apenas quatro de qualquer nota em Helas: - primeiro, a famosa comunidade Lacedaemoniana ou Cretana; em segundo, oligarquia, um Estado cheio de males; em terceiro, democracia, a qual segue próximo em ordem; em quarto, tirania, a qual é a doença ou morte de todo governo. Agora, Estados não são feitos de ‘carvalho e pedra,’ mas de carne e sangue; e então como eles são cinco Estados ali deve estar cinco naturezas humanas nos indivíduos, os quais correspondem a eles. E primeiro, há a natureza ambiciosa, a qual responde por o Estado Lacedaemoniano; em segundo, a natureza oligárquica; em terceiro, a democrática; e a quarta, a tirana. Essa última terá que ser comparada com o perfeitamente justo, o qual é o quinto, que nós podemos saber o qual é o mais feliz, e então nós devemos ser capazes de determinar se o argumento de Trasímaco ou o nosso próprio é mais convincente. E como antes nós começamos com o Estado e fomos adiante para o indivíduo, assim agora, começando com timocracia, deixe-nos ir no homem timocrático, e então proceder para as outras formas de governo, e os indivíduos que respondem a elas.

Mas como timocracia surge fora do Estado perfeito? Plenamente, como todas as mudanças de governo, da divisão nos legisladores. Mas de onde vem a divisão? ‘cante, Musas celestiais,’ como Homero diz; - deixe eles condescender para responder nós, como se nós eramos crianças, para quem eles colocam numa face solene no gracejo. ‘E o que eles dirão?’ Eles dirão que coisas humanas são fadadas a decair, e até mesmo o Estado perfeito não escapará dessa lei do destino, quando ‘a roda vem círculo cheio’ num período curto ou longo. Plantas e animais tem tempos de fertilidade e

esterilidade, o qual a inteligência de legisladores porque ligado pelo sentido não vai capacitar eles para averiguar, e crianças serão nascidas fora da estação. Por considerando que criações divinas é num número o qual declina da perfeição, e tem quatro termos e três intervalos de números, aumentando, mingando, assimilando, dissimilando, e ainda perfeitamente comensurado com cada um. A base do número com um quarto adicionado (ou o qual é 3:4), multiplicado por cinco e encubado, dá duas harmonias: - a primeira um número quadrado, o qual é uma centena de vezes a base (ou uma centena de vezes uma centena); o segundo, um oblongo, sendo uma centena de quadrados do diâmetro racional de uma figura o lado do qual é cinco, subtraindo um de cada quadrado ou dois quadrados perfeitos de tudo, e adicionando uma centena de cubos de três. Esse número inteiro é geométrico e contém a regra ou lei de geração. Quando essa lei é negligenciada casamentos serão desfavoráveis; a primavera inferior que são então nascidos vai no tempo se tornar os legisladores; o Estado vai decair, e a educação cair dentro de decadência; ginástica será preferida do que música, e o ouro e prata e bronze e ferro formarão uma massa caótica – assim divisão surgirá. Tal é as Musas’ resposta para nossa questão. ‘E uma verdadeira resposta, do curso: - mas o que mais tem eles a dizer?’ Eles dizem que as duas raças, o ferro e o bronze, e a prata e ouro, puxarão o Estado de diferentes modos: - o primeiro levará para negociar e fazer dinheiro, e os outros, tendo os verdadeiros ricos e não cuidando para dinheiro, vai resistir eles: a competição terminará em um compromisso; eles aceitarão propriedade privada, e vão escravizar seus concidadãos que eram uma vez seus amigos e criadores. Mas eles reterão seu caráter bélico, e serão principalmente ocupados em lutar e exercitar a regra. Assim surge timocracia, a qual é intermediada entre aristocracia e oligarquia.

A nova forma de governo se assemelha ao ideal na obediência aos legisladores e desprezo por comércio, e tendo refeições comuns, e na devoção para exercícios bélicos e ginásticos, e simplicidade de caráter, o qual era uma vez ela notou, é agora olhado por apenas na classe militar. Artes da guerra começam a prevalecer sobre artes da paz; o legislador não é por muito tempo um filósofo; como nas oligarquias, ali jorra para cima entre eles um extravagante amor de ganho – consegue de outro homem e salva a si próprio, é seu princípio; e eles tem lugares escuros nos quais eles acumulam seu ouro e prata, para o uso de suas mulheres e outros; eles tomam seus prazeres por cautela, como meninos que estão correndo longe de seu pai – a lei; e sua educação não é inspirada pela Musa, mas impostada pelo velho braço do poder. A característica levando desse Estado é em parte espírito e ambição.

E qual maneira das respostas dos homens para um tal Estado? ‘No amor de contenção,’ respondeu Adeimantus, ‘ele será como nosso amigo Glauco.’ Nesse respeito, talvez, mas não nos outros. Ele está autoafirmando e mal-educado, ainda aficionado de literatura, embora não ele mesmo um falante, - feroz com escravos, mas obediente para legisladores, um amante de poder e honra, o qual ele espera ganhar por ação de braços, - aficionado, também, de ginástica e de caça. Como ele avança nos anos ele cresce avarento, para ele tem perdido filosofia, a qual é o único salvador e guardião dos homens. Sua origem é como segue: - Seu pai é um bom homem residindo em um Estado mal ordenado, que tem retirado da política em ordem que ele pôde levar uma vida quieta. Sua mãe está zangada em sua perda de procedência entre outras mulheres; ela está desgostosa no egoísmo do marido dela, e ela discorre para seu filho na falta de masculinidade e indolência de seu pai. A velha família criado levou para cima a conto, e diz para o jovem: - ‘Quando você crescer você deve sere mais de um homem que seu pai.’ Todo o mundo são concordados que ele deve mentes seu próprio negócio é um idiota, enquanto um intrometido é altamente honrado e estimado. O jovem homem com para esse espírito com as palavras de seu pai e caminhos, e como ele é naturalmente bem-disposto, embora ele tem sofrido de más influências, ele descansa a um meio ponto e se torna ambicioso e um amante da honra.

E agora nos deixe colocar outra cidade contra outro homem. A próxima forma de governo é oligarquia, na qual a regra é o rico apenas; não é essa dificuldade para ver como tal um Estado surge. O declínio começa com a posse de ouro e prata; modos ilegais de despesa são inventados; um

puxa outra adiante, e as multidões são infectadas; ricos excedem em valor virtude; amantes do dinheiro tomam um lugar de amantes de honra; avaros de políticos; e, em tempo, privilégios políticos são confinados pela lei para o rico, que não encolhe da violência em ordem para efeitos seus propósitos.

Assim muito da origem, - nos deixe próximo considerar os males da oligarquia. Vai um homem que procurava ser seguro numa viagem tomar um mau piloto porque ele era rico, ou recusar um bem um porque ele era pobre? E a analogia não aplica ainda mais para o Estado? E há ainda maiores males; duas nações estão lutando juntas em um – o rico e o pobre; e o rico não ousa por os braços dentro das mãos do pobre, e são pouco dispostos a pagar para os defensores fora de seu próprio dinheiro. E nós não temos já condenado esse Estado no qual as mesmas pessoas são guerreiros também como lojistas? A propriedade e não tem lugar no Estado; enquanto há uma classe a qual tem enorme riqueza, a outra é inteiramente destituída. Mas observe que esses destituem não tem qualquer mais da natureza do governo neles quando eles eram ricos que agora que eles são pobres; eles eram esbanjadores miseráveis sempre. Eles são os zangões da colmeia; apenas considerando que o zangão atual é desprovido pela natureza com uma picada, a coisa das duas pernas de quem nós chamamos zangões são alguns deles sem picadas e alguns deles tem picadas terríveis; em outras palavras, há indigentes e eles são velhacos. Esses nunca são longe separadamente; e em cidades oligárquicas, onde quase todo mundo é um indigente que não é um legislador, você encontrará abundância em ambos. E esse mal estado de sociedade origina na má educação e mal governo.

Como Estado, como homem, - a mudança no depois começa com a representativa da timocracia; ele caminha em primeiro nos caminhos de seu pai, que pode ter sido um estadista, ou geral, talvez; e presentemente ele vê ele ‘caído de seu alto estado,’ a vítima dos informadores, morrendo na prisão ou exílio, ou pelas mãos do executor. A lição a qual ele assim recebe, o faz cauteloso; ele deixa política, reprime seu orgulho, e salva centavo. Avareza é empossada como seu seio do senhor, e assume o estilo do Grande Rei; os elementos racionais e espiritualizados sentam humildemente no chão ao ou lado, o um imerso no cálculo, o outro absorvido na administração de riqueza. O amor da honra vira para o amor do dinheiro; a conversão é instantânea. O homem é querer dizer, salvando, labutando, o escravo de uma paixão a qual é a mestra do resto: não é ele a muita imagem do Estado? Ele não teve nenhuma educação, ou ele nunca vai ter permitido o deus cego dos ricos levar a dança dentro dele. E sendo sem educação ele não terá algum enganoso, criando em sua alma. Se ele é o fiduciário de um órfão, e tem o poder para defraudar, ele logo vai provar que ele não é sem a vontade, e que suas paixões são apenas contidas pelo medo e não pela razão. Consequentemente ele leva uma existência dividida; na qual os melhores desejos principalmente prevalecem. Mas quando ele está contendendo para preços e outras distinções, ele está temeroso para incorrer uma perda a qual é para ser repaga apenas por honra estéril; no tempo de guerra ele luta com uma pequena parte de seus recursos, e usualmente mantém seu dinheiro e perde a vitória.

Próximo vem democracia e o homem oligarca. Avareza insatisfatória é a paixão governante de uma oligarquia; e elas encorajam hábitos caros em ordem que eles podem ganhar pela ruína de juventude extravagante. Assim homens de família muitas vezes perdem sua propriedade de direitos de cidadania; mas eles permanecem na cidade, cheios de ódio contra os novos proprietários de seus estados e maduro para revolução. O usuário com caminhar parado pretende não ver eles; ele passa por, e deixa sua picada – que é, seu dinheiro – em alguma outra vítima; e muito um homem tem que pagar o pai da principal soma multiplicada dentro de uma família de crianças, e é reduzido dentro de um estado de dronagem por ele. O único caminho de diminuição do mal é ou limitar um homem no seu uso de sua propriedade, ou insistir que eles devem conduzir ao seu próprio risco. Mas a classe regendo não quer remédios; eles cuidam apenas por dinheiro, e são como sem cuidado de virtude como os mais pobres de todos os cidadãos. Agora há ocasiões na qual os governadores e os governados se encontram juntos, - nos festivais, numa jornada, viagem ou luta, - o mendigo resistente encontra que na hora do perigo ele não é menosprezado; ele vê o homem rico soprando e pintando; e puxa a conclusão a qual ele reservadamente dá aos seus companheiros, - ‘que nossas

peças não são boas por tanto;’ e como uma armação doente é feita doente por um mero toque sem, ou as vezes sem impulso externo é preparada para cair a pedaços de si mesma, assim da menos causa, ou com nada em tudo, a cidade cai doente e luta uma batalha por vida ou morte. E democracia vem dentro de poder quando os pobres são os vencedores, matando alguns e exilando alguns, e dando partes iguais no governo para todo o resto.

A maneira de vida na qual em um tal Estado é essa de democratas; há liberdade e simplicidade de fala, e todo homem faz o que é certo aos seus próprios olhos, e tem seu próprio meio de vida. Consequentemente surge os mais variados desenvolvimentos de caráter; o Estado é como uma peça de bordado do qual as cores e figuras são as maneiras dos homens, e há tantos que, como mulheres e crianças, preferem essa variedade a beleza real e excelência. O Estado não é um mas tantos, como um bazar no qual você pode comprar qualquer coisa. O grande charme é, que você pode fazer como você gosta; você pode governar se você gosta, deixar sozinho se você gosta; ir para a guerra e pacificar se você se sente disposto, e tudo totalmente independente de qualquer outra pessoa. Quando você condena homens a morte eles permanecem vivos tudo o mesmo; um cavalheiro é desejado ir para dentro do exílio; e ele espia as ruas como um herói; e ninguém vê ele ou cuidados para ele. Observe, também, quão grandemente Democracia joga seu pé sobre todas as finas teorias da educação, - quão pequeno ela cuida para treinar de seu estadista! A única qualificação a qual ela demanda é a profissão do patriotismo. Tal é a democracia; - um agradando, sem lei, vários tipos de governos, distribuindo igualdade para iguais e desigualdades semelhantes.

Nos deixe agora inspecionar o indivíduo democrata; e primeiro, como no caso do Estado, nos traçaremos seus antecedentes. Ele é o filho de uma oligarquia avarenta, e tem sido dito por ela para conter o amor dos prazeres desnecessários. Talvez eu deva explicar esse termo depois: - Prazeres necessários são esses os quais são bons, e os quais nós não podemos fazer sem; prazeres desnecessários são esses os quais não fazem bem, e dos quais o desejo pode ser erradicado pelo cedo treinamento. Por exemplo, os prazeres de comer e beber são necessários e saudáveis, acima para um certo ponto; além desse ponto eles são semelhantes danosos para o corpo e mente, e o excesso pode ser evitado. Quando em excesso, eles podem ser justamente chamados de prazeres caros, em oposição aqueles úteis. E o zangão, como nós o chamamos, é o escravo desses prazeres desnecessários e desejos, considerando que a oligarquia avarenta é assunto apenas para o necessário.

A oligarquia muda dentro do democrata na seguinte maneira: - O jovem que teve um trazendo avarento para cima, conseguiu um gosto do mel do zangão; ele encontrou com companheiros selvagens, que introduziram ele a todo novo prazer. Como no Estado, assim no indivíduo, há aliados em ambos os lados, tentações de sem e paixões de dentro; há razão também e influências externas de pais e amigos em aliança com o princípio oligárquico; e as duas facções estão em conflito violento uma com a outra. As vezes a parcialmente de ordem prevalece, mas então novamente novos desejos e novas desordens surgem, e a turba inteira de paixões toam posse de Acrópolis, que é para dizer, a alma, a qual eles encontram nula e desprotegida pelas palavras e trabalhos.

Falsidades e ilusões ascendem para tomar seu lugar; o príncipe vai de volta dentro da nação dos Lotophagi ou zangões, e abertamente reside ali. E se qualquer oferta ou aliança ou parlamentar de indivíduos mais velhos vem de casa, o falso espírito cala os portões do castelo e não permitem ninguém entrar, - há uma batalha, e eles ganham a vitória; e caminho reto fazendo aliança com os desejos, eles banem modéstia, a qual eles chamam loucura, e mandam temperança sobre a borda. Quando a casa tem sido varrida e guarnecida, eles se vestem a rigor os vícios exilados, e coroando eles com guirlandas, trazem eles de volta sob nomes novos. Insolência eles chamam bom criando, anarquia liberdade, desperdício magnificência, impudência coragem. Tal é o processo pelo qual o jovem passa dos prazeres necessários para os desnecessários. Depois de um momento ele divide seu tempo imparcialmente entre eles; e talvez, quando ele fica mais velho e a violência da paixão tem abatido, ele restaura alguns dos exílios e vidas num tipo de equilíbrio, perdendo primeiro um prazer e então outro; e se a razão vem e diz a ele que alguns prazeres são bons e honoráveis, e

outros maus e vis, ele balança sua cabeça e diz que ele não pode fazer distinção entre eles. Assim ele vive na fantasia da hora; as vezes ele bebe, e então ele se torna abstinente; ele pratica no ginásio ou ele no faz nada em tudo; então de novo ele será um filósofo ou um político; ou de novo, ele será um guerreiro ou um homem de negócios; ele é

‘Toda coisa através de começos e nada muito tempo.’

Ali permanece o mais fino e mais justo de todos os homens e todos os Estados – tirania e o tirano. Tirania pula de democracia tanto coimo democracia pula de oligarquia. Ambos surgem do excesso; o um de excesso de riqueza, ou outro de excesso de liberdade. ‘O grande bem natural da vvida,’ diz o democrata, ‘é liberdade.’ E esse amor exclusivo da liberdade e indiferença de tudo outro, é a causa da mudança de democracia para tirania. O Estado demanda o forte vinho da liberdade, e a menos que as regras dela dão a ela um rascunho abundante, pune e insulta eles; igualdade e fraternidade dos governadores e governados é o princípio aprovado. Anarquia é a lei, não do Estado apenas, mas de casas privadas, e estende-se até mesmo para os animais. Pai e filho, cidadão e estrangeiro, professor e aluno, velho e jovem, estão todos num nível; pais e professores temem seus filhos e alunos, e a sabedoria do homem jovem é um emparelho para o ancião, e o velho imita os modos animados do jovem porque eles são temerosos de ser pensamento sombrio. Escravos estão num nível com seus mestres e amantes, e não há diferenças entre homens e mulheres. Nem, os muitos animais num Estado democrático tem uma liberdade a qual é desconhecida em outros lugares. Os ela cachorros são tão bons como seus ela amantes, os cavalos e asnos marcham ao longo com dignidade e corre seus narizes contra qualquer um que vem em seu caminho. ‘Que tem muitas vezes sido minha experiência.’ Ao menos os cidadãos se tornam tão sensíveis que eles não podem aguentar o jugo das leis, escritas ou não escritas; eles não vão ter homem chamado si mesmo seu mestre. Tal é o glorioso começo das coisas fora das quais tirania pula. ‘Glorioso, certamente; mas o que está para seguir?’ A ruína da oligarquia é a ruína da democracia; por há uma lei dos contrários; o excesso de escravidão, e a maior liberdade a maior da escravidão. Você lembrará que na oligarquia foram encontradas duas classes – velhacos e mendigos, de quem nós comparamos a zangões com e sem picadas. Essas duas classes são para o Estado o que muco e bile são para o corpo humano; e o Estado físico, ou legislador, deve conseguir libertar eles, apenas como uma abelha-mestra mantém os zangões fora da colmeia. Agora também, há zangões, mas eles são mais numerosos e mais perigosos que na oligarquia; ali eles são inertes e sem prática; e o tipo mais agudo fala e atua, enquanto os outros zumbam sobre o bema e previne seus oponentes de serem ouvidos. E há outra classe nos Estados democráticos, de respeitável, indivíduos prosperando, que podem ser apertado quando os zangões têm necessidade de suas possessões; há além disso uma terceira classe, que são os trabalhadores e os artesãos, e eles formam a massa das pessoas. Quando as pessoas se encontram, elas são onipotentes, mas elas não podem ser trazidas juntas a menos que elas são atraídas por um pouco de mel, do qual os demagogos mantém a maior parte para eles mesmos, dando um gosto só para a turba. Suas vítimas tentam resistir, e assim se tornam oligarcas perpendiculares em autodefesa. Então segue informações e convicções por traição. As pessoas têm algum protetor de quem elas cuidam na grandeza, e dessa raiz a árvore da tirania salta. A natureza da mudança é indicada na velha fábula do templo de Zeus Liceus, a qual diz como ele que provou carne humana misturada com a carne de outras vítimas se tornará dentro de um lobo. Até mesmo assim o protetor, que provou o sangue humano, e mata alguns e exila outros com ou sem lei, que indica à abolição de débitos e divisões de terras, deve ou perecer ou se tornar um lobo – que é, um tirano. Talvez ele é dirigido fora, mas ele logo vem de volta do exílio; e então de seus inimigos não podem conseguir libertar dele pelos significados legais, eles planejam seu assassinato. Logo após o amigo da pessoa faz seu bem conhecido pedido para eles por um guarda corpo, o qual ele prontamente garante, pensando apenas de seu perigo e não de si próprio. Agora deixe o homem rico fazer para ele mesmo asas, para ele nunca vai correr longe de novo se ele não faz assim então. E o

Grande Protetor, tendo esmagado todos os seus rivais, postos orgulhosamente erguidos na carruagem do Estado, um tirano desenvolvido: Nos deixe investigar na natureza de sua felicidade. Nos anos cedo de sua tirania ele sorri e raios em todo o mundo; ele não é um ‘dominus,’ não, não ele: ele tem apenas vindo para por um fim a dívida e o monopólio de terra. Tendo conseguido liberdade dos inimigos estrangeiros, ele fez ele mesmo necessário para o Estado por sempre ir para a guerra. Ele é assim habilitado a depreciar o pobre por pesadas taxas, e assim manter eles no trabalho; e ele pode conseguir libertar dos mais corajosos espíritos segurando eles sobre para o inimigo. Então vem impopularidade; alguns dos velhos associados tem a coragem de se opor a ele. A consequência é, que ele tem que fazer uma purgação do Estado; mas, ao contrário do físico que purgações fora o ruim, ele deve libertar-se do fogoso, o sábio e o rico; para ele não tem escolha entre morte e uma vida de vergonha e desonra. E o mais odiado ele é, o mais ele requererá guardas confiáveis; mas como ele os obterá? ‘Eles vão vir se reunindo como pássaros – para pagar.’ Ele vai não bastante obtê-los no local? Ele vai tomar os escravos de seus proprietários e fazer eles seu corpo guarda; esses são seus amigos confiados, que admiram e olham acima para ele. Não são os poetas trágicos sábios que magnificam e exaltam o tirano, e dizem que ele é sábio por associação com o sábio? E não são seus elogios de tirania sozinhos uma razão suficiente por qual nós devemos excluir eles de nosso Estado? Eles podem ir para outras cidades, e reunir a turba sobre eles com palavras finas, e mudar comunidades dentro de tiranias e democracias, recebendo honras e recompensas por seus serviços; mas o mais alto eles e seus amigos ascendem colina de constituição, o mais de sua honra falhará e se tornará ‘tão asmático para monte.’ para retornar para o tirano – Como ele vai suportar esse raro exército dele? Primeiro, roubando os templos de seus tesouros, os quais vão habilitar ele para iluminar as taxas; então ele vai tomar toda a propriedade de seu pai, e gastá-la em seus companheiros, homens ou mulheres. Agora seu pai é o demos, e se o demos se põe bravo, e diz que um maior filho grosseiro não deve ser um fardo nos seus pais, e o licita e sua equipe turbulenta foi embora, então vai o pai saber o que um monstro ele estava criando, e que o filho de quem ele de bom grado expulsaria é tão forte para ele. Você não está querendo dizer que ele baterá em seu pai?’ Sim, ele vai, depois de ter tomado longe seus braços. “Então ele é um parricida e um cruel, fora da fumaça dentro do fogo. Assim liberdade, quando fora de toda ordem e razão, passa dentro da pior forma de servitude...

Nos livros prévios Platão tem descrito o Estado ideal; agora ele retorna para as formas pervertidas ou em declínio, nas quais ele tinha levemente tocado no final do Livro IV. Esses ele descreve numa sucessão de paralelos entre os indivíduos e os Estados, traçando a origem de ou no Estado ou indivíduo o qual tem procedido eles. Ele começa perguntando o ponto no qual ele divagou; e é assim levado curtamente para recapitular a substância dos três livros anteriores, os quais contêm um paralelo do filósofo e o Estado.

Do primeiro declínio ele não dá conta inteligível; ele não vai ter gostado de admitir as mais prováveis causas da queda de seu Estado ideal, o qual para nós vai parecer ser a impraticabilidade do comunismo ou o natural antagonismo de regras e classes de assunto. Ele arremessa um véu de mistério sobre a origem do declínio, o qual ele atribui para a ignorância da lei da população. Dessa lei a famosa figura geométrica ou número é a expressão. Como os antigos em geral, ele não tinha ideia da gradual perfectibilidade do homem ou da educação da raça humana. Seu ideal não era para ser atingido no curso das eras, mas era para saltar na completamente armadura da cabeça do legislador. Quando boas leis tem sido dadas, ele pensou apenas da maneira na qual elas podem ser preenchidas em detalhes ou restauradas de acordo com seu espírito original. Ele aparece não ter refletido sobre o sentido completo de suas próprias palavras, ‘No breve espaço da vida humana, nada grande pode ser cumprido’; ou novamente, como ele depois diz nas Leis, ‘Tempo infinito é o fazedor de cidades.’ A ordem das constituições as quais é adotado por ele representa uma ordem de pensamento bastante que uma sucessão de tempo, e pode ser considerada como a primeira tentativa de enquadrar uma filosofia da história.

O primeiro desses Estados declinando é timocracia, ou o governo de soldados e amantes da honra, ao qual respondem para o Estado Espartano; esse é um governo de força, no qual educação não é inspirada pelas Musas, mas imposta pela lei, e na qual todos os mais finos elementos de organização tem desaparecido. O filósofo ele mesmo tem perdido o amor da verdade, e o soldado, que é uma natureza mais simples e mais honesta, regras no lugar dele. O indivíduo que responde a timocracia tem algumas qualidades notáveis. Ele é descrito como mal-educado, mas, como o Espartano, um amante de literatura; e embora ele é um mestre severo de literatura para seus serventes ele não tem superioridade natural sobre eles. Seu caráter é baseado sobre uma reação contra as circunstâncias do seu pai, que numa cidade problemática tem retirado da política; e sua mãe, que é insatisfeita na própria posição dela, está sempre urgindo ele em direção a vida da ambição política. Tal um caráter pode ter tido essa origem, e certamente Livy atribui a lei Liciniana para uma ciosamente feminina de um tipo semelhante. Mas não há obviamente conexão entre a maneira na qual o Estado timocrático salta fora do ideal, e o mero acidente pelo qual o homem timocrático é o filho de um estadista retirado.

Os próximos dois estágios no declínio das constituições tem até mesmo menos fundação histórica. Por não há traço na história grega de uma política como a Espartana ou Cretana passando dentro de uma oligarquia de riqueza, ou da oligarquia de riqueza passando dentro de uma democracia. A ordem da história aparece ser diferente; primeiro, nos tempos Homéricos há a forma real ou patriarcal de governo, a qual um século ou dois depois foi sucedida por uma oligarquia de nascimento bastante que de riqueza, e na qual riqueza era apenas o acidente da posse hereditária de terra e poder. As vezes esse governo oligárquico tem caminho para um governo baseado sobre uma qualificação de propriedade, a qual, de acordo com o modo de Aristóteles de usar palavras, ia ter sido chamado uma timocracia; e isso em algumas cidades, como em Atenas, se tornou o meio conduzindo para democracia. Mas tal não era a ordem necessária para sucessão nos Estados; nem, certamente, pode qualquer ordem ser discernida na flutuação infinita da história grega (como as marés no Euripo) exceto, talvez, na quase uniforme tendência de monarquia para aristocracia nos tempos mais cedo. A primeira vista ali aparece ser uma inversão semelhante no último passo da sucessão platônica; para tirania, em vez de ser o fim natural da democracia, na história cedo grega aparece bastante como um estágio levando para democracia; o reino de Peisistratus e seus filhos é um episódio o qual vem entre a legislação de Solon e a constituição de Cleisthenes; e algum segredo causa comum para eles tudo parece ter levado a maior parte de Helas a primeira aparência no alvorecer da história, por exemplo, Atenas, Argos, Coríntios, Sicyon, e proximamente todo Estado com a exceção de Esparta, através de um semelhante estágio de tirania o qual terminou ou na oligarquia ou democracia. Mas então nós devemos lembrar que Platão está descrevendo bastante os governos contemporâneos dos Estados sicilianos, os quais alternados entre democracia e tirania, que a antiga história de Atenas ou Coríntios.

O retrato do tirano ele mesmo é só tal como o depois grego se encantado para puxar de Phalaris e Dionísio, no qual, como nas vidas dos santos medievais ou heróis mitológicos, a conduta e ações de um eram atribuídos a outro na ordem para encher o esboço. Não havia enormidade a qual o grego não foi hoje acreditado deles; o tirano era a negação do governo e lei; seu assassinato foi glorioso; não havia crime, contudo não natural, o qual não pôde com probabilidade ser atribuído a ele. Nisso, Platão estava apenas seguindo o pensamento comum de seus contemporâneos, os quais ele embelezou e exagerou com todo o poder de seu gênio. Ali não há necessidade de supor que ele puxou da vida; e que seu conhecimento de tiranos é derivado de uma pessoa conhecida com Dionísio. A maneira na qual ele fala deles vai tender bastante para fazer duvidoso seu sempre tendo ‘consociado’ com eles, ou entretido os esquemas, os quais são atribuídos nas Epístolas, de regenerando Sicília por sua ajuda. Platão numa hiperbólica e veia sério cômica exagera as tolices de democracia a qual ele também vê refletida na vida social. Para ele democracia é um estado de individualismo ou desilusão; na qual todo um está fazendo o que é certo aos seus próprios olhos. De uma pessoa animada por um espírito

comum de liberdade, surgindo como um homem repelir o anfitrião persa, o qual está levando a ideia de democracia em Heródoto e Thucydides, ele nunca parece pensar. Mas se ele não é um crente na liberdade, ainda menos ele é um amante da tirania. Sua mais profunda e mais séria condenação é reservada para o tirano, que é o ideal de maldade e também de fraqueza, e que no seu total desamparo e desconfiança está levando uma quase impossível existência, sem essa sobra de bem a qual, na opinião de Platão, foi requerido para dar poder ao mal (Livro I). Esse ideal de maldade vivendo na miséria do desamparo, e o inverso desse outro retrato de injustiça perfeita regrando na felicidade e esplendor, o qual primeiro de tudo Trasímaco, e depois os filhos de Ariston tem puxado, e é também o contrário do rei de quem a regra de vida é o bem de seus assuntos.

Cada desses governos e indivíduos tem uma gradação ética correspondente: o Estado ideal está sob a regra da razão, não extinguindo mas harmonizando as paixões, e as treinando na virtude; na timocracia e o homem timocrático a constituição, ou do Estado ou do indivíduo, é baseado, primeiro, em coragem, e em segundo, no amor da honra; essa última virtude, a qual é duramente para ser estimada uma virtude, tem sobressaído o resto. No segundo estágio de declínio as virtudes têm desaparecido, e o amor do ganho tem se sucedido para elas; no terceiro estágio, ou democracia, as várias paixões são aceitas para ter jogo livre, e as virtudes e vícios são imparcialmente cultivados. Mas essa liberdade, a qual leva para tantas extravagâncias curiosas de caráter, é na realidade apenas um estágio de fraqueza e dissipação. Na última, uma paixão monstro tomou posse de toda a natureza do homem – essa é tirania. Em todas delas excesso – o excesso primeiro de riqueza e então de liberdade, é o elemento de decadência.

O oitavo livro da República abunda nas figuras da vida e alusões fantasiosas; o uso de linguagem metafórica é carregado para uma maior extensão que em qualquer lugar em Platão. Nós podemos considerar,

(1), a descrição das duas nações em uma, as quais se tornam mais e mais divididas nas repúblicas gregas, como nos tempos feudais, e talvez também em nossos próprios;

(2), a noção de democracia expressada num tipo de fórmula pitagórica como igualdade entre desiguais;

(3), os livres e fáceis caminhos dos homens e animais, os quais são característicos de liberdade, como mercenários estrangeiros e desconfiança universal são do tirano;

(4), o propósito que meros débitos não devem ser recuperáveis pela lei é uma especulação a qual tem muitas vezes entretido pelos reformadores da lei nos tempos modernos, e está em harmonia com as tendências da legislação moderna. Débito e terra eram as duas grandes dificuldades dos antigos legisladores: nos tempos modernos nós podemos ser dito ter quase, se não bastante, resolvido a primeira dessas dificuldades, mas dificilmente a segunda.

Ainda mais considerável são os retratos correspondentes dos indivíduos; Há o retrato da família do pai e mãe e o velho empregado do homem timocrático, e a respeitabilidade externa e inerente maldade da oligárquica; a licença não controlada e liberdade do democrata, no qual o jovem Alcibíades parece ser descrito, fazendo certo e errado como ele agrada, e quem a final, com o pródigo, vai para uma nação distante (note aqui o jogo de linguagem pelo qual o homem democrático é ele mesmo representado sob a imagem de um Estado tendo uma cidadela e recebendo embaixadas); e há a natureza fera selvagem, a qual fraturas soltas em seu sucessor. A batida sobre o tirano sendo um parricida; a representação da vida do tirano como um sonho obscuro; a surpresa retórica de um mais miserável que o mais miserável dos homens no Livro IX; a dica para os poetas que se eles são os amigos dos tiranos não há lugar para eles no Estado constitucional, e que eles são também espertos não para ver a propriedade de sua própria expulsão; a imagem contínua dos zangões que são de dois tipos, inchado afinal no zangão monstro tendo asas (Livro IX), - são entre os toques mais felizes de Platão.

Ali permanece ser considerado a grande dificuldade desse livro da República, o assim chamado número do Estado. Esse é um quebra-cabeça tão grande como o Número de Bestas no Livro da Revelação, e embora aparentemente conhecido por Aristóteles, e referido para por Cícero como um provérbio de obscuridade (Ep. Ad Att.). E alguns tem imaginado que não há resposta para o quebra-cabeça, e que Platão tem sido praticando em seus leitores. Mas uma tal decepção como essa é inconsistente com a maneira na qual Aristóteles fala do número (Pol.), e terá sido ridículo para qualquer leitor da República que foi familiarizado com matemática grega. Como pouca razão há ali para supor que Platão intencionalmente usou expressões obscuras; a obscuridade surge de nosso

querer de familiaridade com o assunto. Na outra mão, Platão ele mesmo indica que ele não é completamente sério, e no descrever seu número como um solene gracejo das Musas, ele aparece implicar algum grau de sátira no uso simbólico do número. (Compare Cratylus; Protag.) Nossa esperança de entender a passagem depende principalmente em um estudo acurado das palavras por elas mesmas; nas quais uma luz lânguida é arremessada pela passagem paralela no nono livro. Outra ajuda é a alusão em Aristóteles, que faz a importante consideração que a parte depois da passagem (grega) descreve uma figura sólida. (Pol. - 'Ele apenas diz que nada está aguentando, mas que todas as coisas mudam num certo ciclo; e que a origem da mudança é uma base de números os quais estão na relação de 4:3; e isso quando combinado com uma figura de cinco dá duas harmonias; ele quer dizer quando o número dessa figura se torna sólido.') Alguma pista mais adiante pode ser reunida da aparência do triângulo pitagórico, o qual é denotado pelos números 3, 4, 5, e no qual, como em todo triângulo reto angulado, os quadrados dos dois lados menores iguais ao quadrado da hipotenusa ($9 + 16 = 25$).

Platão começa falando de um número perfeito e cíclico (Tim.), por exemplo, um número no qual a soma dos divisores iguala o todo; esse é o número divino ou perfeito no qual todos os círculos menores ou revoluções são completas. Ele também fala de um número humano ou imperfeito, tendo quatro termos e três intervalos de números os quais são relatados um para o outro em certas proporções; esses ele converte dentro de figuras, e encontra neles quando eles tem sido aumentados para a terceira potência certos elementos de número, aos quais são duas 'harmonias,' o um quadrado, o outro oblongo; mas ele não diz que o número quadrado para o círculo humano; nem é qualquer intimação dada que o primeiro ou número divino representa o período do mundo, o segundo o período do estado, ou da raça humana como Zeller supôs; nem é o número divino depois mencionado (Arist.). O segundo é o número de gerações ou nascimentos, ou no qual, de acordo com os pitagóricos, oportunidade, justiça, casamento, são representados por algum número ou figura. Esse é provavelmente o número 216.

A explicação dada no texto supõe as duas harmonias para fazer acima o número 8000. Essa explicação deriva uma certa plausibilidade da circunstância que 8000 é o antigo número de cidadãos espartanos (Herod.), e vai ser o que Platão pôde ter chamado 'um número o qual quase concerne a população de uma cidade'; o misterioso desaparecimento da população espartana pode possivelmente ter sugerido para ele a primeira causa de seu declínio dos Estados. A menor ou quadrada 'harmonia.' dos 400, pode ser um símbolo dos guardiões, - a maior larga ou oblonga 'harmonia,' das pessoas, e os números 3, 4, 5 podem referir respectivamente às três ordens no Estado ou partes da alma, as quatro virtudes, as cinco formas de governo. A harmonia da escala musical, a qual é em outro lugar usada como um símbolo da harmonia do estado, é também indicada, para os números 3, 4, 5, os quais representam os lados do triângulo pitagórico, também denotam os intervalos da escala.

Os termos usados na declaração do problema podem ser explicados como segue. Um número perfeito (grego), como já declarado, é um o qual é igual à soma de seus divisores. Assim 6, o qual é o primeiro perfeito ou número cíclico, $= 1 + 2 + 3$. As palavras (gregas), 'termos' ou 'notas,' e 'intervalos,' gregos são aplicáveis para música também como para número e figura. (Grego) é a 'base' na qual todo o cálculo depende, ou o 'mais baixo termo' do qual isso pode ser trabalhado fora. As palavras (gregas) tem sido variadamente traduzidas - 'quadrado e cubado' (Donaldson), 'igualando e igualado na potência' (Weber), 'pela involução e evolução,' por exemplo, aumentando a potência e extraindo a raiz (como na tradução). Números são chamados 'como e ao contrário' (grego) quando os fatores ou os lados dos planos e cubos os quais eles representam estão ou não

estão na mesma relação, por exemplo, 8 e $27 = 2$ cubados e 3 cubados; e por outro lado. ‘Depilação’ (grego) números, chamados também ‘aumentando’ (grego), são esses os quais são excedidos pela soma de seus divisores: por exemplo, 12 e 18 são menores que 16 e 21 . ‘Minguando’ números (gregos), chamados também ‘decrecendo’ (grego) são esses os quais sucedem a soma de seus divisores: por exemplo, 8 e 27 excedem 7 e 13 . As palavras traduzidas ‘comensurável e aceitável um para o outro’ (grego) parecem ser diferentes modos de descrever a mesma relação, com mais ou menos precisão. Eles são equivalentes para ‘expressável nos termos tendo a mesma relação um para o outro,’ como as séries $8, 12, 18, 27$, cada das quais números estão na relação de $(1 \text{ e } \frac{1}{2})$ para o precedendo. A ‘base,’ ou ‘número fundamental, a qual tem $\frac{1}{3}$ adicionada a isso’ $(1 \text{ e } \frac{1}{3}) = \frac{4}{3}$ ou um quarto musical. (grego) é a ‘proporção’ de números como de notas musicais, aplicado ou para as partes ou fatores de um único número ou para a relação de um número para outro. A primeira harmonia é um número ‘quadrado’ (grego); a segunda harmonia é um número ‘oblongo’ (grego), por exemplo, um número representando uma figura da qual os lados opostos apenas são iguais. (grego) = ‘números quadrados de’ ou ‘em diâmetros’; (grego) = ‘irracional,’ por exemplo, incluindo frações; por exemplo, 49 é um quadrado do diâmetro racional de uma figura o lado do qual $= 5$; 50 , de um diâmetro irracional do mesmo. Para várias das explicações dadas aqui e para um bom negocie além sou endividado para um excelente artigo no número platônico por Dr. Donaldson (Proc. da Sociedade Filos.).

As conclusões as quais ele puxou desses dados são resumidas por ele como segue. Tendo assumido que o número do ciclo perfeito ou divino é o número do mundo, e o número do ciclo imperfeito o número do estado, ele procede. “O período do mundo é definido pelo número perfeito 6 , que do estado pelo cubo desse número ou 216 , o qual é o produto do último par de termos do platônico tetractys (uma série de sete termos, $1, 2, 3, 4, 9, 8, 27$); e se nós tomamos isso como a base de nossa computação, nós devemos ter dois números cúbicos (grego), viz. 8 e 27 ; e o baixo proporcional entre esses, viz. 12 e 18 , vão fornecer esses intervalos e quatro termos, e esses termos e intervalos se levantam relacionados a um outro na relação sesqui-altera, por exemplo, cada termo é o procedendo como $\frac{3}{2}$. Agora se nós lembrarmos que o número $216 = 8 \times 27 = 3$ cubados + 4 cubados + 5 cubados, e 3 quadrados + 4 quadrados = 5 quadrados, nós devemos admitir que esse número implica os números $3, 4, 5$, para os quais os músicos alcançam assim tanta importância. E se nós combinarmos a relação $\frac{4}{3}$ com o número 5 , ou multiplicar as relações dos lados pela hipotenusa, nós devemos quadrando primeiro e então cubando obtém duas expressões, as quais denotamos a relação dos dois últimos pares dos termos no tetractis platônico, o anterior multiplicado pelo quadrado, o depois pelo cubo do número 10 , a soma dos primeiros quatro dígitos os quais constituem o tetractis platônico.’ Os dois (gregos) ele em outro lugar explica como segue: ‘O primeiro (grego) é (grego), em outras palavras $(\frac{4}{3} \times 5)$ tudo quadrado = 100×2 quadrados sobre 3 quadrado. O segundo (grego), um cubo de mesma raiz, é descrito como 100 multiplicado (alfa) pelo diâmetro racional de 5 diminuído pela unidade, por exemplo, como mostrado acima, 48 : (beta) pelos dois diâmetros incomensuráveis, por exemplo, os dois primeiros irracionais, ou 2 e 3 ; e (gama) pelo cubo de 3 , ou 27 . Assim nós temos $(48 + 5 + 27) 100 = 1000 \times 2$ cubados. Essa segunda harmonia é para ser o cubo do número do qual a harmonia anterior é o quadrado, e então deve ser dividida pelo cubo de 3 . Em outras palavras, a expressão toda será: (1), para a primeira harmonia, $400/9$; (2), para a segunda harmonia, $8000/27$.’ As razões as quais têm me inclinado a concordar com o Dr. Donaldson e também com Schleiermacher em supondo que 216 é o número platônico de nascimentos são: (1) que isso coincide com a descrição do número dado na primeira parte da passagem (grega)...; (2) que o número 216 com suas permutações terá sido familiar para um matemático grego, embora não familiar para nós: (3) que 216 é o cubo de 6 , e também a soma de 3 cubado, 4 cubado, 5 cubado, os números $3, 4, 5$ representando o triângulo pitagórico, do qual os lados quando quadrados igual ao quadrado da hipotenusa ($9 + 16 = 25$): (4) que é também o período da Metempsicose: (5) as três últimas condições ou bases ($3, 4, 5$) das quais 216 é resposta composta para a terceira, quarta,

quinta na escala musical: (6) que o número 216 é o produto dos cubos de 2 e 3, os quais são os dois últimos termos no tetraclito platônico: (7) que o triângulo pitagórico é dito por Plutarco (de Is. Et Osir.), Proclus (super prima Ecli.), e Quintiliano (de Musica) para ser contido nessa passagem, assim que a tradição da escola parece apontar na mesma direção; (8) que o triângulo pitagórico é chamado também a figura de casamento (grego).

Mas embora concordando com Dr. Donaldson assim longe, não vejo razão para supor, como ele faz, que o primeiro ou número perfeito é o mundo, o humano ou número imperfeito o estado; nem tem ele dado qualquer prova que a segunda harmonia é um cubo. Nem faz eu pensar que (grego) pode significar ‘dois incomensuráveis,’ os quais ele arbitrariamente assume ser 2 e 3, mas bastante, como a clausula precedendo implica, (grega), por exemplo, dois números quadrados baseados sobre diâmetros irracionais de uma figura o lado do qual é $5 = 50 \times 2$.

A maior objeção para a tradução é o senso dado para as palavras (gregas), ‘uma base de três com uma terceira adicionada a ela, multiplicada por 5.’ Nessa maneira um pouco forçada Platão introduz uma vez mais os números do triângulo pitagórico. Mas as coincidências nos números os quais seguem estão em favor da explicação. A primeira harmonia de 400, como tem sido já considerada, provavelmente representa as regras; o segundo e oblonga harmonia de 7600, as pessoas.

E aqui nós levamos parte da dificuldade. A descoberta do enigma seria inútil, e não ia lançar luz nos antigos matemáticos. O ponto de interesse é que Platão devia ter usado um tal símbolo, e que tanto do espírito pitagórico devia ter prevalecido nele. Seu significado geral é que a criação divina é perfeita, e é representada ou presidida sobre por um número imperfeito ou séries de números. O número 5040, o qual é o número de cidadãos nas Leis, é expressamente baseado por ele nos chãos utilitários, isto é, a conveniência do número para divisões. É também feito dos primeiros sete dígitos multiplicados por um outro. O contraste do número perfeito e imperfeito pode ter sido facilmente sugerido pelas correções do ciclo, os quais eram feitos primeiro por Meton e em segundo por Calipo; (o posterior é dito ter sido um discípulo de Platão). Do grau de importância ou da exatidão para ser atribuído para o problema, o número do tirano no Livro IX ($729 = 365 \times 2$), e a despreza correção do erro no número 5040/12 (Leis), pode fornecer um critério. Não há nada surpreendendo na circunstância que esses que estão buscando por ordem na natureza e tem encontrado ordem no número, deve ter imaginado um para dar lei para o outro. Platão acredita num poder do número além distante que ele podia ver realizado no mundo em volta dele, e ele sabe a grande influência a qual ‘a pequena matéria de 1, 2, 3’ exerce sobre a educação. Ele pode até mesmo ser pensado ter uma antecipação profética das descobertas de Quetelet e outros, que números dependem sobre números; por exemplo, na população, os números de nascimentos e os respectivos números de crianças nascidas de ou sexo, nas respectivas épocas dos pais, por exemplo, nos outros números.

LIVRO IX. Último de todos vem para o homem tirano, sobre de quem nós temos para investigar, de onde é ele, e como ele vive – na felicidade ou na miséria? ‘Há, contudo, uma questão prévia da natureza e número de apetites, os quais devo gostar de considerar primeiro. Alguns deles são ilegais, e ainda admitem ser castigados e debilitados em vários graus pelo poder da razão e lei. ‘Quais apetites você quer dizer?’ Quero dizer esses os quais são despertados quando os poderes racionais são adormecidos, que se levantam e caminham sobre nu sem qualquer auto respeito ou vergonha; e não há concebível loucura ou crime, contudo cruel ou inatural, do qual, na imaginação, eles não podem ser culpados. ‘Verdade,’ ele disse; ‘muita verdade.’ Mas quando o pulso de um homem bate temperadamente; e ele tem suposto em um banquete de razão e vir para um conhecimento dele mesmo antes de ir para descansar, e tem satisfeito seus desejos justo o bastante para prevenir perturbando a sua razão, a qual permanece clara e luminosa, e quando ele é livre de disputa e calor, - as visões as quais ele tem em sua cama são menos irregular e anormal. Até mesmo nos homens bons há uma tal natureza besta selvagem irregular, a qual perscruta fora em sono.

Para retornar: - Você lembra o que era dito do democrata; que ele era filho de um pai avarento, que encorajou os desejos salvando e reprimiu aqueles ornamentais e caros; agora o jovem consegue entrar em companhia fina, e começa a entreter uma antipatia para seus modos estreitos de seu pai; e

sendo0 um homem melhor que os corruptores de sua juventude, ele veio para um dizer, e levou uma vida, não de sem lei ou paixão escrava, mas de indulgência regular e sucessiva. Agora imagine que o jovem tem se tornado um pai, e tem um filho que é exposto as mesmas tentações, e tem companheiros que o levam dentro de todo tipo de iniquidade, e pais e amigos que tentam mantê-lo direito. Os conselheiros do mal encontram que sua única chance de reter ele é implantar em sua alma um zangão de monstro, ou amor; enquanto outros desejam zumbido em volta dele e mistificá-lo com doces sons e cheiros, esse amor monstro toma posse dele, e coloca um fim para qualquer verdade ou pensamento modesto ou desejo. Amor, como embriaguez e loucura, é uma tirania; e o homem tirânico, se feito pela natureza ou hábito, é apenas um bebendo, cobiçando, tipo furioso de animal. E como faz tal um aquele vive? 'Não, que você me tenha que falar.' Bem então, eu fantasio que ele viverá entre festanças e prostituições, e o amor será o senhor e mestre da casa. Muitos desejos requerem muito dinheiro, e então ele gasta tudo que ele tem e empresta mais; e quando ele não tem nada os jovens corvos estão ainda no ninho no qual eles eram chocados, chorando por comida. O amor os incita. E eles devem ser gratificados pela força ou fraude, ou se não, eles se tornam dolorosos e problemáticos; e como os novos prazeres sucedem aqueles antigos, então vai o filho tomar posse dos bens de seus pais; se eles mostram sinais de recusa, ele defraudará e enganará eles; e se eles resistem abertamente, o que então? 'Posso apenas dizer, que devo não tanto como ser em seu lugar.' Mas, Ó céus, Adeimantus, pensar que para algum novíssimo e desnecessário amor ele se rende seu velho pai e mãe, melhor e mais queridos dos amigos, ou escraviza eles para as fantasias da hora! Verdadeiramente um filho tirano é um abençoado para seu pai e mãe! Quando não há mais para ser conseguido fora deles, ele vira assaltante ou batedor de carteira, ou rouba um templo. Mestres do amor os pensamentos da mocidade dele, e ele se torna em sóbria realidade o monstro que ele estava as vezes no sono. Ele encera forte em toda violência e ilegalidade; e está pronto para qualquer ato de ousadia que suprirá as necessidades de sua debandada. Em um Estado bem-ordenado há apenas uns poucos tais, e esses no tempo de guerra vai fora e se tornam os mercenários de um tirano. Mas no tempo de paz eles ficam em casa e faz dano; eles são os ladrões, palmilhas, carteiras, ladrões da comunidade; ou se eles são capazes de falar, eles tornam falsas testemunhas e informantes. 'Sem catálogo pequeno de crimes verdadeiramente, até mesmo se os perpetradores são poucos.' Sim, eu digo; mas pequeno e grande são termos relativos, e sem crimes os quais são cometidos por eles aproximam esses do tirano, de quem essa classe, crescendo forte e numeroso, criam fora deles mesmos. Se as pessoas rendimento, bem e bom, mas, se elas resistem, então, como antes ele bateu em seu pai e mãe, então agora ele bate na pátria dele e mátria, e coloca seus mercenários sobre eles. Tais homens em seus cedos dias vivem com lisonjeadores, e eles mesmo lisonjeiam outros, em ordem para ganhar seus fins; mas eles logop descartam seus seguidores quando eles não tem por muito tempo qualquer necessidade deles; eles são sempre ou mestres ou serventes, - as alegrias da amizade são desconhecidas para eles. E eles são totalmente traiçoeiros e injustos, se a natureza de justiça ser em tudo compreensível para nós. Eles realizam nosso sonho; e ele quem é a maioria de um tirano pela natureza, e leva a vida de um tirano para o mais longo tempo, será o pior deles, e sendo o pior deles, será também o mais miserável. Como homem, como Estado, - o homem tirânico responderá para tirania, a qual é o extremo oposto do Estado real; para um é o melhor e o outro o pior. Mas qual é o mais feliz? Grande e terrível como o tirano pode aparecer empossado entre seus satélites, deixe-nos não ter medo para entrar e perguntar; e a resposta é, que o monárquico é o mais feliz, e o tirano mais miserável dos Estados. E nós não podemos perguntar a mesma questão sobre os homens por eles mesmos, pedindo algum um para olhar dentro deles quem é capaz para penetrar a natureza interna do homem, e não vai estar em pânico pela pompa vã da tirania? Vou supor que ele é um que tem vivido com ele, e tem visto ele na vida da família, ou talvez na hora do problema e perigo. Assumindo que nós somos o juiz imparcial por quem nós procuramos, deixe-nos começar comparar o individual e o Estado, e perguntar primeiro de tudo, se o Estado é provável ser livre ou

escravizado – não esteja lá uma pouca liberdade e uma grande transação de escravidão? E a liberdade é do mal, e a escravidão é do bem; e isso aplica para o homem assim como para o Estado; para sua alma é cheia de maldade e escravidão, e a melhor parte é escravizada para a pior. Ele não pode fazer o que ele vai, e sua mente é cheia de confusão; ele é o muito reverso de um homem livre. O Estado será pobre e cheio de miséria e lamento; e a alma do homem será também pobre e cheia de tristezas; e ele será o mais miserável dos homens. Não, não o mais miserável, por há ainda um mais miserável. ‘Quem é esse?’ O homem tirano que tem o infortúnio também para se tornar um tirano público. ‘Ali eu suspeito que você está certo.’ Digo bastante, ‘estou seguro;’ conjectura está fora de lugar em uma investigação dessa natureza. Ele é como um rico proprietário de escravos, apenas ele tem mais deles que qualquer indivíduo privado. Você dirá, ‘os proprietários de escravos não estão geralmente em qualquer medo deles.’ Mas por que? Porque toda a cidade está em uma liga a qual protege o indivíduo. Suponha contudo que um desses proprietários e sua casa é carregada fora por um deus dentro de uma selva, onde não há homens livres para ajudá-lo – ele não estará em uma agonia de terror? - ele não vai estar compelido para lisonjear seus escravos e para prometer a eles muitas coisas doloridas contra sua vontade? E suponha o mesmo deus que carregou ele fora era para cercar ele com vizinhos que declaram que sem homem deve ter escravos, e que os proprietários deles devem ser punidos com morte. ‘Ainda pior, e pior! Ele estará no meio de seus inimigos.’ E não é nosso tirano tal uma alma cativa, que é atormentada por um enxame de paixões as quais ele não pode favorecer; vivendo em lugar fechado sempre como uma mulher, e ciumento desses que podem ir para fora e ver o mundo?

Tendo tantos males, não vai o mais miserável dos homens ser ainda mais miserável numa estação pública? Mestre de outros quando ele não é mestre dele mesmo; como um homem doente que é compelido para ser um atleta; o pior dos escravos e o mais abjeto dos lisonjeadores; querendo todas as coisas, e nunca capaz para satisfazer seus desejos; sempre em medo e distração, como o Estado do qual ele é o representante. Sua alegria, ódio, descrença, temperamento cresce pior com comendo; ele é mais e mais descrente, invejoso, injusto, - o mais miserável dos homens, uma miséria para ele mesmo e para os outros. E então deixe-nos ter uma tentativa final e proclamação; precisamos nós contratar um arauto, ou eu devo proclamar o resultado? ‘Feito a proclamação de você mesmo.’ O filho de Ariston (o melhor) é da opinião que o melhor e mais justo dos homens é também o mais feliz, e que isso é ele quem é o mestre mais real de si mesmo; e que o homem injusto é ele quem é o maior tirano dele mesmo e de seu Estado. E eu acrescento futuramente - ‘visto ou não visto por deuses ou homens.’ Essa é nossa primeira prova. A segunda é derivada dos três tipos de prazer, a qual resposta para os três elementos da alma – razão, paixão, desejo; sobre os quais o último é compreendido avareza assim como apetite sensual, enquanto paixão inclui ambição, sensação de festa, amor de reputação. Razão, de novo, é somente direcionada para o conseguimento da verdade, e descuidado de dinheiro e reputação. Em acordo com a diferença das naturezas dos homens, um desses três princípios está em ascensão, e eles tem seus vários prazeres correspondendo a eles. Interrogue agora as três naturezas, e cada uma será encontrada elogiando seus próprios prazeres e depreciando esses de outros. O fazedor de dinheiro contrastará a vaidade de conhecimento com as vantagens sólidas da riqueza. O homem ambicioso vai menosprezar conhecimento o qual não traz honra; enquanto o filósofo vai considerar apenas o gozo da verdade, e chamará outros prazeres necessários bastante que bom. Agora, como nós devemos decidir entre eles? Está ali qualquer critério melhor que experiência e conhecimento? E qual dos três tem o conhecimento mais verdadeiro e a experiência mais sábia? A experiência da mocidade faz o filósofo familiarizado com os dois tipos de desejo, mas o homem avarento e o ambicioso nunca prova os prazeres da verdade e sabedoria. Honra ele tem igualmente com eles; eles são ‘julgados dele,’ mas ele é ‘não julgado deles.’ por eles nunca atinjam para o conhecimento do verdadeiro ser. E esse instrumento é razão, enquanto seu padrão é apenas riqueza e honra; e se pela razão nós estamos para julgar, seu bem será o mais verdadeiro. E então nós chegamos ao resultado que o prazer da parte racional da alma, e uma vida passada em tal

prazer é a mais prazerosa. Ele que tem um direito para julgar julga assim. Próximo vem a vida de ambição, e, no terceiro lugar, que de fazer dinheiro.

Duas vezes o homem justo tem subvertido o injusto – uma vez mais, como na competição olímpica, oferecendo primeiro uma prece para o salvador Zeus, deixe ele tentar uma queda. Um homem sábio sussurra para mim que os prazeres do sábio são verdadeiros e puros; todos os outros são apenas uma sombra. Nos deixe examinar isso; É o prazer oposto a dor, e ali não é um estado mal o qual é nem? Quando um homem está doente, nada é mais agradável para ele que a morte. Mas isso ele nunca descobriu enquanto ele estava bem. Na dor ele deseja apenas cessar da dor; por outro lado, quando ele está num êxtase de prazer, repouso é doloroso para ele. Assim descanso ou cessação é ambos prazer e dor. Mas pode isso o qual não é nem se tornando ambos? De novo, prazer e dor são movimentos, e a ausência de qualquer um deles ser o outro? Assim nós somos conduzidos para inferir que a contradição é apenas uma aparência, e bruxaria dos sentidos. E esses não são os únicos prazeres, para há outros os quais não tem dores precedendo. Prazeres puros então não é a ausência de dor, nem pura dor a ausência de prazer; embora a maioria dos prazeres os quais alcançam a mente através do corpo são alívios da dor, e não tem apenas suas reações quando eles partem, mas suas antecipações antes eles vem. Eles podem ser melhor descritos em umn símile. Há na natureza uma região acima, abaixo e do meio, e ele que passa da mais baixa para o meio imagina que ele está subindo e está pronto no mundo superior; e se ele fosse levado de volta novamente pensaria, e verdadeiramente pensaria, que ele estava descendo. Tudo isso surge fora de sua ignorância das regiões verdadeiras acima, do meio, e abaixo. E uma igual confusão acontece com prazer e dor, e com muitas outras coisas. O homem que compara conza com preto, chama zinza branco; e o homem que compara ausência de dor com dor, chama a ausência de dor de prazer. Novamente, fome e sede são inanições do corpo, ignorância e tolice da alma; e comida é a satisfação de um, conhecimento do outro. Agora qual é a satisfação mais pura – que de comer ou beber, ou que de conhecimento?

Considere a matéria assim: A satisfação de que a qual tem mais existência é mais verdadeira que dessa a qual tem menos. A invariável e mortal tem uma existência mais real que a variável e mortal, e tem a correspondente medida de conhecimento e verdade. A alma, novamente, tem mais existência e verdade e conhecimento que o corpo, e é então mais realmente satisfeita e tem um prazer mais natural. Esses que banqueteiavam apenas na comida terrena, sempre estão subindo ao acaso para o meio e para baixo novamnete; mas eles nunca passam dentro do verdadeiro mundo superiopr, ou tem um gosto do prazer verdadeiro. Eles são como bestas engordadas, cheios de gluttonaria e sensualidade, e prontos para matar um outro através da razão de sua insatiável luxúria; por eles não são cheios com verdadeiro ser, e seu vaso é mal vedado (Gorgias). Seus prazeres são meras sombras de prazer, misturados com dor, coloured e intensificado por contraste, e então intensamente desejado; e homens vão lutar sobre eles, como Stesichorus diz que os gregos lutaram sobre a sombra de Helen a Tróia, porque eles não conheciam a verdade.

O mesmo pode ser dito do elemento apaixonado: - os desejos da alma ambiciosa, como também dos invejosos, tem uma satisfação inferior. Apenas quando sob a orientação da razão faz ou dos outros princípios fazer seu próprio negócio ou atingir os prazeres os quais são naturais para eles. Quando não atingidos, eles compelem as outras partes da alma para procurar uma sombra de prazeres os quais não é seus. E o mais distante eles são da filosofia e razão, o mais distante eles serão da lei e ordem, e o mais ilusório será seus prazeres. Os desejos de amor e tirania são o mais da lei, e esses dos reis são mais próximos para isso. Há um prazer genuíno, e dois espúrios: o tirano vai alem até mesmo do posterior; ele tem corrido fora completamente da lei e razão. Nem pode a medida de sua inferioridade ser dita, exceto numa figura. O tirano é o terceiro removido da oligarch, e tem então, não uma sombra de seu prazer, mas a sombra de uma sombra apenas. O oligarc h, novamente, é muito removido do rei, e assim nós obtemos a fórmula 3×3 , a qual é o número de uma superfície, representando a sombra a qual é o prazer do tirano, e se você gosta de cubar esse ‘número da besta,’ você encontrará que a medida da diferença quantias para 729; o rei é 729 vezes mais feliz que o tirano. E esse número extraordinário é QUASE igual ao número de dias e noites num ano ($365 \times 2 =$

730); e é então interessado com a vida humana. Esse é o intervalo entre um homem bom e ruim na felicidade apenas: o que deve ser a diferença entre eles na comeliness da vida e virtude!

Talvez você pode lembrar uns um dizendo no começo de nossa discussão que o homem injusto foi ganho se ele tinha a reputação de justiça. Agora que nós sabemos a natureza da justiça e injustiça, deixe-nos fazer uma imagem da alma, a qual personificará suas palavras. Primeiro de tudo, forme uma besta de multitudinous, tendo um anel de cabeças de toda a maneira de animais, domésticos e selvagens, e capazes de produzir e mudá-los em prazer. Suponha agora outra forma de um leão, e outra de um homem; o segundo menor que o primeiro, o terceiro que o segundo; junta-os juntos e os cobre com uma pele humana, na qual eles são completamente escondidos. Quando isso tem sido feito, deixe-nos contar o partidário da injustiça que ele está alimentando para cima as bestas e sofrendo fome o homem. O maintainer de justiça, por outro lado, está tentando fortalecer o homem; ele está nutrindo o suave princípio dentro dele, e fazendo uma aliança com o coração do leão, em ordem que ele possa ser capaz de controlar a hidra muito encabeçada, e trazer tudo dentro da unidade com cada outro com eles. Assim é todo ponto de vista, se na relação para prazer, honra, ou vantagem, o homem justo é certo, e o injusto errado.

Mas agora, nos deixe argumentar com o injusto, que não está intencionalmente no erro. Não é o nobre esse que sujeita a besta para o homem, ou bastante para o Deus no homem; o ignóbil, que o qual sujeita o homem para a besta? E nesse caso, que receberia ouro na condição que ele estava para degradar a parte mais nobre dele debaixo da pior? - que venderia o filho dele ou filha dentro das mãos dos homens brutais e maus, por qualquer quantidade de dinheiro? E Vai ele vender sua própria parte mais justa e mais divina sem qualquer compunção para o mais irreligioso e sujo? Vá ele não ser pior que Eriphyle, que vendeu a vida do marido dela por um colar? E intemperança é o soltando do monstro multiforme, e orgulho e rabugice são o crescimento e aumento do elemento leão e serpente, enquanto luxúria e effeminacy são causados por uma tão grande relaxamento de espírito. Lisonja e maldade novamente surge quando o elemento vivo é sujeitado a avareza, e o leão é acostumado a se tornar um macaco. A real desgraça das artes manuais é, que essas que são engajadas nelas tem para lisonjear, ao invés de dominando seus desejos; então nós dizemos que elas devem ser colocadas sob o controle do melhor princípio no outro porque eles não têm nenhum neles mesmos; não, como Trasímaco imaginou, para a injúria dos sujeitos, mas para seu bem. E nossa intenção na educação do jovem, é dar a eles autocontrole; a lei deseja alimentar para cima neles um princípio mais alto, e quando eles tem adquirido isso, eles podem seguir seus caminhos.

‘O que, então, deve um lucro de homem, se ele ganha o mundo todo’ e se torna mais e mais mau? Ou o que deve ele lucra escapando descoberta, se o encobrimento do mal previne a cura? Se ele tem sido punido, o bruto dentro dele terá sido silenciado, e o elemento mais suave liberado; e ele tenha unido temperança, justiça, e sabedoria em sua alma – uma união melhor longe que qualquer combinação de completamente presentes. O homem de entender honrará o conhecimento sobre tudo; no próximo lugar ele manterá sob seu corpo, não apenas para a causa de saúde e força, mas em ordem para atingir a mais perfeita harmonia do corpo e alma. Na aquisição das riquezas, também, ele apontará em ordem e harmonia; ele não desejará encabeçar para cima riqueza sem medida, mas ele temerá que o aumento de riqueza vai perturbar a constituição de sua própria alma. Pela mesma razão ele apenas aceitará tais honras como fará ele um homem melhor; quaisquer outros ele declinará. ‘Nesse caso,’ ele disse, ‘ele nunca será um político.’ Sim, mas ele vai, em sua própria cidade; embora provavelmente não em sua terra nativa, a menos que por algum acidente divino. ‘Você quer dizer que ele será um cidadão da cidade ideal, a qual não tem lugar sobre a terra.’ Mas no céu, eu respondi, há um padrão de tal uma cidade, e ele que deseja pode ordenar sua vida depois dessa imagem. Se tal um estado é ou sempre será assuntos não; ele agirá de acordo com esse padrão e não outro...

Os pontos mais notáveis no 9º Livro da República são: - (1) a conta do prazer; (2) o número do intervalo o qual divide o rei do tirano; (3) o padrão o qual está no céu.

1. A conta de Platão do prazer é notável por moderação, e nesse respeito contrasta com os platonistas posteriores e as visões as quais são atribuídas a eles por Aristóteles. Ele não é, como os cínicos, opostos a todos os prazeres, mas deseja bastante que as várias partes da alma devem ter sua satisfação natural; ele até mesmo aceita com os epicureanos no prazer descrevendo como as vezes mais que a ausência de dor. Isso é provado pela circunstância que há prazeres os quais não tem dores antecedentes (como ele também observa no *Philebus*), tais como os prazeres de cheiro, e também os prazeres de esperança e antecipação. No livro anterior ele tem feito a distinção entre prazer necessário e desnecessário, o qual é repetido por Aristóteles, e ele observa agora que há uma classe adicional de prazeres ‘besta selvagem’, correspondendo ao (grego) de Aristóteles. Ele enfatiza o caráter relativo e irreal de prazeres sensuais e a ilusão a qual surge fora do contraste de prazer e dor, apontando fora da superioridade dos prazeres da razão, que estão em repouso, sobre os prazeres passageiros de sentido e emoção. A preminência de prazer real é mostrada pelo fato que razão é capaz de formar um juízo dos prazeres abaixo, enquanto as duas partes abaixo da alma são incapazes de julgar os prazeres da razão. Assim, nesse tratamento do prazer, como em tantos outros assuntos, a filosofia de Platão é ‘sawn para cima em quantidades’ por Aristóteles; a análise a qual era originalmente feito por ele se tornou na próxima geração a fundação de distinções técnicas mais adiante. Ambos em Platão e Aristóteles nós notamos a ilusão sob a qual os antigos contam de considerar a transição de prazer como uma prova de sua irreabilidade, e de confundindo a permanência de prazeres intelectuais com a unchangeableness do conhecimento do qual eles são derivados. Nem nós gostamos de admitir que os prazeres do conhecimento, embora mais elevados, não são mais duráveis do que outros prazeres, e são quase igualmente dependentes nos acidentes de nosso estado completamente (*Introdução a Philebus*).

2. O número de intervalo o qual separa o rei do tirano, e prazeres reais e tirânicos, é 729, o cubo de 9. O qual Platão caracteristicamente designa como um número concernido com a vida humana, porque QUASE equivalente ao número de dias e noites no ano. Ele é desejoso de proclamar que o intervalo entre eles é imensurável, e inventa uma fórmula para dar expressão à sua ideia. Esses que falam de justiça como um cubo, ou virtude como uma arte de medida (*Prot.*), não visto nenhum inappropriateness em conceber a alma sob a figura de uma linha, ou o prazer do tirano como separado do prazer do rei pelo intervalo numérico de 729. E nos tempos modernos as vezes nós usamos metaforicamente o que Platão empregou como uma fórmula filosófica, ‘não é fácil estimar a perda do tirano, exceto talvez deste modo,’ diz Platão. Assim nós podemos dizer, que embora a vida de um homem bom não é para ser comparada a essa do homem ruim, nós ainda podemos medir a diferença entre eles avaliando um minuto de um em uma hora do outro (‘Um dia em teus tribunais é melhor que mil’), ou você pode dizer que ‘há uma diferença infinita.’ Mas isto não é tanto como dizer, em frase simples, ‘eles são mil milhas à parte.’ E de acordo com Platão acha o veículo natural de seus pensamentos na progressão dos números; essa forma aritmética ele tira com a seriedade extrema, e ambos aqui e no número de gerações parece achar uma prova adicional da verdade de sua especulação em formar o número dentro de uma figura geométrica; da mesma maneira que as pessoas em nosso próprio dia são aptas a fantasiar que uma declaração é verificada quando ela tem sido apenas lançada em uma forma abstrata. Na fala do número 729 como próprio a vida humana, ele provavelmente pretendeu intimar que um ano do tirânico = 12 horas da vida real.

A simples observação que a comparação de dois sólidos semelhantes é efetuada pela comparação de dois cubos de seus lados, é a base dessa expressão fantasiosa. Há alguma dificuldade em explicar os passos pelos quais o número 729 é obtido; o oligarca é removido no terceiro grau do real e aristocrático, e o tirano no terceiro grau do oligárquico; mas nós temos para organizar os termos como os lados de um quadrado e para contar o oligarca duas vezes sobre, assim considerando eles não como = 5 mas como = 9. O quadrado de 9 é passado ligeiramente sobre como apenas um passo em direção do cubo.

3. Para o fim da República, Platão parece estar mais e mais convencido do caráter ideal de suas próprias especulações. Ao fim do 9º Livro o padrão ao qual está no céu toma o lugar da cidade dos

filósofos na terra. A visão a qual tem recebido forma e substância em suas mãos, é agora descoberta estar a uma distância. E ainda esse reino distante também é a regra da vida humana. ('Não diga lo! Aqui, ou lo! Ali, pro reino de Deus está dentro de você.')

Assim, uma nota é golpeada a qual prepara para a revelação da vida futura está ainda presente; o ideal de política está para ser realizado no indivíduo.

LIVRO X. Muitas coisas me agradaram na ordem de nosso Estado, mas não havia nada a qual eu gostei melhor que a regulação sobre poesia. A divisão da alma lança uma nova luz na nossa exclusão da imitação. Não me importo em lhe falar na confiança que toda poesia é uma afronta na compreensão, a menos que os ouvidores tenham esse bálsamo de conhecimento que cura erro. Tenho amado Homero desde quando eu era um garoto, e até mesmo agora ele aparece para eu ser o grande mestre da poesia trágica. Mas muito como amo o homem, amo a verdade mais, e então tenho que falar: e primeiro de tudo, você explicará o que é imitação, ou realmente eu não entendo? 'Como semelhantemente então que eu devo entender!' Isso pode muito bem ser, pelo mais estúpido muitas vezes vê melhor que o olho mais agudo. "Verdadeiro, mas em sua presença posso dificilmente aventurar para dizer o que penso.' Então suponha que nós começamos em nossa moda velha, com a doutrina dos universos. Nos deixe assumir a existência de camas e mesas. Há uma ideia de uma cama, a qual o fabricante de cada tinha em sua mente quando as fazia; ele não fez as ideias de camas e mesas, mas ele fez camas e mesas de acordo com suas ideias. E não está lá um fabricante dos trabalhos de todos os trabalhadores, que fazem não apenas vasos mas plantas e animais, ele, a terra e o céu, e coisas no céu e sob a terra? Ele faz os Deuses também. 'Ele deve ser um feiticeiro realmente!' Mas você não vê que há um sentido no qual você pode fazer o mesmo? Você tem apenas que pegar um espelho, e capturar o reflexo do sol, e a terra, ou qualquer outra coisa – ali agora você tem feito eles. 'Sim, mas apenas na aparência.' Exatamente assim; e o pintor é um tal criador como você é com o espelho, e ele é até mesmo mais irreal que o carpinteiro; embora nem o carpinteiro nem qualquer outro artista pode estar suposto fazer a cama absoluta. 'Não se filósofos podem ser acreditados.' Nem nós precisamos maravilhar que essa cama tem mas uma relação imperfeita para a verdade. Reflita: - Aqui são três camas; uma na natureza, a qual é feita por Deus; outra, a qual é feita pelo carpinteiro; e a terceira, pelo pintor. Deus apenas faz uma, não pode ele ter feito mais que uma; por se tinha havido duas, sempre teria havido um terço – mais absoluto e abstrato que ou, sob o qual eles teriam sido incluídos. Nós podemos então conceber Deus para ser o fazedor natural da cama, e num sentido mais baixo o carpinteiro é também o fazedor; mas o pintor é bastante o imitador do que os outros dois fazem; ele tem para fazer com uma criação a qual é triplamente removida da realidade. E o poeta trágico é um imitador, e, como todo outro imitador, é triplamente removido do rei e da verdade. O pintor imita não a cama original, mas a cama feita pelo carpinteiro. E isso, sem sendo realmente diferente, aparece ser diferente, e tem tantos pontos de vista, dos quais apenas um é pegado pelo pintor, que representa tudo porque ele representa uma peça de tudo, e essa peça uma imagem. E ele pode pintar qualquer outro artista, embora ele saiba de nada de suas artes; e isso com habilidade suficiente para burlar as crianças ou simples pessoas. Suponha agora que alguém veio para nós e contou-nos, como ele tinha encontrado um homem que sabia tudo o que todo mundo sabe, e melhor que qualquer pessoa: - não devemos nós inferir ele ser um simplório que, não tendo discernimento de verdade e falsidade, tem encontrado com um feiticeiro ou encantador, de quem ele fantasiou ser todo sábio? E quando nós ouvimos pessoas dizendo que Homero e os atores de tragédias sabem todas as artes e todas as virtudes, não devemos nós inferir que eles estão sob uma ilusão semelhante? Eles não veem que os poetas são imitadores, e que suas criações são apenas imitações. 'Muito verdadeiro.' Mas se uma pessoa pode criar como também imitar, ele partiria bastante algum trabalho permanente e não uma imitação só; ele seria bastante o receptor que o doador do elogio? 'Sim, por então ele tenha mais honra e vantagem.'

Nos deixe agora interrogar Homero e os poetas. Amigo Homero, diga eu para ele, não estou indo perguntar a você sobre medicina, ou qualquer arte para as quais seus poemas incidentalmente referem, mas sobre seus assuntos principais – guerra, táticas militares, política. Se você é apenas

duas vezes e não muito removido da verdade – não um imitador ou um fabricante de imagem, por favor informe a nós que bem você tem sempre feito ao gênero humano? É lá qualquer cidade a qual professores terem recebido leis de você, como a Sicília e Itália tem de Charondas, Esparta de Lycurgus, Atenas de Solon? Ou foi qualquer guerra sempre continuada por suas deliberações? Ou é qualquer invenção atribuída a você, como há para Tales e Anarcharsis? Ou está ali qualquer modo de vida Homérico, tal como o pitagórico era, no qual você instruiu homens, e o qual é chamado após você? ‘Não, realmente; e Creófilo (Carne criança) era até mesmo mais infeliz na procriação dele que ele era no seu nome, se, como a tradição diz, Homero em sua vida foi permitido por ele e seus outros amigos a sofrer fome.’ Sim, mas pôde isso sempre ter acontecido se Homero tinha realmente sido o educador de Helas? Ele não teria tido muitos seguidores dedicados? Se Protágoras e Prodicus podem persuadir seus contemporâneos, que ninguém pode administrar casa ou Estado sem eles, é semelhantemente que Homero e Hesíodo teriam sido permitidos ir sobre como mendigos – quero dizer se eles tinham realmente sido capazes para fazer o mundo qualquer bem? - não iam os homens ter compelido-os para ficar onde eles estavam, ou tem seguido eles sobre em ordem para conseguir educação? Mas eles não; e então nós podemos inferir que Homero e todos os poetas são apenas imitadores, de quem fazem mas imitam as aparências das coisas. Por como um pintor por um conhecimento de figura e cor pode pintar um sapateiro sem qualquer prática em sapataria, assim o poeta pode delinear qualquer arte nas cores de linguagem, e dar harmonia e ritmo para o sapateiro e também para o general; e você sabe como mera narração, quando privado dos ornamentos de metro, é como uma face a qual tem perdido a beleza da juventude e nunca tem qualquer outra. Uma vez mais, o imitador não tem conhecimento de realidade, mas apenas de aparência. O pintor pinta, e o artífice faz uma rédea e rédeas, mas nem entende o uso delas – o conhecimento disso é confiando para o cavaleiro; e assim de outras coisas. Assim nós temos três artes: uma de uso, outra de invenção, uma terceira de imitação; e o usuário fornece a regra para os dois outros. O flautista saberá a boa e a flauta ruim, e o fazedor colocará fé nele; mas o imitador nem vai saber nem ter fé – nem ciência nem verdadeira opinião pode ser designado para ele.

Imitação, então, é destituída de conhecimento, sendo apenas um tipo de jogo ou esporte, e os poetas trágicos e épicos são imitadores no mais alto grau. E agora nos deixe investigarmos, qual é a faculdade no homem a qual responde à imitação. Permita-me explicar meu significado: Objetos são diferentemente vistos quando na água e quando fora da água, quando próximo e quando à distância; e o pintor ou ilusionista faz uso dessa variação para impor sobre nós. E a arte de medindo e pesando e calculando entra para economizar nossas mentes desnorteadas do poder da aparência; para, como nós estávamos dizendo, duas opiniões contrárias do mesmo sobre o mesmo e ao mesmo tempo, não podem ambas delas ser verdade. Mas a qual delas é verdadeira é determinada pela arte de calculação; e isso é aliado para a melhor faculdade na alma, como as artes de imitação estão para o pior. E om mesmo segura do ouvido assim como do olho, da poesia assim como da pintura. A imitação é das ações voluntárias ou involuntárias, nas quais há uma expectativa de um resultado bom ou ruim, e a experiência presente de prazer e dor. Mas é um homem na harmonia com ele mesmo quando ele é o assunto dessas influências conflituosas? Não está ali uma contradição bastante nele? Deixe-me perguntar mais futuramente, se ele é mais provável para controlar a tristeza quando ele está sozinho ou quando ele está em companhia. ‘No caso posterior.’ Sentindo vai levar ele para perdoar sua tristeza, mas razão e lei o controlam e ordena paciência; desde que ele não pode saber se sua aflição é boa ou má, e sem coisa humana é de qualquer grande consequência, enquanto tristeza é certamente um obstáculo para boa deliberação. Por quando nós tropeçamos, nós não devemos, como crianças, fazer um alvoroço; nós devemos tomar as medidas as quais a razão prescreve, não aumentando um lamento, mas encontrando uma cura. E a melhor parte de nós está pronta para seguir razão, enquanto o princípio irracional é cheio de tristeza e distração à lembrança de nossos problemas. Infelizmente, contudo, este posterior fornece os materiais chefes das artes imitativas. Considerando que razão está sempre em repouso e não pode facilmente ser exibida, especialmente para uma multidão misturada que não tem experiência dela. Assim o poeta é como o

pintor nos dois caminhos: primeiro ele pinta um grau inferior da verdade, e em segundo, ele está preocupado com uma parte inferior da alma. Ele perdoa os sentimentos, enquanto ele enfraquece a razão; e nós recusamos a permiti-lo ter autoridade sobre a mente do homem; por ele não tem medida de maior e menor, e é um fabricante de imagens e muito longe ido da verdade.

Mas nós não temos ainda mencionado a conta mais pesada na acusação – o poder o qual poesia tem de injuriosamente entusiasmas os sentidos. Quando nós ouvir alguma passagem na qual um herói lamenta seus sofrimentos em tedioso comprimento, você sabe que nós simpatizamos com ele e elogiamos o poeta; e ainda em nossas próprias tristezas tais como exibição de sentimentos é considerado como efeminado e não masculino (Ion). Agora, deve um homem sentir prazer em ver outro fazer o que ele odeia e abomina nele mesmo? Ele não está dando caminho para um sentimento o qual no seu próprio caso ele controlará? – está ele fora de sua guarda porque a tristeza é de outro; e ele pensa que ele pode perdoar seus sentimentos sem desgraça, e será o ganhador pelo prazer. Mas a consequência inevitável é que ele que começa lamentando nas tristezas dos outros, terminará por lamentar em si mesmo. O mesmo é verdade da comédia, – você pode muitas vezes rir da palhaçada a qual você será envergonhado para proferir, e o amor de merriment grosso no estágio vai ao menos virar você dentro de um palhaço em casa. Alimentos de poesia e águas das paixões e desejos; ela deixa eles a regra ao invés de regrando eles. E então, quando nós ouvimos os encomiasts de Homero afirmando que ele é o educador de Hellas, e que toda vida deve ser regulada por seus preceitos, nós podemos permitir a excelências de suas intenções, e aceitar com elas em pensar Homero um grande poeta e ator de tragédias. Mas nós devemos continuar a proibir toda poesia a qual vai além dos hinos aos deuses e elogios de homens famosos. Sem prazer e dor, mas lei e razão devem regrar no nosso Estado.

Esses são nossos solos para expelir poesia; mas para que ela não deva carregar nós com descortesia; deixe-nos também fazer uma apologia para ela. Nós vamos lembrá-la que há uma antiga disputa entre poesia e filosofia, da qual há muitos traços nas escritas dos poetas, tais como os ditados da ‘ela cão, ganindo ao mistress dela,’ e ‘os filósofos que estão prontos para evitar Zeus,’ e ‘os filósofos que são paupers.’ Não obstante nós aguentamos ela sem vai doente, e vamos alegremente permitir ela retornar em condição que ela faz uma defesa dela mesma no verso; e os partidários dela que não são poetas podem falar em prosa. Nós confessamos seus charmes; mas se ela não pode mostrar que ela é útil tão bem como deliciosa, como amantes racionais, nós devemos renunciar nosso amor, embora encarecido para nós por associações de cedo. Tendo vindo para anos de discrição, nós sabemos que poesia não é a verdade, e que um homem deve ser cuidadoso como ele introduz ela para esse estado ou constituição a qual ele mesmo é; por há um assunto sumamente em estaca – não menos que o bem ou mal de uma alma humana. E isso não é valioso enquanto para abandonar justiça e virtude para as atrações da poesia, qualquer mais que para a causa de honra ou riqueza. ‘Eu concordo com você.’

E ainda as recompensas de virtude são maiores para abandonar a justiça e virtude para as atrações da poesia, qualquer mais que para a causa da honra ou riqueza. ‘Concordo com você.’

E ainda as recompensas de virtude são bem maiores distantes que tenho descrito. ‘E nós podemos conceber coisas maiores ainda?’ Não, talvez, nesse breve palmo de vida: mas deve um ser imortal sendo cuidado sobre qualquer coisa tipo da eternidade? ‘Não entendo o que você quer dizer?’ Você não sabe que a alma é imortal? ‘Seguramente você não está preparado para provar isso?’

Certamente estou. ‘Então deixe-me ouvir esse argumento, do qual você faz assim luz.’

Você admitirá que tudo tem um elemento de bem e de mal. Em todas as coisas há uma corrupção inerente; e se isso não pode destruir eles, nada mais vai. A alma também tem seus próprios princípios corrompidos, os quais são injustiça, intemperança, covardia, e coisas semelhantes. Mas nenhuma dessas destrói a alma no mesmo sentido que doença destrói o corpo. A alma pode ser cheia de todas as iniquidades, mas não é, pela razão deles, trazidos quaisquer mais próximos da morte.

Nada o qual não foi destruído de dentro sempre pereceu por afeição externa do mal. O corpo, o qual é uma coisa, não pode ser destruído pelo alimento, o qual é outro, a menos que a maldade do

alimento é comunicada ao corpo. Nem pode a alma, a qual é uma coisa, ser corrompida pelo corpo, o qual é outro, a menos que ela por ela mesma é infectada. E como sem mal corporal pode infectar a alma, nem pode qualquer corporal mal, ou doença ou violência, ou qualquer outro destruir a alma, a menos que isso possa ser mostrado para fazer o dela profano e injusto. Mas sem mais sempre provará que as almas dos homens se tornam mais injustas quando eles morrem. Se uma pessoa tem a audácia para dizer o contrário, a resposta é – Então como os criminosos fazem requerer a mão do executor, e não morrem deles mesmos? ‘Verdade,’ ele disse, ‘injustiça não vai ser muito terrível se ela trazer uma cessação do mal; mas acredito bastante que a injustiça a quais outros assassinatos podem tender para rapidamente e estimular a vida do injusto.’ Você está bastante certo. Se pecado o qual é ela mesma natural e inerente mal não pode destruir a alma, dificilmente irá qualquer outra coisa destruí-la. Mas a alma a qual não pode ser destruída ou por mal interno ou externo deve ser imortal e perpétuo. E se isso ser verdade, almas sempre vão existir no mesmo número. Elas não podem diminuir, porque elas não podem ser destruídas; nem ainda aumentadas, para o aumento do imortal deve vir de algo mortal, e assim tudo terminará na imortalidade. Nem é az alma variável e diversa; para que qual é imortal deve ser da composição mais justa e simples. Se nós vamos conceber a verdade dela, e assim contemplar justiça e injustiça em sua própria natureza, ela deve ser vista pela luz da razão pura como em um nascimento, ou como ela é refletida na filosofia quando segurando conversação com o divino e imortal e eterno. Na presente condição dela nós vemos ela apenas como o deus do mar Glaucus, contundido e mutilado no mar ao qual é o mundo, e coberto com conchas e pedras as quais são incrustadas sobre a forma dela de entretenimentos da terra.

Assim distante, como o argumento requerido, nós não temos dito nada das recompensas e honras as quais os poetas atribuem a justiça; nós temos nos contentado a nós mesmos em mostrar que justiça nela mesma é melhor para a alma nela mesma, até mesmo se um homem deve colocar em um anel de Guges e ter o capacete de Hades também. E agora nós devemos me repagar o que você emprestou; e vou enumerar as recompensas de justiça na vida e depois da morte. Eu garanto, para a causa do argumento, como você lembrará, que o mal deve apenas escapar do conhecimento dos deuses e homens, embora isso era realmente impossível. E desde que eu tenho mostrado que justiça tinha realidade, você deve me garantir também que ela tem o palmo da aparência. No primeiro lugar, o homem justo é conhecido para os deuses, e ele é então o amigo dos deuses, e ele receberá em suas mãos todo bem, sempre exceto tal um mal como é a consequência necessária de pecados anteriores. Todas as coisas terminam no bem para ele, ou na vida ou depois da morte, até mesmo o que aparece para ser mal; para os deuses têm um cuidado dele que deseja estar em sua semelhança. E o que nós devemos dizer dos homens? Não é honestamente a melhor política? O velhaco inteligente faz um grande começo a princípio, mas quebra abaixo antes dele alcançar o objetivo, e se esquivava fora em desonra; enquanto o verdadeiro corredor persevera para o fim, e recebe o prêmio. E você me deve permitir a repetir todas as bênçãos as quais você atribuiu para o afortunado injusto, – eles aguentam regra na cidade, eles casam e se dão em matrimônio para quem eles desejam; e os males os quais você atribui para o desafortunado justo, faz realmente cair no fim no injusto, embora, como você implicou, seus sofrimentos são melhores velados no silêncio.

Mas todas as bênçãos dessa presente vida são como nada quando comparados com essas as quais esperam homens bons depois da morte. ‘Eu devo gostar de ouvir sobre elas.’ Venha, então, e vou contar a você a história de Er, o filho de Armênio, um homem valente. Ele era suposto a ter morrido em batalha, mas dez dias depois seu corpo foi encontrado intocado por corrupção e mandado pra casa pro funeral. No décimo segundo dia ele foi colocado na pira funerária e ali ele voltou para a vida novamente, e disse o que ele tinha visto no mundo inferior. Ele disse que sua alma foi com uma grande companhia para um lugar, no qual havia duas brechas próximas juntas na terra em baixo de, e duas brechas correspondentes no céu acima. E ali haviam juízes sentados no espaço intermediário, licitando o justo subir pelo caminho celestial à mão direita, tendo o selo de seu julgamento colocado disposto a eles antes, Era bidden para descer a propósito na mão esquerda. Ele contou a eles para olhar e ouvir, como ele era para seu mensageiro para os homens do mundo

inferior. E ele contemplou e viu as almas partindo depois de julgamento em qualquer brecha; alguns dos quais vieram da terra, eram usados e viajar manchado; outros, que vieram do céu, eram limpos e brilhantes. Eles pareciam contentes em conhecer e descansar por algum tempo no prado; aqui eles discursaram com um outro do que eles tinham visto no outro mundo. Esses que vieram da terra lamentaram a recordação de suas tristezas, mas os espíritos de cima falaram dois gloriosos sinais e benção celestial. Ele disse que para toda má ação eles eram punidos dez vezes – agora a jornada foi de um milênio de anos de duração, porque a vida do homem foi considerada como uma centena de anos – e as recompensas de virtude eram na mesma proporção. Ele adicionou algo duramente valioso repetindo sobre crianças morrendo quase tão cedo como elas tinham nascido. De parricidas e outros assassinares eles tinham torturas ainda mais terríveis para narrar. Ele estava presente quando um dos espíritos perguntou – Onde está Ardiaeus o Grande? (Esse Ardiaeus era um tirano cruel, que tinha assassinado seu pai, e seu irmão mais velho, uns mil anos atrás.) Outro espírito respondeu, ‘Ele não veio para cá, e nunca virá. E eu por mim mesmo,’ ele acrescentou, ‘realmente vi esse terrível sinal. Na entrada da brecha, como nós estávamos prontos para reascender, Ardiaeus apareceu, e alguns outros pecadores – a maioria de quem tinham sido tiranos, mas não todos – e justo como eles fantasiaram que eles estavam retornando à vida, a brecha deu um rugido, e então selvagem, homens ígneos olhando quem conhecia os sentidos do som, conquistaram ele e vários outros, e limitaram eles mãos e pés e arremessaram eles abaixo, e arrastaram eles ao longo ao lado da estrada, lacerando-os e carding eles como lã, e explicando para os passers-por, que eles estavam indo para ser lançados dentro do inferno.’ O maior terror dos peregrinos ascendendo era para que não eles devam ouvir a voz, e quando ali estava silencioso um por um eles passaram acima com alegria. Para esses sofrimentos ali havia deleites correspondentes.

No oitavo dia as almas dos peregrinos resumiram sua jornada, e nos quatro dias veio para um local de onde eles olharam para baixo sobre uma linha de luz, colorida como um arco-íris, só mais brilhante e mais claro. Um dia mais trouxe eles para o lugar, e eles viram que isso era a coluna de luz a qual cega junto o universo inteiro. Os fins da coluna eram firmados para o céu, e deles pendurou o despesoal de Necessidade, no qual todos os corpos celestes viraram – o gancho e fuso eram de inflexível, e o whorl de uma substância misturada. O whorl estava na forma como um número de caixas ajustando dentro de uma outra com suas extremidades viradas para cima, fazendo juntas um único whorl o qual era perfurado pelo fuso. A parte mais externa tinha a beira mais larga, e os whorls interiores eram menores e menores, e tinham suas beiras mais estreitas. O mais grande (as estrelas fixadas) eram lantejouladas – o sétimo (o sol) era mais brilhante – o oitavo (a lua) brilhava pela luz do sétimo – e seguindo e o quinto (Saturno e Mercúrio) eram mais como um, outro e mais amarelo que o oitavo – o terceiro (Júpiter) tinha a luz mais branca – o quarto (Marte) era vermelho – o sexto (Vênus) era o segundo mais branco. O todo tinha um movimento, mas enquanto esse estava revolvendo em uma direção os sétimos círculos mais externos estavam se movendo opostamente, com vários graus de velocidade e lentidão. O fuso virou para cima nos joelhos da Necessidade, e uma Sirene levanta hinos sobre cada círculo, enquanto Lachesis, Cloto, e Atropos, as filhas da Necessidade, sentam em tronos em intervalos iguais, cantando do passado, presente, e futuro, responsório para a música das Sirenes; Cloto de tempos em tempos guinando o círculo exterior com uma tocha da mão direita dela; Atropos com a mão esquerda dela tocando e guinando os círculos internos; Lachesis em vez de por adiante a mão esquerda dela de tempos em tempos para guiar ambos deles. Na sua chegada os peregrinos foram para Lachesis, e ali havia um interpretadoir que arranhou eles, e tomando de seus joelhos quantidades, que arranhou elas, e tomando de seus joelhos quantidades, e amostras de vidas, subiram em cima de um púlpito e disseram: ‘Almas mortais, ouçam as palavras de Lachesis, o filho da Necessidade. Um pouco período de vida mortal tem começado, e você pode escolher qual divindade você favorece; a responsabilidade de escolher está com você – Deus é inocente.’ Depois de falar assim, ele lança os lotes entre eles e cada um levado para cima a quantidade a qual cai próximo a ele. Ele então colocou no solo antes deles as amostras de vidas, muito mais que as almas presentes; e ali estavam todos os tipos de vidas, de

homens e de animais. Havia tiranos terminando na miséria e exílio, e vidas de homens e mulheres famosas por suas diferentes qualidades; e também vidas misturadas, feitas acima de riqueza e pobreza, doença e saúde. Aqui, Glauco, é o grande risco da vida humana, e então o toda da educação deve ser direcionado para a aquisição de um tal conhecimento como vai ensinar um homem a recusar o mal e escolher o bem. Ele deve conhecer todas as combinações as quais ocorrem na vida – da beleza, com pobreza ou com saúde, – de conhecimento com bens exteriores, – e ao menos escolhe com referência para a natureza da alma, considerando que apenas como a vida melhor a qual faz homens melhores, e tendo o repouso. E um homem deve tomar com ele um senso de ferro de verdade e direito dentro do mundo inferior, que ali também ele pode permanecer sem deslumbre por riqueza ou as fascinações do mal, e ser determinado para evitar os extremos e escolher o sentido. Para isso, como o mensageiro reportou os interpretador a ter dito, é a verdadeira felicidade do homem; e qualquer um, como ele proclamou, pode, se ele escolher com entendimento, ter uma boa quantidade, até mesmo embora ele venha por último. ‘Não deixe o primeiro ser sem cuidado na sua escolha, nem o último desespere.’ Ele falou; e quando ele tem falado, ele que tinha puxado a primeira quantidade escolheu uma tirania; ele não vê que ele estava destinado a devorar suas próprias crianças – e quando ele descobriu seu mal entendido, ele lamentou e bateu no seu peito, culpando chance e os deuses e qualquer pessoa bastante que ele mesmo. Ele foi um desses que tinham vindo do céu, e em sua vida anterior tinha sido um cidadão de um Estado bem ordenado, mas ele tinha somente o hábito e sem filosofia. Como muitos outros, ele tinha feito uma má escolha, porque ele não tinha experiência de vida; considerando que esses que vieram da terra e tinham visto problema não eram em tal uma pressa para escolher. Mas se um homem tinha seguido filosofia enquanto na terra, e tinha sido moderadamente afortunado em sua quantidade, ele podia não apenas ser feliz aqui, mas seu peregrino ambos de e para esse mundo vai ser liso e celestial. Nada era mais curioso que o espetáculo da escolha, imediatamente triste e cômico e maravilhoso; a maioria das almas apenas buscando evitar sua própria condição numa vida anterior. Ele viu a alma de Orfeu mudando-se dentro de um cisne porque ele não será nascido de uma mulher; ali havia Thamyras se tornando um rouxinol; pássaros musicais, como o cisne, escolhendo para ser homens; a vigésima alma, a qual era essa de Ajax, preferindo a vida de um leão que de um homem, na lembrança da injustiça a qual foi feita para ele no julgamento dos braços; e Agamemnon, de um como inimizado para a natureza humana, passando dentro uma águia. Sobre o meio estava a alma de Atalanta escolhendo as honras de um atleta, e próximo a ela Epeus tomou a natureza de uma trabalhadora; entre o último estava Thersites, que foi mudando ele mesmo transformando-se em um macaco.

Thither, o último de todos, veio Odysseus, e buscou a quantidade de um homem privado, ao qual deita negligenciado e menosprezado, e quando ele encontra isso ele foi longe alegrando-se, e disse que se ele tinha sido primeiro ao invés do último, sua escolha iria ter sido a mesma. Homens, também, eram vistos passando dentro de animais, e animais selvagens e domésticos mudando dentro de um outro.

Quando todas as almas têm escolhido elas vão para Lachesis, que enviou com cada delas seu gênio ou atendente para fulfil sua quantidade. Ele primeiro de tudo trouxe-os sobe a mão de Cloto, e os puxou dentro da revolução do fuso impelido pela mão dela; para ela eles eram carregados para Atropos, que fez as linhas irreversíveis; de onde, dentro de dando a volta, eles passaram em baixo do trono da Necessidade; e quando eles tinham todos passado, eles moveram-se adiante no calor ardente para a planície de Esquecimento e repousada à noite pelo rio Desatento, de quem água não podia ser retida em qualquer vaso; disso eles tinham todos bebido uma certa quantidade – alguns deles beberam mais que era requerido, e ele que bebeu esqueceu todas as coisas. Ele por si mesmo foi prevenido de beber. Quando eles tinham ido descansar, sobre o meio da noite ali haviam tempestades de trovão e terremotos, e repentinamente eles estavam todos dirigindo caminhos de mergulhadores, atirando como estrelas para seu nascimento. Concernindo seu retorno para o corpo, ele apenas sabia que acordando repentinamente na manhã ele encontrou ele mesmo deitando na pira.

Assim, Glauco, o conto tem sido salvo, e vai ser nossa salvação, se nós acreditamos que a alma é imortal, e seguramos rápido para o caminho celestial de Justiça e Conhecimento. Assim nós devemos passar não sujados sobre o rio do Esquecimento, e ser querido para nós mesmos e para os deuses, e ter uma coroa de recompensa e felicidade ambos nesse mundo e também na peregrinação do milênio do outro.

O Décimo Livro da República de Platão cai dentro de duas divisões: primeira, resumindo uma velha linha a qual tem sido interrompida, Sócrates assalta os poetas, que, agora que a natureza da alma tem sido analisada, são vistos para ser muito distante da verdade; e em segundo, tendo mostrado a realidade da felicidade do justo, ele demanda que aparência deve ser restaurada para ele, e então procede para provar a imortalidade da alma. O argumento, como no *Phaedo* e *Gorgias*, é suplementado pela visão de uma vida futura.

Porque Platão, que foi ele mesmo um poeta, e de quem os diálogos são poemas e dramas, deve ter sido hostil para os poetas como uma classe, e especialmente para os poetas dramáticos; por que ele não deve ter visto que verdade pode ser encarnada no verso também como na prosa, e que há algumas luzes indefinidas e sombras da vida humana a qual pode apenas ser expressa na poesia – alguns elementos de imaginação a qual sempre enlaça com razão; porque ele deve ter suposto verso épico para ser inseparavelmente associado com as impurezas da velha mitologia Helênica; que ele deve tentar Homero e Hesíodo pelo teste injusto e prosaico de utilidade, – são questões as quais têm sempre sido debatidas entre estudantes de Platão. Embora incapaz de dar uma resposta completa para eles, nós podemos mostrar – primeiro, que suas visões surgem naturalmente fora das circunstâncias de sua idade; e em segundo, nós podemos elicitare a verdade também como o erro o qual é contido nelas.

Ele é o inimigo dos poetas porque a poesia foi declinando em seu próprio tempo de vida, e uma teatrocracia, como ele diz nas *Leis*, tem tomado o lugar de uma aristocracia intelectual. Eurípedes exibiu a última fase do drama trágico, e nele Platão viu o amigo e apologista dos tiranos, e o Sofista da tragédia. A velha comédia era quase extinta; a nova não tinha ainda surgido. Poesia dramática e lírica, como todo outro ramo da literatura grega, foi caindo sobre o poder da retórica. Ali não havia ‘segundo ou terceiro’ para Aeschylus e Sófocles na geração a qual seguiu eles. Aristófanes, em uma de suas últimas comédias (*Sapos*), falou de ‘milhares de fazedores de tragédia palradores,’ essas tentativas na poesia ele compara ao gorjeando de andorinhas; ‘sua garrulidade foi mais além de Eurípedes,’ – ‘elas apareceram uma vez sobre o estágio, e ali havia um fim delas.’ Para um homem de gênio que tinha uma real apreciação do divino Aeschylus e o nobre e gentil Sófocles, embora discordando com algumas partes de sua ‘teologia’ (*Rep.*), esses ‘poetas menores’ devem ter sido desprezíveis e intoleráveis. Não há sentimento mais forte nos diálogos de Platão que um sentido do declínio e decaimento ambos na literatura e na política a qual marcou sua própria época. Nem pode ele ter sido esperado para olhar com favor na licença de Aristófanes, agora no fim da sua carreira, que tinha começado satirizando Sócrates nas *Nuvens*, e num espírito familiar quarenta anos depois ele satirizou os fundadores das comunidades na assembleia dele, ou parlamento Feminino (*Leis*).

Havia outras razões para o antagonismo de Platão para poesia. A profissão de um ator era considerada por ele como uma degradação de natureza humana, para ‘um homem em sua vida’ não pode ‘jogar tantas partes;’ os personagens aos quais o ator interpreta parecem destruir seu próprio caráter, e deixar nada ao qual pode ser chamado verdadeiramente por ele mesmo. Nem pode qualquer homem viver sua vida e esse ato. O ator é o escravo de sua arte, não o mestre dela. Tomando essa visão Platão é mais decidido na sua expulsão do dramático que de poetas épicos, embora ele deva ter conhecido que os atores de tragédias gregos dispuseram nobres lições e exemplos de virtude e patriotismo, para os quais nada em Homero pode ser comparado. Mas grande dramático ou até mesmo grande poder retórico é duramente consistente com firmeza ou força de mente, e talento dramático é muitas vezes incidentalmente associado com um fraco ou dissoluto caráter.

No Décimo Livro Platão introduz uma nova série de objeções. Primeiro, ele diz que o poeta ou pintor é um imitador, e no terceiro grau removido da verdade. Suas criações não são testadas pela regra e medida; elas são apenas aparências. Nos tempos modernos nós devemos dizer que arte não é meramente imitação, mas bastante a expressão do ideal nas formas de sentido. Até mesmo adotando a humilde imagem de Platão, da qual seu argumento deriva uma cor, nós devemos manter que o artista pode enobrecer uma cama a qual ele pinta pelas dobras da cortina, ou pelo sentimento de lar ao qual ele introduz; e ali tem sido modernos pintores que tem dado um tal interesse ideal para uma loja de ferreiro ou carpinteiro. O olho ou mente a qual sente assim como vê pode dar dignidade e pathos para um moinho arruinado, ou um abrigo de palha construído (Rembrandt), para a casca de um vaso ‘indo para sua última casa’ (Turner). Ainda mais isso vai aplicar para os maiores trabalhos de arte, aos quais parece ser a incorporação visível do divino. Platão tinha sido perguntado se o Zeus ou Atena de Pheidias era a imitação de uma imitação apenas, ele não foi ter sido compelido a admitir que algo mais foi para ser encontrado neles que na forma de qualquer mortal; e que regra de proporção para a qual eles conformaram foi ‘mais longe que qualquer geometria ou aritmética pôde expressar?’ (Estadista.)

De novo, Platão objeta às artes imitativas que elas expressam o emocional bastante que a parte racional da natureza humana. Ele não admite a teoria de Aristóteles, que tragédia ou outras sérias imitações são uma purgação das paixões por piedade e medo; para eles aparecem apenas dispor a oportunidade de perdoar elas. Ainda nós temos que reconhecer que nós podemos às vezes curar emoções desordenadas dando expressão para elas; e que elas muitas vezes ganham força quando se encerrado dentro de nosso próprio peito. Não é toda indulgência dos sentimentos os quais é para serem condenados. Por ali pode ser uma gratificação do mais alto assim como do mais baixo – pensamentos os quais são tão profundos ou tão tristes para ser expressos por nós mesmos, podem encontrar uma expressão vocal nas palavras dos poetas. Qualquer um conhecerá que ali em sido tempos quando eles eram consolados e elevados pela bela música ou pela sublimidade da arquitetura ou pela pacificação da natureza. Platão tinha ele mesmo admitido, nas partes de mais cedo da República, que as artes podem ter o efeito de harmonizar assim de como enervar a mente; mas no Décimo Livro ele considera eles através de um meio Estoico ou Puritano. Ele pergunta apenas ‘Que bem tem eles feito?’ e não está satisfeito com a resposta, que ‘Eles tem dado prazeres inocentes ao gênero humano.’

Ele diz a nós que ele se alegra no banimento dos poetas, desde que ele tem encontrado pela análise da alma que eles estão concernidos com as faculdades inferiores. Ele quer dizer que as faculdades mais altas têm fazer com universais, as mais baixas com particulares de sentido. Os poetas estão num nível com sua própria idade, mas não num nível com Sócrates e Platão; e ele foi bem ciente que Homero e Hesíodo não puderam ser feitos uma regra de vida por qualquer processo de interpretação legitimada; seu uso irônico deles é de fato uma negação de sua autoridade; ele viu, também, que os poetas não eram críticos – como ele diz na Apologia, ‘Qualquer um era um melhor interpretador de seus escritos que eles eram eles mesmos. Ele por si mesmo cessou para ser um poeta quando ele se tornou um discípulo de Sócrates; embora, como ele nos conta de Solon, ‘ele pôde ter sido um dos maiores deles, se ele não tinha sido intimidado por outras perseguições’ (Tim.) Assim de tantos pontos de vista há um antagonismo entre Platão e os poetas, os quais eram pressagiados para ele na velha disputa entre filosofia e poesia. Os poetas, como ele diz no Protágoras, eram os sofistas de seu dia; e sua antipatia de uma classe é refletida na outra. Ele considera eles ambos como os inimigos da argumentação e abstração, embora no caso de Eurípedes mais com referência aos seus sentimentos imorais sobre tiranos e o como. Para Platão é o profeta que ‘veio dentro do mundo para convencer os homens’ – primeiro da falibilidade do senso e opinião, e em segundo da realidade de ideias abstratas. Qualquer estranheza ali pode estar em tempos modernos em oposto a filosofia à poesia, a qual para nós parece ter assim tantos elementos em comum, a estranheza desaparecerá se nós concebermos da poesia como aliada de sentido, e da filosofia como equivalente para pensamento e abstração. Infelizmente a palavra muito boa ‘ideia,’ a

qual para Platão é expressiva da mais real de todas as coisas, é associada em nossas mentes com um elemento de subjetividade e irrealidade. Nós podemos notar também como ele difere de Aristóteles que declara poesia para ser mais verdadeiro que história, pela razão oposta, porque é concernida com universos, não como história, com particulares (Poet.).

As coisas as quais são vistas são opostas na Escritura às coisas as quais não são vistas – elas são igualmente opostas em Platão para universos e ideias. Para ele todos os particulares aparecem flutuar sobre num mundo de sentido; eles tem uma mancha de erro ou até mesmo de mal. Não há dificuldade em ver que isso é uma ilusão; por não há mais erro ou variação em um homem indivíduo, cavalo, cama, etc.; nem é a verdade a qual é mostrada nas instâncias individuais menos certas que essa a qual é carregada através do meio de ideias. Mas Platão, que é profundamente impressionado com a real importância de universos como instrumentos de pensamento, atribui para eles uma verdade essencial a qual é imaginária e irreal; para universos podem ser muitas vezes falsos e particulares verdadeiros. Ele tem atingido para qualquer concepção clara do individual, a qual é a síntese do universal e do particular; ou ele tem sido capaz de distinguir entre opinião e sensação, a qual a ambiguidade das palavras (gregas) e o gosto, tenderam a ser confusas, ele não terá negado verdade nos particulares de sentido.

Mas os poetas são também os representativos de falsidade e fingimento em todos os departamentos de vida e conhecimento, como os sofistas e retóricos de Gorgias e Phaedrus; eles são os falsos sacerdotes, falsos profetas, dispondo espíritos, encantadores do mundo. Há outra conta posta dentro do indiciamento contra eles por Platão, que eles são os amigos do tirano, e aquece na luz do sol de seu patronato. Despotismo em todas as suas épocas têm tido um aparato de ideias falsas e falsos professores em seu serviço – na história da Europa Moderna assim como da Grécia e de Roma. Por sem governo de homens dependem somente sobre força; sem alguma corrupção de literatura e morais – alguns apelam para a imaginação das massas – alguns pretextos para o favor dos céus – algum elemento de bem dando poder ao mal, tirania, até mesmo por um tempo curto, não podem ser mantidos. Os tiranos gregos não eram insensíveis à importância de acordar em sua causa um sentimento Pseudo Helênico; eles não eram orgulhosos de sucessos em jogos olímpicos; eles não eram destituídos do amor da literatura e arte. Platão está pensando na primeira instância de poetas gregos que tinham agraciado as cortes de Dionísio ou Arquelau: e o velho espírito de liberdade é desapertado dentro dele em sua prostituição da Musa Trágica nos prazeres da tirania. Mas seu olhar profético estende-se além deles para os falsos professores de outras épocas que são as criaturas do governo sob ao qual eles vivem. Ele compara a corrupção de seus contemporâneos com a ideia de sociedade perfeita, e dobra para cima dentro da massa um mal de males e erros do gênero humano; para ele eles são personificados nos retóricos, sofistas, poetas, legisladores que enganam o governo do mundo.

Uma objeção mais futura a qual Platão faz para a poesia e as artes imitativas é que eles estimulam as emoções. Aqui o leitor moderno será disposto a introduzir uma distinção a qual aparece ter escapado dele. Para as emoções são nem mas nem boas nelas mesmas, e não são a maioria para ser controladas pela tentativa de erradicá-las, mas pela indulgência moderada delas. E a vocação da arte é apresentar pensamento na forma de sentimento, para se alistar os sentimentos no lado da razão, para inspirar até mesmo por um momento coragem ou resignação; talvez para sugerir um senso de infinidade e eternidade num caminho o qual mera linguagem é incapaz de atingir. Verdade, o mesmo poder o qual na mais pura idade da arte incorpora deuses e heróis apenas, podem ser feitas para expressar a voluptuosa imagem e um cortesã Corintiana. Mas isso só mostra que arte, como as outras coisas externas, podem ser tornadas para o bem e também para o mal, e não é mais de perto conectada com o mais alto que com a parte mais alta da alma. Toda arte imitativa é sujeita a certas limitações, e então necessariamente participa da natureza de um compromisso. Algo da verdade ideal é sacrificada pela causa da representação, e algo da exatidão da representação é sacrificado pelo ideal. Ainda, trabalhos de arte tem um elemento permanente; elas idealizam e detém o pensamento passando, e são os intermediários entre sentido e ideias.

No estagio presente da mente humana, poesia e outras formas de ficção podem certamente ser consideradas como boas. Mas nós podemos também imaginar a existência de uma idade na qual uma concepção mais severa de verdade ou tem banido ou transformado elas. Em qualquer taxa nós devemos admitir que elas seguram um lugar diferente em diferentes períodos da história do mundo. Na infância do gênero do mundo, poesia, com exceção dos provérbios, é o todo da literatura, e o único instrumento de cultura intelectual; nos tempos modernos ela é a sombra ou eco de seu próprio interior, e aparece ter uma existência precária. Milton em seu dia duvidou se um poema épico tem qualquer longitude possível. Ao mesmo tempo nós devemos lembrar, que o que Platão iria ter chamado os charmes de poesia tem sido parcialmente transferidos para a prosa; ele mesmo (Estadista) admite retórica para ser a mão da moça da Política, e propõe para encontrar no puxe da lei (Leis) um substituto para os velhos poetas. Entre nós mesmos o poder criativo parece muitas vezes crescer mais fraco, o fato científico para ser mais passando a limpo e dominando a mente que anteriormente. A ilusão dos sentimentos comumente chamados amor, tem até aqui sido a influência inspiradora de poesia moderna e romance, e tem exercitado uma humanização se não uma influência fortalecedora no mundo. Mas como pode o estímulo a qual amor tem dado para fantasia ser algum dia esvaziado? A moderna novela inglesa a qual é mais popular de todas as formas de leitura não é mais que um século ou dois velhos: o conto do amor vai uma centena de anos consequentemente, depois assim muitas milhares de variações do mesmo tema, ser ainda recebidas com interesse que não decresce?

Arte não pode clamar estar num nível com filosofia ou religião, e pode muitas vezes corrompê-la. É possível conceber um estado mental no qual todas as representações artísticas são consideradas como uma expressão falsa e imperfeita, ou do ideal religioso ou do ideal filosófico. As formas mais distantes podem ser revoltando em certos humores de mente, como é provado pelo fato que os maometanos, e muitas seitas de cristãos, tem renunciado o uso de figuras e imagens. O começo de uma grande religião, se cristã ou gentio, não tem sido ‘madeira ou pedra,’ mas um espírito movendo-se no coração dos homens. Os discípulos têm encontrado numa sala grande mais para cima ou nos ‘buracos e cavernas do coração’; na segunda ou terceira geração, eles tem sido moscas, templos, igrejas, monastérios. E o avivamento ou reforma da religião, como a primeira revelação delas, tem vindo de dentro e tem geralmente desconsiderado cerimônias externas e acompanhamentos.

Ambos poesia e arte podem também ser a expressão da verdade mais elevada e o sentimento mais puro. O próprio Platão parece tecer entre duas visões opostas – quando, como no terceiro Livro, ele insiste que a juventude deve ser trazida entre imaginário saudável; e novamente no Livro X, quando ele bane os poetas da República. Admitindo que as artes, as quais alguns de nós quase divinizamos, tem caído curto de seu alvo mais alto, nós devemos admitir no outro sentido que para banir imaginação completamente será suicida assim como possível. Para natureza também é uma forma de arte; e um folego de ar fresco ou um único relance na paisagem variada vai num instante reviver e iluminar de novo o raio extinto de poesia no peito humano. Nos estados mais baixos da imaginação da civilização mais que razão distingue homem dos animais; e banir arte será banir pensamento, banir linguagem, para banir a expressão de toda verdade. Sem religião é completamente destituído de formas externas; até mesmo o maometano que renuncia o uso de figuras e imagens tem um templo no qual ele adora o Altíssimo, tão solene e belo como qualquer construção cristã ou grega. Sentindo também e pensamento não são realmente opostos; para ele que pensa deve sentir antes que ele possa executar. E os mais altos pensamentos, quando eles se tornaram familiarizados para nós, estão sempre tendendo a passar dentro da forma de sentimento.

Platão não pretende expelir poetas da vida e sociedade. Mas ele sente fortemente a irreabilidade de seus escritos; ele protestou contra a degeneração da poesia em seu próprio dia como nós podemos protestar contra o querer de sério propósito na ficção moderna, contra a unseemliness ou extravagância de alguns de nossos poetas ou novelistas, contra o tempo servindo de pregadores ou escritores públicos, contra o sem consideração da verdade a qual para o olho do filósofo parece

caracterizar a maior parte do mundo. Para nós também tem razão reclamar que nossos poetas e romancistas ‘pintam verdade inferior’ e ‘estão preocupados com a parte inferior da alma’; que os leitores deles se tornam o que eles leram e são mais injuriosamente afetados por eles. E nós olhamos no vazio para essa atmosfera saudável da qual Platão fala, – ‘a beleza a qual conhece o senso como uma brisa e puxa a alma imperceptivelmente, até mesmo na infância, dentro da harmonia com a beleza da razão.’

Para lá pode ser uma poesia a qual estará o hino da perfeição divina, a harmonia da bondade e verdade entre os homens: uma tensão a qual deve renovar a juventude do mundo, e trazer de volta as épocas nas quais o poeta era professor de homem apenas e melhor amigo, – o qual acha materiais no vivendo presente também como no romance do passado, e pode subjugar as formas mais distantes de fala e verso nos materiais intratáveis da civilização moderna, – a qual pode elicitar os princípios simples, ou, como Platão teria chamado eles, as formas essenciais, de verdade e justiça fora da variedade de opinião e a complexidade da sociedade moderna, – a qual perseverará todo o bem de cada geração e deixar o mal não cantado, – o qual deve ser baseado não em desejos ou languidas imaginando, mas numa clara perspicácia dentro da natureza do homem. Então o conto de amor pode começar de novo na poesia ou prosa, dois em um, unido na posse do conhecimento, ou o serviço de Deus e homem; e sentimentos de amor podem ainda ser o incentivo para grandes pensamentos e mortes heroicas como nos dias de Dante ou Petrarca; e vários tipos de beleza varonil e feminina pode aparecer entre nós, aumentando sobre o nível ordinário de humanidade; e tantas vidas as quais eram como poemas (Leis), ser não somente escritos, mas vividos entre nós. Um poucas tais tensões têm sido ouvidas entre homens nas tragédias de Aeschylus e Sófocles, de quem Platão cita, não, como Homero é citado por ele, em ironia, mas com profundo e sério aprovação, – na poesia de Milton e Wordsworth, e nas passagens de outros poetas ingleses, – primeiro e acima de tudo nos profetas hebreus e salmistas. Shakespeare tem contado a nós quão grandes homens devem falar e agir; ele tem puxado personagens de uma pureza maravilhosa e profunda; ele tem enobrecido a mente humana, mas, como Homero (Rep.), ele ‘não tem deixado caminho de vida.’ O próximo maior poeta dos tempos modernos, Goethe, está preocupado com ‘um grau mais baixo de verdade’; ele pinta o mundo como um estágio no qual ‘todos os homens e mulheres são meramente jogadores’; ele cultiva vida como uma arte, mas ele não fornece nenhuns ideais de verdade e ação. O poeta pode se rebelar contra qualquer tentativa para colocar limites a sua fantasia; e ele pode verdadeiramente discutir que moralizando no verso não é poesia. Possivelmente, como Mefistofeles em Fausto, ele pode retaliar nos seus adversários. Mas o filósofo vai ainda ser justificado em perguntar, ‘Como pode o presente celestial da poesia ser devoto ao bem do gênero humano?’ Retornando a Platão, nós podemos observar que uma mistura semelhante de verdade e erro aparece em outras partes do argumento. Ele é ciente do absurdo do gênero humano moldando suas próprias vidas de acordo com Homero; só como no Faedro ele intimida o absurdo de interpretar mitologia sobre princípios racionais; ambos esses eram as tendências modernas de sua própria época, a qual ele ridiculariza merecidamente. Por outro lado, seu argumento que Homero, se ele tem sido capaz de ensinar qualquer gênero humano vale conhecer, não terá sido permitido por eles ir sobre começando como um rapsodista, é ambos falso e contrário ao espírito de Platão (Rep.). Pode ser comparado com esses outros paradoxos de Gorgias, que ‘Sem estadista nunca foi injustamente colocado a morte pela cidade da qual ele foi a cabeça’; e que ‘Sem Sofista nunca foi defraudado por seus pupilos’ (Gorg.)...

O argumento para imortalidade parece repousar no dualismo absoluto da alma e corpo. Admitindo a existência da alma, nós sabemos de sem força a qual é capaz de colocar um fim a ela. Vício é seu próprio mal; e se ela não pode ser destruída por isso, ela não pode ser destruída por qualquer um. Ainda Platão tinha sabido que a alma pode ser crescido demais pelas incrustações da terra como para perder sua forma original; e no Timaeus ele reconhece mais fortemente que na República a influência a qual o corpo tem sobre a mente, negando até mesmo a voluntariedade das ações humanas, no solo que eles procedem de estados físicos (Tim.). Na República, como em outro lugar,

ele oscila entre a alma original a qual tem que ser restaurada, e o personagem ao qual é desenvolvido pelo treinamento e educação.

A visão de outro mundo é designada para Er, o filho de Armênio, que é dito por Clemente de Alexandria ter sido Zoroastro. O conto tem certamente um personagem oriental, e pode ser comparado com os peregrinos da alma no Zend Avesta (Haug, Avesta). Mas sem traço de aquisição com Zoroastro é encontrado em outro lugar nos escritos de Platão, e não há razão para dar a ele o nome de Er o Pampílio. A filosofia de Heracleito não pode ser mostrada a ser emprestada por Zoroastro, e ainda menos os mitos de Platão.

O arranjo local da visão é menos distinta que essa do Faedro e Faedo. A astronomia é entrosada com simbolismo; a grande esfera do céu é representada sob o símbolo de um cilindro ou caixa, contendo as sete órbitas dos planetas e as estrelas fixadas; isso é suspenso de um eixo ou fuso ao qual gira nos joelhos da Necessidade; as revoluções das sete órbitas contidas no cilindro são guiadas pelos destinos, e seu movimento harmonioso produz a música das esferas. Através da parte mais interna ou oitava desses, a qual é a lua, é passada para o fuso; mas é duvidoso se essa é a continuação da coluna de luz, da qual os peregrinos contemplam os céus; as palavras de Platão implicam que elas estão conectadas, mas não o mesmo. A coluna por si mesma é claramente não de diamante. O eixo (ao qual é de diamante) é firmada aos finais das correntes as quais estendem para o meio da coluna de luz – essa coluna é dita segurar junta o céu; mas se ela suspende do fuso, ou está em ângulos retos para ela, não é explicado. O cilindro contendo as órbitas das estrelas é quase tanto um símbolo como a figura de Necessidade girando o fuso; – para a parte mais externa da Necessidade girando o fuso; – ou a beira mais externa é a esfera de estrelas fixadas, e nada é dito sobre os intervalos de espaço aos quais dividem os caminhos das estrelas nos céus. A descrição é ambos uma figura e uma orrery, e então é necessariamente inconsistente consigo mesma. A coluna de luz não é a Via Láctea – a qual não é nem reta, nem como um arco-íris no respeito não de forma mais de cor, e não para os undergirders de um trireme, mas para a corda direta correndo de proa para popa na qual o undergirders se encontram.

O orrery ou figura dos céus dadas na República difere desse modo da representação dos círculos do mesmo e do outro no Timaeus. Em ambos as estrelas fixadas são distinguidas dos planetas, e eles se movem em órbitas sem elas, embora numa direção oposta: na República como no Timaeus elas estão todas se movendo em volta do eixo do mundo. Mas nós não estamos certos que anteriormente elas estavam se movendo em volta da terra. Não é feita menção distinta na República dos círculos do mesmo e outro; embora ambos no Timaeus e na República o movimento de estrelas fixadas é suposto coincidir com o movimento do todo. A grossura relativa das beiras é talvez designada expressar as distâncias relativas dos planetas. Platão provavelmente pretendeu representar a terra, da qual Er e seus companheiros viram nos céus, como estacionários no lugar; mas se ou não ela mesma revolvendo, a menos isso é implicado na revolução do eixo, é incerto (Timaeus). O espectador pode ser suposto olhar nos corpos celestes, ou de cima ou de baixo. A terra é um tipo de terra e céu em um, como o céu do Faedro, na volta da qual o espectador sai para tomar um pio nas estrelas e é aguentado em volta na revolução. Não há distinção entre o equador e o eclíptico. Mas Platão não duvida de levar a imaginar que os planetas tem um movimento oposto para esse das estrelas fixadas, em ordem de contar por suas aparências nos céus. Na descrição do prado, e a retribuição doi bem e do mal depois da morte, há traços de Homero.

A descrição do eixo como um fuso, e dos corpos celestiais como formando um todo, parcialmente surge fora da tentativa de conectar os movimentos dos corpos celestiais com a imagem mitológica da teia, ou tecendo dos Destinos. O doado das quantidades, o tecendo deles, e o fazendo deles irreversível, os quais são designados a esses três Destinos – Lachesis, Clotho, Atropos, são obviamente derivados de seus nomes. O elemento de mudança na vida humana é indicado pela ordem das quantidades. Mas chance, contudo adversa, pode ser superada pela sabedoria do homem, se ele sabe como escolher corretamente; há um inimigo pior para o homem que chance; esse inimigo é ele mesmo. Ele que era moderadamente bem afortunado no número de quantidade – até mesmo o último a vir – pode ter uma boa vida se ele escolher com sabedoria. E como Platão não gosta de fazer uma asserção a qual é improvada, ele mais que confirma sua declaração umas poucas sentenças depois pelo exemplo de Odisseu, que escolheu o último. Mas a virtude a qual é encontrada no hábito não é suficiente para habilitar um homem a escolher; ele deve adicionar para virtude conhecimento, se ele está para agir corretamente quando colocado em novas circunstâncias. A rotina de boas ações e bons

hábitos é um tipo inferior de bondade; e, como Coleridge diz, ‘Senso comum é intolerável o qual não é baseado na metafísica,’ assim Platão ia ter dito, ‘Hábito é menos valioso o qual não é baseado sobre filosofia.’ A liberdade de vontade para recusar o mal e escolher o bem é distintamente afirmada. ‘Virtude é livre, e como um homem honra ou desonra ela ele terá mais ou menos dela.’ A vida do homem é ‘cercada’ por necessidade; há circunstâncias anteriores para nascer a qual o afeta (Pol.). Mas dentro das paredes da necessidade há um espaço aberto no qual ele é seu próprio mestre, e pode estudar por ele mesmo os efeitos os quais variosamente presentes compostos da natureza ou fortuna tem sobre a alma, e age adequadamente. Todos os homens não podem ter a primeira escolha em tudo. Mas a quantidade de todos os homens é boa o bastante, se eles escolhem sabiamente e viverão diligentemente.

A verossimilhança a qual é dada para o peregrino de um milhar de anos, pela intimação que Ardiaeus tem vivido um milhar de anos antes; a coincidência de Er vindo a vida no décimo segundo dia depois que ele foi suposto ter sido morto com os sete dias os quais os peregrinos passaram no prado, e os quatro dias durante os quais eles viajaram para a coluna de luz; a precisão com a qual a alma é mencionada que escolhe a décima segunda quantia; o transcurso observa que ali não foi personagem definido entre as almas, e que as almas as quais têm escolhido culpavam doente qualquer outro bastante que eles mesmos; ou que alguma das almas bebem mais que foi necessário das águas do Esquecimento, enquanto Er ele mesmo estava impedido de beber; o desejo de Odisseu para repousar em último, a menos a concepção dele em Dante e Tennyson; a ignorância fingida de como Er retornou ao corpo, quando as outras almas foram atirar como estrelas para seu nascimento, e grandemente para a probabilidade da narrativa. Eles são tais toques da natureza como a arte de Defoe pode ter introduzido quando ele desejava ganhar credibilidade a maravilhas e aparições.

Ali permanece para ser considerado alguns pontos os quais têm sido intencionalmente reservado ao fim: (1) o Janus como personagem da República, o qual apresenta duas faces – uma como estado Helênico, o outro um reino de filósofos. Conectado com o posterior dos dois aspectos estão (2) os paradoxos da República, como eles tem sido definidos por Morgenstern: (a) a comunidade da propriedade; (b) das famílias; (c) a regra dos filósofos; (d) a analogia do indivíduo e o Estado, o qual, como algumas outras analogias na República, é carregada bem longe. Nós podemos então proceder para considerar (3) o assunto da educação como concedido por Platão, trazendo junto numa visão geral a educação da juventude e a educação da vida depois; (4) nós podemos notar futuramente algumas diferenças essenciais entre política antiga e moderna as quais são sugeridas pela República; (5) nós podemos comparar o Políticos e as Leis; (6) nós podemos observar a influência exercida por Platão nos seus imitadores; e (7) tome ocasião para considerar a natureza e valor da política, e (8) de ideais religiosos.

1. Platão expressamente diz que ele está pretendendo encontrar um Estado Helênico (Livro V). Várias de suas regulações são caracteristicamente Espartanas; tais como a proibição de ouro e prata, as refeições comuns dos homens, o treinamento militar dos jovens, os exercícios de ginástica das mulheres. A vida de Esparta era a vida de um camp (Leis), forçada até mesmo mais rigidamente no tempo de paz que na guerra; os cidadãos de Esparta, como os de Platão, eram proibidos de negociar – eles estavam para ser soldados e não lojistas. Em nenhuma outra parte na Grécia o indivíduo era tão completamente sujeito ao Estado; o tempo quando ele estava para se casar, a educação de seus

filhos, as roupas as quais ele vestia, a comida que ele comia, eram todas prescritas pela lei. Algumas das melhores representações na República, tais como a reverência a ser paga por pais e anciões, e algumas das piores, tais como a exposição de crianças deformadas, são emprestadas da prática de Esparta. O encorajamento das amizades entre homens e jovens, ou de homens com outros, como dispondo incentivos a coragem, é também Espartano; em Esparta também uma aproximação mais próxima foi feita que em qualquer outro estado grego a igualdade de sexos, e para a comunidade de propriedade; e enquanto ali era provavelmente menor de licenciosamente no sentido de imoralidade, o tapete de casamento foi considerado mais luminosamente que no resto da Grécia. A ‘suprema lex’ era a preservação da família, e o interesse do Estado. A força grossa de governança militar não era favorável para pureza e refinamento; e os exercícios de algumas regulações parecem ter produzido uma reação. De todos os helenos e espartanos eram mais acessíveis para suborno; vários dos maiores deles podem ser descritos nas palavras de Platão como tendo um desejo secreto feroz depois do ouro e da prata.’ Embora não no estrito sentido comunista, o princípio do comunismo foi mantido entre eles em sua divisão de terras, em suas refeições comuns, em seus escravos, e no uso livre de um bens de outros. Casamento era uma instituição pública: e as mulheres eram educadas pelo Estado, e cantavam e dançavam em público com os homens.

Várias tradições foram preservadas em Esparta da severidade com a qual os magistrados tinham mantido a regra primitiva de música e poesia; como na República de Platão, o novo fangled poeta estava para ser expelido. Hinos para os deuses, os quais são o único tipo de música admitida dentro do nosso Estado ideal, eram o único tipo o qual foi permitido em Esparta. Os espartanos, embora uma raça não poética, eram não obstante os amantes de poesia; eles tinham sido mexido pelas tensões Elegíacas de Tyrtaeus, eles tinham coroados em volta de Hippias para ouvir seus recitais de Homero; mas nisso eles se assemelham aos cidadãos do timocrático bastante que do Estado ideal. O conselho de homens anciões também correspondem ao gerosia Espartano; e a liberdade com a qual eles são permitidos julgar sobre questões de detalhe concorda com o que nós temos dito dessa instituição. Uma vez mais, a regra militar de não deteriorar o morto ou oferecer braços aos templos; a moderação na posse de inimigos; a importância prendida para o bem-estar físico dos cidadãos; o uso de guerra para a causa de defesa bastante que de agressão – são participações provavelmente sugeridas pelo espírito e prática de Esparta.

Para o tipo espartano o Estado ideal reverte no primeiro declínio; e o personagem do indivíduo timocrático é emprestado sob o cidadão de Esparta. O amor de Lacedaemon não apenas afetou Platão e Xenofon, mas foi compartilhado por tantos atenienses não distinguidos; ali eles pareciam encontrar um princípio o qual foi querendo em sua própria democracia. O (grego) dos espartanos atraiu eles, que é dizer, não para o bem de suas leis, mas o espírito de ordem e lealdade ao qual prevaleceu. Fascinado pela ideia, cidadãos de Atenas imitaram os Lacedaemonianos em seu vestir e maneiras; eles eram conhecidos aos contemporâneos de Platão como ‘as pessoas que tinham seus ouvidos contundidos,’ como os Chefes em volta da Comunidade. O amor de outra igreja ou país quando visto na distância apenas, o almejando uma simplicidade imaginária em tempos civilizados, o desejo aficionado de um passado o qual nunca tem sido, ou de um futuro o qual nunca será, – essas são aspirações da mente humana a qual são muitas vezes sentidas entre nós mesmos. Tais sentimentos encontram com uma resposta na República de Platão.

Mas há outras participações da República platônica, como, por exemplo, a educação literária e filosófica, e a graça e beleza de vida, a qual são o contrário do espartano. Platão deseja dar a seus cidadãos um gosto de liberdade ateniense assim como disciplina lacedaemoniana. Seu gênio individual é puramente ateniense, embora em teoria ele é um amante de Esparta; e ele é algo mais que se – ele tem também um verdadeiro sentimento Helênico. Ele é desejoso de humanizar as guerras dos Helenos um contra o outro; ele conhece que o deus Delphiano é o principal interpretador hereditário de todo o Helas. O espírito de harmonia e o modo Dórico estão prevalecendo, e o Estado todo está para ter uma beleza externa a qual é o reflexo da harmonia dentro. Mas ele não tem ainda encontrado a verdade a qual ele depois enunciou nas Leis – que ele

era um melhor legislador que fez os homens ser de uma mente, que ele que treinou eles para guerra. Os cidadãos, como em outros estados helênicos, democráticos bem como aristocráticos, estão realmente numa classe mais elevada; para, embora não há menção feita pelos escravos, as classes mais baixas são permitidas para diminuir dentro da distância, e são representados no indivíduo pelas paixões. Platão não tinha ideia ou de estado social no qual todas as classes são harmonizadas, ou de uma federação de Hellas ou o mundo no qual diferentes nações ou Estados tem um lugar. Sua cidade é equipada para guerra bastante que para a paz, e isso parecerá ser justificado pela condição ordinária de Estados Helênicos. O mito dos homens nascidos da terra é uma incorporação da tradição ortodoxa de Hellas, e a alusão para as quatro épocas do mundo é também sancionada pelo autoridade de Hesíodo e os poetas. Assim nós vemos que a República é parcialmente achada no ideal da velha política grega, parcialmente nas atuais circunstâncias de Hellas nessa época. Platão, como os velhos pintores, retém a forma tradicional, e como eles tem também uma visão de uma cidade nas nuvens. Há ainda outro tratado o qual é entrelaçado na textura do trabalho; para a República não é apenas um Estado Doriano, mas uma liga pitagórica. O ‘caminho de vida’ a qual era conectado com o nome de Pitágoras, como as ordens monásticas católicas, mostraram o poder no qual a mente de um indivíduo pode exercer sobre seus contemporâneos, e podem ter naturalmente sugerido para Platão a possibilidade de reviver tais ‘instituições medievais.’ Os pitagóricos, como Platão, reforçaram uma regra de vida e uma moral e treinamento intelectual. A influência descrita na música, a qual para nós parece exagerada, e também uma participação pitagórica; não é para ser considerada como representando a real influência da música no mundo grego. Mais proximamente que qualquer outro governo de Hellas, a liga pitagórica de trezentos foi uma aristocracia de virtude. Para uma vez mais na história do gênero humano a filosofia da ordem ou (grega), expressando e consequentemente listando ao seu lado os comportamentos combinados da melhor parte das pessoas, pegaram posse disso por um tempo considerável (até sobre 500 AC). Provavelmente apenas nos Estados preparados por instituições Dorianas uma tal liga vai ter sido possível. Os legisladores, como de Platão (Grego), eram requeridos para um severo treinamento em ordem para preparar o caminho para a educação dos outros membros da comunidade. Muito tempo depois da dissolução da Ordem, eminentes pitagóricos, tais como Archytas de Tarentum, conservada sua influência política sobre as cidades de Magna Graecia. Ali era muito aqui que foi sugestivo para o espírito família de Platão, que tinha indubitavelmente meditado profundamente no ‘caminho de vida de Pitágoras’ (Rep.) e seus seguidores. Leves traços de Pitagorismo estão para ser encontrados no número místico do Estado, no número o qual expressa o intervalo entre o rei e o tirano, na doutrina da transmigração, na música das esferas, e assim como na grande embora secundária importância designada à matemática na educação.

Mas como em sua filosofia, assim também na forma de seu Estado, ele vai longe além dos velhos pitagóricos. Ele tenta uma tarefa realmente impossível, a qual é para unir o passado da história grega com o futuro da filosofia, análogo a essa outra impossibilidade, a qual tem muitas vezes sido o sonho da cristandade, a tentativa de unir a história passada da Europa com o reino de Cristo. Nada realmente existindo no mundo em tudo se assemelha ao ideal de Estado de Platão; nem faz ele mesmo imaginar que tal um Estado é possível. Isso ele repete de novo e de novo; por exemplo, na República, ou nas Leis onde, lançando uma olhada de volta na República, ele admite que o estado perfeito do comunismo e filosofia era impossível em sua própria época, embora ainda para ser conservado como um padrão. A mesma dúvida é implicada a seriedade com a qual ele discute na República que ideais não são os piores porque eles não podem ser realizados de fato, e no coro da risada, a qual como uma onda quebrando vai, como ele antecipa, cumprimentar a menção de seus propósitos; embora como outros escritores de ficção, ele usa toda sua arte para dar realidade para suas invenções. Quando perguntado como a política ideal pode vir dentro a se tornar, ele responde ironicamente, ‘Quando um filho de um rei se torna um filósofo’; ele designa a ficção para os homens nascidos da terra como ‘uma nobre mentira’; e quando a estrutura é finalmente completa,

ele justamente diz a você que sua República é uma visão apenas, a qual em algum sentido pode ter realidade, mas não naquele vulgar de um reino de filósofos sobre a terra. Isso tem sido dito que Platão voa assim como caminha, mas ele cai curto da verdade; para ele voar e caminhar ao mesmo tempo, e está no ar e na forma de terra nos instantes sucessivos.

Niebuhr tinha perguntado uma insignificante questão, a qual pode ser brevemente noticiada nesse lugar – Foi Platão um cidadão bom? Se por isso é significado, foi ele leal as instituições atenienses? - ele pôde duramente ser dito a ser o amigo da democracia; mas nem é ele o amigo ou qualquer forma existente de governança; todos deles ele considerou como ‘estados de facção’ (Leis); nem alcançado ao seu ideal de regra voluntária sobre assuntos voluntários, aos quais parecem certamente mais proximamente para descrever democracia que qualquer outro; e o pior deles é a tirania. A verdade é, que a questão trem duramente qualquer sentido quando aplicada ao grande filósofo de quem escritos não são sentidos para uma idade particular e nação, mas para todo o tempo e todo gênero humano. O declínio da política ateniense foi provavelmente o motivo o qual levou Platão a moldar um Estado ideal, e a República pode ser considerada como refletindo a glória partindo de Hellas. Como também pode nós reclamar de Santo Agostinho, de quem o grande trabalho “A cidade de Deus” originou num semelhante motivo, para não sendo leal ao Império romano. Até mesmo um paralelo mais próximo pode ser disposto pelos primeiros cristãos, que não podem justamente ser mudados com sendo maus cidadãos porque embora ‘assunto para os mais altos poderes,’ eles estavam olhando adiante para uma cidade a qual está nos céus.

1. A ideia do Estado perfeito é cheia do paradoxo quando julgada de acordo com as noções ordinárias do gênero humano. Os paradoxos de uma idade tem sido ditos a se tornar os lugares comuns do próximo; mas os paradoxos de Platão são ao menos como paradoxais para nós como eles eram aos seus contemporâneos. O mundo moderno tem ou zombado deles como absurdo, ou denunciado eles como não naturais e imoral; homens tem sido favorecidos para encontrar nas críticas de Aristóteles deles a antecipação de seu próprio bom senso. A riqueza e classes cultivadas não tem gostado e também se assustado delas; eles tem apontado com satisfação para a falha de esforços para realizá-los na prática. Ainda desde que eles são os pensamentos de uma das maiores inteligências humanas, e de uma de quem tem feito a maioria da moralidade elevada e religião, eles parecem merecer um melhor tratamento em suas mãos. Nós podemos ter endereçado o público, como Platão faz poesia, e assegurar eles que nós queremos dizer sem dano as instituições existentes. Há sérios erros os quais tem um lado de verdade e o qual então pode justamente demandar uma consideração cuidadosa: há verdades misturadas com erros dos quais nós podemos certamente dizer, ‘A metade é melhor que o todo.’ Ainda ‘a metade’ pode ser uma importante contribuição para o estudo da natureza humana.

(a) O primeiro paradoxo é a comunidade dos bens, o qual é mencionado levemente ao fim do terceiro Livro, e aparentemente, como Aristóteles observa, é confinado aos guardiões; ao menos sem menção é feita de outras classes. Mas a omissão não é de qualquer significância real, e provavelmente surge fora do plano de trabalho, o qual previne o escritor de entrar em detalhes. Aristóteles censura a comunidade de propriedade muito no espírito de moderna política econômica, como tendendo a reprimir indústria, e como fazer fora com o espírito de benevolência. Escritores modernos quase recusam a considerar o assunto, o qual é suposto ter sido há muito tempo resolvido pela opinião comum do gênero humano. Mas isso deve ser lembrado que a sacralidade da propriedade é uma noção longe mais fixada nos tempos modernos que nos antigos. O mundo está crescendo mais velho, e é então mais conservativo. A sociedade primitiva ofereceu muitos exemplos de terra segurada em comum, se por uma tribo ou por um distrito municipal, e tal pode provavelmente ter sido a forma original de posse pousada. Legisladores antigos tinham inventado vários modos entre os cidadãos; de acordo a Aristóteles ali eram nações que mantinham a terras em comum e dividiam o produto, e ali estavam outros que dividiam a terra e guardavam o produto em comum. Os males da dívida e desigualdade de propriedade eram longe maior nos tempos antigos que nos modernos, e os acidentes para os quais a propriedade era assunto de guerra, ou revolução,

ou taxaço, ou outras interferências legislativas, eram também maiores. Todos essas circunstâncias deram a propriedade um menos fixado e caráter sagrado. Os primeiros cristãos acreditaram ter segurado sua propriedade em comum, e o princípio é sancionado pelas palavras do próprio Cristo, e tem sido mantido como um conselho de perfeição em quase todas as épocas da Igreja. Nem tem ali estado esperando instâncias dos modernos entusiastas que tem feito uma religião de comunismo; em toda época de entusiasmo religioso noções como a ‘herança da graça’ de Wycliffe tem tendido a prevalecer. Um espírito semelhante, mas mais feroz e mais violento, tem aparecido na política. ‘A preparação do Evangelho da paz’ logo se torna a bandeira vermelha do Republicanismo. Nós podemos duramente julgar que efeito das visões de Platão tenha sobre seus próprios contemporâneos; eles vão talvez ter parecido a eles apenas uma exageração de riquezas em comum espartanas. Até os escritores modernos conhecerão que o direito da propriedade privada é baseado na conveniência, e pode ser interferido com numa variedade de caminhos para o bem público. Qualquer outro modo de propriedade vestindo o qual foi achada para ser mais vantajosa, adquirirá no tempo os mesmos básicos de direito, ‘a maioria útil,’ nas palavras de Platão, ‘será a maioria sagrada.’ Os advogados e clérigos de épocas mais antigas terão falado de propriedade como uma instituição sagrada. Mas eles apenas querem dizer por tal linguagem opor a maior quantidade de resistência a qualquer invasão dos direitos dos indivíduos e da igreja.

Quando nós consideramos a questão, sem qualquer medo de aplicação imediata na prática, no espírito da República de Platão, estamos nós bastante seguros que as noções recebidas de propriedade são as melhores? A distribuição da riqueza a qual é costumeiramente nas nações civilizadas a mais favorável que nós podemos conceber para a educação e desenvolvimento da massa do gênero humano? Pode ‘o espectador de todo tempo e toda existência’ ser bastante convencido que um ou dois milhares de anos conseqüentemente, maiores mudanças não vão ter tomado lugar nos direitos da propriedade, ou até mesmo que a muita noção de propriedade, além o que é necessária para manutenção pessoal, pode não ter desaparecido? Essa era a distinção familiar para Aristóteles, embora semelhantemente para ser rido a entre nós mesmos. Uma tal mudança não será maior que algumas outras mudanças através das quais o mundo tem passado na transição entre sociedade antiga e moderna, por exemplo, a emancipação dos servos na Rússia, ou a abolição da escravidão na América e nas Índias do Oeste; e não tão grande como a diferença a qual separa a comunidade da vila oriental do mundo ocidental. Para cumprir uma tal revolução no curso de uns poucos séculos, implicará uma taxa de progresso não mais rápida que tem atualmente tomado lugar durante os últimos cinquenta ou sessenta anos. O reino do Japão sofreu mais mudanças nos cinco ou seis anos que a Europa nos cinco ou seis séculos. Muitas opiniões e crenças as quais tem sido apreciadas entre nós mesmos bastante tão fortemente como a sacralidade da propriedade tem passado longe; e as mais insustentáveis proposições a respeito do direito de legados ou vínculo tem sido mantidos com muito fervor como a maioria moderada. Algum um será ouvido para perguntar se um estado da sociedade pode ser final no qual os interesses de milhares são perigados na vida ou personagem de uma única pessoa. E tantos podem perdoar a esperança que nossa condição presente pode, depois de tudo, ser apenas transicional, e pode conduzir para um mais alto, no qual propriedade, ao lado de auxiliar para a alegria de uns poucos, pode também fornecer os sentidos da mais alta cultura para todos, e será um maior benefício para o público geralmente, e também mais sobre o controle da autoridade pública. Ali pode vir um tempo quando o dizendo, ‘Não tem eu um direito para fazer o que eu vou com eu próprio?’ aparecerá ser relíquia bárbara de individualismo; - quando a posseção de uma parte pode ser uma maior benção para cada e tudo que a posseção do todo é agora para qualquer um.

Tais reflexões aparecem visionárias para o olho do homem de estado prático, mas eles estão dentro do alcance de possibilidade para o filósofo. Ele pode imaginar que em alguma época distante ou clima, e através da influência de algum indivíduo, a noção de propriedade comum pode ou possa ter afundado como profundamente dentro do coração de uma raça, e ter se tornado como consertado para elas, como propriedade privada é para nós mesmos. Ele sabe que essas instituições posteriores não são mais que cinco ou seis milhares de anos de idade: pode não o fim reverter para o começo? Na nossa própria época até Utopias afetam o espírito da legislação, e uma ideia abstrata pode exercer uma grande influência na política prática.

As objeções que serão geralmente urgidas contra a comunidade de Platão de propriedade, são aquelas velhas de Aristóteles, que motivam a exerceção será tomada longe, e essa disputa vai surgir

quando cada foi dependente sob tudo. Todo homem produzir tão pouco e consome tanto como ele gostou. A experiência de nações civilizadas tem até aqui sido contrárias ao Socialismo. O esforço é tão grande para a natureza humana; homens tentam viver em comum, mas o sentimento pessoal está sempre quebrando dele. Por outro lado pode ser duvidado se nossas noções presentes de propriedade não são convencionais, para elas diferem em diferentes nações e em diferentes estados da sociedade. Nós ostentamos de um individualismo o qual não é liberdade, mas bastante um resultado artificial do estado industrial da Europa moderna. O indivíduo é nominalmente livre, mas ele é também impotente num mundo salta mão e pé nas correntes de necessidade econômica. Até se nós não podemos esperar a massa do gênero humano a se tornar desinteressada, em qualquer taxa nós observamos neles um poder de organização o qual cinquenta anos atrás nunca terá sido suspeitados. As mesmas forças as quais tem revolucionado o sistema político da Europa, pode afetar uma mudança semelhante nas relações sociais e industriais do gênero humano. E se nós supomos a influência de algum bem e assim como motivos neutros trabalhando na comunidade, ali será sem absurdidade na expectativa que a massa do gênero humano tendo poder, e se tornando iluminada sobre as mais altas possibilidades da vida humana, quando elas aprendem quanto mais é atingível para tudo que está no presente da possessão de uns poucos favorecidos, podem possuir o interesse comum com uma inteligência e persistência a qual o gênero humano tem até aqui nunca visto.

Agora que o mundo tem uma vez sido colocado em movimento, e não é por muito mais longe mantido rápido sob a tirania do costume e ignorância; agora que a crítica tem perfurado o véu da tradição e o passado não muito mais tempo domina o presente, – o progresso da civilização pode ser esperado para ser maior longe e mais prontamente que antes. Até em nossa presente taxa de velocidade o ponto no qual nós podemos chegar em duas ou três gerações está além dos poderes da imaginação para prever. Existem forças no mundo as quais trabalham, não em uma aritmética, mas em uma relação geométrica de aumento. Educação, para usar a expressão de Platão, move-se como uma roda com uma velocidade sempre multiplicando. Nem pode nós dizermos quão grande pode ser essa influência, quando isso se torna universal, – quando isso tem sido herdado por tantas gerações, – quando é libertada das tramas da superstição e justamente adaptada para as vontades e capacidades de diferentes classes de homens e mulheres. Nem fazemos nós saber quanto mais a cooperação de mentes ou de mãos pode ser capazes de cumprir, se no labor ou no estudo. Os recursos das ciências naturais não são meio desenvolvidas como ainda; o solo da terra, ao invés de crescer mais estéril, pode se tornar muitas vezes mais fértil que até aqui; os usos do maquinário mais longe, e também mais minucioso que no presente. Novos segredos da psicologia podem ser revelados, afetando profundamente a natureza humana em seus recessos mais internos. O padrão de saúde pode ser elevado e as vidas dos homens prolongadas pelo conhecimento sanitário e médico.

Ali pode ser paz, ali pode ser lazer, ali pode ser refrescos inocentes de vários tipos. O poder sempre aumentando de locomoção pode juntar os extremos da terra. Ali pode ser trabalhos misteriosos da mente humana, tais como ocorre apenas em grandes crises da história. O leste e o oeste pode se encontrar juntos, e todas as nações contribuem seus pensamentos e sua experiência para a ação comum da humanidade. Vários outros elementos entram dentro da especulação de seu tipo. Mas é melhor fazer e terminar deles. Para tais reflexões aparece o majoritário forçado, e para os homens da ciência, lugar comum.

(b) Nem para a mente de Platão nem de Aristóteles fez a doutrina de comunidade de propriedade presente em toda a mesma dificuldade, ou aparece para ser a mesma violação do sentimento helênico comum, como a comunidade de lobos e crianças. Esse paradoxo os prefácios por outro propósito, que as ocupações dos homens e mulheres devem ser as mesmas, e que para esse fim eles

devem ter um treinamento comum e educação. Animais machos e fêmeas tem as mesmas perseguições – como não também os dois sexos do homem?

Mas nós não temos aqui caindo dentro de contradição? Para nós estávamos dizendo que naturezas diferentes devem ter diferentes perseguições. Como então podem os homens e mulheres terem o mesmo? E o propósito não é inconsistente como nossa noção da divisão de labuta? – Essas objeções não são mais cedo erguidas que respondidas; para, de acordo com Platão, não há diferença orgânica entre homens e mulheres, mas apenas aquele acidental um desses homens procriam e mulheres aguentam crianças. Seguindo a analogia dos outros animais, ele combate que todos os presentes naturais são espalhados sobre in diferentemente entre ambos os sexos, embora ali pode ser a superioridade de grau na parte dos homens. A objeção na pontuação de decência para sua parte tomada nos mesmos exercícios ginásticos, é conhecida pala asserção de Platão que o sentimento existente é uma questão de hábito.

Esse Platão deve ter emancipado ele mesmo das ideias de sua própria nação e do exemplo do oriente, mostra uma maravilhosa independência de mente. Ele é consciente que mulheres são metade da raça humana, em algum respeita a mais importante metade (Leis); e para a causa ambos dos homens e mulheres ele deseja aumentar para a mulher para um mais alto nível de existência. Ele traz, não sentimento, mas filosofia para aguentar sobre uma questão a qual ambas em tempos modernos e antigos tem sido principalmente considerada na luz do costume ou sentimento. Os gregos tinham concepções nobres de capuz de mulher nas deusas Atena e Artemis, e nas heroínas Antigone e Andromache. Mas esses ideais não tinam contraparte na vida atual. A mulher ateniense estava no seu caminho o igual de seu marido; ela não era a artista de seus convidados ou a ama de sua casa, mas apenas sua empregada e a mãe das crianças. Ela tomou sem parte em questões militares e políticas; nem está ali qualquer exemplo nas épocas posteriores da Grécia de uma mulher se tornando famosa na literatura. ‘Dela é a maior glória que tem o menor renome entre os homens,’ é a concepção histórica de excelência feminina. Um ideal muito diferente de capuz de mulher é segurado por Platão para o mundo; ela está para ser a companheira do homem, e para compartilhar com ele nas labutas da guerra e nos cuidados do governo. Ela é para ser semelhantemente treinada em ambos exercícios corporais e mentais. Ela está para perder tão longe como possível os incidentes da maternidade e as características do sexo feminino.

O moderno antagonista da igualdade dos sexos discutem que as diferenças entre homens e mulheres não são confinadas para o único ponto urgiram por Platão; essa sensibilidade, bondade, graça, são as qualidades das mulheres, enquanto energia, força, alta inteligência, estão para ser olhadas por nos homens. E a crítica é justa: as diferenças afetam a toda natureza, e não são, como Platão supõe, confinadas para um único ponto. Mas nem nós podemos dizer quão longe essas diferenças são devidas à educação e as opiniões do gênero humano, ou fisicamente herdado dos hábitos e opiniões das gerações anteriores. Mulheres tem sido sempre ensinadas, não exatamente que elas são escravas, mas que elas estão numa posição inferior, a qual é também suposta ter vantagens em compensação. É também verdade que a forma física pode facilmente mudar no curso de gerações através do modo de vida; e a fraqueza ou delicadeza, a qual foi uma vez uma questão de opinião, pode se tornar um fato físico. As características de sexo variam grandemente em diferentes países e graus da sociedade, e em diferentes idades nos mesmos indivíduos. Platão pode ter estado certo em negar que ali era qualquer diferença ultimato nos sexos do homem outro que esse o qual, existe nos animais, porque todas as outras diferenças podem ser concedidas para desaparecer em outros estados da sociedade, ou sob diferentes circunstâncias de vida e treinamento.

A primeira onda tendo sido passada, nos prosseguimos para a segunda – comunidade de lobos e crianças. ‘É impossível? É desejável?’ Para como Glauco intima, e como nós longe mais fortemente insistimos, ‘grandes dúvidas podem ser entretidas sobre ambos esses pontos.’ Qualquer livre discussão da questão é impossível, e o gênero humano é talvez certo em não permitir as últimas bases da vida social a ser examinada. Poucos de nós podemos seguramente investigar dentro das coisas as quais a natureza esconde, qualquer mais que nós podemos dissecar nossos próprios corpos.

Ainda, a maneira na qual Platão chegou a sua conclusão deve ser considerada. Por aqui, como o Sr. Grote tem considerado, é uma coisa maravilhosa, que um dos mais sábios e melhores dos homens tem entretido ideias de moralidade as quais são completamente a discrepância com nós mesmos. E se nós vamos fazer justiça Platão, nós devemos examinar cuidadosamente o personagem de seus propósitos. Primeiro, nós podemos observar que as relações dos sexos supostas por ele são o contrário de licencioso: ele parece bastante para pontaria numa retidão impossível. Em segundo, ele concede a família para ser o inimigo natural do estado; e ele entretém a séria esperança que uma fraternidade universal pode tomar o lugar de interesses privados – uma aspiração a qual, embora não justificada pela experiência, tem possuído muitas mentes nobres. Por outro lado, não há sentimento ou imaginação nas conexões as quais os homens e mulheres são supostos por ele à forma; seres humanos retornam para o nível dos animais, nem exaltando aos céus, nem ainda abusando os instintos naturais. Tudo que o mundo da fantasia e poesia ao qual a paixão do amor tem chamado adiante na literatura moderna e romance terá sido banido por Platão. Os arranjos de casamento na República são direcionados a um objeto – a melhoria da raça. Nas gerações sucessivas um grande desenvolvimento ambos de qualidades corporais e mentais pode ser possível. A analogia dos animais tende a mostrar que o gênero humano pode dentro de certos limites receber uma mudança de natureza. E como nos animais nós devemos comumente escolher o melhor para procriação, e destruir os outros, assim ali deve ser uma seleção feita de seres humanos os quais vidas são merecedoras de ser preservadas.

Nós começamos de volta horrorizados desse ideal platônico, na crença, primeiro, que os mais altos sentimentos de humanidade são longe bastante fortes para ser esmagados fora; em segundo, que se o plano pode ser levado a execução nós devemos ser pobremente recompensados pelas melhorias na raça para a perda das melhores coisas da vida. A maior recompensa para o mais fraco e pior dos seres humanos – o infante, o criminoso, o insano, o idiota, verdadeiramente parece para nós um dos mais nobres resultados da cristandade. Nós temos aprendido, embora como ainda imperfeitamente, que o homem indivíduo tem um valor infinito na vista de Deus, e que nós honramos Ele quando nós honramos a imagem escurecida e desfigurada Dele (Leis). Essa é a lição a qual Cristo contou numa parábola quando Ele disse, ‘Seus anjos sempre contemplam a face de Meu Pai a qual está nos céus.’ Tais lições são apenas parcialmente realizadas em qualquer época; elas eram estranhas para a época de Platão, como elas tem muitos graus diferentes de força em diferentes nações ou épocas do mundo cristão. Para os gregos a família era uma instituição religiosa e costumeira ligando os membros juntos por um laço inferior em força a esse de amizade, e tendo um som menos sagrado e solene que esse da nação. As relações as quais existiam num nível mais baixo de costume, Platão imaginou que ele estava erguendo para o mais alto nível de natureza e razão; enquanto do ponto de vista moderno e cristão nós o consideramos como sancionando assassinato e destruindo os primeiros princípios de moralidade.

O maior erro nesses e especulações semelhantes é que a diferença entre homem e os animais é esquecida neles. O ser humano é considerado com o olho de um cachorro, ou um pássaro mais caprichoso, ou na melhor um proprietário de escravo; a mais alta ou qualidade humanas são deixadas de fora. A procriação de animais mira principalmente ao tamanho ou velocidade ou força; nuns poucos casos em coragem e temperamento; a maioria muitas vezes a magreza do animal por comida é o grande desiderato. Mas o gênero humano não é criado para ser comido, não ainda para sua superioridade na luta ou na corrida de cartas puxando. Nem a melhoria da raça humana consiste meramente no crescimento dos ossos e carne, mas no crescimento e iluminação da mente.

Consequentemente ali deve ser ‘um casamento de verdadeiras mentes’ assim como de corpos, de imaginação e razão bem como luxúrias e instintos. Homens e mulheres sem sentimento ou imaginação são justamente chamados brutos; Platão ainda leva fora essas qualidades e não coloca nada no seu lugar, não até o desejo de uma nobre descendência, desde que os pais não estão para conhecer seus próprios filhos. A mais importante transação da vida social, ele que é o filósofo idealista converte dentro do mais brutal. Para o par estão para não ter relações um ao outro, exceto o

festival de casamento; seus filhos não são seus, mas do estado; nem é qualquer laço de afeição para os unir. Ainda aqui a analogia dos animais pode ter salvo Platão de um erro gigante, se ele tem ‘não perdido vista de sua própria ilustração.’ para o ‘tipo mais nobre de pássaros e bestas’ nutre e protege sua primavera e são fieis um para o outro.

Um fisiologista eminente pensa este valor enquanto ‘tentar e colocar vida numa base física.’ Mas deve não repousar vida na moral bastante que no físico? O mais alto vem primeiro, então o mais baixo, primeiro o humano e racional, depois o animal. Ainda eles não são absolutamente divididos; e nos tempos de doença ou momentos de autoindulgência eles parecem ser apenas diferentes aspectos de uma natureza humana comum a qual inclui ambos eles. Nem é a moral o limite do físico, mas a expansão ou alargamento disso, – a mais alta forma a qual o físico é capaz de receber. Como Platão vai dizer, o corpo não toma cuidado do corpo, e ainda menos da mente, mas a mente toma cuidado de ambos. Em todas as ações humanas não que as quais é comum para o homem e os animais é o elemento característico, mas que aos quais distinguem ele deles. Até se nós admitirmos a base física, e resolver toda virtude dentro de saúde do corpo, ‘la facon que notre sang circule,’ ainda nos chãos meramente físicos nós devemos vir de volta para as ideias. Mente e razão e dever e consciência, sob esses ou outros nomes, estão sempre reaparecendo. Esses não podem ser saúde do corpo sem saúde da mente; nem saúde da mente sem o senso de dever e o amor da verdade (Charme).

Que o maior dos antigos filósofos deve em suas regulações sobre casamento tem caído dentro do erro de separar corpo e mente, faz certamente aparecer surpreso. Ainda a maravilha não é assim muito que Platão deve ter entretido ideias de moralidade as quais para nossa própria época estão revoltando, mas que ele deve ter contradito a si mesmo para um estender ao qual é dificilmente credível, caindo em um instante do céu do idealismo dentro do mais cru animalismo. Alegando no mais novo presente encontrado de reflexão, ele parece ter pensamento fora de um assunto sob o qual ele tinha melhor ter seguido o sentimento iluminado o qual ele tinha melhor ter seguido o sentimento iluminado da própria idade dele. O sentimento geral de Hellas foi oposto a sua monstruosa fantasia. Os velhos poetas, e no tempo mais tarde os atores de tragédias, mostraram sem desejar de respeito para a família, na qual muita da sua religião era baseada. Mas os exemplos de Esparta, e talvez em algum grau a tendência para desafiar a opinião pública, parece ter o enganado. Ele fará uma família fora de todas as famílias do estado. Ele selecionará as mais finas espécimes de homens e mulheres e raça desses apenas.

Ainda porque a ilusão está sempre retornando (do animal parte da natureza humana vai de tempos em tempos afirmar no disfarce de filosofia assim como de poesia), e também porque qualquer partida vindo de moralidade estabelecida, até quando isso não é pretendido, é apto para instabilizar, isso pode ser valioso enquanto para puxar fora um pouco mais no comprimento das objeções para o casamento platônico. Em primeiro lugar, a história mostra que onde quer que a poligamia tem sido largamente permitida a raça tem deteriorado. Um homem para uma mulher é a lei de Deus e natureza. Proximamente todas as pessoas civilizadas do mundo em algum período antes da idade das gravações escritas, tem se tornado monogamistas; e o passo quando uma vez tomado nunca tem sido retraçado. As exceções ocorrendo entre Bramistas ou Maometanos ou os antigos Persas, são de que tipo o qual pode ser dito para provar a regra. As conexões formadas entre raças superiores e inferiores dificilmente produzem sempre uma nobre descendência, porque elas são licenciosas; e porque as crianças em tais casos usualmente menosprezam a mãe e são negligenciados pelo pai que é envergonhado deles. Nações bárbaras quando elas são introduzidas por europeus para dado de vício fora; pessoas poligamistas ou importam e adotam crianças de outras nações, ou encolhem em números, ou ambos. Dinastias e aristocracias as quais têm desconsiderado as leis da natureza tem diminuído em números e degenerado em estatura; ‘casamentos de convenance’ deixam seu selo enfraquecendo na primavera deles (Rei Lear). O casamento de relações próximas, ou o casamento em e dentro da mesma família tende constantemente a fraqueza ou idiotice nos filhos, as vezes assumindo a forma como eles crescem mais velhos de licenciosidade apaixonada. A prostituta comum raramente tem qualquer descendência. Por tal evidência sem possibilidade de engano é a autoridade da moralidade assertada nas relações dos sexos; e assim muitos mais elementos entram dentro desse ‘mistério’ que são sonhados de para Platão em alguns outros filósofos.

Recentes investigadores têm certamente chegado na conclusão que entre tribos primitivas ali existiu uma comunidade de lobos como de propriedade, e que o cativo tomado pela lança era o único lobo ou escravo de quem qualquer homem era permitido chamar seu próprio. A existência parcial de tais

costumes entre algumas das mais baixas raças de homem, e o sobrevivente de cerimônias peculiares nos casamentos de algumas nações civilizadas, são pensadas para fornecer uma prova de instituições semelhantes tendo sido uma vez universais. Ali não pode ser questão que o estudo de antropologia tem consideravelmente mudado nossas visões a respeito da primeira aparência do homem sob a terra. Nós sabemos mais sobre os aborígenes do mundo que anteriormente, mas nosso conhecimento aumentando mostra acima de todas as coisas quão pouco nós sabemos. Com todas as ajudas as quais monumentos escritos dispõe, nós fazemos, mas fracamente realizamos a condição do homem dois milhares ou três milhares de anos atrás. De qual sua condição foi quando removeu a uma distância 200,000 ou 300,000 anos, quando a maioria do gênero humano era mais baixo e mais próximo dos animais que qualquer tribo agora existindo sobre a terra, nós não podemos até mesmo entreter conjectura. Platão (Leis) e Aristóteles (Metafísica.) podem ter sido mais certos que nós imaginamos em supor que algumas formas de civilização foram descobertas e perdidas vários tempos acabados. Se nós não podemos argumentar que todo barbarismo é uma civilização degradada, nem pode nós colocarmos quaisquer limites para a profundidade de degradação pela qual a raça humana pode baixar através da guerra, doença, ou isolamento. E se nós estamos para puxar inferências sobre a origem do matrimônio da prática de nações bárbaras, nós devemos também considerar a analogia mais remota dos animais. Muitos pássaros e animais, especialmente os carnívoros, tem apenas um companheiro, e o amor e cuidado da descendência a qual parece ser natural é inconsistente com a teoria primitiva de matrimônio. Se nós irmos de volta para um estado imaginário no qual os homens quase animais e os companheiros deles, nós temos quanto tanto certo para argumentar de que é animal para o que é humano como do bárbaro para o homem civilizado. A gravação da vida animal no globo é fragmentária, – os elos conectando estão querendo e não podem ser supridos; a gravação da vida social é ainda mais fragmentária e precária. Até se nós admitirmos que nossos primeiros ancestrais não tinham tal instituição de casamento, ainda os estágios pelos quais homens passaram de barbarismo externo para a civilização comparativa da China, Assíria, e Grécia, ou até mesmo os antigos alemães, são completamente desconhecidos para nós.

Tais especulações são aptas para ser instabilizando, porque elas parecem mostrar que uma instituição a qual era pensamento para ser a revelação dos céus, é apenas o crescimento da história e experiência. Nós perguntamos qual é a origem do casamento, e nós somos ditos que como o direito de propriedade, depois de muitas guerras e competições, ele tem gradualmente surgido fora do egoísmo dos bárbaros. Nós estamos de pé face a face com a natureza humana em sua nudez primitiva. Nós somos compelidos para aceitar, não a mais alta, mas a mais baixa conta da origem da sociedade humana. Mas no progresso humano por outro lado nós podemos verdadeiramente dizer que todo passo no progresso humano tem sido na mesma direção, e que no curso das épocas a ideia de casamento e de família tem sido mais e mais definida e consagrada. O leste civilizado está imensuravelmente em avanço de quaisquer tribos selvagens; os gregos e romanos tem melhorado sobre o leste; as nações cristãos tem sido estritamente em suas visões da relação de casamento que qualquer dos antigos. Nisso como em tantas outras coisas, ao invés de olhar de volta com regresso ao passado, nós devemos olhar adiante com esperança para o futuro. Nós devemos consagrar esse o qual nós acreditamos para ser o mais santo, e que ‘o qual é o mais santo será o mais útil.’ Há mais razão para manter a sacralidade do laço de casamento, quando nós vemos o benefício disso, que quando nós apenas sentimos um vago horror religioso sobre a violação disso. Mas em todos os tempos de transição, quando estabelecido crenças estão sendo indeterminadas, há um perigo que na passagem de velho para o novo nós podemos insensivelmente deixar ir o princípio moral, encontrando uma desculpa para ouvir a voz da paixão na incerteza do conhecimento, ou as flutuações de opinião. E há muitas pessoas no nosso próprio dia que, iluminadas pelo estudo de antropologia, e fascinadas pelo que é novo e estranho, alguns usando a linguagem do medo, outros da esperança, são inclinados a acreditar que um tempo virá quando através da auto asserção das mulheres, ou o espírito revoltado das crianças, pela análise das relações humanas, ou pela força de circunstâncias externas, os laços de vida familiar podem ser quebrados ou grandemente relaxados. Eles apontam sociedades na América e em outro lugar os quais tendem a mostrar que a destruição da família não precisa necessariamente envolver a subversão de toda moralidade. Onde quer que nós podemos pensar de tais especulações, nós podemos dificilmente negar que eles tem sido mais predominantes nessa geração que em qualquer outra; e onde eles estão tendendo, quem pode prever? Para as dúvidas e questões levantadas por esses ‘reformadores sociais’ a respeito da relação dos sexos e a natureza moral do homem, há uma resposta suficiente, se qualquer é precisada. A diferença sobre elas e nós é realmente uma de

fato. Elas estão falando do homem como eles desejam ou fantasiam ele para ser, mas nós estamos falando dele como ele é. Eles isolam a parte animal de sua natureza; nós consideramos ele como uma criatura tendo muitos lados, ou aspectos, movendo entre bem e mal, se esforçando para subir acima dele mesmo e para se tornar ‘um pouco mais baixo que os anjos.’ Nós também, para usar a fórmula platônica, não somos ignorantes dos descontentamentos e incompatibilidades de vida em família, dos meannesses do comércio, das lisonjas de uma classe de sociedade por outra, dos impedimentos os quais a família joga no caminho de pontarias do sôtão e aspirações. Mas nós somos conscientes que há males e perigos no fundo maior ainda, os quais não são apreciados, porque eles são ou escondidos ou suprimidos. O que uma condição de homem vai essa ser, nas quais paixões humanas eram controladas por nenhuma autoridade, divina ou humana, na qual ali não estava vergonha ou decência, nem mais alta afeição superando ou santificando os instintos naturais, mas simplesmente uma regra de saúde! É isso para isso que nós somos perguntados para atirar fora a civilização a qual é o crescimento de épocas? Por força e saúde não são as únicas qualidades a serem desejadas; há as mais importantes considerações de mente e caráter da alma. Nós sabemos como a natureza humana pode ser degradada; nós não sabemos como por sentidos artificiais qualquer melhoria na raça pode ser efetuada. O problema é um complexo, para se nós irmos de volta apenas quatro passos (e esses ao menos entram dentro da composição de uma criança), ali são comumente trinta progenitores para ser levados em conta. Muitos fatos curiosos, raramente admitindo da prova, são contados a nós a respeito da herança de doença ou caráter de um ancestral remoto. Nós podemos traçar as semelhanças físicas de pais e crianças na mesma família – ‘Sic oculos, sic ille manus, sic ora ferebat’; mas escassamente menos muitas vezes as diferenças as quais distinguem crianças ambas de seus pais e de um outro. Nós somos ditos de peculiaridades mentais semelhantes correndo nas famílias, e novamente de uma tendência, como nos animais, reverter para uma ação comum ou original. Mas nós temos uma dificuldade em distinguir o que é uma verdadeira herança de gênio ou outras qualidades, e o que é mera imitação ou o resultado de circunstâncias similares. Grandes homens e grandes mulheres raramente tem tido grandes pais e mães. Nada que nós sabemos de dentro das circunstâncias de seu nascimento ou linhagem explicará sua aparência. Dos poetas ingleses do último e dois séculos precedendo escassamente um descendente permanece, – nem tem sempre sido distinguido. Assim profundamente a natureza escondido seu segredo, e assim ridícula é a fantasia a qual tem sido entretida por algum que nós podemos no tempo por casamento satisfatório arranjos ou, como Platão vai ter dito, ‘por um ingênuo sistema de quantidades,’ produzem um Shakespeare ou um Milton. Até mesmo supondo que nós podemos raça homens tendo a tenacidade de bulldogues, ou, como os espartanos, ‘faltando a inteligência para correr fora na batalha,’ vai o mundo ser qualquer o melhor? Muitas das mais nobres espécimes da raça humana tem sido entre os mais

fracos fisicamente. Tyrtaeus ou Aesop, ou nosso próprio Newton, teriam sido expostos em Esparta; e alguns dos mais justos e mais fortes homens e mulheres tem sido entre as mais malvadas e piores. Nem pelo dispositivo platônico de unir o forte e justo com o forte e justo, indiferentemente do sentimento e moralidade, nem ainda por seu outro dispositivo de combinar naturezas dissimilares (Estadista), tem o gênero humano gradualmente passado da brutalidade e licenciosidade de casamento primitivo cristão e civilizado.

Poucas pessoas vão negar que nós trazemos dentro do mundo uma herança de qualidades físicas e mentais derivadas primeiro de nossos pais, ou através deles de algum ancestral remoto, em segundo de nossa raça, em terceiro da condição geral do gênero humano dentro do qual nós somos nascidos. Nada é mais comum que a observação, que ‘assim e assim é como seu pai ou seu tio’; e uma pessoa envelhecida pode não infrequentemente notar uma semelhança em um jovem para o ancestral longe esquecido, observando que ‘natureza as vezes pula uma geração.’ Isso pode ser verdade também, que se nós conhecemos mais sobre nossos ancestrais, essas semelhanças serão até mais golpeando para nós. Admitindo os fatos os quais são assim descritos num caminho popular, nós podemos contudo observar que não há método de diferença pelo qual eles podem ser definidos ou estimados, e que eles constituem apenas uma pequena parte de cada indivíduo. A doutrina de hereditariedade pode parecer tomar fora de nossas mãos a conduta de nossas próprias vidas, mas é a ideia, não o fato, o qual é realmente terrível para nós. Para que nós temos recebido de nossos ancestrais é apenas uma fração do que nós somos, ou podemos tornar. O conhecimento que embriaguez ou insanidade tem sido prevalente numa família pode ser a melhor proteção contra seu retorno numa futura geração. O pai estará mais acordado aos vícios ou doenças em seu filho do qual ele é mais sensível dentro dele mesmo. O todo da vida pode ser direcionado para sua prevenção ou cura. Os traços de consumo pode se tornar mais lânguido, ou ser apagado: a tendência inerente para vício ou crime pode ser erradicada. E assim hereditariedade, de sendo uma maldição, pode se tornar uma benção.

Nós reconhecemos que na matéria de nosso nascimento, como na nossa natureza geralmente, há circunstâncias prévias as quais afetam-nos. Mas sobre essa plataforma de circunstâncias ou dentro desse muro de necessidade, nós temos ainda o poder de criar uma vida de nós mesmos pela energia informando da vontade humana.

Há outro aspecto da questão do casamento ao qual Platão é um estranho. Todas as crianças nascidas nesse estado são enjeitadas. Isso nunca ocorreu para ele que a maior parte delas, de acordo com a experiência universal, terá perecido. Para crianças podem apenas ser expostas em famílias. Há uma simpatia sutil entre a mãe e a criança a qual não pode ser fornecida por outras mães, ou por ‘enfermeiras fortes uma ou mais’ (Leis). Se a ‘caneta’ de Platão era tao fatal como as Creches de Paris, ou o hospital enjeitado de Dublin, mais que nove décimos dessas crianças terão perecido. Ali terá sido sem necessidade para expor ou colocar fora do caminho a mais fraca das crianças, para elas tem morrido delas mesmas. Assim a natureza enfaticamente protesta contra a destruição da família. O que Platão tinha ouvido ou visto de Esparta foi aplicado a ele num caminho equivocado ao seu ideal de bens em comum. Ele provavelmente observou que ambos os homens espartanos e mulheres eram superiores na forma e força aos outros gregos; e essa superioridade ele era disposto para atribuir para as leis e costumes relatando para o casamento. Não considera que o desejo de uma descendência nobre era uma paixão entre os espartanos, ou que sua superioridade física era para ser atribuída principalmente, nem para seus costumes de casamento, mas para sua temperança e treinamento. Não reflete que Esparta era grande, nem na consequência da relaxação da moralidade, mas no despeito disso, pela virtude de um princípio político mais forte longe que existiu em qualquer outro estado grego. Menos de tudo ele observa que Esparta não produz realmente as mais finas espécimes da raça grega. O gênio, a inspiração política de Atenas, o amor da liberdade – tudo que tem feito a Grécia famosa com posterioridade, estava querendo entre os espartanos. Eles não tinham Themistocles, ou Péricles, ou Aeschylus, ou Sófocles, ou Sócrates, ou Platão. O indivíduo não era permitido aparecer sobre o estado; as leis eram fixadas, e ele não tinha negócio para alterar

ou reformar eles. Ainda de onde tinha o progresso das cidades e nações surgidas, se não de indivíduos notáveis, vindo dentro do mundo nós não sabemos como, e de causas terminadas as quais nós não temos controle? Algo tanto pode ter sido dito em tempos modernos do valor da individualidade. Mas nós podemos dificilmente condenar também fortemente um sistema no qual, ao invés de nutrindo as sementes espalhadas ou raios de gênio e caráter, tende a sufocar e extingui-los.

Ainda, enquanto condenando Platão, nós devemos reconhecer que nem a cristandade, nem qualquer outra forma de religião e sociedade, tem até aqui sido capaz de contender com esse mais difícil dos problemas sociais, e que o lado do qual Platão considerou isso é esse do qual nós se viramos.

População é a força mais não domesticável no mundo político e social. Nós não encontramos, especialmente em largas cidades, que o maior obstáculo para a melhora do pobre é sua improvidência no casamento? – uma pequena falta verdadeiramente, se não envolvendo consequências infinitas. Há nações completas também, tais como Índia, ou, mais próximo de casa, Irlanda, na qual a solução certa da questão de casamento parece dispor na fundação da felicidade da comunidade. Há também tantas pessoas num dado espaço, ou elas casam também cedo e trazem dentro do mundo uma descendência doentia e meio desenvolvida; ou devendo para as muitas condições de sua existência, eles se tornam emagrecidas e mão em uma vida similar aos seus descendentes. Mas quem pode opor-se a voz da prudência para as ‘mais poderosas paixões do gênero humano’ (Leis), especialmente quando elas tem sido licenciadas por costume e religião? Em adição as influências da educação, nós parecemos requerer alguns novos princípios de certo e errado nessas questões, alguma força de opinião, a qual pode certamente ser já ouvida sussurrando em privado, mas nunca tem afetado os sentimentos morais do gênero humano em geral. Nós inevitavelmente perdemos vista do princípio de utilidade, justo nessa ação de nossas vidas nas quais nós temos a maioria necessidade disso. As influências as quais nós podemos trazer para aguentar sobre essa questão são principalmente indiretas. Em uma geração ou duas, educação, emigração, melhorias na agricultura e manufaturas, podem ter providenciado a solução. O estado físico dificilmente gosta de provar a ferida: está além dessa arte; uma questão a qual ele não pode seguramente deixar sozinho, mas a qual ele desafia não tocar:

‘Nós fazemos mas pele e filme o lugar ulceroso.’

Quando de novo na vida privada nós vemos uma família toda um por um derrubando dentro da sepultura sob o Ate de alguma doença herdada, e os pais talvez sobrevivendo eles, faz nossas mentes sempre ir de volta silenciosamente para esse dia vinte e cinco ou trinta anos antes no qual sob os mais justos patrocínios, entre as alegrando dos amigos e conhecidos, uma noiva e noivo juntadas mãos um com o outro? Em fazendo tal uma reflexão nós não estamos opondo considerações físicas para moral, mas moral para físico; nós estamos procurando fazer a voz da razão ouvida, a qual dirige-nos de volta da extravagância do sentimentalismo no senso comum. O recente Dr. Combe é dito do seu biógrafo ter resistido a tentação para casamento, porque ele soube que ele era assunto para consumo hereditário. Um que merecido para ser chamado um homem de gênio, um amigo da minha juventude, estava no hábito de usando uma tira preta no seu pulso, em ordem para lembrar ele que, sendo sujeito a erupções de insanidade, ele não deve dar caminho para os impulsos naturais de afeição: ele morreu não casado num asilo lunático. Esses dois pequenos fatos sugerem a reflexão que umas muito poucas pessoas tem feito de um senso de dever que o resto do gênero humano deve ter feito sob circunstâncias parecidas, se eles tinham permitido eles mesmos pensar de toda a miséria a qual eles estavam sobre para trazer dentro do mundo. Se nós podemos prevenir tais casamentos sem qualquer violação de sentimento ou propriedade, nós claramente devemos; e a proibição no curso do tempo será protegida por um ‘horror naturalis’ similar a esse o qual, em todas as épocas civilizadas e nações, tem prevenido o casamento de relações próximas pelo sangue. O gênero humano terá sido o mais feliz, se alguma coisa a qual está agora permitida tem de começando sendo negada para eles; se a sanção da religião pode ter proibido práticas hostis a saúde; se princípios sanitários podem em épocas de cedo ter sido investida com um

temor supersticioso. Mas, vivendo como nós fazemos longe em na história do mundo, nós estamos não muito tempo capazes para estampar em uma vez com a impressão da religião uma nova proibição. Um agente livre não pode ter suas fantasias reguladas pela lei; e a execução da lei será feito impossível, devido à incerteza dos casos nos quais o casamento era para ser proibido. Quem pode pesar virtude, ou até mesmo fortuna contra saúde, ou qualidades morais e mentais contra corporais? Quem pode medir probabilidades contra certezas? Ali tem sido algum bem assim como mal na disciplina do sofrimento; e essas são doenças, tais como consumação, as quais tem exercitado uma influência refinando e amolecendo no caráter. Jovem é também inexperiente para balancear tais boas considerações; pais muitas vezes não pensam deles, ou pensam deles muito tarde. Eles estão em uma distância e podem provavelmente ser evitado; mudança de lugar, um novo estado de vida, os interesses de uma casa podem ser a cura deles. Assim pessoas vaidosamente razão quando suas mentes estão já feitas e suas fortunas irrevogavelmente ligadas juntas. Nem é ali qualquer chão para supor que casamentos são para qualquer grande extensão influenciada por reflexões desse tipo, ao qual parece incapaz de fazer qualquer cabeça contra o irresistível impulso de anexo individual. Por último, ninguém pode ter observado a primeira inundação ascendente das paixões na juventude, a dificuldade de regular elas, e os efeitos na mente toda e natureza a qual segue delas, o estímulo o qual é dado para elas pela imaginação, sem sentindo que há algo insatisfatório no nosso método de tratá-los. Que a mais importante influência na vida humana deve ser deixada para chance ou amortilhado em mistério, e em vez de ser disciplinado ou entendido, deve ser requerido para conformar somente para um padrão externo de propriedade – não pode ser considerado pelo filósofo como uma condição segura ou satisfatória de coisas humanas. E ainda esses que tem a carga da juventude podem encontrar um caminho por vigilância, por afeição, pela masculinidade e inocência de suas próprias vidas, por dicas ocasionais, por advertências gerais as quais qualquer um pode aplicar por ele mesmo, para mitigar esse terrível male ao qual come fora do coração dos indivíduos e corrompe os sentimentos morais das nações. Em nenhum dever para outros é ali mais necessário de reticência e autorrestrição. Tão grande é o perigo para que não ele que será o conselheiro de outro deve revelar o segredo prematuramente, para que não ele deva conseguir outro muito dentro de seu poder; ou consertar a impressão passando do mal por demandando a confissão disso. Nem é Platão errado em afirmar que anexos de família podem interferir com mais altos alvos. Se ali tem sido alguns que ‘para festa deixou o que foi significado para gênero humano,’ ali tem certamente sido outros que para família se deu o que foi significado para o gênero humano ou para sua nação. Os cuidados de crianças, a necessidade de procurar dinheiro para seu suporte, as lisonjas do rico pelo pobre, a exclusividade do casto, o preço do nascimento ou riqueza, a tendência da vida familiar para desvirar homens da perseguição do ideal ou o heroico, é como abaixando em nossa própria época como nessa de Platão. E se nós preferirmos olhar as suaves influências de casa, o desenvolvimento das afeições, as amenidades da sociedade, a devoção de um membro de uma família ou o bem de outros, os quais formam um lado da figura, nós não devemos disputar com ele, ou talvez devemos bastante para sermos gratos a ele, por ter apresentado a nós o reverso. Se tentando defender Platão nos solos de moralidade, nós podemos permitir que há um aspecto do mundo o qual não tem não naturalmente levado ele dentro do erro. Nós dificilmente apreciamos o poder o qual a ideia do Estado, como todas as outras ideias abstratas, exercitou sobre a mente de Platão. Para nós o Estado parece ser construído para cima fora da família, ou as vezes para ser o vigamento no qual vida em família e social é contida. Mas para Platão em seu presente humor de mente a família é apenas uma influência perturbando a qual, em vez de enchendo para cima, tende a desarranjar a mais alta unidade do Estado. Sem organização é precisada exceto um político, o qual, considerando de outro ponto de vista, é um militar. O Estado é tudo que basta para as vontades do homem, e, como a ideia da igreja nas épocas depois, absorve todos os outros desejos e afeições. Em tempo de guerra os milhares de cidadãos estão se levantando como uma plataforma inconquistável, contra o mundo ou o anfitrião persa; em tempo de paz a

preparação para a guerra e seus deveres de Estado, os quais também são seus deveres para um outro, leva para cima sua vida inteira e tempo. O único outro interesse o qual é permitido a eles além desse da guerra, é o interesse da filosofia. Quando eles são tão velhos para ser soldados eles estão para retirar da vida ativa e ter um segundo noviciado de estudo e contemplação. Há um elemento de monasticismo até mesmo no comunismo de Platão. Se ele pôde ter feito sem crianças, ele pôde ter convertido sua República dentro de uma ordem religiosa. Nem é as Leis, quando a luz do dia do senso comum quebra sobre ele, ele retrata o seu erro. No estado do qual ele será o fundador, não há casamento ou se dando em casamento; mas porque da fraqueza do gênero humano, ele condescende para permitir a lei da natureza para prevalecer.

(c) Mas Platão tem um igual, ou, em sua própria estimação, até mesmo um maior paradoxo em reserva, o qual é resumido no texto famoso, 'Até reis são filósofos ou filósofos são reis, cidades nunca cessarão de enfermidade.' E por filósofos ele explica ele mesmo para significar esses que são capazes de temer ideias, especialmente a ideia de bem. Para o conseguir desse mais alto conhecimento a segunda educação é dirigida. Através de um processo de treinamento o qual tem já feito eles bons cidadãos eles são agora para ser bons legisladores. Nós encontramos com alguma surpresa (não ao contrário do sentimento o qual Aristóteles em uma bem conhecida passagem descreve os ouvidores das conferências de Platão como experimentando, quando eles irem para um discurso na ideia de bem, esperando pra ser instruídos nas verdades morais, e recebido ao invés deles formulários aritméticos e matemáticos) que Platão não propõe aos seus futuros legisladores qualquer estudo de finança ou lei ou táticas militares, mas apenas de matemática abstrata, como uma preparação para a ainda mais abstrata concepção de bem. Nós perguntamos, com Aristóteles, o que é o uso de um homem conhecendo a ideia de bem, se ele não sabe o que é bom para esse indivíduo, esse estado, essa condição da sociedade? Nós não podemos entender como os legisladores de Platão ou guardiões estão para ser providos por seu trabalho de estadista pelo estudo das cinco ciências matemáticas. Nós vaidosamente procuramos nos próprios escritos de Platão por qualquer explicação disso parecendo absurdidade.

A descoberta de uma grande concepção metafísica parece encantar a mente com uma consciência profética o qual toma fora o poder de estimar seu valor. Sem investigador metafísico tem sempre justamente criticado suas próprias especulações; em seu próprio julgamento eles tem sido sobre crítica; nem tem ele entendido que o que para ele pareceu ser verdade pode reaparecer na próxima geração como uma forma de lógica ou um instrumento de pensamento. E a posterioridade tem também as vezes igualmente mal temeram o real valor das suas especulações. Eles aparecem para eles não ter contribuído nada para a ação do conhecimento humano. A IDEIA de bem é apta para ser considerada pelo pensador moderno como uma abstração sem sentido; mas ele esquece que essa abstração está pronta esperando para usar, e vai futuro ser enchido para cima pelas divisões de conhecimento. Quando o gênero humano não faz como ainda conhece que o mundo é sujeito a lei, a introdução da mera concepção de lei ou desígnio ou causa final, e a antecipação longe fora da harmonia de conhecimento, são grandes passos para a frente. Até mesmo a crua generalização da unidade de todas as coisas leva os homens para ver o mundo com olhos diferentes, e podem facilmente afetar sua concepção de vida humana e de política, e também sua própria conduta e caráter (Tim). Nós podemos imaginar como uma grande mente como essa de Péricles pode derivar elevação do seu intercurso com Anaxágoras (Phaedr.). Para estar lutando em direção a um mais alto mas inacessível concepção é uma condição intelectual mais favorável que o resto satisfeito em uma porção estreita de fatos incertos. E o mais antigo, o qual tem sido as maiores ideias da ciência, são muitas vezes perdidos de vista de em um período mais tardio. Quão raramente podemos nós dizer de um investigador moderno na magnificente linguagem de Platão, que 'ele é o espectador de todo tempo e de toda existência!' Nem é ali qualquer coisa não natural na aplicação precipitada dessas vastas concepções metafísicas para vida prática e política. No primeiro entusiasmo de ideias homens são aptos para ver eles em qualquer lugar, e para aplicar eles na esfera mais remota. Eles não entendem que a experiência das

épocas é requerida para capacitar eles para encher ‘os axiomas intermediários.’ Platão ele mesmo parece ter imaginado que as verdades da psicologia, como essas da astronomia e harmonia, seriam chegadas a pôr um processo de dedução, e que o método o qual ele tem perseguido no Quarto Livro, de referindo eles da experiência e do uso da linguagem, era imperfeito e apenas provisional. Mas quando, depois de ter chegado na ideia de bem, a qual é o fim da ciência da dialética, ele é perguntado, o que é a natureza, e o que são as divisões da ciência? Ele recusa responder, como se pretendendo pela recusa de intimar que o estado do conhecimento o qual então existia era não tal como permitiria o filósofo entrar de seu repouso final. As ciências anteriores devem ser estudadas primeiro, e vão, nós podemos adicionar, continuar a ser estudadas diga o fim dos tempos, embora num sentido diferente de qualquer ao qual Platão pode ter concebido. Mas nós podemos observar, que enquanto ele está ciente da vacância do seu próprio ideal, ele está cheio de entusiasmo na contemplação disso. Olhando dentro do orbe de luz, ele não vê nada, mas ele é aquecido e elevado. O profeta hebreu acreditava que a fé em Deus capacitaria ele a governar o mundo; o filósofo grego imaginou que contemplação do bem faria um legislador. Há um tanto para ser enchido num caso como no outro, e o aquele modo de concepção é para o israelita que o outro é para o grego. Ambos encontram um repouso numa perfeição divina, a qual, se em uma forma mais pessoal ou impessoal, existe sem eles e independentemente deles, assim como dentro deles.

Não há menção da ideia de bem no *Timaeus*, nem do Divino Criador do mundo na *República*; e nós somos naturalmente levados a perguntar em qual revelação eles se levantam a um outro. Está Deus acima ou abaixo da ideia de bem? Ou é a Ideia de Bem outro modo de conceber Deus? O depois aparece ser a verdadeira resposta. Para o filósofo grego a perfeição e unidade de Deus era uma mais longe alta concepção que essa personalidade, a qual ele duramente encontrou uma palavra para expressar, e a qual para ele teria parecido ser emprestado da mitologia. Para o cristão, por outro lado, ou para o pensador moderno em geral, é difícil, se não impossível, alcançar a realidade para a qual as condições dele são mera abstração; enquanto para Platão essa muita abstração é a mais verdadeira e mais real de todas as coisas. Consequentemente, de uma diferença na forma de pensamento, Platão aparece estar descansando numa criação de sua própria mente apenas. Mas se nós ser permitidos parafrasear a ideia de bem pelas palavras ‘princípio inteligente de lei e ordem no universo, abraçando igualmente homem e natureza,’ nós começamos a encontrar o ponto de encontro entre eles e nós mesmos.

A questão se o legislador ou estadista deve ser um filósofo é uma que não tem perdido interesse nos tempos modernos. Na maioria dos países da Europa e Ásia ali tem sido algum um no curso das épocas que tem verdadeiramente unido o poder do comando com o poder de pensamento e reflexão, como ali tem sido também muitas combinações falsas dessas qualidades. Algum tipo de poder especulativo é necessário ambos na vida prática e política; como a retórica no *Phaedrus*, homens requerem ter uma concepção das variedades do caráter humano, e para ser levantada nas grandes ocasiões sobre os lugares comuns da vida ordinária. Ainda a ideia do filósofo estadista nunca tem sido popular com a massa do gênero humano; parcialmente porque ele não pode tomar o mundo dentro de sua confiança ou fazê-los entender os motivos de os quais ele age; e também porque eles são ciumentos de um poder o qual eles não entendem. A revolução a qual a natureza humana deseja efetuar passo por passo em muitas épocas é provável para ser precipitado por ele num único ano da vida. Eles estão temerosos que na perseguição de seus maiores alvos ele possa desconsiderar o sentimento comum da humanidade, ele é também apto a estar olhando dentro do futuro distante ou de volta dentro do passado remoto, e incapaz para ver ações ou eventos os quais, para usar uma expressão de Platão ‘estão caindo fora aos pés dele.’ Além, como Platão diria, há outras corrupções desses estadistas filosóficos. Ou ‘o a cor nativa da resolução é indisposto o ele com o elenco pálido de pensamento,’ e no momento quando ação sobre todas as coisas é requerido ele é indecيدido, ou princípios gerais são enunciados por ele em ordem para cobrir alguma mudança de política; ou sua ignorância do mundo tem o feito mais facilmente cair uma reza para as artes dos outros; ou em alguns casos ele tem sido convertido dentro de um cortesão, que desfruta a luxúria de segurar opiniões liberais, mas ele nunca sabe executar uma ação liberal. Nenhuma maravilha que o gênero humano tem estado no hábito de chamar o estadista de seus pedantes de classe, sofistas, doutrinários, visionários. Para, como nós podemos ser permitidos dizer, um pouco parodiando as palavras de Platão, ‘eles tem visto imitações ruins do filósofo estadista.’ Mas um homem em quem o poder de pensamento e ação são perfeitamente balanceados, igual ao presente, alcançando adiante ao futuro,

‘tal um aquele,’ regrando em um estado constitucional, ‘eles nunca tem sido.’ Mas como o filósofo é apto a cair na rotina da vida política, assim o estadista ordinário é também apto a falhar nas crises extraordinárias. Quando a face do mundo está começando a alterar, e o trovão é ouvido a distância, ele é ainda guiado por suas velhas máximas, e é o escravo de seus prejuízos inveterados do partido; ele não pode perceber os sinais dos tempos; em vez de olhar adiante ele olha de volta; ele não aprende nada e não esquece nada; com ‘sábias serras e modernas instâncias’ ele origina da maré ascendente da revolução. Ele vive mais e mais dentro do círculo de sua própria equipe, como o mundo sem ele se torna mais forte. Isso parece ser a razão a qual a velha ordem das coisas faz assim pobre uma figura quando confrontada com o novo, por que igrejas nunca podem reformar, porque a maioria das mudanças políticas são feitas cegamente e convulsivamente. As grandes crises na história das nações tem muitas vezes sido conhecidas por uma positividade eclesiástica, e uma repetida asserção dos princípios os quais tem perdido seu cabo sobre uma nação. As ideias fixadas de um estadista reacionário podem ser comparadas à loucura; elas crescem sobre eles, e ele se torna possuído por elas; sem julgamento dos outros é sempre admitido por ele ser pesado na balança contra si mesmo.

(d) Platão, labutando sobre o que, aos leitores modernos, aparece ter sido uma confusão de ideias, assimila o estado do indivíduo, e falha para distinguir Ética de Política. Ele pensa que para ser mais de um estado o qual é a maioria como um homem, e no qual os cidadãos têm a maior uniformidade de caráter. Ele não vê que a analogia é parcialmente falaciosa, e que a vontade ou caráter de um estado ou nação é realmente a balança ou bastante o excesso das vontades individuais, as quais são limitadas pela condição de ter para ato em comum. O movimento de um corpo de homens não podem ter a flexibilidade ou facilidade de um único homem; a liberdade do indivíduo, a qual é sempre limitada, se torna ainda mais em dilema quando transferida para uma nação. Os poderes de ação e sentimento são necessariamente mais fracos e mais balanceados quando eles são difundidos através de uma comunidade; de onde surge a questão muitas vezes discutidas, ‘pode uma nação, como um indivíduo, ter uma consciência?’ Nós exitamos para dizer que o caráter de nações é nada mais que a soma do caráter dos indivíduos que os compõe; porque ali pode estarem tendências nos indivíduos os quais reagem sobre um outro. Uma nação inteira pode ser mais sábia que qualquer um homem nisso; ou pode ser animada por alguma opinião comum ou sentimento o qual não pode igualmente ter afetado a mente de uma única pessoa, ou pode ter sido inspirado por um leitor de gênio para realizar atos mais que humanos. Platão não aparece ter analisado as complicações as quais surgem fora da ação coletiva do gênero humano. Nem é ele capaz de ver que analogias, embora especiosas como argumentos, podem muitas vezes não ter fundação de fato, ou de distinguindo entre o que é inteligível ou vividamente presente para a mente, e o que é verdade. Nesse respeito ele é longe abaixo de Aristóteles, que é comparativamente raramente exposto em pelas analogias falsas. Ele não pode desembaraçar as artes das virtudes – ao menos ele está sempre argumentando de um para o outro. Sua noção de música é transferida da harmonia dos sons para a harmonia da vida: nisso ele é assistido pelas ambiguidades de linguagem bem como pela prevalência das noções pitagóricas. E tendo uma vez assimilado o estado do indivíduo, ele imagina que ele encontrará a sucessão dos estados comparado nas vidas dos indivíduos.

Ainda, através desse meio falacioso, uma real amplificação de ideias é alcançado. Quando as virtudes como ainda apresentadas sem concepção distinta para a mente, um grande avanço foi feito pela comparação deles com as artes; para a virtude é parcialmente arte, e tem uma forma externa bem como um princípio interno. A harmonia da música dispõe uma imagem vivamente das harmonias do mundo e da vida humana, e pode ser considerada como uma ilustração esplêndida a qual era naturalmente equivocado para uma real analogia. Do mesmo jeito a identificação da ética com política tem uma tendência a dar definitividade para ética, e também para elevar e enobrecer as noções dos homens dos alvos do governo e dos deveres de cidadãos; para ética de um ponto de vista pode ser concebido como uma lei idealizada e política; e política, como ética reduzida para as condições de sociedade humana. Ali tem estado males os quais têm surgido fora da tentativa de identificar eles, e isso tem levado à separação ou antagonismo deles, os quais têm sido introduzidos pelos modernos escritores políticos. Mas nós podemos igualmente sentir que algo tem sido perdido nessa separação, e que os antigos filósofos que estimaram o moral e intelectual bem-estar do gênero humano primeiro, e a riqueza das nações e indivíduos segundo, podem ter uma influência salutar na especulação dos tempos modernos. Muitas máximas políticas originam numa reação contra um erro oposto; e quando os erros contra os quais eles foram dirigidos tem passado longe; eles na vez se

tornam erros.

1. As visões de Platão de educação estão em vários cumprimentos notáveis; como o resto da República eles são parcialmente gregos e parcialmente ideais, começando com o currículo ordinário da juventude grega, e estendendo a pós-vida. Platão é o primeiro escritor que diz distintamente que educação é para compreender o todo da vida, e para ser uma preparação por outro para o qual educação começa novamente. Essa é a linha notável a qual corre através da República, e o qual mais que qualquer outra de suas ideias admite de uma aplicação para a vida moderna. Ele se rendeu muito temo a noção que virtude não pode ser contada; e ele está disposto a modificar a tese de Protágoras, que as virtudes são uma e não tantas. Ele não está pouco disposto a admitir o mundo sensível dentro do esquema da verdade. Nem ele afirma na República a involuntariedade do vício, o qual é mantido por ele no *Timaeus*, *Sofista*, e *Leis* (*Protag.*, *Apol.*, *Gorg.*). Nem faz as ideias platônicas assim chamadas recuperadas de um estado anterior de existência afeta sua teoria de melhoria mental. Ainda nós observamos nele os restos da velha doutrina socrática, que conhecimento da verdade deve ser elicitado de dentro, e está para ser buscado para em ideais, não em particulares de sentido. Educação, como ele diz, implantará um princípio de inteligência o qual é melhor que dez milhares de olhos. O paradoxo que as virtudes são uma, e a noção de família que toda virtude é conhecimento, não são inteiramente renunciada; o primeiro é visto na supremacia dada a justiça sobre o resto; o segundo na tendência de absorver as virtudes morais e intelectuais, e para centralizar toda a bondade na contemplação da ideia de bem. O mundo do sentido é ainda depreciado e identificado com opinião, embora admitido ser uma sombra da verdade. Na República ele é evidentemente impressionado com a convicção que vício surge principalmente da ignorância e pode ser curado pela educação; a multidão é dificilmente para ser julgada responsável para o que eles fazem. Um alusão fantasiosa para a doutrina da reminiscência ocorre no Décimo Livro; mas as visões de Platão de educação não tem mais conexão real com o estado anterior de existência que nosso próprio; ele apenas propõe elicitar da mente que o qual é ali já. Educação é representada por ele, não como o enchendo de um vaso, mas como o virando o olho para a alma em direção a luz. Ele trata primeiro da música ou literatura, a qual ele divide dentro de verdadeiro e falso, e então vai adiante para ginástica; da infância na República ele toma sem notícia, embora nas *Leis* ele dá sábios conselhos sobre alimentando de crianças e a administração das mães, e terá uma educação a qual é até mesmo antes ao nascimento. Mas na República ele começa com a idade na qual a criança é capaz de receber ideias, e corajosamente afirmar, na linguagem a qual os sons paradoxais aos ouvidos modernos, que ele deva ser contado o falso antes que ele pode aprender a verdade. O moderno e antigo mundo filosófico não é aceito sobre verdade e falsidade; o um identifica verdade quase exclusivamente com fato, o outro com ideias. Essa é a diferença entre nós mesmos e Platão, o qual é, contudo, em parte uma diferença de palavras. Para nós também devemos admitir que uma criança deve receber muitas lições as quais ele entende de modo imperfeito; ele deve ser ensinado algumas coisas numa figura apenas, alguns também o qual ele pode dificilmente ser esperado para acreditar quando ele cresce mais velho; mas ele deve limitar o uso da ficção pela necessidade do caso. Platão desenhará a linha diferentemente; de acordo a ele o alvo da cedo educação não é

verdade como uma questão de fato, mas verdade como uma questão de princípio; a criança está para ser ensinada primeiro simples verdades religiosas, e então verdades morais simples, e insensivelmente para aprender a lição de boas maneiras e bom gosto. Ele fará uma reforma inteira da velha mitologia; como Xenophanes e Heracleitus ele é sensível da profunda brecha o qual separa sua própria idade de Homero e Hesíodo, de quem ele cita e investe com uma autoridade imaginária, mas apenas por seus próprios propósitos. As luxúrias e deslealdades dos deuses estão para ser banidas; os terrores do mundo inferior estão para ser dispersadas; a má conduta dos heróis Homéricos não é para ser um modelo da juventude. Mas há outra tensão ouvida em Homero o qual pode ensinar nossa resistência de mocidade; e algo pode ser aprendido na medicina da simples prática da idade Homérica. Os princípios nos quais religião está para ser baseada são apenas dois: primeiro, que Deus é verdade; segundo, que ele é bom. Escritores modernos e cristãos tem muitas vezes caído com falta desses; eles podem dificilmente serem ditos para ter ido além deles.

O jovem está para ser exposto em ambientes felizes, fora do caminho das vistas ou sons os quais podem machucar o caráter ou viciar o gosto. Eles estão para viver numa atmosfera de saúde, a brisa está sempre para flutuar para eles as impressões da verdade e bondade. Pode tal uma educação ser realizada, ou se nossa moderna educação religiosa possa ser salto para cima com verdade e virtude e boas maneiras e bom gosto, que seria a melhor esperança da melhoria humana. Platão, como nós mesmos, está olhando adiante para mudanças no mundo moral e religioso, e está preparando para eles. Ele reconhece o perigo de instabilizar mentes de homens jovens por súbitas mudanças de leis e princípios, destruindo a sacralidade de ideias fixas das pessoas quando não há nada outro levar seu lugar. Ele está com medo também da influência do drama, no chão que isso encoraja falso sentimento, e então ele não vai ter suas crianças tomadas para o teatro; ele pensa que os efeitos nos espectadores é mau, e nos atores ainda pior. Sua ideia de educação é essa de crescimento harmonioso, no qual são insensivelmente aprendidas as lições de temperatura e resistência, e o corpo e mente desenvolve em proporções iguais. O primeiro princípio o qual corre através de toda arte e natureza é simplicidade; isso também é para ser a regra da vida humana.

O segundo estágio da educação é ginástica, ao qual responde para o período de crescimento muscular e desenvolvimento. A simplicidade a qual é obrigada na música é estendida para ginástica; Platão está ciente que o treinamento do corpo pode ser inconsistente com o treinamento da mente, e que exercício corporal pode ser facilmente excedido. Treinamento excessivo do corpo é apto para dar aos homens uma dor de cabeça ou para fazer eles dormirem em uma conferência na filosofia, e isso eles atribuem não para a verdadeira causa, mas para a natureza do assunto. Dois pontos são noticiáveis no tratamento de Platão de ginástica: – Primeiro, que o tempo de treinamento é inteiramente separado do tempo de educação literária. Ele parece ter o pensamento que duas coisas de uma natureza diferente e oposta não podem ser aprendidas ao mesmo tempo. Aqui nós podemos dificilmente concordar com ele; e, se nós podemos julgar pela experiência, o efeito de gastar três anos entre as épocas de quatorze e dezessete em mero exercício corporal seja distante de melhorar ao intelecto. Em segundo, ele afirma que música e ginástica não são, como a opinião pública é apta para imaginar, pretendida, a aquela para a cultivação da mente e a outra do corpo, mas que eles são ambos igualmente designados para a melhoria da mente. O corpo, em sua visão, é o servente da mente; a sujeição de mais baixo para o mais alto é para a vantagem de ambos. E indubitavelmente a mente pode exercer um muito grande e suprema influência sobre o corpo, se mostrada não em movimentos particulares e por ajustes e começos, mas continuamente, em fazendo preparação para toda a vida. Outros escritores gregos viram a tendência danosa de disciplina de espartanos (Arist. Pol; Thuc.). Mas apenas Platão reconheceu o erro fundamental no qual a prática era baseada.

O assunto da ginástica conduziu Platão para a irmã assunto da medicina, a qual ele futuramente ilustra pela paralela da lei. A moderna descrença na medicina tem levado nisso, como em alguns outros departamentos do conhecimento, para uma demanda para maior simplicidade; físicos estão se tornando cientes que eles muitas vezes fazem doenças ‘maiores e mais complicadas’ por seu tratamento delas (Rep.). Nos dois mil anos sua arte tem feita mas esbelto progresso; o que eles tem

ganhado na análise das partes está num maior grau perdido por sua concepção mais fraca do quadro humano como um todo. Eles tem assistido mais para a cura das doenças que para a condição de saúde; e as melhorias na medicina tem sido mais que contrabalanceadas pelo desuso de treinamento regular. Até ultimamente eles tem duramente pensado do ar e água, a importância da qual era bem entendida pelos antigos; como Aristóteles observa, ‘ar e água, sendo os elementos os quais nós a maioria usa, tem os maiores efeitos sobre a saúde’ (Polit.). Por idades físicos têm estado sob o domínio dos prejuízos os quais têm apenas recentemente dado caminho; e agora há como tantas opiniões na medicina como na teologia, e um grau igual de ceticismo e algum querer de tolerância sobre ambos. Platão tem várias noções boas sobre medicina; de acordo a ele, ‘o olho não pode ser curado sem o resto do corpo, nem o corpo sem a mente’ (Charm.). Nenhum homem de senso, ele diz no Timaeus, leva físico; e nós cordialmente simpatizamos com ele nas Leis quando ele declara que ‘os membros do rústico usado com labuta derivará mais benefício dos banhos mornos que de prescrições de um não sábio doutor.’ Mas nós podemos quase não elogiar ele quando, na obediência à autoridade de Homero, ele deprecia dieta, ou aprova do espírito desumano no qual ele obterá liberte de vidas inúteis e inválidas deixando eles a morrer. Ele não parece ter considerado que a ‘rédea de Theages’ pode ser acompanhada pelas qualidades as quais eram de muito mais valor para o Estado que a saúde ou força dos cidadãos; ou que o dever de tomar cuidado do desamparado poderia ser um elemento importante de educação em um Estado. O médico ele mesmo (isso é uma observação delicada e sutil) não deve ser um homem em saúde robusta; ele deve ter, na moderna fraseologia, um temperamento nervoso; ele deve ter experiência de doença em sua própria pessoa, em ordem que seus poderes de observação podem ser acelerados no caso de outros.

A perplexidade da medicina é comparada pela perplexidade da lei; na qual, novamente, Platão teria homens seguido a regra dourada da simplicidade. Grandes questões estão para ser determinadas pelo legislador ou pelo oráculo de Delphi, menos questões estão para serem deixadas para a regulação temporária dos cidadãos eles mesmos. Platão é ciente que laissez faire é um importante elemento de governo. As doenças de um Estado são como as cabeças de uma hidra; elas se multiplicam quando elas são cortadas fora. O verdadeiro remédio para elas não é extirpação mas prevenção. E o caminho para prevenir elas é tomar cuidado da educação, e educação tomará cuidado de o resto. Então em tempos modernos os homens têm muitas vezes sentido que apenas o valor da medida política tendo – o único um o qual produzirá qualquer efeito certo ou restante, era uma medida de educação nacional. E no nosso próprio mais que em qualquer era prévia a necessidade tem sido reconhecida ou restaurando a confusão sempre crescente da lei para simplicidade e senso comum.

Quando o treinamento na música e ginástica é completado, ali segue o primeiro estágio de vida pública e ativa. Mas logo a educação está para começar de novo de um novo ponto de vista. No intervalo entre o Quarto e Sétimo Livros nós temos discutido a natureza do conhecimento, e tem por isso sido conduzido para formar uma concepção mais alta do que era requerido para nós. Por verdadeiro conhecimento, de acordo com Platão, é de abstrações, e tem para fazer, não com particulares ou individuais, mas com universais apenas; não com as belezas da poesia, mas com as ideias da filosofia. E o grande alvo da educação é a cultivação do hábito da abstração. Isso é para ser adquirido através do estudo das ciências matemáticas. Elas sozinhas são capazes de dar ideias de relação, e de despertando as energias dormentes de pensamento.

Matemática na época de Platão compreendido uma parte muito pequena de essa a qual é agora incluída nelas; mas elas aborrecem uma muito mais larga proporção para a soma do conhecimento humano. Elas eram a única organização de pensamento ao qual a mente humana na que tempo possuído, e a única medida pela qual o caos de particulares podem ser reduzidos a regra e ordem. A faculdade a qual eles treinaram estava naturalmente em guerra com o poético e imaginativo; e consequentemente para Platão que está buscando em todos os lugares por abstrações e tentando adquirir libertar das ilusões de sentido, quase o todo de educação é contido neles. Eles parecem ter uma aplicação incansável, em parte porque seus verdadeiros limites não eram ainda compreendidos.

Esse Platão ele mesmo está começando a investigar; embora não ciente que número e figura são meras abstrações de sentido, ele reconhece que as formas usadas pela geometria são emprestadas do mundo sensível. Ele busca encontrar o último solo de ideias matemáticas na ideia de bem, embora ele não explica satisfatoriamente a conexão entre eles; e na sua concepção da relação de ideias para números, ele cai muito longe curto da completa definição atribuída para ele por Aristóteles (Met.). Mas se ele falha para reconhecer os verdadeiros limites de matemática, ele também alcança um ponto além deles; na sua visão, ideias de número se tornam secundárias para uma concepção mais alta de conhecimento. O dialético é como muito mais acima do matemático como o matemático é acima do homem ordinário. O aquele, o provando a si mesmo, o bem o qual é a mais alta esfera da dialética, e a perfeita verdade para a qual todas as coisas ascendem, e na qual elas finalmente repousam.

A ideia auto provando de unidade ou ideia de bem é uma mera visão da qual sem explicação distinta pode ser dada, relativa apenas para um estágio particular na filosofia grega. É uma abstração sob a qual sem individuais são compreendidos, um todo o qual não tem partes (Arist., Nic. Eth.). A vacância de uma tal forma foi percebida por Aristóteles, mas não por Platão. Nem faz ele reconhecer que no processo dialético são incluídos dois ou mais métodos de investigação o qual estão na variância com cada outro. Ele não vê que se ele levou a estrada mais longa ou a mais curta, sem avanço pôde ser feito neste caminho. E ainda tais visões muitas vezes tem um efeito imenso; por embora o método de ciência não pode antecipar ciência, a ideia de ciência, não como ela é, mas como isso será no futuro, é um grande e inspirador princípio. Na posse de conhecimento nós estamos sempre apertando adiante para algo além de nós; e como uma falsa concepção de conhecimento, por exemplo a filosofia escolástica, pode levar homens desencaminhadamente durante muitas épocas, assim o verdadeiro ideal, embora vacante, pode puxar todos seus pensamentos numa direção certa. Isso faz uma grande diferença se a expectativa geral de conhecimento, como seu sentimento indefinido pode ser denominado, é baseado em um julgamento sonoro. Para o gênero humano pode muitas vezes entreter uma verdadeira concepção de que conhecimento deva estar quando eles têm mas uma esbelta experiência dos fatos. A correlação das ciências, a consciência da unidade da natureza, a ideia da classificação, o senso de proporção, a repugnância para parar curto de certeza ou para confundir probabilidade com verdade, são princípios importantes da mais alta educação. Embora Platão não pôde dizer nada a nós, e talvez sabido que ele não pôde dizer a nós nada, da verdade absoluta, ele tem exercitado uma influência na mente humana o qual até mesmo no presente dia não é esvaziada; e questões políticas e sociais podem ainda levantar na qual os pensamentos de Platão podem ser lidos novamente e receber um significado fresco.

A Ideia de bem é assim chamada apenas na República, mas há traços disso nos outros diálogos de Platão. É uma causa bem como uma ideia, e desse ponto de vista pode ser comparado com o criador no Timaeus, que sai de sua bondade criadas todas as coisas. Isso corresponde a uma certa extensão com a moderna concepção de uma lei da natureza, ou de uma causa final, ou de ambos em um, e nessa consideração pode ser conectada com a medida e simetria do Filebus. Isso é representado no Simpósio sob o aspecto de beleza, e é suposto de ser alcançado ali pelos estágios de iniciação, como aqui por regulares gradações de conhecimento. Visto subjetivamente, é o processo ou ciência de dialética. Essa é a ciência a qual, de acordo com Phaedrus, é a verdadeira base da retórica, a qual sozinha é capaz de distinguir as naturezas e classes dos homens e coisas; a qual divide um todo dentro das partes naturais, e reúne as partes espalhadas dentro de um todo natural ou organizado; ao qual define as essências abstratas ou ideias universais de todas as coisas, e conecta elas; a qual perfura o véu da hipótese e alcança as causa final ou primeiro princípio de tudo; a qual considera as ciências na relação para a ideia de bem. Essa ciência ideal é o mais alto processo de pensamento, e pode ser descrita como a alma conversando com ela mesma ou segurando comunhão com eterna verdade e beleza, e em outra forma na questão perpétua e resposta – a incessante interrogativa de Sócrates. Os diálogos de Platão são eles mesmos exemplos da natureza e método da dialética. Vistos objetivamente, a ideia de bem é um poder ou causa a qual faz o mundo sem nós corresponder com o mundo dentro. Ainda esse mundo sem nós é ainda um mundo de ideias. Com Platão a investigação da natureza é outro departamento de conhecimento, e nisso ele procura alcançar apenas conclusões prováveis (Timaeus).

Se nós perguntamos se essa ciência de dialética a qual Platão apenas metade explica para nós é mais consanguínea para lógica ou para metafísica, a resposta é que em sua mente as duas ciências ainda não é como distinguido, qualquer mais que os aspectos subjetivos ou objetivos do mundo e do

homem, a qual a filosofia alemã tem revelado a nós. Nem ele tem determinado se sua ciência de dialética está em repouso ou em movimento, preocupado com a contemplação de absoluto sendo, ou com um processo de desenvolvimento e evolução. Metafísica moderna pode ser descrita como a ciência de abstrações, ou como a ciência da evolução de pensamento; lógica moderna, quando passando além dos limites de meras formas aristotélicas, podem ser definidas como a ciência de método. O germe de ambos deles é contido na dialética platônica; todos os metafísicos têm algo em comum com as ideias de Platão; todos os lógicos têm derivado algo do método de Platão. A mais próxima aproximação na filosofia moderna para a ciência universal de Platão, está para ser encontrada no Hegeliano ‘sucessão de momentos na unidade da ideia.’ Platão e Hegel semelhante pareça ter concedido o mundo como a correlação de abstrações; e não impossivelmente eles terão entendido um ao outro melhor que qualquer de seus comentaristas entenderam eles (Prontamente Voyage a Laputa. ‘Tendo um desejo para ver esses antigos que eram mais renomados para inteligência e aprendizado, eu reservei um dia de propósito. Eu propus que Homero e Aristóteles podiam aparecer na cabeça de todos os seus comentaristas; mas esses eram tão numerosos que algumas centenas foram forçados a atender na corte e quartos externos do palácio. Eu sabia, e pude distinguir esses dois heróis, a primeira vista, não apenas da multidão, mas de cada outro. Homero era o mais alto e comelior pessoa dos dois, caminhava muito ereta para um de sua idade, e seus olhos eram os mais rápidos e perfurantes que eu contemplei. Aristóteles inclinou-se muito, e fez uso de um pessoal. Seu semblante estava escasso, seu cabelo fino e magro, e sua voz vazia. Eu logo descobri que ambos deles eram perfeitos estranhos para o resto da companhia, e nunca tinham visto ou ouvido deles antes. E eu tinha um suspiro de um fantasma, que deve ser sem nome, “que esses comentaristas sempre guardam nos mais distantes quartos de seus principais, no mais baixo mundo, através de uma consciência de vergonha e culpa, porque eles tinham tão horripelantemente falseado o sentido desses autores para a posterioridade.” Eu introduzi Dídimos e Eustathius para Homero, e prevaleceu nele para tratá-los melhor que talvez eles mereciam, para o logo achou eles queriam um gênio para entrar dentro do espírito de um poeta. Mas Aristóteles estava fora de toda paciência com a conta que dei a ele de Scotus e Ramus, como eu apresentei eles para ele; e ele perguntou deles “se o resto; e ele perguntou deles “se o resto da tribo eram como grandes bobos como eles mesmos?”). Há, contudo, uma diferença entre eles: por considerando que Hegel está pensando de todas as mentes dos homens como uma mente, a qual desenvolve os estágios da ideia em diferentes nações ou em diferentes tempos na mesma nação, com Platão essas gradações são consideradas apenas como uma ordem de pensamento e ideias; a história da mente humana não tem ainda amanhecido sobre ele. Muitos críticos podem ser feitos na teoria de Platão da educação. Enquanto em alguns respeito ele não evitadamente cai com falta de pensadores modernos, nos outros ele está no avanço deles. Ele é oposto para os modos de educação aos quais prevaleceu em seu próprio tempo, mas ele pode duramente ser dito ter descobertos novos uns. Ele não vê que educação é relativa para o caráter dos indivíduos; ele apenas deseja impressionar a mesma forma do estado nas mentes de todos. Ele não tem ideia suficiente do efeito da literatura na formação da mente, e grandemente exagera essa da matemática. Seu alvo está sobre todas as coisas para treinar as faculdades racionais; para implantar na mente o espírito e poder da abstração; para explicar e definir noções gerais, e, se possível, para conectá-los. Sem maravilha que na vacância do atual conhecimento de seus seguidores, e em tempos até mesmo ele por ele mesmo, deve ter caído longe das doutrinas das ideias, e tem retornado

para esse ramo de conhecimento no qual sozinho a relação do um e tantos pode ser verdadeiramente vista – a ciência do número. Em suas visões ambos de conhecimento e treinamento ele pode ser estilizado, na linguagem moderna, uma doutrinária; depois da moda espartana ele teria seus cidadãos lançaram no um modelo; ele não parece considerar que algum grau de liberdade, ‘uma pouca negligência saudável,’ é necessária para fortalecer e desenvolver o caráter e para dar jogo para a natureza individual. Seus cidadãos não teriam adquirido esse conhecimento o qual na visão de Er é suposta para ser ganhada pelos peregrinos de sua experiência do mal.

Por outro lado, Platão está longe em avanço de modernos filósofos e teólogos quando ele ensina que educação está para ser continuada através da vida e vai começar de novo no outro. Ele nunca permitiria educação de algum amável cessar; embora ele estava ciente que o ditado proverbial de Solon, ‘Eu me tornei mais velho aprendendo muitas coisas,’ não pode ser aplicado literalmente. Ele mesmo encantado com a contemplação da ideia de bem, e deleitando na geometria sólida (Rep.), ele não tinha dificuldade em imaginar que um tempo de vida possa ser passado felizmente em tais perseguições. Nós que sabemos quão tanto mais homens de negócios ali estão no mundo que reais estudantes ou pensadores, não são igualmente sanguíneo. A educação a qual ele propõe para seus cidadãos é realmente a vida ideal do filósofo ou homem de gênio, interrompido, mas apenas por um tempo, por deveres práticos, – uma vida não para os tantos, mas para os poucos.

Ainda o pensamento de Platão pode não ser completamente incapaz de aplicação aos nossos próprios tempos. Até se considerado como um ideal ao qual nunca pode ser realizado, isso pode ter um grande efeito em elevar o caráter do gênero humano, e elevar eles sobre a rotina de sua ocupação ordinária ou profissão.

Essa é a melhor forma de sua ocupação ou profissão. É a melhor forma sob a qual nós podemos conceber o todo da vida. Não obstante a ideia de Platão não é facilmente posta em prática. Para a educação de depois da vida é necessariamente a educação a qual cada um dá dele mesmo. Homens e mulheres não podem ser trazido junto nas escolas ou colégios em quarenta ou cinquenta anos junto de idade; e se eles podiam o resultado seria desapontador. A destinação da maioria dos homens é que Platão chamaria ‘a Guarida’ para o todo da vida, e com esses eles estão contentes. Nem tem eles professores ou conselheiros com quem eles podem tomar conselho em anos mais maduros. Não há ‘professor no estrangeiro’ que conte deles de suas faltas, ou inspiram eles com o mais alto senso de piedade, ou com a ambição de um verdadeiro sucesso na vida; nem Sócrates que condenará eles da ignorância; nem Cristo, ou seguidor de Cristo, que reprovará eles do pecado. Consequentemente eles tem uma dificuldade em receber o primeiro elemento de melhoria, o qual é autoconhecimento. As esperanças não por muito tempo sem movimento mais longo deles; eles desejam bastante descansar que para possuir altos objetos. Uns poucos apenas que tem vindo através de grandes homens e mulheres, ou eminentes professores de religião e moralidade, tem recebido uma segunda vida de quem deles, e tem iluminado uma vela do fogo de seu gênio.

O desejo de energia é uma das principais razões a qual então poucas pessoas é uma das principais razões a qual tão poucas pessoas continuam a melhorar nos anos posteriores. Eles não tem a vontade, e não sabem o caminho. Eles ‘nunca tentam um experimento,’ ou observa um ponto de interesse para eles mesmos; eles não fazem sacrifícios para a causa de conhecimento; suas mentes, como seus corpos, em uma certa idade é fixado. Gênio tem sido definido como ‘o poder de tomar dores’; mas dificilmente qualquer um mantém seu interesse no conhecimento através de uma toda vida. Os problemas de uma família, o negócio ou fazer dinheiro, as demandas de uma profissão destroem a elasticidade da mente. O tablete de waxen da memória a qual era uma vez capaz de receber ‘verdadeiros pensamentos e claras impressões’ se torna difícil e aglomerado; não há sala para as acumulações de uma longa vida (Theat.). O estudante, como anos avançam, bastante faz uma troca de conhecimento que adiciona para suas histórias. Não há nenhuma necessidade urgente para aprender; a ação dos Clássicos ou História ou Ciência Natural a qual era bastante para um homem de vinte e cinco é bastante para ele em cinquenta. Nem é isso fácil para dar uma resposta definitiva para qualquer um que pergunta como ele está para melhorar. Por autoeducação consiste

em umas mil coisas, lugar-comum neles mesmos, – em adicionar para o que nós somos pela natureza algo de que nós não somos, lugar-comum neles mesmos, – em adicionando para o que nós somos pela natureza algo de que nós não somos; em aprender para ver nós mesmos como outros veem nós; em julgar, não por opinião, mas pela evidência de fatos; em buscar fora da sociedade de mentes superiores; num estudo de vidas e escritos de grandes homens; na observação do mundo e caráter; em recebendo bondosamente a influência natural de diferentes tempos de vida; em qualquer ato ou pensamento o qual é erguido sobre a prática ou opiniões do gênero humano; na perseguição de alguma nova ou original investigação; em qualquer esforço de mente o qual chama adiante algum poder latente.

Se qualquer um é desejoso de carregar fora em detalhe a educação Platônico de depois da vida, alguns tais conselhos como o seguinte pode ser oferecido para ele: – Que ele deve escolher o ramo de conhecimento para o qual sua própria mente mais distintamente inclina, e no qual ele toma o maior deleite, ou um o qual parece conectar com seu próprio diariamente emprego, ou, talvez, fornece o mais grande contraste para isso. Ele pode estudar do lado especulativo da profissão ou negócio no qual ele é praticamente engajado. Ele pode fazer Homero, Dante, Shakespeare, Platão, Bacon os amigos e companheiros de sua vida. Ele pode encontrar oportunidades de ouvir a voz vivendo de um grande professor. Ele pode selecionar para investigar algum ponto da história de algum fenômeno não explicado da natureza. Uma hora um dia passado em tais perseguições científicas ou literárias fornecerá como tantos fatos como a memória pode reter, e dará a ele ‘um prazer não para ser arrependido de’ (Timaeus). Apenas deixe ele se precaver de ser o escravo dos crotches, ou da corrida depois de uma Vontade d’ Wisp em sua ignorância, ou em sua vaidade de atribuir para si mesmo as dádivas de um poeta ou assumindo o ar de um filósofo. Ele deve saber os limites de seus próprios poderes. Melhor para construir a mente de lentas adições, para rastejar no quietamente de uma coisa a outra, para ganhar insensivelmente novos poderes e novos interesses no conhecimento, que para formar vastos esquemas os quais nunca são destinados para serem realizados. Mas talvez, como Platão diria, “Isso é parte de outro assunto’ (Tim.); embora nós podemos também defender nossa divagação pelo exemplo (Theaet.).

2. Nós observamos com surpresa que o progresso das nações ou o crescimento natural das instituições as quais enchem tratados modernos na filosofia política parece quase nunca ter chamado a atenção de Platão e Aristóteles. Os antigos eram familiares com a mutabilidade dos relacionamentos humanos; eles podiam moralizar sobre as ruínas das cidades e a queda dos impérios (Platão, Estadista, e Carta Sulpicius para Cícero); por eles foram julgadas destino e chance a serem poderes reais, quase pessoas, e ter tido um grande compartilhar nos eventos políticos. O mais sábio deles como Thucydides acreditava que ‘o que tinha sido seja de novo,’ e que uma ideia tolerável do futuro pode ser reunida do passado. Eles também tinham sonhos da Era Durada a qual existia era uma vez e pode ainda existir em alguma terra desconhecida, ou pode retornar no futuro remoto. Mas o crescimento regular de um estado iluminado pela experiência, progredindo em conhecimento, melhorando nas artes, do qual os cidadãos foram educados pelo cumprimento de deveres políticos, aparecem nunca ter vindo dentro do alcance de suas esperanças e aspirações. Tal um estado nunca tem sido visto, e então não pode ser concedido por eles. Sua experiência (Aristot. Mataph.; Platão, Leis) conduziram eles a concluir que ali tinham sido ciclos de civilização no qual as artes tinham sido descobertas e perdidas muitas vezes sobre, e cidades tinham sido arremessadas e reconstruídas de novo e de novo, e dilúvios e erupções vulcânicas e outras convulsões naturais tinham alterado a face da terra. A tradição contou a eles de muitas destruições do gênero humano e da preservação de uma sobra. O mundo começou novamente depois do dilúvio e foi reconstruído fora dos fragmentos dele mesmo. Também eles eram familiarizados com impérios de antiguidade desconhecida, como os egípcios ou assírios; mas eles nunca tinham visto eles crescerem, e não podiam imaginar, qualquer mais que nós podemos, o estado do homem o qual procedeu deles. Eles estavam confundidos e espantados pelos monumentos egípcios, do qual as formas, como Platão diz,

não numa figura, mas literalmente, eram dez mil anos de idade (Leis), e elas contratavam com a antiguidade do Egito com suas próprias memórias curtas.

As lendas de mais cedo de Hellas não tinham conexão real com a história de depois: elas estão em uma distância, e a região intermediária é escondida de vista; não há estrada ou caminho o qual leva de um para outro. No começo da história grega, no vestíbulo do templo, é visto parado de pé primeiro de toda a figura do legislador, ele mesmo o intérprete e servo de Deus. As leis fundamentais as quais ele dá não são supostas para mudar com tempo e circunstâncias. A salvação do estado é assegurada bastante a depender na manutenção inviolável deles. Eles foram sancionados pela autoridade do céu, e isso era julgado impiedosamente para alterá-los. O desejo de manter eles inalterado parece ser a origem do que a primeira vista é muito surpreendente para nós – o zelo intolerável de Platão contra inovadores na religião ou política (Leis); embora com uma feliz inconsistência ele também está disposto que as leis de outras nações devam ser estudadas e melhoradas na legislação reservadamente comunicada para o Conselho Noturno (Leis). As adições as quais foram feitas para elas nas épocas mais tarde em ordem para conhecer a complexidade aumentando de relações ainda foi designado por uma ficção para o legislador original; e as palavras de tais representações em Atenas eram disputadas sobre como se elas tinham sido as palavras de Solon ele mesmo. Platão espera preservar numa geração depois a mente do legislador; ele teria seus cidadãos permanecer dentro das linhas as quais ele tinha disposto abaixo para eles. Ele não molestaria eles com minuciosas regulações, ele teria permitido algumas mudanças nas leis: mas não mudanças as quais afetariam as instituições fundamentais do estado, tais por exemplo como converta uma aristocracia dentro de uma timocracia, ou uma timocracia dentro de uma forma popular de governo.

Passando de especulações a fatos, nós observamos que progresso tem sido a exceção bastante que a lei da história humana. E então nós não estamos surpresos para achar que a ideia de progresso é de moderno bastante que de data antiga; e, como a ideia de uma filosofia de história, é não mais que um século ou dois de idade. Isso parece ter levantado fora da impressão deixada na mente humana pelo crescimento do Império Romano e da Igreja Cristã, e para ser devido as melhorias políticas e sociais as quais eles introduziram dentro do mundo; e ainda mais em nosso próprio século para o idealismo da primeira Revolução Francesa e o triunfo da Independência Americana; e num ainda mais alto grau para a vasta prosperidade material e crescimento da população na Inglaterra e suas colônias e na América. É também para ser designado numa medida para o maior estudo da filosofia da história. O temperamento otimista de alguns grandes escritores têm assistido a criação disso, enquanto o caráter oposto tem deixado uns poucos para considerar o futuro do mundo como escuridão. O ‘espectador de todo tempo e de toda existência’ vê mais do ‘propósito aumentando ao qual através das eras corre’ que anteriormente: mas para os habitantes de um pequeno estado de Hellas a visão era necessariamente limitada como o vale no qual ele residia. Ali era sem passado remoto no qual seu olho pôde descansar, nem qualquer futuro do qual o véu era parcialmente erguido pela analogia da história. A estreiteza de vista, a qual para nós mesmos aparece tão singular, era para ele natural, se não inevitável.

3. Para a relação da República para o Homem de estado e as Leis, e os dois outros trabalhos de Platão o qual diretamente tratam de política, vê as Introduções para os dois posteriores; uns poucos pontos gerais de comparação podem ser tocados sobre em seu lugar.

E primeiro das leis.

(1) Na República, embora provavelmente escritos em intervalos, ainda falando geralmente e julgando pelas indicações de pensamento e estilo, pode ser razoável designado para o meio período da vida de Platão: as Leis são certamente o trabalho de seus anos declinando, e algumas porções deles em qualquer taxa parece ter sido escritos em idade extremamente velha.

(2) A República é cheia de esperança e aspiração: as Leis aguentam o selo de fracasso e desapontamento. O um é um trabalho finalizado o qual recebeu os últimos toques do autor: o outro é imperfeitamente executado, e aparentemente no finalizado. O um tem a graça e beleza da

juventude: o outro tem perdido a forma poética, mas tem mais da severidade e conhecimento de vida ao qual é característico da idade velha.

(3) o defeito mais distinto das Leis é o fracasso de poder dramático, enquanto a República é cheia de contrastes notáveis de ideias e oposições de caráter.

(4) As Leis podem ser ditas ter mais a natureza de um sermão, a República de um poema; o um é mais religioso, o outro mais intelectual.

(5) Muitas teorias de Platão, tais como a doutrina das ideias, o governo do mundo pelos filósofos, não são encontradas nas Leis; a imoralidade da alma é primeiro mencionado no xii; a pessoa de Sócrates tem desaparecido completamente. A comunidade de mulheres e crianças é renunciada; a instituição de refeições comuns ou públicas para mulheres (Leis) é para a primeira vez introduzida (Ar. Pol.).

(6) Ali permanece nas Leis a velha inimizade para os poetas, que são ironicamente saudados nos termos de alto voo, e, ao mesmo tempo, são peremptoriamente ordenados fora da cidade, se eles não estão legando para enviar seus poemas para a censura dos magistrados (Rep.).

(7) Embora o trabalho está nos mais respeitos inferiores, há umas poucas passagens nas Leis, tais como a honra devida para a alma, os males do licencioso ou amor não natural, o todo do Livro x. (religião), a desonestidade de comércio de varejo, e legados, os quais venha mais casa a nós, e contém mais do que pode ser nomeado o moderno elemento em Platão que quase qualquer coisa na República.

(1) por Aristóteles na Política do lado das Leis: -

“O mesmo, ou proximamente do mesmo, objeções aplicadas para os trabalhos posteriores de Platão, as Leis, e então nós temos melhor examinado brevemente a constituição a qual é nisso descrita. Na República, Sócrates tem definitivamente resolvido em tudo umas poucas questões apenas; tais como a comunidade de mulheres e crianças, a comunidade de propriedade, e as constituições do estado. A população é dividida dentro de duas classes – uma de lavradores, e a outra de guerreiros; dessa posterior é levada uma terceira classe de conselheiros e legisladores do estado. Mas Sócrates não tem determinado se os lavradores e artistas estão para ter uma divisão no governo, e se eles também estão para carregar armas e dividir no serviço militar ou não. Ele certamente pensa que as mulheres devem compartilhar na educação dos guardiões, e para lutar pelo seu lado. O restante do trabalho é preenchido com divagações estranhas ao principal assunto, e com discussões sobre a educação dos guardiões. Nas Leis há duramente qualquer coisa mas leis; não mais é dito sobre a constituição. Isso, o qual ele tinha pretendido fazer mais do tipo ordinário, ele gradualmente traz em volta para o outro ou forma ideal. Para com a exceção da comunidade de mulheres e propriedade, ele supõe tudo para ser o mesmo em ambos os estados; há para ser a mesma educação; os cidadãos de ambos estão para viver livre de ocupações servis, e há para ser refeições comuns em ambos. A única diferença é que nas Leis as refeições comuns são estendidas para mulheres, e o número de guerreiros sobre 5000, mas na República apenas 1000.’

(2) por Platão nas leis (Livro v.), do lado da República: –

“A primeira e mais alta forma do estado e do governo e da lei é que no qual ali prevalece mais amplamente o antigo ditado que “Amigos tem todas as coisas em comum.” Se ali é agora, ou sempre será, essa comunhão de mulheres e crianças e de propriedade, no qual o privado e individual é completamente banido da vida, e coisas as quais são pela natureza privadas, tais como olhos e ouvidos e mãos, tem se tornado comuns, e todos os homens expressam elogio e culpa, e sentem alegria e tristeza, nas mesmas ocasiões, e as leis unem a cidade ao extremo, – se tudo isso é possível ou não, eu digo que sem homem, agindo sobre qualquer outro princípio, será sempre constituído de um estado mais exaltado em virtude, ou mais verdadeiro ou melhor que isso. Tal um estado, se inabitado por deuses ou filhos de deuses, fará eles abençoados que residem nisso; e então para isso nós estamos para olhar ao padrão do estado, e para agarrar para isso, e, tão longe como possível, para procurar por um o qual é como isso. O estado o qual nós temos agora em mão, quando criado,

será mais próximo a imortalidade e unidade no próximo grau; e depois disso, pela graça de Deus, nós completamos aquele terceiro. E nós começaremos pela fala da natureza e origem do segundo.’ O trabalho comparativamente curto chamado o Homem de estado ou Político em seu estilo e maneira é mais consanguíneo para as Leis, enquanto em seu idealismo isso se assemelha bastante a República. Tão longe como nós podemos julgar por várias indicações de linguagem e pensamento, isso deva ser depois que o um e do curso mais cedo que o outro. Em ambos a República e Estadista uma conexão fechada é mantida entre Política e Dialética. No Estadista, investigações dentro dos princípios do Método são estremeadas com discussões sobre Política. As vantagens comparativas da regra de lei e de uma pessoa são consideradas, e a decisão dada em favor de uma pessoa (Arist. Pol.). Mas muito pode ser dito no outro lado, nem é a oposição necessária; para uma pessoa pode regra por lei, e lei pode ser então aplicada como para ser a viva voz do legislador. Como na República, há um mito, descrevendo, contudo, não um futuro, mas uma existência anterior do gênero humano. A questão é perguntada, ‘Se o estado de inocência o qual é descrito no mito, ou um estado como nosso próprio o qual possui arte e ciência e distingue bem de mal, é a condição preferível do homem.’ Para essa questão da felicidade comparativa da vida civilizada e primitiva, a qual era tão muitas vezes discutidas no último século e no nosso próprio, não é dada resposta. O Estadista, embora menos perfeito em estilo que a República e de longe menos alcance, pode justamente ser considerada como um dos maiores diálogos de Platão.

1. Outros tão bem como Platão tem escolhido uma República ideal para ser o veículo de pensamentos o qual eles não possam definitivamente expressar, ou o qual ido além de sua própria idade. Os escritos clássicos os quais aproximam mais proximamente para a República de Platão é o ‘De República’ de Cícero; mas nem nisso nem em qualquer outro de seus diálogos faz ele rival da arte de Platão. As maneiras são desajeitadas e inferiores; a mão do retórico é aparente em todo turno. Sentimentos ainda nobres estão constantemente recorrendo: a grande pessoa’ – ressoa através de todo o trabalho. Como Sócrates, Cícero volta longe do fenômeno dos céus para vida civil e política. Ele vai bastante não discutir os ‘dois sóis’ do qual toda Roma estava falando, quando ele pôde conversar sobre ‘as duas nações em uma’ a qual tinha dividido Roma sempre desde os dias de Gracchi. Como Sócrates novamente, falando na pessoa de Scipio, ele está amedrontado para que não ele deva assumir também muito do caráter de um professor, bastante que de um igual que está discutindo entre amigos os dois lados de uma questão. Ele confinaria os termos Rei de um Estado para a regra da razão e justiça, e ele não vai conceder esse título ou para uma democracia ou para uma monarquia. Mas sob a regra da razão e justiça ele está legando para incluir o superior natural regrando sobre o corpo. Ele prefere uma mistura de formas de governo para qualquer um único. Os dois retratos do justo e do injusto, o qual ocorre no segundo livro da República, são transferidos ao estado – Filos, um dos interlocutores, mantendo contra sua vontade a necessidade de injustiça como um princípio de governo, enquanto o outro, Laelius, apoia a tese oposta. Suas visões de linguagem e número são derivadas de Platão; como dele ele denuncia o drama. Ele também declara que se sua vida era para ser duas vezes tão longa ele não teria tempo para ler os poetas líricos. O quadro da democracia é traduzido por ele palavra por palavra, embora ele tem duramente mostrado ele mesmo capaz de ‘levar o gracejo’ de Platão. Ele converte dentro de uma imponente sentença do humorosa fantasia sobre os animais, que ‘são assim saturados com o espírito de democracia que eles fazem os passageiros – por conseguir fora de seu caminho.’ Sua descrição do tirano é limitada de Platão, mas é bastante inferior. O segundo livro é histórico, e clama para a constituição Romana (a qual é para ele a ideal) uma fundação de fato tal como Platão provavelmente pretendeu ter dado para a República no Critias. Sua mais notável imitação de Platão é a adaptação da visão de Er, a qual é convertida por Cícero dentro do ‘Somnium Scipionis’; ele tem ‘romanizado’ o mito da República, acrescentando um argumento para a imortalidade da alma levada fora do Phaedrus, e alguns outros toques derivados do Phaedo e do Timaeus. Embora um belo contro e contendo esplendidas passagens, o ‘Somnium Scipionis’ é muito inferior à visão de Er; é apenas um sonho, e dificilmente permite o leitor supor que o escritor acredita em sua própria criação. Se seus diálogos estavam

moldados no modelo dos diálogos perdidos de Aristóteles, como ele mesmo conta a nós, ou de Platão, ao qual eles aguentam tantas semelhanças superficiais, ele é ainda o orador romano; ele não está conversando, mas fazendo falas, e nunca é capaz de moldar o intratável Latim para a graça e facilidade do diálogo grego platônico. Mas se ele é defectivo na forma, muito mais é ele inferior para o grego na questão; ele em lugar nenhum em seus escritos filosóficos deixa sobre suas mentes a impressão de um pensador original.

A República de Platão tem sido dito para ser uma igreja e não um estado; e tal um ideal de uma cidade nos céus tem sempre pairado em cima do mundo cristão, e é incorporada no ‘De Civitate Dei,’ de Santo Agostinho, o qual é sugerido pelo declínio e queda do Império Romano, mais na mesma maneira na qual nós podemos imaginar a República de Platão para ter sido influenciada pelo declínio da política grega nos escritores de nossa própria época. A diferença é que no tempo de Platão a degeneração, embora certa, era gradual e insensível: considerando a leva de Roma pelos góticos mexeu como um terremoto na idade de Santo Agostinho. Homens eram inclinados a acreditar que a subversão da cidade era para ser designada para o feltro de raiva pelas velhas deidades romanas a negligência de sua adoração. Santo Agostinho mantém a tese oposta; ele discute que a destruição do Império Romano é devida, não para o levantar da cristandade, mas para os vícios do paganismo. Ele vaga sobre a história romana; e sobre a filosofia grega e mitologia, e encontra em todos lugares crime, impiedade e falsidade. Ele compara as piores partes das religiões pagãs com os melhores elementos da fé de Cristo. Ele mostra nada do espírito o qual leva outros dos primeiros padres cristãos para reconhecer nos escritos dos filósofos gregos o poder da verdade divina. Ele traça o paralelo do reino de Deus, que é, a história dos judeus, contida em suas escrituras, e dos reinos do mundo, os quais são encontrados nos escritores gentios, e procura eles ambos dentro de um futuro ideal. Precisa dificilmente ser considerado que seu uso ambos dos historiadores gregos e romanos e dos escritores sagrados dos judeus é completamente não crítico. A mitologia pagã, os oráculos Sibílinos, os mitos de Platão, os sonhos de neo platonistas, são igualmente considerados por ele como questão de fato. Ele deve ser reconhecido a ser um escritor estritamente polêmico e controverso que faz o melhor de tudo no outro. Ele não tem simpatia com a velha vida romana como Platão tem com a vida grega, nem tem ele qualquer ideia do reino eclesiástico o qual era para surgir fora das ruínas do império romano. Ele não é cego dos defeitos da Igreja Cristã, e olha adiante para um tempo quando cristãos e pagãos devem ser semelhante trouxe antes do trono do julgamento, e a verdadeira Cidade de Deus deva aparecer... O trabalho de Santo Agostinho é um curioso repertório do aprendizado antiquário e citações, profundamente penetradas com ética cristã, mas mostrando pouco poder de razão, e um esbelto conhecimento da literatura grega e linguagem. Ele era um grande gênio, e um nobre caráter, ainda dificilmente capaz de sentir ou entender qualquer coisa externa a sua própria teologia. De todos os antigos filósofos ele é mais atraído por Platão, embora ele é muito ligeiramente familiarizado com seus escritos. Ele é inclinado a acreditar que a ideia de criação no Timaeus é derivada da narração do Gênesis; e ele é estranhamente tomado com a confiança (?) do ditado de Platão que ‘o filósofo é o amante de Deus,’ e as palavras do Livro do Êxodo no qual Deus revela-se ele mesmo para Moisés (Êxod.) Ele reside no comprimento nos milagres realizados em nosso próprio dia, do qual a evidência é considerada por ele como irresistível. Ele fala numa maneira muito interessante da beleza e utilidade da natureza e do armação humana, o qual ele concede para dispor um antegosto do estado celestial e da ressurreição do corpo. O livro não é realmente o que para a maioria das pessoas o título disso implicará, e pertence a uma época o qual tem passado longe. Mas isso contém muitas passagens finas e pensamentos os quais são para todo o tempo.

O curto tratado de Monarquia de Dante é para o mais considerável de ideais medievais, e aguenta a impressão do grande gênio no qual Itália e as idades medievais são tão vividamente refletidas. Essa é a visão do Império Universal, o qual é suposto ser o natural e necessário governo do mundo, tendo uma autoridade divina distinta do papado, ainda coexistente com ele. Isso não é ‘o fantasma do Império Romano sentado coroado sobre a grave lá de,’ mas o legítimo herdeiro e sucessor disso,

justificado pelas antigas virtudes dos romanos e a beneficência de sua regra. Seu direito de ser os governadores do mundo é também confirmado pelo testemunho de milagres, e reconhecimento por São Paulo quando ele apelou a César, e até mesmo mais empaticamente por Cristo Ele mesmo, Quem não pôde ter feito compensação para os pecados dos homens se Ele não tinha sido condenado por um tribunal divinamente autorizado. A necessidade do estabelecimento de um Império Universal é provado parcialmente por uns argumentos a priori tais como a unidade de Deus e a unidade da família ou nação; parcialmente por perversões da Escritura e história, por falsas analogias da natureza, por citações desviadas dos clássicos, e pelos pedaços ímpares e lugares comuns de lógica, mostrando um familiar mas por sem sentido exato conhecimento de Aristóteles (de Platão não há nenhum). Mas um argumento mais convincente ainda é o miserável estado do mundo, o qual ele tocantemente descreve. Ele vê sem esperança de felicidade ou paz para o gênero humano ainda todas as nações da terra são compreendidas num único império. O tratado completo mostra quão profundamente a ideia do Império Romano foi fixada nas mentes de seus contemporâneos. Sem mais argumento era necessário para manter a verdade de uma teoria a qual aos seus próprios contemporâneos pardeceu tão natural e congenial. Ele fala, ou prega bastante, do ponto de vista, não do eclesiástico, mas do leigo, embora, como um bom católico, ele está legando para reconhecer que em certos respeitos o Império deva enviar para a igreja. O começo e fim de toda suas nobres reflexões e de seus argumentos, bem e mal, é a aspiração 'que em seu pouco plote da terra pertencendo a vida do homem mortal pode passar na liberdade e paz.' Então infalivelmente em sua visão do futuro salte para cima com as crenças e circunstâncias de sua própria idade.

A 'Utopia' de Sir Thomas More é um surpreendente monumento de seu gênio, e mostra um alcance de pensamento longe além de seus contemporâneos. O livro foi escrito por ele na idade por volta de 34 ou 35, e é cheio dos generosos sentimentos de juventude. Ele traz a luz de Platão para aguentar sobre o miserável estado de sua própria nação. Vivendo não por muito tempo depois das Guerras das Rosas, e nos sedimentos da igreja católica na Inglaterra, ele está indignado com a corrupção do clero, a luxúria da nobreza e pequena nobreza, aos sofrimentos do pobre, as calamidades causadas pela guerra. Para o olhar de More o mundo inteiro estava em dissolução e decaimento; e lado a lado com a miséria e opressão o qual ele tinha descrito no Primeiro Livro da Utopia, ele coloca no Segundo Livro o estado ideal o qual pela ajuda de Platão ele tem construído. Os tempos eram cheios de movimento e interesse intelectual. O murmúrio distante da Reformação estava começando a ser ouvido. As mentes como as de More, literatura grega era uma revelação: ali tinha surgido uma arte de interpretação, e o Novo Testamento estava começando a ser entendido como ele nunca tinha sido antes, e não tinha muitas vezes sido desde, em seu sentido natural. A vida ali a despeito apareceu para ele completamente ao contrário desses das comunidades cristãs, na qual 'ele via nada mas uma certa conspiração de homens ricos procurando suas próprias comodidades sob o nome e título da Comunidade.' Ele pensou que Cristo, como Platão, 'instituiu todas as coisas comuns.' por qual razão, ele diz a nós, os cidadãos de Utopia eram os mais legando para receber suas doutrinas ('Howbeit, penso disso era sem pequena ajuda e adiantamento na questão, que eles ouviam nós dizer que Cristo instituiu entre seu, todas as coisas comum, e que a mesma comunidade doth ainda adiantamento na questão, que eles ouviram nós dizermos que Cristo instituiu entre os seus, todas as coisas em comum, e que a mesma comunidade doth ainda permanece as mais certas comunidades cristãs' (Utopia).). A comunidade de propriedade é uma ideia consertada com ele, embora ele é ciente dos argumentos os quais podem ser urgidos no outro lado ('Essas coisas (eu digo), quando considero com mim mesmo, eu estou de acordo bem como Platão, e não faço nada maravilha que ele faria sem leis para ele que recusou essas leis, por meio de que todos os homens devem ter e alegrar-se em iguais porções de ricos e comodidades. Para o homem sábio faz facilmente prever isso para ser o um e único caminho para a riqueza de uma comunidade, se igualmente de todas as coisas devam ser trazidas dentro e estabelecidas' (Utopia).). Nós nos maravilhamos como no reino de Henry VIII, embora velado em outra linguagem e publicado numa nação estrangeira, tais especulações podem ter sido aturadas.

Ele é apresentado com maior invenção dramática que qualquer um que o sucedeu, com a exceção de Swift. Na arte de fingir ele é um rico discípulo de Platão. Como ele, começando de uma pequena porção de fato, ele acha seu conto com admirável habilidade em umas poucas linhas na narrativa em Latim das viagens de Amerigo Vespucci. Ele é muito preciso sobre as datas e fatos, e tem o poder de fazer nós acreditarmos que o narrador do conto deve ter sido uma testemunha ocular. Nós estamos justamente num quebra-cabeça por sua maneira de misturar-se pessoas reais e imaginárias; seu menino John Clement e Peter Giles, cidadão de Antwerp, com quem ele disputa sobre as palavras precisas as quais são supostas para ter sido usadas pelo (imaginários) viajante português, Raphael Hythloday). ‘Eu tenho a maior causa,’ diz Hythloday, ‘para aguentar que minhas palavras não devam ser acreditadas, para que eu agora quão dificilmente e duramente teria acreditado em outro homem contando o mesmo, se eu não tinha acreditado em outro homem contando o mesmo, se eu não tinha sido eu mesmo visto isso com meus próprios olhos.’ Ou novamente: ‘Se você tem estado comigo na Utopia, e tem presentemente visto suas modas e leis como eu fiz as quais viveram ali cinco anos e mais, e nunca iria ter vindo dali, mas somente para fazer a nova terra conhecida aqui,’ etc. Mais grandemente pesar que ele esqueceu de perguntar a Hythloday em que parte do mundo da Utopia é situado; ele ‘vai ter gasto sem pequena soma de dinheiro bastante que isso deva ter escapado dele,’ e ele mendiga Peter Giles para ver Hythloday ou escrever para ele e obter uma resposta para a questão. Depois disso nós não estamos surpresos para ouvir que o Professor da Divinidade (talvez ‘um tardio famoso vicário de Croydon em Surrey,’ como o tradutor pensa) é desejoso de ser enviado lá como um missionário pelo Alto Bispo, ‘sim, e que ele pode ele mesmo ser feito Bispo da Utopia, nada duvidando que ele deva obter esse Bispado com naípe; e ele conta que um bom piedoso processo o qual procede não do desejo de honra ou lucro, mas apenas de um zelo piedoso.’ O designio pode ter falhado através do desaparecimento de Hythloday, concernindo de quem nós temos ‘muitas notícias incertas’ depois desse departamento. Não há dúvida, contudo, que ele tinha dito de More e Giles a exata situação da ilha, mas infelizmente, ao mesmo tempo que a atenção de More, como ele é considerado numa carta de Giles, foi puxado fora por um empregado, e uma das companhias de uma fria captura no barco a bordo tossiu tão alto como para prevenir Giles de ouvir. E ‘o segredo tem perigo’ com ele; para esse dia o lugar da Utopia permanece desconhecido.

As palavras de Phaedrus, ‘O Socrates, você pode facilmente inventar egípcios ou qualquer coisa,’ são rechamadas para sua mente como nós lemos essa função como a vida. Ainda o maior mérito do trabalho não é a arte admirável, mas a originalidade de pensamento. Mais é um livre como Platão dos prejuízos de sua idade, e longe mais tolerante. Os Utopistas não permitem ele que acredita não na imortalidade da alma para compartilhar na administração do estado (Leis), ‘no entanto eles põe ele não para punir, porque eles são persuadidos que é isso num sem poder humano para acreditar no que ele lista’; e ‘não há homem que é para ser culpado de raciocínio em suporte de sua própria religião (‘Uma de nossas companhias em minha presença foi agudamente punida. Ele, tão logo como ele foi batizado, começou, contra nossas vontades, com mais séria afeição que sabedoria, para a razão da religião de Cristo, e começou a encerrar tão quente nessa matéria, que ele não apenas prefere nossa religião antes de todas as outras, mas também fez a despeito e condenou todas as outras, chamando elas de profanas, e os seguidores deles maus e encapetados, e as crianças de danação eterna. Quando ele tinha assim longamente raciocinado da questão, eles dispuseram a segurar nele, acusá-lo, e condená-lo dentro do exílio, não como um desprezador da religião, mas como uma pessoa sediar e um aumentando acima da dissensão entre as pessoas’).’ Nos serviços públicos ‘sem oradores serão usados, mas tal como todo homem pode pronunciar com o corpo sem dar ofensa a qualquer seita.’ Ele diz significativamente, ‘Ali ser que dar louvor a um homem que foi uma vez de excelente virtude ou de famosa glória, não apenas como Deus, mas também o chefe e mais alto Deus. Mas a maior e mais sábia parte, rejeitando todas essas, acreditam que existe um certo poder piedoso desconhecido, longe acima da capacidade e alcance do juízo do homem, dispersado através de todo o mundo, não em grandeza, mas em virtude e poder. Eles chamam Ele do Pai de todos. Para Ele sozinho eles atribuem o começo, o crescimento, os prosseguimentos, as mudanças, e os fins de todas as coisas. Nem dão a eles quaisquer honras divinas para qualquer um outro que ele.’ Tão longe foi More de compartilhando as crenças populares de seu tempo. Ainda ao fim ele permanece a nós que ele faz não em todos os respeitos concordam com os costumes e opiniões dos Utópicos aos quais ele descreve. E ele deve deixar ele ter os benefícios dessa clausula salvada, e não rudemente retirar o véu por trás o qual ele tem sido favorecido para cancelar nele mesmo.

Nem é ele menos em avanço de opinião popular nas suas especulações políticas e morais. Ele gostaria de trazer glória militar dentro de contempto; ele iria dispor todos os tipos de pessoas inativas para ocupação preferencial, incluindo na mesma classe, sacerdotes, mulheres, homens da nobreza, cavalheiros, e robustos e valentes mendigos' que o labor de todos podem ser reduzidos para seis horas de um dia. Sua antipatia ou punição capital, e planos da reforma dos ofensores; sua detestação dos sacerdotes e legisladores (Compare sua observação satírica: "Eles (Os Utópicos) tem sacerdotes de sacralidade excedendo, e então muito poucos.); sua consideração que 'embora qualquer um possa ouvir dos cachorros famintos e lobos e cruéis devoradores de homens, não é fácil encontrar estados que são bem e sabiamente governados,' são curiosamente em variância com as noções de sua época e realmente com sua própria vida. Há muitos pontos nos quais ele mostra um sentimento moderno e uma profética introspecção como Platão. Ele é um reformador sanitário; ele mantém esses estados civilizados que tem um direito do solo de nações desperdiçadas; ele é inclinado à opinião a qual coloca felicidade em prazeres de virtude, mas nisto, como ele pensa, não desagregando desses outros filósofos que definem virtude para ser uma vida de acordo com a natureza. Ele estende a ideia de felicidade tão como para incluir a felicidade dos outros; e ele argumenta ingeniosamente, 'Todos os homens concordam que nós devamos fazer outros felizes; mas se os outros, quão muito mais nós mesmos!' E ainda ele pensa que ali possa ser um caminho mais excelente, mas para isso sem razão do homem possa atingir senão o céu deva inspirar ele com uma mais alta verdade. Suas cerimônias antes do casamento; seu propósito humano que a guerra deva ser carregada adiante para assassinar os líderes do inimigo, podem ser comparadas a algum dos paradoxos de Platão. Ele tem uma fantasia charmosa, como as afinidades dos gregos e bárbaros no *Timaues*, que os Utópicos aprenderam a linguagem dos gregos com a maior prontidão porque eles eram originalmente da mesma raça com eles. Ele é penetrado com o espírito de Platão, e cita ou adapta muitos pensamentos de ambos da República e do *Timaeus*. Ele prefere deveres públicos do que privados, e é algo impaciente da importunidade das relações. Seus cidadãos não tem prata ou ouro de si mesmos, mas são prontos o bastante para pagar eles aos seus mercenários. Nada há do qual ele é mais desprezado que o amor do dinheiro. Ouro é usado por grilhões de criminosos, e diamantes e pérolas para colares de crianças (Quando os embaixadores vem organizado em ouro e penas de pavões 'para os olhos de todos os Utópicos exceto muito poucos, os quais tem sido em outras nações por alguma causa racional, todos que a beleza do vestuário parecia vergonhosa e reprovável. Em tão muito que eles a maioria reverencialmente saudada o vil e mais abjeto deles para os senhores – passando sobre os embaixadores deles mesmos sem qualquer honra, julgando eles por suas roupas e correntes douradas para ser servos. Você deve ter visto crianças também, que tinham trajeto fora de suas pérolas e pedras preciosas, quando eles viram algo parecido grudado nas capas dos embaixadores, cavam e empurram suas mãos sob os lados, dizendo assim para elas – "Olhem, embora ele era uma criancinha ainda." Mas a mãe; sim e que também em boa seriedade: "Paz, filho," disse ela, "Eu penso que ele ser algum dos embaixadores tolos."")

Como Platão ele é cheio de reflexões satíricas nos governos e principados; no estado do mundo e do conhecimento. O herói de seu discurso (*Hythloday*) é muito relutante para se tornar um ministro do estado, considerando que ele perderia sua independência e seu aviso nunca seria ouvido (Compare uma esquisita passagem, da qual a conclusão é como segue: 'E verificadamente é naturalmente dada... suprimida e terminada.') Ele ridiculariza que a nova lógica de seu tempo; os

Utópicos nunca podem ser feitos para entender a doutrina das Segundas Intenções ('para eles não tem colocado uma de todas essas regras de restrições, amplificações, e suposições, muito espiritualmente inventadas nas pequenas Lógicas, as quais aqui nossos filhos em todo lugar aprendem. Mais futuramente, eles nunca eram ainda capazes de encontrar fora as segundas intenções, tantas que nenhuma delas todas possam sempre ver o homem ele mesmo em comum, como eles o chamam, embora ele seja (como você conhece) maior que foi sempre qualquer gigante, sim, e apontado severo nos esportes da pequena nobreza; Os Utópicos contam 'caçando o mais baixo, o mais vil, a parte mais abjeta do açougue.' Ele cita as palavras da República na qual o filósofo é descrito 'de pé fora do caminho sob uma parede até a tempestade dirigida de granizo e chuva ser ultrapassada,' a qual admite de uma aplicação singular para o próprio destino de More; embora, escrevendo vinte anos antes (sobre o ano de 1514), ele possa duramente ser suposto ter previsto isso. Não há toque de sátira ao qual bate profundamente que essa quieta consideração que a maior parte dos preceitos de Cristo são mais em variância que a vida ordinária de cristãos que o discurso da Utopia ('E ainda a maior parte delas é mais dissidente das maneiras do mundo agora uns dias, que minha comunicação era. Mas pregadores, homens astutos e espertos, seguindo seu conselho (como eu suponho) porque eles viram homens mal-intencionados para retratar suas maneiras para a regra de Cristo, eles tem torcido e torcido sua doutrina, e, como uma regra de levar, tem aplicado isso para as maneiras dos homens, que por alguns sentidos ao restante caminho, eles possam concordar juntos.')

A 'Nova Atlântida' é apenas um fragmento, e bastante inferior no mérito para a 'Utopia.' O trabalho é cheio de ingenuidade, mas querendo na fantasia criativa, e por sem sentidos impressionar o leitor com um sentido de credibilidade. Em alguns lugares Lord Bacon é caracteristicamente diferente de Sir Thomas More, como, por exemplo, no estado externo o qual ele atribui ao governador da Casa de Salomão, a qual veste ele minuciosamente descreve, enquanto para Sir Thomas More tais armadilhas aparecem simples ridículas. Ainda, depois de seu programa de vestido, Bacon acrescenta o belo trato, 'que ele tinha um olhar como pensou ele homens piedosos.' Várias coisas são emprestadas por ele do Timaeus; mas ele tinha injuriado a unidade de estilo adicionando pensamentos e passagens as quais são tomadas das Escrituras dos Hebreus.

A 'Cidade do Sol' escrita por Campanella (1568-1639), um frei Dominicano, vários anos depois da 'Nova Atlântida' de Bacon, tem muitas semelhanças à República de Platão. Os cidadãos têm esposas e filhos em comum; seus casamentos são do mesmo tipo temporário, e são arranjados pelos magistrados de tempos em tempos, mas trazem juntos as melhores naturezas, macho e fêmea, 'de acordo a com regras filosóficas.' As crianças até dois anos de idade são trazidas acima por suas mães em templos públicos; e desde que indivíduos para a maior parte educam seus filhos maldosamente, ao começo de seu terceiro ano eles são cometidos para o cuidado do Estado, e são contados em primeiro, não fora dos livros, mas de pinturas de todos os tipos, os quais são estampados nas paredes da cidade. A cidade tem seis circuitos interiores de paredes, e uma parede externa a qual é a sétima. Na parede externa são pintados as figuras de legisladores e filósofos, e em cada das paredes interiores os símbolos ou formas de algum uma das ciências são delineadas. As mulheres são, para a maior parte, treinadas, como os homens, no bélico e outros exercícios; mas eles têm duas ocupações especiais de si mesmos. Depois de uma batalha, eles e os corpos acalmam e aliviam os guerreiros feridos; também eles encorajam eles com abraços e palavras agradáveis.

Alguns elementos do Cristianismo ou religião Católica são preservados entre eles. A vida dos Apóstolos é grandemente admirada pelas pessoas porque eles tem todas as coisas em comum; e a curta oração a qual Jesus Cristo ensinou os homens é usada em seu louvor. É uma piedade dos magistrados chefes para perdoar pecados, e então a toda pessoa faz confissão secreta a eles para os magistrados, e eles ao seu chefe, que é um tipo de Reitor Metafísico; e por seus sentidos ele é bem informado de tudo que está indo em nas mentes dos homens. Depois da confissão, absolução é garantida aos cidadãos coletivamente, mas ninguém é mencionado pelo nome. Ali também existe entre eles uma prática de perpétua oração, executada por uma sucessão de sacerdotes, que mudam

toda hora. Sua religião é um louvor de Deus na Trindade, que é da Sabedoria, Amor e Poder, mas sem qualquer distinção de pessoas. Eles contemplam no sol o reflexo de Sua glória; meras imagens do túmulo que eles rejeitam, recusando a cair sob a ‘tirania’ da idolatria.

Vários detalhes são dados sob seus costumes de comer e beber, sob seu modo de se vestir, seus empregos, suas guerras. Campanella parece adiante a um novo modo de educação, o qual é para ser um estudo da natureza, e não de Aristóteles. Ele não vai ter seus cidadãos gastar seu tempo na consideração do que ele chama ‘os sinais mortos das coisas.’ Ele considera que ele quem sabe uma ciência apenas, não realmente sabe que uma qualquer mais que o resto, e insiste fortemente na necessidade de uma variedade de conhecimento. Mas escolásticos são virados fora na Cidade do Sol em um ano que pelos métodos contemporâneos em dez ou quinze. Ele evidentemente acredita, como Bacon, que daqui em diante ciência natural tocará uma grande parte na educação, uma esperança a qual parece dificilmente ter sido realizada, ou em nós próprios ou em qualquer época anterior; em qualquer taxa de cumprimento disso tem sido longe referido.

Há uma boa parte de ingenuidade e até originalidade nesse trabalho, e um maior espírito iluminado que invade isso. Mas isso tem pouco ou nenhum charme de estilo, e cai muito longe curto tipo da ‘Nova Atlantes’ de Bacon, e ainda mais da ‘Utopia’ de Sir Thomas More. É cheia de inconsistências, e embora emprestada de Platão, mostra mas uma aquisição superficial com seus escritos. É um trabalho o qual como um possa esperar ter sido escrito por um filósofo e homem de gênio que era também um frei, e que tinha gasto vinte e sete anos de sua vida numa prisão da Inquisição. A maior participação interessante do livro, comum para Platão e Sir Thomas More, e o profundo sentimento o qual é mostrado pelo escritor, da miséria e ignorância prevalecendo entre as classes baixas no seu próprio tempo. Campanella toma nota da resposta de Aristóteles para a comunidade de Platão de propriedade, que numa sociedade onde todas as coisas são comuns, sem individual teria qualquer motivo para trabalhar (Arist. Pol.): ele responde, que seus cidadãos sendo felizes e contentados neles mesmos (eles são requeridos para trabalhar apenas quatro horas um dia), terão maior recompensa para seus colegas que existem entre os homens em presente. Ele pensa, como Platão, que se ele abolir sentimentos privados e interesses, um grande público sentindo tomará seu lugar.

Outros escritos em estados ideais, tais como o ‘Oceana’ de Harrington, no qual o Senhor Archon, significando Cromwell, é descrito, não como ele era, mas como ele devia ter sido; ou o ‘Argenis’ de Barclay, o qual é um a alegoria histórica de seu próprio tempo, são também desiguais a Platão para ser ricamente mencionado. Mais interessante que se desses, e bastante mais Platônico no estilo e pensamento, é a Monarquia dos Homens de Sir John Eliot, na qual o prisioneiro da Torre, não mais longo capaz ‘para ser um político para vista ‘que outra cidade a qual está dentro dele,’ e encontra no muito limite da sepultura que o segredo da felicidade humana é para o mestre do si. A mudança de governo no tempo da comunidade inglesa colocou homens pensando sobre princípios primários, e deram aumento para vários trabalhos dessa classe... O maior gênio original de Swift nada deve para Platão; nem é ali qualquer traço na conversação ou nos trabalhos de Dr. Johnson de qualquer aquisição com seus escritos. Ele provavelmente teria refutado Platão sem ler, na mesma moda na qual ele supõe ele mesmo ter refutado a teoria do Bispo de Berkeley da não existência da matéria. Se nós exceto o assim chamado Platonistas Ingleses, ou bastante Neo-Platonistas, que nunca entenderam seu mestre, e os escritos de Coleridge, que era para alguma extensão um bom espírito, Platão tem deixado sem impressão permanente na literatura Inglesa.

2. Vida humana e condução são afetadas pelos ideais do mesmo jeito que eles são afetados pelos exemplos dos homens iminentes. Nem um nem outro são imediatamente aplicáveis à prática, mas há uma virtude fluindo deles a qual tende a aumentar indivíduos sobre a comum rotina da sociedade ou negociação, e para elevar Estados sobre os meros interesses de comércio ou as necessidades de autodefesa. Como os ideais de arte eles são parcialmente retratados pela omissão dos particulares; eles requerem para ser vistos em uma certa distância, e são aptos para enfraquecer longe se nós tentarmos aproximá-los. Eles ganham uma distinção imaginária quando incorporados num Estado

ou num sistema de filosofia, mas eles ainda permanecem as visões de ‘um mundo não realizado.’ mais batendo e obvio para a mente ordinária são os exemplos dos grandes homens, que tem servido suas próprias gerações e são lembrados em outra. Até no nosso próprio círculo familiar ali pode ter sido algum, uma mulher, ou até mesmo uma criança, na qual a face tem brilhado adiante uma bondade mais que humana. O ideal então se aproxima mais próximo a nós, e nós agarramos com carinho a isso. O ideal do passado, se de nossas próprias vidas passadas ou dos estados anteriores da sociedade, tem uma singular fascinação para as mentes de tantos. Tão tarde nós aprendemos que tais ideais não podem ser chamados novamente, embora a lembrança deles pode ter uma influência humanizadora em outros tempos. Mas as abstrações da filosofia são para a maioria das pessoas frias e vacantes; eles dão luz sem aquecimento; elas são como a lua cheia nos céus quando não há estrelas aparecendo. Os homens não podem viver por pensamentos sozinhos; o mundo do sentido está sempre quebrando em sobre eles. Eles são pela maior parte confinados para uma esquina da terra, e veem mas um pouco caminho além de sua própria casa ou lugar de permanência; eles ‘fazem não levantar seus olhos para as montanhas’; eles não estão acordados quando o alvorecer aparece. Mas em Platão nós temos alcançado um peso do qual um homem pode olhar dentro da distância e contemplar o futuro do mundo e da filosofia. O ideal do Estado e da vida do filósofo; o ideal de uma educação continuando através da vida e estendendo igualmente a ambos os sexos; o ideal de unidade e correlação de conhecimento; a fé no bem e imortalidade – são as formas vacantes de luz nas quais Platão está procurando para consertar o olho do gênero humano

3. Dois outros ideais, aos quais nunca aparecem sobre o horizonte da filosofia grega; flutuam antes das mentes dos homens em nossos próprios dias; um visto mais claramente que anteriormente, como embora cada ano e cada geração trouxe-nos mais próximos para alguma grande mudança; o outro quase no mesmo grau retirando da visão além das leis da natureza, como se oprimido por eles, mas ainda permanecendo uma esperança silenciosa de nós conhecermos não o que esconde no coração do homem. O primeiro ideal é o futuro da raça humana no mundo; o segundo o futuro do indivíduo no outro. O primeiro é a mais perfeita realização de nossa própria vida presente; o segundo, a abnegação disso: o um, limitado pela experiência, o outro transcendendo isso. Ambos deles têm sido e são poderosos motivos de ação; há uns poucos em quem eles tem tomado lugar de todos os interesses terrenos. A esperança de um futuro para a raça humana a primeira vista parece ser a mais desinteressante, a esperança da existência individual a mais egoística, dos dois motivos. Mas quando os homens têm aprendido a resolver sua esperança de um futuro ou para eles mesmos ou para o mundo dentro da vontade de Deus – ‘não minha vontade mas a Tua,’ a diferença entre elas cai fora; e eles podem ser permitidos a fazer ou deles a base de suas vidas, de acordo a seu próprio caráter individual ou temperamento. Há como tanta fé na disposição para trabalhar por um futuro não visto nesse mundo como no outro. Nem é isso inconcebível que alguma rara natureza pode sentir essa piedade para outa geração, ou para outro século, quase como fortemente como para si próprio, ou essa vida sempre na presença de Deus, ele pode realizar outro mundo tão vividamente como ele fez esse.

O maior de todos os ideais pode, ou bastante deva ser concebido por nós sob similitudes derivadas das qualidades humanas; embora as vezes, como os profetas judeus, nós podemos afastar essas figuras de linguagem e descrever a natureza de Deus apenas nas negativas. Essas novamente pelos graus adquirem um sentido positivo. Isso será bem, se quando meditando nas mais altas verdades ou da filosofia ou religião, nós as vezes substituímos uma forma de expressão para outra, ao menos através das necessidades de linguagem nós devemos se tornar os escravos de meras palavras.

Há um terceiro ideal, não o mesmo, mas similar a esse, o qual tem um lugar na casa e coração de todo crente na religião de Cristo, e na qual os homens parecem encontrar uma verdade mais próxima e mais familiar, o homem Divino, o Filho do Homem, o Salvador do gênero humano, Aquele é o primogênito e cabeça de toda família nos céus e na terra, em Quem o Divino e humano, aquele o qual é sem e que o qual está dentro do alcance de nossas faculdades terrenas, são indissolivelmente unidos. Nem é essa forma de bondade completamente separada do ideal da Igreja

Cristã, a qual é dita no Novo Testamento para ser ‘Seu corpo,’ ou em variância com essas outras imagens de bem o qual Platão coloca antes de nós. Nós vemos Ele numa figura apenas, e das figuras de linguagem nós selecionamos mas uns poucos, e essas são as mais simples, para ser a expressão Dele. Nós contemplamos Ele numa pintura, mas Ele não está ali. Nós reunimos os fragmentos de Seus discursos, mas nem fazem representar Ele como Ele verdadeiramente era. Sua habitação é nem no céu nem na terra, mas no coração do homem. Essa é essa imagem a qual Platão viu vagamente na distância, a qual, quando existindo entre os homens, ele chamou, na linguagem de Homero, ‘a semelhança de Deus,’ a semelhança de uma natureza a qual em todas as épocas os homens tem sentido ser maior e melhor que eles mesmos, e a qual nas formas terminadas, se derivadas da Escritura ou natureza, das testemunhas da história ou do coração humano, consideradas como uma pessoa ou não como uma pessoa, com ou sem partes ou paixões, existindo no espaço ou não no espaço, é e será sempre continuar a ser para o género humano a Ideia de Bem.